



ALVORADA DOS ASPECTOS



RICHARD A. KNAAK



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**Outras obras da Blizzard Entertainment publicadas pela
Galera Record:**

World of WarCraft – Marés da guerra

World of WarCraft – A ruptura

World of WarCraft – Sombras da horda

World of WarCraft - Alvorada dos aspectos

Diablo III – A ordem

Diablo III – Livro de Cain

StarCraft II – Ponto crítico

StarCraft II – Demônios do Paraíso



ALVORADA DOS ASPECTOS

RICHARD A. KNAAK

Tradução

Bruno Galiza

Priscila Caiado

Rodrigo Santos

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K75w

Knaak, Richard A.

World of Warcraft: alvorada dos aspectos [recurso eletrônico] / Richard A. Knaak ; tradução Bruno Galiza , Priscila Caiado , Rodrigo Santos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.

Tradução de: World of Warcraft : Dawn of The Aspects

Sequência de: Sombras da horda

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Mapas

ISBN 978-85-01-01677-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Galiza, Bruno. II. Caiado, Priscila. III. Santos, Rodrigo. IV. Título. V. Série.

14-10547

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

World of Warcraft: Dawn of The Aspects

Copyright © 2013 by Blizzard Entertainment, Inc.

World of Warcraft: Dawn of The Aspects, Diablo, StarCraft, Warcraft, World of Warcraft, e Blizzard Entertainment são marcas ou marcas registradas de Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos e/ou em outros países. Outras referências a marcas pertencem a seus respectivos proprietários. Edição original em inglês publicada por Simon & Schuster, Inc. 2013. Edição traduzida para o português por Galera Record 2014.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Coordenação de Localização: ReVerb Localização

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

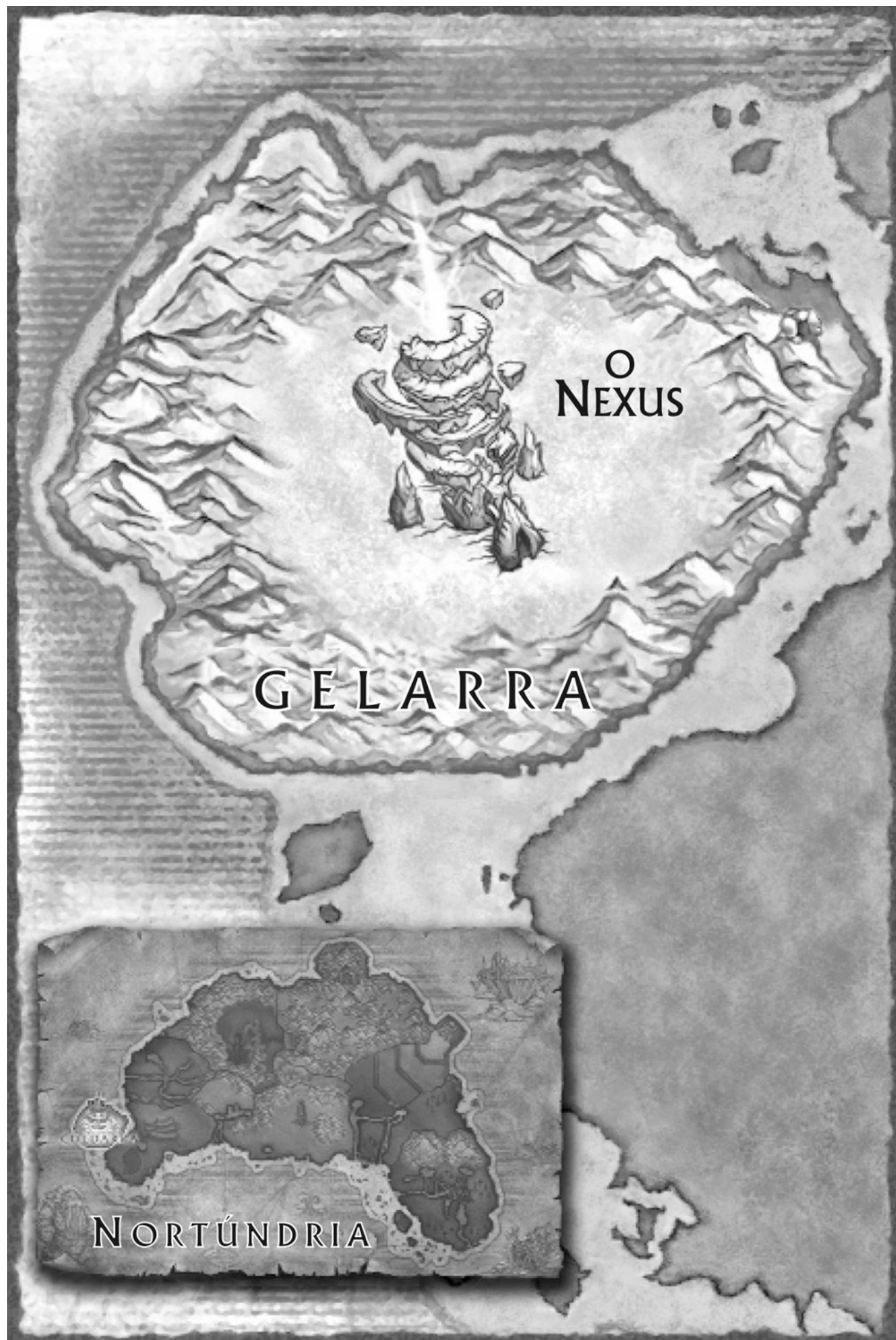
ISBN 978-85-01-01677-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.





REPOUSO DE
GALAKROND

The map is a grayscale illustration of a rugged, mountainous landscape. At the top, a large, detailed skull of a dragon or similar creature is shown. A winding path or river runs vertically through the center-right. To the left of this path, there are several small, rocky outcrops and a small, spiky plant. The overall texture is rough and weathered, suggesting an ancient or natural map.

TEMPLO DO
REPOUSO
DAS SERPES



NORTÚNDRIA

PRÓLOGO

O FARDO DOS ASPECTOS

por Matt Burns

Matei um dos meus.

O pensamento irromp eu na mente de Nozdormu, o Atemporal, no instante em que ele viu o dragão de bronze ressequido. Zirion encolhera-se numa carcaça com a metade do seu tamanho original. Lesões cobriam seu corpo da cabeça à cauda. Em vez de sangue, era areia dourada que cascadeava das feridas em fluxos incontidos, tremeluzindo imagens fantasmagóricas da vida que ainda não vivera. O futuro sangrava de seu corpo.

Nozdormu cruzou um dos picos isolados do Monte Hyjal para postar-se ao lado de Zirion. Cada momento da história agitava-se em suas escamas da cor do sol. Observando o dragão agonizante, uma onda de desesperança o acometeu. Um véu impenetrável cobrira as linhas temporais, um que nem mesmo ele, o Aspecto da revoada dragônica de bronze, Guardião do Tempo, podia penetrar. Passado e futuro – que outrora ele podia ver com clareza – tornaram-se turvos.

— Onde estão os outrosss? — Nozdormu girou o poderoso pescoço na direção de Tique, postada ao seu lado. A leal dragonesa transportara Zirion em suas costas a toda velocidade desde o covil da revoada de bronze nas Cavernas do Tempo, o que só foi possível graças ao estado de dessecação de seu passageiro.

Tique ainda resfolegava devido ao esforço:

— Ele voltou sozinho.

— Como pode ser? — urrou Nozdormu com a voz tomada pela frustração. — Mandei doze para o passado. *Doze!*

Ele incumbira seus agentes de investigar a condição perturbadora das linhas temporais, mas agora era incapaz de se livrar do pensamento de que tão somente lhes consignara à

morte. De volta ao presente, os dragões deveriam ter se encontrado com o Atemporal no topo do Hyjal precisamente ao meio-dia. Já passava muito de meio-dia quando Tique, que não fora enviada às linhas temporais, chegou carregando Zirion.

— O que você viu, Zirion? — indagou Nozdormu, dando início a feitiços para reverter o derramamento das areias do tempo que vertiam do dragão.

— Acho que ele não tem força para falar — interveio Tique.

O Atemporal mal ouviu. O impossível estava acontecendo: sua magia não surtia nenhum efeito. Suas ações foram previstas e eram combatidas por uma magia de igual poder. Somente um ser possuía clarividência e habilidade para superar o Aspecto brônzeo nos domínios do tempo...

— Quando voltou das linhas temporais — prosseguiu Tique, hesitante — ele contou o que viu. Não importava que ponto da história tentassem alcançar, ele e os outros sempre emergiam num mesmo ponto no futuro... a Hora do Crepúsculo.

Nozdormu baixou a cabeça e fechou os olhos com força. Era isso que ele temia. As margens do tempo foram atadas e direcionadas para o apocalipse. Naquele futuro cinzento e desprovido de vida, até mesmo o Atemporal encontraria seu fim. Pelo menos era nisso que ele acreditava. Eras atrás, quando o titã Aman'Thul o imbuiu com o domínio do tempo, Nozdormu também passou a conhecer sua própria ruína.

— Quem causou os ferimentoss?

O Atemporal sabia a resposta, mas esperava acima de tudo estar errado... que aquilo que vira fosse uma anomalia.

— A revoada dragônica infinita e seu... líder. — Tique desviou o olhar.

Matei um dos meus. As malditas palavras ecoavam na cabeça do Aspecto.

Antes, sua crença era de que a revoada infinita não passava de sintoma de uma linha temporal errática. Entretanto, por inconcebível que fosse, Nozdormu descobrira que, no futuro, ele e seus dragões de bronze abandonariam sua incumbência sagrada — proteger a integridade do tempo — e trabalhariam para subvertê-la.

Nozdormu refletiu sobre os eventos das semanas anteriores, lutando para controlar a raiva. Ele estivera aprisionado nas linhas temporais até recentemente, quando o mortal Thrall lembrou-lhe da Primeira Lição: viver o presente era muito mais importante que fixar-se no passado ou no futuro. O Aspecto de bronze emergiu do cativeiro com uma nova compreensão do tempo... só para ser confrontado por seus medos mais sombrios.

— Perdoe-me — sussurrou Nozdormu para Zirion, sem saber se o amado servo ainda podia ver ou ouvir. O dragão moribundo meneou a cabeça como sinal. Seu olhar vagueou de

um lado para outro até que os olhos turvos e inexpressivos se fixaram em Nozdormu.

— Perdoe-me — repetiu o Atemporal.

Zirion escancarou a boca e seu corpo estremeceu. Era como se gargalhasse, mas Nozdormu logo se deu conta de que o outro dragão soluçava.

Quando o que restava do futuro sangrou de Zirion, ele usou toda a força que lhe restava para se afastar de Nozdormu, os olhos tomados de terror.

O Monte Hyjal ecoava os sons da festança.

Depois de uma série de atrasos, os Aspectos Dragônicos Alexstrasza, Ysera, Nozdormu e Kalecgos combinaram suas magias às dos xamãs da Harmonia Telúrica e dos druidas do Círculo Cenariano para restaurar Nordrassil, a antiga Árvore do Mundo. Mais recentemente, notícias davam conta de que o senhor elemental do fogo Ragnaros — cujos lacaios tentaram reduzir Nordrassil a cinzas — sucumbira em mãos mortais.

De onde Ysera, a Desperta, estava, aos pés da Árvore do Mundo, o júbilo reduzia-se a um zumbido distante. No refúgio Cenariano, o Aspecto da revoada dragônica verde ouvia apenas o relato de uma tragédia.

Ela reunira-se com os outros Aspectos para discutir o próximo movimento contra Asa da Morte, líder ensandecido da revoada dragônica negra e responsável pela ruptura do mundo durante o Cataclismo. Apesar do recente triunfo dos defensores de Azeroth em Hyjal e outras regiões, o torturado Aspecto ainda planejava maneiras de deflagrar a Hora do Crepúsculo. Enquanto houvesse ar em seus pulmões, nada o impediria de concretizar seus planos perversos.

Em vez de debater estratégias, contudo, Nozdormu relatou a morte de Zirion e o último ataque da revoada dragônica infinita às linhas do tempo. Vincos marcavam de fora a fora o semblante élfico comumente tranquilo do Atemporal. Assim como seus irmãos, ele assumira sua forma mortal, algo que os Aspectos faziam sempre que estavam junto das raças de vida breve que residiam nos arredores de Nordrassil.

— Ele foi morto por minha magia... por *mim* — balbuciou Nozdormu. Ysera observava inquieta. Apesar das palavras terríveis do Atemporal, ela notou que tudo ao seu redor parecia distante. Ela pairava entre o mundo desperto e o reino dos sonhos sem se ancorar em nenhum.

— Devo retornar ao ponto de encontro. — O Aspecto de bronze entrelaçou as mãos com ansiedade, movendo-se inquietamente. — Outros agentesss podem estar a caminho, mas não tenho certeza. Só me resta esperar.

Quando Nozdormu se virou para partir, Ysera buscou avidamente palavras de conforto para lhe oferecer. Estava claro que ele se resignara ao destino. Aman'Thul incumbira-lhe de preservar a pureza do tempo a despeito de que eventos haviam se passado ou estavam por suceder. De alguma maneira, o fardo do Atemporal parecia errado para Ysera, mas não lhe cabia questionar as tarefas de outrem.

O que dizer a um ser que faria tudo para proteger os dragões de sua revoada, mas agora se responsabiliza por uma morte entre os seus?, ponderou ela. Sua mente era um turbilhão de pensamentos fragmentados. Era como se estivesse de pé numa vasta biblioteca devastada por um furacão. Páginas repletas de imagens e ideias rodopiavam diante dela, todas partes de diferentes livros.

Antes que a Desperta pudesse se ater a algo significativo, Nozdormu partiu. Um silêncio soturno se instaurou. Os elfos noturnos, que normalmente habitavam o refúgio druídico, eram gentis o suficiente para esvaziá-lo durante reuniões dos Aspectos, mas a ausência de vida e agitação dava ao lugar um aspecto frio e vazio.

— Pouco importa se a revoada infinita opera orquestradamente com Asa da Morte — disse Alexstrasza, a Mãe da Vida, rainha de sua espécie e Aspecto da revoada vermelha. — A razão pela qual todos temos que concordar em permanecer em Hyjal é desenvolver estratégias acerca da melhor maneira de lidar com ele. A tribulação nas linhas temporais é ainda mais evidência de que devemos ser céleres em nossas ações. Kalecgos, sua revoada continua com as investigações?

— Sim. — O Aspecto da revoada azul limpou a garganta e endireitou as costas. O trato sempre amável de Kalec tornara-se nos últimos tempos obtusamente formal. O mais jovem entre os Aspectos, ele fora escolhido pouco tempo atrás para liderar sua revoada após a morte do antigo líder, Malygos. Ysera presumia que Kalec estivesse tentando provar seu valor perante os outros Aspectos, quando, a bem da verdade, eles já o viam como igual.

Kalec cortou o ar com a mão e várias runas brilharam em seu rastro, detalhando os experimentos conduzidos por sua revoada. Os azuis perscrutaram os antigos repositórios de sabedoria guardados em seu lar, o Nexus, em busca de pistas a respeito das fraquezas de Asa da Morte. Os dragões de Kalec eram os guardiões da magia; se a resposta estivesse oculta no arcano, eles a encontrariam.

— Recuperamos sangue de Asa da Morte do reino elemental do Geodomo, onde ele se escondeu por longos anos. As amostras eram reduzidas, mas suficientes para nossos testes.

— E o que há de resultados até então? — A voz de Alexstrasza estava repleta de expectativa. Ysera jamais vira a irmã tão esperançosa nas infrutíferas reuniões.

— Ao imbuir o sangue com magia arcana em quantidade que destruiria qualquer outro ser, as amostras simplesmente se enfurecem. O sangue se divide e ferve, mas por fim se recupera.

— Nem mesmo magia arcana surte efeito. — A Mãe da Vida encolheu os ombros.

— Mas nossos testes apenas começaram — acrescentou Kalec rapidamente. — Acredito que seja necessário termos uma ferramenta à disposição quando enfrentarmos Asa da Morte. Números, não importa quão grandes, pouco podem ajudar. Precisamos de uma arma... diferente de todas que vieram antes. Minha revoadas não descansará enquanto não alcançar uma solução.

— Obrigada. — Alexstrasza se virou na direção de Ysera. — Você recebeu alguma visão digna de nota?

— Não... ainda — respondeu Ysera um pouco envergonhada. Durante as reuniões, por muitas vezes a Desperta sentiu-se como nada mais que uma mosca na parede. A titânica Eonar concedera-lhe domínio sobre a natureza e sobre o vistoso reino florestal conhecido como Sonho Esmeralda. Por milênios ela viveu lá como Ysera, a Sonhadora, e fora despertada do Sonho pouco antes do Cataclismo. Ysera, a Desperta, foi como passou a ser chamada. Seus olhos, cerrados por muito tempo, estavam abertos, mas ela perguntava a si mesma o que deveria ver.

— Mantenha-nos informados se algo lhe ocorrer. — A Mãe da Vida sorria, mas Ysera podia sentir sua ansiedade. — Amanhã falaremos novamente.

Com isso, a reunião terminou exatamente como começou: sem respostas.

Na manhã seguinte, Ysera caminhou pelos acampamentos espalhados por toda a base de Nordrassil. A grandiosa Árvore do Mundo elevava-se muito acima dela; seu dossel ocultava-se em uma espessa camada de nuvens. Aqui e acolá, xamãs da Harmonia Telúrica e druidas do Círculo Cenariano meditavam pacificamente. Com a cura de Nordrassil, Ysera ensinara aos druidas como fundir seus espíritos às raízes da árvore para ajudá-las a se fixarem no solo. Ao mesmo tempo, os xamãs se empenhavam em pacificar os elementais da terra, concedendo às raízes passagem livre rumo às profundezas de Azeroth. A tarefa significava uma união sem precedentes de dois grupos díspares e mortíferos. Por mais que Ysera se sentisse encorajada, ela sabia que seus nobres esforços de nada adiantariam se Asa da Morte continuasse livre para perseguir seus objetivos.

A Desperta seguiu até um círculo de árvores isolado a nordeste da Árvore do Mundo. Quando encontrou uma clareira no bosque, Thrall já esperava por ela, imerso em meditação.

Ysera sentia um profundo respeito pelo orc xamã, provavelmente mais do que ele podia perceber. Semanas atrás, Asa da Morte e seus aliados desferiram um ataque contra os Aspectos verde, vermelho, azul e bronze; ele os teria destruído se não fosse pela intervenção de Thrall. Ele ajudara na reunião dos líderes dragônicos e os lembrara de sua tarefa de salvar Azeroth. Os Aspectos estavam mais unidos agora do que estiveram em mais de dez mil anos.

— Thrall — disse suavemente a Desperta. A Natureza se agitou ao som de sua voz. O vento balançou as longas tranças negras do orc. A grama ciciou sob suas vestes simples. E nem assim o xamã abriu os olhos.

Ela estava surpresa com seu nível de concentração, mas sabia que isso não viera facilmente. Durante a primeira tentativa de recompor Nordrassil, os servos de Asa da Morte emboscaram Thrall e cindiram sua mente, corpo e espírito entre os quatro elementos — terra, ar, fogo e água. Foi uma heroína mortal — Aggra, a companheira de Thrall — quem o salvou. Desde então, Thrall manifestara uma ligação com a terra que ia além da mera comunicação com os elementos. Ele era capaz de sentir Azeroth como se fosse *parte* dele, vinculando-se ao mundo de forma miraculosa. Ysera acreditava que no processo de reformar o espírito do orc, a essência de Azeroth passara a integrá-lo.

— Thrall. — Ysera pousou gentilmente a mão no braço do xamã.

O orc finalmente despertou de sua meditação e se ergueu:

— Lady Ysera, comecei sem você. Minhas desculpas.

— Estou aqui apenas para ajudar quando você necessitar — respondeu o Aspecto verde a fim de tranquilizá-lo.

— Se me permite perguntar, como foi a reunião?

Ysera fez força para responder:

— Houve progresso — disse, e mudou logo de assunto. — Podemos começar?

— Sim.

Thrall voltou a se sentar, Ysera o imitou. Havia muito ela aprendera que a melhor maneira de ensinar era por meio de demonstração. Enquanto o espírito de Thrall se fundia à terra, ela se ligava às raízes de Nordrassil. Eram magias diferentes, mas o princípio da concentração era o mesmo.

— Você tem experimentado os mesmos problemas de antes? — perguntou Ysera. Thrall contara-lhe sobre sua falha ao se vincular à terra para além do Hyjal, como se barreiras mentais bloqueassem seu espírito. O orc estava determinado a compreender suas novas habilidades, mas parecia hesitante a respeito de se aventurar em Azeroth.

— Sim. — A frustração fez Thrall franzir a testa. — É como se eu estivesse de pé na arrebentação de um imenso oceano. Quanto mais sigo rumo às profundezas, mais distante me sinto da praia...

— Thrall — disse Ysera, colhendo um punhado de terra para depositar na mão esquerda do orc —, isto é Azeroth. Se seu espírito pode penetrar neste solo, ele pode ir onde quiser. Hyjal não é uma âncora mágica; é a mesma terra que jaz sob as ruas de Orgrimmar ou a Selva do Espinhaço. O mundo é um só corpo.

— Um corpo... — O orc observou o solo e riu calorosamente. — Muitas vezes os problemas mais difíceis são resolvidos pelas respostas mais simples... as coisas que estão debaixo de nossos narizes. Meu antigo tutor, Drek'Thar, disse isso muitos anos atrás. Você tem muito em comum com ele. Sabedoria e paciência... Não importa que obstáculos eu encontre, você sempre sabe como superá-los.

Diante da ironia das palavras de Thrall, Ysera permitiu-se sorrir.

— Essa será minha âncora. — O xamã segurou firme a terra em sua mão.

Thrall fechou os olhos e respirou fundo. Ysera fez o mesmo e, então, disse:

— Cale seus pensamentos. Desprenda seu espírito da carne e sinta a terra ao nosso redor. Saiba que as rochas sob você são as mesmas que estão sob mim. Saiba que, se pode dar um passo, você certamente pode dar outro.

Ysera concentrava-se nas próprias instruções enquanto seu espírito se unia a uma das raízes colossais da Árvore do Mundo. Thrall acreditava que os poderes que desabrochavam não eram para ele, e sim uma casualidade. Na verdade, eles eram exatamente o oposto. Seu propósito estava claro, ainda que ele não soubesse. Os anos de dedicação ao xamanismo culminaram em uma extraordinária habilidade para se ligar à terra. A Desperta desejava alcançar uma sensação semelhante de completude.

Seus pensamentos vagaram rumo às reuniões com os outros Aspectos. Ela se concentrou em cada detalhe, indagando-se se havia uma resposta simples oculta em meio às discussões sem fim. A atenção da Desperta se voltou para Kalec. Algo que o jovem Aspecto dissera martelava em sua cabeça.

“Uma arma... diferente de todas que vieram antes”.

As palavras continham poder, um significado um passo além de sua compreensão.

“...diferente de todas que vieram antes. Ela deve ser única”. Uma voz familiar irrompeu em sua mente; arrebentou como um vagalhão, levando embora milhões de ideias desconexas que vagavam em sua mente.

Ysera abriu os olhos em choque, mas não estava mais no Hyjal.

Ela flutuava por um salão soturno e cavernoso, que reconheceu como a Câmara dos Aspectos, domínio sagrado das cinco revoadas dragônicas. Abaixo dela, um conclave de dragões. Ysera — em uma versão do passado — estava entre eles, assim como Alexstrasza; Soridormi, principal consorte de Nozdormu; Malygos, o falecido Aspecto Dragônico azul; e... *Asa da Morte*.

Não... não a criatura horrenda do presente. Era Neltharion, o Guardião da Terra, outrora altivo Aspecto da revoada dragônica negra. Sem que seus companheiros soubessem, ele já fora corrompido pelos traiçoeiros Deuses Antigos — seres da insanidade incalculavelmente poderosos aprisionados na terra pelos titãs — e abandonara seu dever de proteger Azeroth.

Ysera distinguiu imediatamente o período; mais de dez mil anos atrás, durante a Guerra dos Antigos. A demoníaca Legião Ardente invadira Azeroth e os Aspectos estavam reunidos para realizar uma cerimônia que salvaria o mundo da aniquilação, esperavam eles. Um disco dourado pairava no centro do círculo formado pelo grupo.

À primeira vista, parecia um objeto sem importância. Era, contudo, a arma que assolaria a unidade das revoadas dragônicas... a arma que assassinaria incontáveis dragões azuis e conduziria Malygos a milênios de isolamento. A Alma Dragônica.

Ysera assistiu horrorizada à conclusão do ritual. Todos os Aspectos — salvo Neltharion — permitiram que parte de sua essência fosse sacrificada a fim de conceder poder ao artefato. Os dragões tomaram a drástica ação convencidos de que o disco seria usado para repelir a Legião de Azeroth.

— Está feito... — declarou Neltharion. — Todos deram aquilo que deveria ser dado. Eu agora selo a Alma Dragônica por todo o sempre, para que o que foi feito nunca se perca.

Um ameaçador brilho negro envolveu o Guardião da Terra e o artefato, sugerindo sutilmente sua verdadeira natureza.

— Deve ser assim? — questionou a Ysera do passado em voz baixa.

— Para que seja como deve ser, sim — retorquiu Neltharion, pouco preocupado em dissimular a provocação.

— É uma arma diferente de todas que vieram antes. Ela deve ser única — acrescentou Malygos.

Depois da fala de Malygos, as paredes da câmara se racharam e sucumbiram como cacos de vidro, revelando o terreno esmeralda da clareira. Thrall permanecia fixo em seu estado meditativo, alheio à visão de Ysera. Ela mal olhou para o orc ao se levantar, tentando encontrar sentido no que acabara de presenciar. *É errado pensar que a Alma Dragônica*

poderia ser a salvação de Azeroth depois de todo sofrimento e morte que causou?

A Desperta correu do bosque em busca de Kalec e Alexstrasza. Os *outros Aspectos* pensarão que enlouqueci quando eu propuser usá-la para nossos próprios fins. Apesar da apreensão, um único pensamento a movia adiante: *O reinado tirano de Asa da Morte deve acabar como começou.*

O solo não estava na mão de Thrall. Ele percebeu que, na verdade, era parte dele tanto quanto os dedos eram parte de sua mão; cada qual único, mas partes iguais de algo maior.

O espírito do orc penetrou na terra abaixo e, então, rumo às profundezas do Hyjal. Ele sentia cada pedra, cada grão de areia como se fossem extensões de si. Os caóticos elementais terrenos, que ele tanto se esforçara para acalmar, aceitaram-no — *abraçaram-no* — como se ele fosse um deles.

A montanha estava viva, ativa. Xamãs — Aggra entre eles — sussurravam para a terra como um coral harmonizador, acalmando o espírito de Thrall assim como fizeram com os elementos. Em algum lugar, druidas guiavam as raízes de Nordrassil cada vez mais fundo nas entranhas de Azeroth. A essência do orc movia-se com elas, enquanto rochas irregulares e formações de granito se desfaziam em terra fofa para que a Árvore do Mundo pudesse se nutrir e, assim, fortalecer a terra. Integrando o ciclo de cura, ele se revigorou.

O espírito de Thrall alcançou o sopé da montanha. Era o mais longe que ousara ir. O vínculo com seu corpo físico estava tão distante quanto nas tentativas anteriores. O orc se concentrou na vaga sensação do solo em sua mão, repetindo a lição de sabedoria de Ysera. *Isto é Azeroth... O mundo é um só corpo.*

Encorajado pelas palavras, Thrall libertou o coração de todas as reservas e mergulhou em Azeroth.

Sua essência cruzava impetuosamente léguas e léguas com a terra se abrindo ao seu redor. Ele percorreu o solo castigado pelo sol de Durotar e seguiu para os lamaçais do Pântano das Mágoas. Todas as regiões, por mais remotas ou distintas que fossem, estavam ligadas de uma maneira que ele jamais compreendera.

Além das partes que conhecia, Thrall se deparou com lugares e peculiaridades de Azeroth que ignorava completamente.

Em algum lugar do Grande Oceano, uma misteriosa ilha envolta em névoas...

Sob os Reinos do Leste, uma presença invadia as montanhas de Khaz Modan. Um espírito poderoso, mas não elemental. Estranhamente, ele era como Thrall: um mortal que transcendera os grilhões da carne. O ser desconhecido patrulhava as terras ancestrais da

região como se mantivesse uma vigília silenciosa. E falava com um sotaque enânico que ecoava por toda Azeroth.

— Pois é isso que somos, terrenos, da terra; a alma da terra é nossa, sua dor é nossa, seu coração é nosso...

Thrall também viu as entranhas do mundo cobertas de lesões fundidas e outras feridas.

Estarrecido, ele notou imensas cavernas, gélidas e artificiais, espalhadas por todo o globo. Bolsões privados de vida dos quais nem mesmo os elementais da terra queriam se aproximar.

Um dos vácuos ficava muito abaixo do Monte Hyjal. Thrall guiou seu espírito para o vazio subterrâneo. Diferente do restante de Azeroth, o que espreitava dessa caverna se escondia de sua visão. Ao se aproximar, uma única voz trovejou da câmara, emanando um poder incomensurável:

— Xamã.

Ela retumbava no espírito do orc como se Azeroth falasse com ele.

— Venha.

Thrall foi atraído para a fonte, compelido a perscrutá-la. Sua essência circulou os arredores da câmara até encontrar uma abertura nas paredes aparentemente intransponíveis. Enquanto seu espírito penetrava o vazio, rocha e pó entraram com ele. Os detritos se uniram e formaram pernas, tronco, braços e cabeça; dois cristais multifacetados serviram de olhos. Sua nova forma lembrava seu verdadeiro corpo físico, exceto pelo fato de ser composto da própria terra.

— Quem é você? — indagou Thrall com batidas secas que soavam mais como pedras se chocando do que uma língua coerente.

Poços de magma borbulhante emitiam a única iluminação do lugar. As paredes e o chão estavam cobertos com uma substância cristalina que de tão negra parecia consumir toda a luz à sua volta.

— Aqui — irrompeu uma resposta do centro da câmara —, aqui reside a verdade deste mundo.

Thrall penetrou mais fundo na câmara, atraído pela autoridade das palavras. Sua ligação com o restante de Azeroth e com seu corpo no Hyjal se esvaía a cada passo. No meio da caverna, uma figura humanoide postava-se com as feições cobertas por uma escuridão proposital, quase tangível.

Arrastando-se pesadamente, o orc continuou a se aproximar até que dois olhos se abriram no semblante do ser estatuesco e arderam com a cor de rocha fundida.

Thrall cambaleou para trás quando as sombras que velavam a figura se dissiparam para revelar um grotesco humano. Uma peça de metal maciço moldada na forma de uma mandíbula fora parafusada à sua face acinzentada. Chifres irregulares ascendiam em curva de seus ombros e seus dedos terminavam em garras afiadas feito adagas, enquanto veias de lava cruzavam seu peito.

Ele não reconheceu o humano, mas pôde sentir quem era: *Asa da Morte* em sua forma mortal.

— A arrogância dos xamãs nunca falha em me surpreender — rugiu o Aspecto negro, sua voz soando como duas imensas rochas estilhaçando uma à outra. — Você busca tomar um poder que não é seu por direito... um poder além de sua compreensão.

Thrall correu de volta na direção da passagem. Placas de cristal negro desprenderam-se do chão e bateram contra a terra. O orc forçou a barreira com os ombros, rogando aos espíritos elementais que lhe dessem passagem. A substância pérfida não atendia aos seus clamores como os outros elementais terrenos de Azeroth.

— Intrigante, não? — bramiu Asa da Morte às suas costas. — O sangue dos Deuses Antigos não responde aos seus choramingos, pois não é deste mundo. Só os escolhidos têm verdadeiro domínio sobre ele.

Thrall girou na direção do Aspecto esperando um ataque, mas Asa da Morte permanecera imóvel.

— Tenho esperado sua chegada, observado seu espírito tropeçar cegamente pelas faces do Hyjal — disse Asa da Morte. — Eu presumia que você não teria coragem de se aventurar além da montanha, mas seu avanço comprova minhas suspeitas... os outros Aspectos querem lhe dar meus poderes. Eles querem me substituir por um mortal.

As palavras não faziam nenhum sentido para o orc. Apesar de suas habilidades agora aprimoradas, Ysera e seus companheiros lhe disseram que ele jamais se tornaria um Aspecto ou, por extensão, o Guardião da Terra.

— Eles não me deram esses poderes. — Thrall circulava a caverna junto à parede, tateando em busca de uma rachadura ou uma falha entre as placas de sangue dos Deuses Antigos. — A decisão de usá-los foi minha e somente minha.

A câmara estremeceu com a gargalhada de Asa da Morte:

— Isso foi o que lhe disseram. Tenho olhos em muitos lugares, xamã. Eu sei que os outros Aspectos ficaram em Hyjal para tramar e que você está com eles. Como covardes, eles o atraíram para esse destino sem que você soubesse, para tornar sua a minha maldição.

— O que você recebeu foi uma dádiva, não uma maldição — retrucou Thrall. Ele

aprendera muito a respeito dos titãs e dos Aspectos nos últimos tempos. Muito tempo atrás, o titã Khaz'goroth imbuíra Asa da Morte com controle sobre as extensões terrenas do mundo e o incumbira de protegê-las de todo o mal. A tarefa, entretanto, tornara-o suscetível à influência dos Deuses Antigos agrilhoados nas profundezas de Azeroth. As provações e tribulações que afligiram os Aspectos ao longo da história, da traição de Asa da Morte à iminente Hora do Crepúsculo, tudo era parte do grande plano dos Deuses Antigos para expurgar a vida do planeta.

— *Dádiva?* — grunhiu Asa da Morte. — Você está tão desinformado quanto os outros Aspectos, tolos demais para reconhecer que os fardos impostos a nós não passam de prisões.

— Os titãs lhe deram um propósito — retorquiu o orc. Seu vínculo com Hyjal estava mais tênue do que nunca. Ele sentia a terra escorrer por entre seus dedos a léguas de distância dali.

— Não há nenhum propósito no que eles fazem. — Asa da Morte caminhava pesadamente na direção de Thrall, cada passo retumbando por toda a câmara. — Azeroth era um experimento dos titãs. Um brinquedo. Quando terminaram, eles deram as costas a todos nós, indiferentes ao mundo fraturado que deixaram para trás.

— Ele foi fraturado pelo que você fez, porque você deu as costas à sua dádiva! — rosnou Thrall.

— Não é uma dádiva! — O corpo inteiro de Asa da Morte estremeceu de ódio.

Notando que suas palavras surtiam efeito, Thrall continuou a açular o Aspecto, esperando que ele revelasse algum tipo de fraqueza:

— A *dádiva* que você não teve forças para suportar. A *dádiva*...

— Cale-se! — ordenou Asa da Morte. — Se insistir em falar em dádiva, assim será. Você saberá o que é ser eu, receber esta graciosa *dádiva*... sentir o coração ardente deste mundo como se fosse seu.

O peito telúrico de Thrall ardeu profundamente. As chamas incessantes que fulguravam no coração de Azeroth agitaram-se em seu espírito. Sua pele rochosa fumegava e chiava, brilhando com um vermelho sombrio e iracundo.

— Saiba o que é sentir o peso deste mundo agonizante sobre seus ombros.

As pernas de Thrall estremeeceram sob o peso de cada rocha de Azeroth. Seu corpo ruía, estilhaçava-se. Era mais que agonia física; seu espírito se desfazia, sufocado pela carga insustentável.

— A dádiva é doce como você pensou que seria? — zombou Asa da Morte. — É isso que os outros Aspectos querem: acorrentar você a este mundo como eu fui acorrentado.

Condenar você a uma vida de tormento eterno.

Em meio à dor cegante, Thrall percebeu que agora possuía uma força incrível. O peso de Azeroth estava em suas mãos. Asa da Morte era tão arrogante a ponto de lhe dar essa vantagem?

O orc não duvidou de sua intuição; era esse o lapso do adversário pelo qual estivera esperando. Com um movimento rápido, Thrall canalizou o peso de Azeroth para o punho e saltou sobre Asa da Morte. O poder era intoxicante. Ele se sentia como se pudesse partir uma montanha em duas.

O Aspecto negro permaneceu imóvel enquanto Thrall se aproximava. Um instante antes de seu punho colher o peito de Asa da Morte, o peso de Azeroth — e toda sua força — foi arrancado das mãos do orc.

O punho de Thrall atingiu a forma humana do Aspecto e imediatamente seu braço se partiu em mil pedaços até o cotovelo. Ele caiu sobre os joelhos e urrou de dor, enquanto magma fervilhava no braço estilhaçado.

À distância, junto de seu corpo físico no Hyjal, ele sentiu a terra se partir.

Certos magos mortais, e até alguns membros da revoada dragônica azul, sustentavam que as regras da magia arcana eram absolutas. Onde eles viam limites, entretanto, Kalec via apenas potencial para novas descobertas. Para ele, a magia não era um sistema rígido cercado de frieza e lógica. Era a essência vital do cosmo. Ilimitada em suas possibilidades. A coisa mais bela que conhecia.

Quando Ysera veio ter com ele, falando emocionada sobre a Alma Dragônica e o papel que o artefato poderia desempenhar, ele foi consumido imediatamente pelo desafio de superar o impossível. Asa da Morte não transferira sua essência para a arma como os outros Aspectos; era difícil saber como ela poderia ser empregada contra ele. Outra preocupação era a crença de que *qualquer* dragão que usasse o artefato em seu estado original seria irrevogavelmente prejudicado por seus poderes. A Alma Dragônica chegara até mesmo a rasgar o corpo de Asa da Morte, forçando-o a recompor sua forma colérica com placas de metal.

Apesar dos desafios do porvir, Kalec via o artefato como uma oportunidade de fazer valer a posição que ocupava entre os outros Aspectos, que sempre lhe serviram de inspiração. Ele se tornara Guardião da Magia num tempo em que as revoadas azul, verde, bronze e vermelha estavam ameaçadas de extinção. Os miraculosos poderes concedidos a Malygos, seu líder morto, pelo titã Norgannon, agora pertenciam a ele. Os dragões azuis — o coração

de toda a revoada — escolheram-no para depositar toda sua confiança. Ele não os decepcionaria.

— A Alma Dragônica não pode ser usada contra Asa da Morte, pois ela não contém sua essência — disse Alexstrasza com uma ponta de dúvida na voz.

Depois que Ysera contou a Kalec sua descoberta, os dois Aspectos convocaram a Mãe da Vida em seu local de encontro no refúgio Cenariano para discutir os méritos do plano.

— É verdade — balbuciou o Aspecto azul. Ele sentia os olhos dos outros Aspectos perscrutarem-no como se avaliassem cada uma de suas palavras. — Nós precisaríamos da essência dele. Infelizmente, as amostras de sangue que obtivemos, ainda que valiosas, são desprovidas disso. Com magia arcana suficiente, contudo, talvez seja possível alterar as propriedades da Alma Dragônica de forma que ela o afete... em teoria, pelo menos.

— Em teoria — repetiu a Mãe da Vida.

Kalec encolheu os ombros. O artefato era, de fato, um risco. Muito do que ele sabia a respeito de seu funcionamento fora recolhido em escritos de magos do Kirin Tor, especialmente do humano Rhonin. Depois de tomá-la nas próprias mãos, ele descreveu alguns de seus atributos; seu tratado sobre o assunto era uma fonte de informações valiosíssima para Kalec. No entanto, muito pouco estava provado.

— Não temos escolha. — Ysera deu um passo à frente, para grande alívio de Kalec. — Eu sei que lhe causa dor, mas parece certo. Foi essa arma que começou tudo... que nos dividiu. A era negra de nossas vidas deve terminar como começou.

Alexstrasza baixou os olhos. Kalec viu o turbilhão que se agitava neles. Na verdade, a reação que a Mãe da Vida teria ao estratagema era uma de suas preocupações. Ao fim da Guerra dos Antigos, os Aspectos azul, verde, bronze e vermelho encontraram e encantaram a arma para que nem Asa da Morte, nem qualquer dragão pudesse empunhá-la novamente. Milênios mais tarde ela caiu nas mãos dos orcs Presa do Dragão, que então a utilizaram para escravizar a Mãe da Vida e sua prole. Muitos dragões vermelhos foram forçados a servir de montaria de guerra naqueles tempos difíceis.

— Essa é a resposta pela qual estivemos esperando, Lady Alexstrasza — assegurou Kalec.

— Eu sei... — A Mãe da Vida soava desamparada. — Portanto, partirei ao encontro de Nozdormu para informá-lo. Prossiga com sua investigação.

Tudo dependeria do Atemporal. Mesmo que Kalec encontrasse meios de alterar o artefato, os Aspectos precisariam pedir auxílio a Nozdormu para recuperá-lo das linhas temporais. A Alma Dragônica não existia mais no presente. Grande parte dela fora destruída

mais de uma década atrás por Rhonin. Depois disso, a dragonesa negra Sinestra coletou os estilhaços restantes da arma — já desprovidos de poder havia muito tempo — e os usou para seus próprios fins. Por fim, esses últimos fragmentos da Alma Dragônica também foram obliterados. Pedir que o Atemporal recuperasse o artefato era demandar o impossível, mas Kalec, Ysera e Alexstrasza sabiam que não havia escolha.

Após a partida da Mãe da Vida, Kalec retornou a uma pequena mesa no refúgio Cenariano. Orbes de vidência, usados para se comunicar com seus agentes no Nexus, espalhavam-se sobre a superfície. Tomando um dos dispositivos na mão, ele o ergueu e girou, meditando sobre os obstáculos que cercavam a Alma Dragônica.

Ysera veio se sentar ao lado de Kalec; no instante em que a dragonesa abriu a boca para falar, a terra estremeceu e quase atirou ambos no chão. Gritos vieram da base de Nordrassil, onde estavam acampados a Harmonia Telúrica e o Círculo Cenariano. O Aspecto azul trocou com Ysera um olhar de alerta. Tremores tornaram-se comuns após o Cataclismo, mas esse parecia ter se originado logo abaixo de seus pés.

A terra estremeceu mais uma vez, mais violentamente do que antes.

— Não pode ser... — Os olhos de Ysera se estreitaram enquanto ela se apoiava contra as paredes de madeira de uma das construções druídicas. Em sua voz, um misto de medo e compreensão que inquietou Kalec.

— É Asa da Morte? — Um calafrio percorreu sua espinha. — Ele está aqui?

O Aspecto verde correu para fora da construção sem responder. Kalec seguia logo atrás enquanto ela corria na direção de Nordrassil.

Inúmeras fendas cercavam a Árvore do Mundo. Xamãs e druidas puxavam os companheiros sugados pelos abismos de volta para a segurança. Ysera, contudo, não parou. Para espanto de Kalec, ela passou pela Árvore do Mundo e seguiu rumo a uma fileira de árvores que rodeavam uma clareira tranquila. Sentado no centro, Thrall parecia ainda absorto em meditação. Aggra, sua companheira, estava ao seu lado e sacudia o orc pelos ombros.

Quando os dois Aspectos irromperam na clareira, a orquisa de pele marrom se virou para eles:

— Algo está errado com Go'el — disse, usando o nome de nascimento do orc. — Procurei por ele quando os terremotos começaram e o encontrei assim. Ele não desperta. O que aconteceu?

Ysera caiu de joelhos junto de Thrall. O orc parecia estar em extrema agonia, o rosto contorcido de dor, mas não havia ferimentos visíveis em seu corpo.

— É ele... — disse o Aspecto verde.

A Desperta examinou a mão esquerda de Thrall. Vazia, pelo que Kalec pôde ver. O Aspecto verde se deteve. Ela rapidamente recolheu um punhado de terra e o depositou na mão do orc.

— Thrall e os terremotos estão ligados? — perguntou Kalec.

— Ele comungou com a terra de uma forma que nenhum xamã fez. A terra é parte dele e ele é parte dela. Algo aprisionou seu espírito. As fendas... são feridas.

— Deve haver uma maneira de libertá-lo — suplicou Aggra.

— Se seu espírito não tiver ido para muito longe do Hyjal, existe uma possibilidade. — Ysera se pôs de pé e acenou para Aggra. — Devemos reunir os xamãs e druidas. Muito trabalho nos espera.

A companheira de Thrall hesitou:

— Não posso deixar ele assim...

— Se quiser salvá-lo, você deve confiar em mim. — A voz de Ysera era pouco mais que um sussurro, mas enchia Kalec com um senso pungente de urgência.

Aggra deve ter sentido também. Lentamente, a orquisa juntou-se ao Aspecto verde.

— Lady Ysera, há algo que eu possa fazer? — Kalec sentia-se lastimavelmente fora de lugar. O percalço de Thrall dizia respeito ao reino dos elementos, um domínio sobre o qual o Aspecto azul não tinha nenhum poder.

— Fique ao lado dele e, aconteça o que acontecer, faça com que na mão dele haja sempre terra.

Com isso, Ysera e Aggra partiram; a orquisa olhando por sobre os ombros com evidente preocupação.

Não era a resposta que Kalec esperava, mas ele obedeceu. Por um breve momento ele se perguntou se Ysera lhe dera uma tarefa tão trivial por não considerá-lo digno de algo maior, mas ele sabia que a Desperta não julgava os outros assim. Não havia significado oculto em suas palavras. Ele era necessário ali. Apenas isso.

Ao se sentar ao lado de Thrall, Kalec percebeu que talvez estivesse se empenhando demais para encontrar uma maneira de derrotar Asa da Morte *ele mesmo*, negligenciando assim soluções mais viáveis. Se Thrall tivesse mesmo encontrado uma forma de combinar sua essência à da terra e vice-versa, isso significaria que, assim como Asa da Morte, o mortal carregava também uma parte de Azeroth em seu espírito?

O Aspecto azul puxou um orbe de vidência de uma bolsa que trazia de lado. Depois de alguns instantes, a névoa turva desvaneceu dentro do objeto e revelou a face de Narygos,

membro de sua revoadada.

— Kalecgos. — O outro dragão curvou a cabeça.

O Aspecto azul respondeu ao gesto antes de falar:

— Houve um ser de vida breve que certa vez empunhou a Alma Dragônica contra a revoadada dragônica vermelha, correto?

— O orc chamado Nekros Esmaga-crânios — respondeu Narygos. — Uma criatura absolutamente detestável.

— Sim, sim. Ele mesmo. Qual foi a gravidade dos ferimentos que o artefato lhe causou?

— Segundo os documentos de Rhonin a respeito do assunto, baixa gravidade — afirmou Narygos. — A Alma Dragônica não afeta negativamente as raças de vida curta da mesma forma que nos afeta. Na verdade, ela é deveras peculiar a esse respeito.

— Obrigado, amigo. Isso é tudo. — Kalec devolveu o orbe à bolsa.

Thrall, um mortal vinculado à essência da terra, ponderou o Aspecto azul. Não muito tempo atrás, o orc ajudara a vincular a terra a Kalec, Ysera, Nozdormu e Alexstrasza, permitindo que combinassem seus poderes a fim de repelir um ataque desferido pelos servos de Asa da Morte. Na ocasião, o xamã agiu meramente como condutor para Azeroth. Agora, no entanto, ele era muito mais que isso. *Ele* era a resposta... o fulcro por meio do qual a Alma Dragônica seria usada contra seu criador.

Kalecgos depositou terra na mão de Thrall e observou o rosto do orc se contorcer de dor, temendo que a única esperança dos Aspectos estivesse prestes a se perder para sempre.

Asa da Morte agarrou o peito de Thrall com as garras em riste, rasgando outro talho na pele telúrica do orc. O corpo do xamã estava crivado de sulcos, mas nenhum dos ataques do inimigo fora fatal.

O Aspecto negro almejava quebrar a vontade de Thrall, torná-lo agente de seus próprios desígnios. Essa foi a única explicação que o orc conseguiu encontrar para o fato de que seu adversário ainda não o destruía.

Asa da Morte quase obteve sucesso. Encurralado na caverna, o espírito de Thrall tornara-se entorpecido, alheio a Azeroth, exceto pela dor. Se passasse por situação semelhante poucas semanas atrás, em meio às dúvidas, medos e raiva que então tiranizavam seu coração, ele teria desistido. Teria se perdido naquela prisão de isolamento. Agora, ele jamais tivera tanta certeza de seu propósito como xamã.

— Os titãs acreditavam que você tinha força para suportar — disse Thrall. Seu poder não era nada comparado ao do Aspecto, por isso o orc utilizava as únicas armas que podia;

suas palavras. — Eles acreditavam em você. Foi por medo ou dúvida que você falhou e se alinhou com os mesmos seres que buscaram exterminar toda a vida de Azeroth?

— Sua lealdade é mal empregada, xamã. Se assim quisessem, os titãs exterminariam seu povo e as outras raças menores sem pestanejar. Os Deuses Antigos sabem da futilidade das obras titânicas. Eles juraram romper os grilhões de meu fardo. Quando esse dia chegar, expurgarei cada traço da presença e do reinado dos titãs sobre este mundo. Azeroth renascerá.

Asa da Morte afundou o joelho no peito de Thrall, atirando o orc violentamente contra a parede da caverna. O xamã lutava para se levantar quando ouviu uma série de vozes reverberarem pela terra do lado de fora da câmara. Era a Harmonia Telúrica: Muln Terrafúria, Nobambo e... Aggra.

Os xamãs procuravam por ele usando os espíritos dos elementais. Thrall se concentrou no próprio corpo físico e, para sua surpresa, sentiu um punhado de terra fria umedecer sua mão. O vínculo com as léguas de terra entre Hyjal e a caverna emitia sinais de vida. O orc concentrou-se o máximo que pôde para enviar mentalmente uma resposta aos elementais do lado de fora da câmara.

Houve silêncio.

Thrall se preparava para enviar outra mensagem quando sentiu um surto de energia e seu corpo terreno começou a se curar. Os xamãs também selavam as fendas no Hyjal, percebeu ele. Com isso, suas feridas se fechavam. O orc se levantou revigorado.

— Você não respondeu minha pergunta — disse Thrall. — Seu fracasso foi causado pelo medo ou pela dúvida?

Com os olhos emitindo um brilho cor de sangue, Asa da Morte saltou e agarrou Thrall pela garganta, atirando-o no ar. O Aspecto negro estilhaçou o abdome do orc com uma das terríveis garras.

— Num sistema falho, a única falha é tapar os olhos para a verdade. Quantos infelizes você e os outros Aspectos enganarão com sua causa errônea é de pouca importância. A vitória sempre parece inatingível se você joga sua vida fora por um futuro sem esperança.

A pele pétrea de Thrall derretia no ponto em que o Aspecto negro agarrara sua garganta. Asa da Morte apertou com mais força, afundando os dedos no pescoço do orc. Sua conexão com Hyjal vacilou novamente.

— Não... — rosnou o orc, lutando para se libertar das garras de Asa da Morte. — Nós triunfaremos... porque encaramos nossos desafios... juntos. Você fracassou... porque escolheu... carregar seu fardo... *sozinho!*

A terra ao redor da caverna começou a estremecer; Thrall atribuiu a manifestação à fúria de Asa da Morte. Em vez de continuar com o ataque, contudo, o Aspecto negro subitamente atirou-o de lado.

Asa da Morte esticou os braços urrando de fúria. Imensos fragmentos do sangue dos Deuses Antigos irromperam do chão da caverna e se deslocaram para um canto superior da câmara, formando uma espessa barreira da substância cristalina. Alguns momentos se passaram até Thrall juntar as peças e inferir a fonte dos tremores. As raízes de Nordrassil avançavam na direção da câmara, escavando terra e rocha a uma velocidade incrível.

A Harmonia Telúrica — e aparentemente o Círculo Cenariano — haviam-no encontrado.

Thrall investiu adiante e agarrou o Aspecto, atirando-o no chão para interromper seu feitiço. Fervilhando, Asa da Morte lutou para se levantar. Seu corpo todo pulsava, e tentáculos de lava saltavam das rachaduras em seu peitoral. O dragão negro se preparava para saltar na direção de Thrall quando uma das raízes de Nordrassil arrebentou a parede da caverna, fazendo cair uma chuva de estilhaços cristalinos.

Asa da Morte ficou parado enquanto a raiz da Árvore do Mundo avançava em sua direção. Por alguns instantes, ele conseguiu se proteger dos ataques desferidos pelo aríete vivo da largura de um kodo. Três outras raízes vieram logo em seguida, penetrando na caverna e enterrando o Aspecto negro no fundo da câmara.

Uma quinta raiz invadiu lentamente o espaço, enrolando-se na cintura de Thrall para tirá-lo de lá. Do lado de fora, a conexão do orc com seu corpo físico se solidificou. Ele sentia a terra como ela era, como tinha de ser, sem a influência dos Deuses Antigos. Toda dor e agonia que experimentara, os sentimentos assoladores que preenchiam a existência de Asa da Morte, desapareceram.

Alexstrasza encontrou o Atemporal esperando.

Ele estava imóvel, postado no cume da montanha. Distante dos acampamentos druídicos e xamânicos, a Mãe da Vida assumiu sua forma dragônica. Era revigorante esticar as asas novamente depois de tanto tempo em seu corpo élfico. Pousando ao lado do Aspecto de escamas cor de bronze, ela contou-lhe do plano de Ysera e Kalec a respeito da Alma Dragônica e do papel que ele deveria desempenhar. A Mãe da Vida presumira que Nozdormu a rejeitaria, e não teria questionado o porquê. O espírito dele, entretanto, foi muito mais brando do que ela esperava.

— A Alma Dragônica... — disse Nozdormu. — Houve momentoss em que considerei

voltar e consertar aquele dia. Salvar a revoada de Malygosss... poupar todos nós daquele terrível destino. — O Atemporal suspirou profundamente sem jamais desviar o olhar do horizonte. — Se o tivesse feito, eu seria exatamente igual à revoada infinita e... ao eu do futuro.

— Você seria mais diferente do que pode imaginar — retorquiu Alexstrasza. — Eonar me incumbiu de preservar a vida. Quando o tópico da Alma Dragônica foi abordado, perguntei a mim mesma como poderia cumprir minhas obrigações e, ao mesmo tempo, trazer a arma mais destrutiva já forjada à existência.

— Ainda assim você pretende trazê-la — observou Nozdormu.

— Sim. Pois para proteger a vida, às vezes temos que destruir aquilo que a ameaça...

A Mãe da Vida refletira longamente acerca da Alma Dragônica e do sofrimento inconcebível que o artefato causara não só a si e à sua revoada, mas também a outros seres vivos ao longo da história. Por fim, ela chegou a uma difícil conclusão: nenhum custo era grande demais para proteger o mundo.

— Não posso forçá-lo a fazer algo que considera errado — disse Alexstrasza —, mas pergunte-se se Aman'Thul concedeu a você domínio sobre o tempo apenas para que pudesse assistir à morte deste mundo.

— O futuro habitado pela revoada dragônica, se eu pudesse viajar até lá... — interrompeu Nozdormu. Medo e apreensão emanavam do Atemporal. A Mãe da Vida sentia que algo no apocalipse além do estado das linhas temporais perturbava o Aspecto brônzeo. O que ela pedia a Nozdormu era demais; se ele não desejasse exprimir suas preocupações, era escolha dele.

Alexstrasza virou a cabeça na direção de Nozdormu e disse suavemente:

— A cada um de vocês é dada uma dádiva...

— A todos vocês é dada uma tarefa. — O Atemporal completou as antigas palavras sem hesitar. A última ordem dada pelos titãs aos Aspectos; uma lembrança de que, mesmo sendo únicos, seus poderes e sabedoria jamais deveriam se separar. Eles eram um só.

— O tempo é seu fardo como a vida é o meu, mas qual é *nosso* dever? — disse Alexstrasza.

— Proteger esse mundo... a qualquer custo. Evitar a Hora do Crepúsculo — murmurou Nozdormu.

O Atemporal permaneceu quieto depois. A Mãe da Vida acompanhou seu olhar até o céu com o coração tomado pelo pesar.

— Algum de seus outros agentes retornou?

— Não. Nenhum retornará. Mas eu ainda espero. Certa vez fiquei perdido no tempo até que Thrall me ajudou. Agora estou perdido fora dele. — Para a surpresa de Alexstrasza o Aspecto bronze riu baixo, com dor e gracejo.

O Atemporal finalmente afastou os olhos do horizonte e fitou Alexstrasza:

— Por muito tempo fui rígido em minhasss posturasss. O que diz é verdade. O tempo de esperar acabou...

Os quatro Aspectos Dragônicos e Thrall se reuniram no refúgio druídico aos pés de Nordrassil. Uma representação etérea da Alma Dragônica pairava entre eles. Estar lá causava calafrios em Alexstrasza. De certa forma, lembrava-a da cerimônia conduzida milhares de anos atrás para imbuir o artefato com poder.

Apesar de ser apenas uma cópia arcana evocada por Kalecgos, a arma continha poder. Banhados pela pálida luz violeta emitida pela imagem da Alma Dragônica, os Aspectos notaram que suas sombras alternavam entre as atuais formas mortais e seus verdadeiros corpos dragônicos.

— Se quisermos obter a Alma Dragônica, devemos primeiro viajar ao futuro que previ; o fim do tempo — declarou Nozdormu. — Destruindo a revoada dragônica infinita e seu líder, deflagrador do apocalipse, as linhasss do tempo serão reabertasss, e nós poderemos voltar ao passado para recuperar a Alma Dragônica.

— Como a história pode reagir se o artefato for arrancado subitamente das linhas temporais? — indagou Thrall. O orc estivera em absoluto silêncio entre os Aspectos. Ele já fizera muito para ajudá-los. A Mãe da Vida queria dar-lhe paz, mas precisava que ele arriscasse sua vida mais uma vez pela segurança de Azeroth.

— O tempo não é tão linear quanto se pode pensar. Minha revoada interromperá o fluxo do tempo para deter o impacto que causarmos no passado. Contudo, não podemos manter a integridade do tempo para sempre. Quando nossa tarefa estiver concluída, devolveremos a Alma Dragônica ao seu devido lugar...

— A respeito de seu devido lugar — disse Kalecgos —, há muitos pontos no tempo em que poderemos obter o artefato. Suas propriedades, entretanto, foram alteradas no curso da história. Para nosso plano ser bem-sucedido, devemos usar a arma em sua forma mais pura. Quando Nozdormu tiver aberto as linhas temporais, recuperaremos a Alma Dragônica da época em que foi criada, a Guerra dos Antigos.

— Isso nos leva a quem o fará — disse Alexstrasza, acenando em seguida na direção de Thrall.

— Meu amigo. — Kalecgos pousou uma das mãos sobre o ombro de Thrall. — Pelo que descobri, o artefato foi construído de forma tal que dragões que a empunhem são devastados por suas energias. Ela nos preenche com uma dor enlouquecedora. Mas seres de vida breve, devido à sua própria natureza, podem manejá-la sem correr riscos físicos.

— Há um grande risco no que pedimos a você, Thrall. — A voz melodiosa de Ysera percorreu toda a sala. — Quando a Alma Dragônica for trazida ao presente, você deverá transportá-la para o Templo do Repouso das Serpes. É um lugar de grande poder conectado à Câmara dos Aspectos, onde o artefato foi originalmente imbuído. A Alma Dragônica já conterà poder, mas nós infundiremos nossas essências outra vez, tornando-a mais poderosa do que nunca... e potencialmente mais instável. Lembrem-se de que, se descobrir nossas intenções, Asa da Morte e seus lacaios certamente convergirão no templo para emboscá-los a qualquer custo.

— Não é minha intenção questionar sua sabedoria — disse humildemente Thrall —, mas outras raças de Azeroth também sofreram sob a fúria de Asa da Morte. Nós poderíamos reunir um exército de mortais como jamais se viu para dar fim ao Aspecto negro. Não seria um curso de ação mais simples?

— Mesmo que todos os mortais vivos enfrentassem Asa da Morte, de nada adiantaria — disse Alexstrasza. — Ele foi corrompido pelas energias sombrias dos Deuses Antigos. Ataques físicos, imensos como forem, não podem destruí-lo. Ele deve ser... *desfeito*. Sua essência deve ser extinta, e só a Alma Dragônica tem poder para tanto.

— Desde que você esteja conosco — acrescentou Kalec. — O artefato foi imbuído com as essências dos quatro Aspectos, mas Asa da Morte jamais depositou a sua própria. Se quisermos usar a arma para derrotá-lo, devemos infundir nela o poder do Guardião da Terra. Você, Thrall, possui uma parte, ainda que pequena, daquilo que precisamos; a essência de Azeroth.

— É impossível para nós usar a Alma Dragônica sozinhos — disse Alexstrasza a Thrall. — Só você pode... se assim escolher. Isso é mais do que desejei pedir a você, especialmente depois de você já ter arriscado a vida para nos salvar.

— Estou honrado por terem buscado meu auxílio — disse Thrall. — Tenho apenas uma observação. As raças de vida curta subjugaram Ragnaros, o Lich Rei antes dele, e incontáveis ameaças. Por diversas vezes fomos fundamentais para a proteção de Azeroth. Somos tão responsáveis pelo mundo quanto vocês. Com o devido respeito, creio que esse plano, por mais nobre que seja, só pode obter sucesso com ajuda dos mortais.

Não havia dúvida de que Thrall estava certo. Alexstrasza esperava não ter que arrastar

ainda mais mortais para a perigosa empreitada:

— Se estiverem dispostos, eles serão bem-vindos.

— Há sempre alguém disposto — sorriu o orc. — Eu farei a convocação.

Depois da partida de Thrall, os Aspectos permaneceram em silêncio.

— Há algo que me perturba — disse Kalec. — Se impedir a Hora do Crepúsculo é *nosso* propósito, se foi para isso que os titãs nos criaram, o que acontecerá conosco quando o tivermos feito?

Um vento frio soprou no refúgio Cenariano como que para pontuar as palavras de Kalec. Os Aspectos estremeceram, entreolhando-se de soslaio. Todos haviam ponderado sobre o inquietante mistério.

— Sim... Se cumprirmos nossa missão, de que serviremos depois? — murmurou Nozdormu. — Com as linhas temporais maculadas, nem mesmo eu posso ver o que o futuro reserva para nós...

— Nossas ações resultarão em perda ou... realização — divertiu-se Ysera.

— Os titãs claramente tinham um plano para nós — argumentou Kalec. — Magia, tempo, vida, natureza... isso sempre existirá. É questão de lógica que tenhamos de protegê-los por toda eternidade.

Alexstrasza observava enquanto Ysera, Kalec e Nozdormu deflagravam uma discussão, exprimindo suas esperanças e preocupações. O caminho adiante era claro, mas, além da Hora do Crepúsculo, estava envolto na névoa da incerteza. A Mãe da Vida mantinha seus medos muito bem guardados dentro de si. Ela era a Rainha dos Dragões; se em algum momento seus companheiros precisariam dela, esse momento era agora.

— Nenhum de nós sabe com certeza — disse Alexstrasza, atraindo a atenção de todos. — Se soubéssemos, faria diferença? Foi por essa *razão* que os titãs nos incumbiram. As maravilhosas dádivas que nos concederam devem ser usadas agora.

A Mãe da Vida tomou as mãos dos dois Aspectos mais próximos, Ysera e Kalec; ambos tomaram as de Nozdormu. Suas magias se entremearam, fluindo através dos dragões. As energias acalentadoras acalmaram seus nervos e os preencheram com uma determinação inabalável.

— Mergulharemos no desconhecido como um só — disse Alexstrasza. — Como deve ser.

PARTE I

1

REPOUSO DAS SERPES



A sombra indefinida sobrevoou a imensa estrutura, circulando para aterrissar. Embora já tivesse ido ali antes, a amplidão e antiguidade do templo de pedra e seu entorno ainda o deixavam atônito. O templo se elevava em vários níveis, cada um construído para uma raça claramente mais alta que humanos e orcs. A fileira de colunas entalhadas que delineava o exterior desde a base circular até o topo erguia-se como um exército de sentinelas, vigiando a desolação gélida dos Ermos Dragônicos. Longas arestas de gelo cobriam o antigo edifício e enormes rachaduras percorriam muitas colunas e arcos, mas apesar da devastação do tempo e dos inúmeros conflitos que ali ocorreram, o Repouso das Serpes permanecia desafiador e eterno.

Para ele, era um contraste bem-vindo às transformações terríveis e aparentemente intermináveis que atormentavam o mundo de Azeroth.

Os outros já deviam ter chegado. Ele observou os santuários distantes de cada uma das grandes revoadas — bronze, esmeralda, lazúli, rubi e obsidiana — que cercavam o Repouso das Serpes. Não tinham propósito, agora que as revoadas tinham sido derrotadas ou mortas. Mesmo que o Repouso das Serpes resistisse por mais dez milênios, talvez já não fosse nada além da relíquia de tempo e esperança perdidos.

O grande dragão azul suspirou e iniciou a descida. Enquanto o fazia, seu olhar se afastou do templo e dos santuários em direção ao norte, onde montes perturbadores pontilhavam a paisagem glacial. Ele desviou os olhos rapidamente. Cada monte era o cadáver

congelado de um dragão; alguns montes datavam de milhares de anos. Os Ermos Dragônicos eram o cemitério de centenas de sua espécie, de todas as cores. Era um lembrete sombrio de que mesmo as criaturas mais poderosas não eram invulneráveis.

O leviatã alado concentrou-se novamente no seu destino. O Repouso das Serpes cresceu à sua frente. Ao se aproximar de uma das entradas na base do templo, o dragão parecia minúsculo. Ele pousou e, com uma última olhadela ao redor, entrou.

O interior apenas aumentava a sensação de grandeza; a primeira câmara tinha o triplo da altura do dragão. Tochas ainda acesas depois de milênios forneciam uma iluminação fraca. Entalhes antigos pairavam sobre ele, figuras indistintas se assemelhavam a humanos ou elfos. Se foram feitos para representar os titãs, seres divinos que trouxeram ordem ao caos e remodelaram Azeroth à sua forma atual, ou se foram entalhados com outra intenção, o dragão não sabia. Esse lugar havia sido construído muito antes de seu tempo. Na verdade, muito antes do tempo dos dragões.

Ninguém sabia o motivo para sua construção, mas há tempos se tornara o ponto de encontro dos maiores de sua espécie, os Aspectos — guardiões não somente dos dragões, mas de toda Azeroth. Aqui, durante milênios, os cinco campeões se reuniram para coordenar as ações das revoadas. Aqui, durante a Guerra do Nexus — na qual o Aspecto da Magia liderou a revoada dragônica azul numa tentativa de expurgar Azeroth de todos os feiticeiros mortais que não se renderam ao seu controle absoluto, os líderes das três outras revoadas criaram a Aliança do Repouso das Serpes, um encontro anual para discutir o curso de ações a serem tomadas em relação ao precário futuro do mundo. Aqui, após a Guerra dos Antigos — quando demônios invadiram Azeroth e a antiga Kalimdor fora despedaçada, quatro deles, inclusive Malygos, vieram determinar o próximo passo para contra-atacar a traição de um dos seus. A última tarefa tornara-se a mais importante, mas mesmo aquela longa luta enfraquecia em face do objetivo principal desde o início: prevenir a Hora do Crepúsculo, quando toda a vida em Azeroth seria extinta.

Aquela vitória extraordinária fora finalmente alcançada... a um custo muito alto para os Aspectos. Agora, aqui, pela primeira vez desde que esta antiga construção fora escolhida como seu ponto de encontro, os quatro ex-Aspectos restantes vieram não como campeões do mundo, mas como eles próprios.

O dragão desceu num desfiladeiro talhado no gelo, chegando na parte mais baixa e semienterrada do templo. Procurou escutar com atenção, mas não ouviu vozes. No final das contas, era possível que tivesse chegado antes dos outros. Considerou sair do templo e procurar um local por perto para esperar até que alguém aparecesse — porque mesmo depois

de tranquilizado pelos outros, ele ainda sentia que, sendo o dragão mais novo, não deveria ser o primeiro em nenhuma circunstância. Mas, finalmente, seguiu em frente.

Quando o leviatã escamoso chegou ao nível inferior, ouviu um dos outros. Nozdormu. O dragão bronze continuava o mais pontual, mesmo agora...

O dragão azul não conseguia entender o que o outro macho dizia. No entanto, a resposta soou clara.

— Devemos esperar até estarmos todos aqui — respondeu uma voz feminina suave, mas imponente. — Kalecgos merece tanto respeito quanto qualquer um de nós.

Ao ouvir seu nome, ele entrou rapidamente. Além de não ser o primeiro a chegar, mantivera os outros esperando.

— Estou aqui! — gritou o dragão azul. Ele entrou numa câmara circular e ampla, cujo centro continha uma plataforma de mármore cercada de colunas gigantescas.

Nozdormu voltou o olhar perspicaz para o recém-chegado; o imenso dragão de bronze era flanqueado por duas fêmeas em igualdade de tamanho e majestade. O longo e esguio dragão verde à direita encarava o dragão azul com olhos cor de arco-íris; Ysera do Sonhar, que sempre vivera com os olhos fechados durante milênios, agora sequer se permitia piscar. Ela acenou para Kalecgos, mas nada disse.

À esquerda de Nozdormu, uma majestosa fêmea carmesim deu alguns passos em direção ao dragão azul. Seu tamanho superava os três, mas havia uma suavidade nela que desmentia a aparência temível. Uma longa crista descia pelas costas até a cauda, e o dragão azul sabia que se ela esticasse as asas, a extensão seria o suficiente para ocultar os dois companheiros.

Três outros dragões um pouco menores curvaram-se à sua chegada. Cada um postava-se na plataforma exatamente atrás do ex-Aspecto de mesma cor. Eles eram os mais confiáveis e testados em batalha entre aqueles que serviram os campeões. Kalecgos conhecia cada um deles muito bem, desde a veloz e disposta Chronormu — ou Crona, como era chamada pelos amigos — à corajosa Merithra, filha de Ysera. No entanto, era provável que fosse mais familiar com o carmesim Afrasastrasz, outrora comandante na defesa do Repouso das Serpes durante a luta contra o Martelo do Crepúsculo, o culto fanático que tentara acelerar o fim de Azeroth.

O trio permanecia quieto, mais para trás. Eles estavam ali para ouvir. Sua presença o fez lembrar mais uma vez de que ele também deveria estar acompanhado.

O único problema era que não havia sobrado mais ninguém no Nexus para fazer isso.

— Não precisa ter medo, Kalecgos — respondeu o dragão vermelho líder à sua

explosão, com voz calma e melódica. — Sabíamos que você chegaria em breve. Nozdormu apenas expressou preocupação por você, não foi, Nozdormu?

— Como quissers — respondeu o dragão bronze de modo vago. Sua voz evidenciava idade e sabedoria, embora, como os outros, ele parecesse estar na plenitude da vida.

— Você é muito gentil. O dragão azul curvou a cabeça longa em direção aos dragões mais antigos e disse para a fêmea carmesim: — *Kalec*, se não se importar, Alexstrasza.

Nozdormu bufou, mas Alexstrasza concordou.

— Kalec. Perdoe-me por esquecer seu... como é que as raças mais jovens chamam? Apelido. Achava que você somente gostasse de usá-lo quando em forma humanoide.

— Recentemente, comecei a preferi-lo *sempre*. — Kalec não se deteve na explicação.

— Talvez todos devêssemos ter apelidos — interrompeu Ysera, sem nenhum sinal de sarcasmo. — Afinal, é o mundo deles agora. Na verdade, acho que passo mais tempo em forma humanoide que na forma em que nasci, nos últimos tempos. Talvez esta seja a melhor e mais rápida maneira de encerrar a nossa era...

As palavras francas silenciaram os outros três. Após um momento de óbvio desconforto, Alexstrasza caminhou para o centro do estrado. Os outros a seguiram, Nozdormu para o canto sul, Ysera para o leste e Kalec para o norte. O oeste — lugar de Neltharion — permanecera vazio desde sua traição.

O dragão vermelho observou os outros por um momento e então declarou:

— Iniciemos o encontro da Aliança!

Outrora, o pronunciamento seria acompanhado por algum espetáculo de magia, mas tais demonstrações pertenciam ao passado. Os quatro dragões continuavam temíveis, mas não eram mais guardiões de Azeroth. Eles sacrificaram suas funções de Aspectos para derrotar de uma vez por todas o monstruoso dragão negro Asa da Morte. Asa da Morte fora um de seus companheiros, Neltharion, mas em sua loucura maligna quase conseguira causar a Hora do Crepúsculo.

Havia sido um sacrifício digno, mas Kalec sabia que em sua trajetória deixara os quatro dragões mudados.

Kalec estudou os três anciões com discrição. Ele recebera a função de Aspecto da Magia há pouco tempo, aceitando-a com a mesma relutância que a autoridade sobre a revoada dragônica azul após a queda de seu predecessor, Malygos. Malygos, também conhecido como o Tecelão de Feitiços, se cansara do que considerava um mau uso da magia arcana por raças inferiores e, afinal, declarara que tal poder deveria ser confiado *somente* aos dragões e seus aliados. A Guerra do Nexus devastara Azeroth e só terminara quando, com a ajuda de

Alexstrasza e seus dragões, os heróis entraram no coração do seu domínio — o próprio Nexus — e dado um fim a Malygos e sua cruzada monstruosa. Procurando um novo líder, os dragões azuis voltaram-se para o membro da revoada que, ao longo dos eventos, provara ser o mais confiável para liderá-los: Kalec.

O dragão azul aguardou, mas ninguém disse nada. Até mesmo Alexstrasza parecia não ter interesse em continuar o encontro depois do anúncio inicial. A Mãe da Vida parecia esperar que outro assumisse o controle, mas nem Ysera nem Nozdormu demonstraram a menor inclinação em fazê-lo.

Mas outros, sim.

Ainda mais impaciente que Kalec, Crona quebrou o silêncio.

— Se me permitirem, há um motivo para preocupação. As linhas do tempo parecem estar em confluência! Pode ter algo a ver com o roubo da Alma Dragônica...

Nozdormu a interrompeu.

— As linhas do tempo não são mais preocupação nossa! Controlá-las está além das minhas habilidades. Daqui em diante, as raças mais jovens tratarão delas e de quaisquer caminhos para o futuro que indiquem.

Era óbvio que Chronormu tinha mais a dizer, mas só assentiu com a cabeça em vez disso. Então, a filha de Ysera se atreveu a falar.

— Talvez eu também esteja falando fora de hora, mas há rumores que o Pesadelo está se agitando na Fissura de Aln. Deve estar procurando outro Senhor do Pesadelo para ajudá-lo novamente a sair do Sonho Esmeralda para o mundo desperto...

— Nós já discutimos isso — repreendeu Ysera. A expressão do ex-Aspecto mudou por um instante. — Acho que... sim! Falamos sim! A fissura e a corrupção que ainda assolam o Sonho Esmeralda serão tratadas pelos druidas... sim, os druidas! O elfo noturno Naralex já liderou forças que lacram o Pesadelo. Os druidas guardarão o mundo contra ele melhor do que podemos fazer agora.

O discurso fora muito mais centrado que aquele que Kalec ouvira de Ysera logo após a perda dos poderes e função de Aspecto do dragão verde. Naquela época, Ysera parecera distraída e incapaz de articular os pensamentos muito bem. Desde então, sua mente fizera grandes progressos para recuperar muito do que perdera.

Meritha perdeu o ímpeto.

— Como quiser, mãe.

Mais uma vez, um silêncio desconfortável reinou na assembleia. Afrasastrasz, mais sábio que os outros dois dragões subordinados, parecia relutante em dar sua opinião. De

repente, Kalec sentiu uma profunda consciência da falta de alguém ao seu lado.

Foi como se o tempo parasse. Ninguém se movia. Finalmente, sabendo que a juventude o deixava impaciente demais, ele deixou escapar:

— Eu gostaria de falar!

Com o mínimo de curiosidade visível, os outros leviatãs olharam para ele.

Um sentimento de intimidação apossou-se dele, mas o dragão azul rapidamente o reconheceu como sua própria insegurança e não desdém da parte deles. Sua vida, por mais trágica que tivesse sido, não era nada em comparação ao sofrimento combinado desses seres veneráveis. Ter sido considerado um igual por certo tempo ainda o assombrava.

— Bem? — respondeu Ysera, finalmente. — Se deseja falar, então fale. É simples.

Kalec ficou um pouco surpreso com sua maneira direta. Ysera fora a Sonhadora. Agora ela não via nada além de desperdício em sonhar ou em hesitar.

— O conteúdo do Nexus...

— É sobre isso? — Ela ficou ainda menos interessada que antes. — As preocupações de cada revoada só dizem respeito a elas. Você sabe disso. A sua questão nos diz respeito de alguma maneira?

— Não diretamente...

— ‘Não diretamente’. Então não diz, o que significa que a discussão acabou. Na verdade, não parece haver nenhuma discussão relevante até agora. — Voltando-se para Alexstrasza, ela resmungou:

— Eu falei, não falei? Certamente me recordo de querer falar! Sim... Falei sim! Eu falei que achava um erro nos reunirmos aqui, minha irmã...

— Nós sempre nos reunimos nesse ciclo das luas gêmeas. Seria desrespeitoso não fazê-lo.

Nozdormu bufou novamente.

— Desrespeitoso com quem? Eluna? A Mãe Lua tem os elfos noturnos para adorá-la. Desrespeitoso com os titãs ou seus servos, os defensores? Nós nem sabemos se os titãs ainda existem! Certamente não é desrespeito *conosco*. Eu concordo com Ysera. *Foi* um erro. Não há mais justificativa para a Aliança. Se esse encontro ainda tiver algum propósito, que seja terminar com a Aliança para que cada um de nós prossiga sua vida com os próprios problemas.

Kalec ficou chocado com o curso inesperado da breve conversa. Ele esperou ofegante para que Alexstrasza acalmasse os outros dois, mas a Mãe da Vida parecia refletir sobre a sugestão de Nozdormu como se tivesse grande mérito.

O dragão azul abandonou sua posição e moveu-se para o centro, em frente a Alexstrasza, encarando o dragão bronze.

— Mas a Aliança não é apenas sobre nós! Ela se tornou a espinha dorsal de toda interação dragônica durante milênios! A Aliança manteve a ordem entre as revoadas, preveniu a catástrofe de uma vez! Sabíamos que enquanto estivéssemos unidos, sempre haveria esperança...

— ‘Unidos’ — interrompeu Ysera. — Sim, estivemos unidos durante milênios, não é mesmo? Neltharion... Malygos... — Ela parecia querer continuar, mas deu um olhar de desculpas para Nozdormu e se calou.

— Não me deixe de fora — acrescentou o dragão bronze, lugubrememente. — Chame-o de *Murozond*, senhor das revoadas infinitas, se preferir, mas aquele dragão amaldiçoado era meu ser futuro distante e sou tão culpado pelo mal que ele causou quanto Neltharion pelo que fez com o Asa da Morte...

Alexstrasza interpôs-se no centro deles novamente.

— Não, Nozdormu! Ninguém aqui o culpa pelo que você *não* fez! Você lutou ao lado dos outros contra Murozond e alterou aquele futuro para sempre! Se houve a mais remota culpa de sua parte, ela foi apagada com o fim de Murozond!

Kalec e Ysera abaixaram a cabeça em concordância. A cauda do bronze balançou para frente e para trás lentamente, um sinal de gratidão por tais palavras. Então, seu humor voltou a ficar sombrio.

— Sim... Eu lutei contra meu ser futuro... quando tinha o poder para lutar. Agora, eu — *nós* — somos iguais a qualquer outro dragão. A era dos Aspectos acabou e digo que a da Aliança do Repouso das Serpes também.

Mais uma vez, Kalec não percebeu nenhuma divergência entre as irmãs.

— Mas vocês três são a sabedoria reunida de nossa espécie! Os Aspectos sempre...

Ysera empurrou o focinho na sua cara.

— Nós... não somos... Aspectos.

— Mas vocês três ainda são...

— Nós entendemos sua preocupação, Kalec — disse Alexstrasza com tanta pena que ele estremeceu. — Mas a nossa era terminou e Azeroth deve procurar outros defensores.

Quando ela terminou de falar, Nozdormu passou por eles em direção a uma das saídas. Ysera o seguiu.

O dragão azul não conseguia acreditar no que via.

— Aonde vocês estão indo?

O leviatã bronze olhou por cima do ombro.

— Para casa. Terminamos por aqui. Não deveríamos nem ter nos reunido hoje.

— Ele está certo sobre o último ponto — concordou a Mãe da Vida, relutantemente. E foi só então que Kalec percebeu que estivera pensando neles em termos de títulos que eles mesmos já não reconheciam. Agora, eles eram, em sua própria visão, apenas mais três dragões entre muitos.

— Alexstrasza! Você pelo menos...

Foi como se sua mãe olhasse para ele. A pena foi substituída por cuidado.

— Azeroth sobreviverá sem nós. Você — que foi obrigado a aceitar isso tudo tão recentemente — você sobreviverá sem nós. — Ela olhou para o dragão bronze. — Nozdormu! Um momento! Nos encontraremos mais uma vez, dentro de um mês! Se iremos dispersar a Aliança, devemos fazê-lo com o respeito devido!

Ele parou e então olhou para trás.

— Você está certa. Realmente isso merece um enterro apropriado. De acordo. Nos encontraremos daqui a um mês.

A gigantesca dragonesa vermelha voltou-se para sua irmã.

— Ysera?

— De acordo. Faz sentido.

Alexstrasza encarou Kalec. Chocado demais para falar, ele balançou a cabeça com veemência.

— Três a um. — murmurou a fêmea vermelha. — Está decidido.

Nozdormu nem esperara pela declaração; ele e seu tenente já seguiam em frente, com Ysera e sua filha logo atrás.

Alexstrasza observou-os por um momento, e então, com uma graça inacreditável para um dragão, seguiu os dois. Afrasastrasz hesitou apenas o instante necessário para dar ao dragão azul uma expressão de simpatia antes de segui-la.

Kalec não tinha escolha a não ser ir embora também ou ficar sozinho no templo. Apesar da juventude e rapidez, ao chegar lá fora, os outros já estavam se separando.

— Por favor, reconsiderem! — gritou ele, com a súplica ecoando pelos ermos. Sua mente estava confusa. Ele viera aqui com problemas que esperava discutir com um ou mais dos anciões, e em vez disso, teve que tentar desesperadamente manter a Aliança unida.

Nozdormu estendeu as asas em toda extensão e alçou voo sem sequer olhar para o dragão mais jovem. Ele já era um pequeno ponto distante quando Ysera decidiu falar pela última vez.

— Na verdade, nós consideramos... sim... sim, consideramos isso... durante esse tempo todo. Apenas precisávamos que um de nós mencionasse o assunto. — O leviatã esmeralda saltou aos ares. — Foi apenas um acaso que acontecesse aqui, logo após você chegar. Eu peço desculpas por isso, jovem Kalec.

Então, restaram apenas ele e Alexstrasza.

— Adeus, Kalec. Sinto muito que você tenha viajado até aqui por alguns momentos sem importância... E para ser confrontado com uma reviravolta que certamente não esperava nem merecia.

Dessa maneira, a grande vermelha levantou voo, deixando o dragão azul emudecido a observar os três desaparecerem entre as nuvens negras que envolviam não somente os ermos, mas a maior parte do desolado continente de Nortúndria.

O que aconteceu aqui?, perguntou-se o dragão azul diversas vezes. *O que acabou de acontecer aqui?*

Por um breve momento, Kalec achou que as coisas estivessem melhorando depois de ter concordado em ficar em Dalaran e, como sugerira o mago Hadggar, juntar-se aos Kirin Tor. Mas logo vira a desconfiança nos olhos dos outros magos. Ele era um dragão azul; era tudo o que importava para eles. No final, se desculpou com Jaina, citando a necessidade de controlar os feitiços defensivos esfacelados do Nexus e de coletar sua poderosa e substancial coleção de artefatos.

Ele ansiara por esse encontro, esperando por encorajamento em várias áreas. Sua revoada quase desmoronara. Com o fiasco do roubo da Íris Focalizadora, sentira que falhara em todos os aspectos como líder e que provocara o êxodo em massa dos outros dragões azuis. O Nexus tornara-se um lugar desolado e, às vezes, Kalec sentia-se sem vontade de lutar de verdade contra as desistências.

E agora, aqueles a quem ele procurara desesperadamente por ajuda haviam partido do mundo também.

A ironia era que apesar de *querer* vir aqui, Kalec pensara em não fazer a viagem. Estava envergonhado de seu fracasso em recuperar a Íris Focalizadora e dos eventos terríveis que aconteceram por causa disso, especialmente a destruição do reino de Jaina, Theramore. O dragão azul não queria admitir tais humilhações àqueles que o consideravam um igual apesar da diferença de idade e experiência. Mas, finalmente, ele escolhera vir... e participar desse novo fiasco.

Um calafrio subiu por suas costas e não tinha nada a ver com os elementos. O dragão azul olhou novamente o Templo do Repouso das Serpes, um local lendário para ele. Agora,

suspeitava estar olhando-o senão pela última vez, provavelmente a penúltima. Sem a Aliança, só havia uma razão para voltar a essa terra implacável... para morrer.

Mesmo com todo o sofrimento, Kalec ainda não estava pronto para a morte. Sua juventude pode ter sido um fator crucial em seus fracassos, mas também o impulsionava, embora não tivesse ideia do que fazer a seguir.

O vento aumentou, soprando pelo templo e criando um uivo surreal que finalmente provocou a partida do dragão azul. Com uma batida de asas, ele se alçou aos céus. Uma vez no ar, a vontade de estar longe do Repouso das Serpes cresceu. Kalec se firmou na direção de casa e aumentou a velocidade.

Mas, ao deixar o Repouso das Serpes, algo perturbou seus sentidos. Embora não fosse mais um Aspecto, Kalec ainda era um dragão azul e, sendo assim, mais sintonizado com a magia arcana em todas as formas. O sinal era tão peculiar que, apesar do seu humor, ele procurou a fonte.

À primeira vista, a paisagem abaixo não dava nenhuma pista de sua procedência. Concentrando-se, Kalec conseguiu mapear melhor a área. Com o fiasco no templo esquecido temporariamente, o dragão azul desceu para dar uma olhada mais de perto.

O caminho o levou em direção aos restos de vários dragões. Mesmo preservados pelo constante clima frio, o vento e outros elementos por fim consumiriam todos os traços reconhecíveis dos mortos. Algum dia, até aqueles já reduzidos a ossos não seriam mais reconhecidos pelas bestas orgulhosas e gigantescas que foram. Depois do que acontecera no templo, a decadência daquela cena o incomodou novamente, mas ele continuou a descer, apreensivo.

Então, afinal, ele sentiu o local exato de onde as emanções mágicas se originavam. Kalec se desviou naquela direção — e parou no ar, subitamente. Ficou tão atordoado pelo que viu que teve que se esforçar para não esquecer de continuar batendo as asas.

Talvez fosse o tamanho gigantesco que permitira ao esqueleto permanecer quase intacto depois de tanto tempo. Ainda assim, quase tão impressionante quanto sua dimensão incrível era o ângulo em que estava. A maioria dos outros restos congelados espalhavam-se pela região vasta e isolada como se os dragões tivessem ido dormir. Na verdade, eles haviam feito exatamente isso, pousando com a ajuda e conforto de outros de sua espécie e respirando pela última vez sem muito sofrimento.

Mas não aquela criatura colossal. Aquele leviatã morrera com violência.

E, no processo sangrento, muitos e muitos outros também.

O focinho partido revelava parte de uma mandíbula enorme que poderia engolir Kalec.

O maxilar inferior não estava em lugar nenhum por perto. Parte do pescoço estava torcida de uma maneira tão estranha que revelava o quão devastadora fora a colisão com o chão. O tronco também fora violentamente torcido, com a espinha arqueada em um ângulo inacreditável. As costelas semienterradas formavam um túnel largo que rivalizava em altura com as câmaras do templo.

Dentro daquela passagem macabra, Kalec localizou o ponto das emanções misteriosas. O dragão estremeceu, com medo. Então, o leviatã azul se fortaleceu e mergulhou entre os gigantescos ossos gelados.

Mergulhou entre os ossos do Pai dos Dragões... *Galakrond*.

2

ENTRE OS MORTOS



Kalec aterrissou dentro das costelas com certa trepidação. Sabia ser apenas imaginação, mas tinha a sensação de que os ossos poderiam pular e que Galakrond iria erguer-se para engoli-lo. O uivo do vento através dos ossos dava um toque sobrenatural, como se os espíritos de todos os dragões mortos ali tentassem alertá-lo sobre sua insensatez.

Mas o dragão azul continuava determinado pela curiosidade. Além disso, não tinha para onde voltar agora, exceto para mais problemas.

O cadáver de Galakrond afundara tanto no solo áspero que Kalec teve que se agachar quando se aproximou do local que buscava. Aquilo adicionava um toque claustrofóbico a uma situação já difícil, mas Kalec não se intimidou. Nunca sentira um sinal mágico tão forte e achava muito curioso que isso se desse próximo de um lugar que já visitara tantas vezes.

A princípio, pensou que talvez alguém houvesse lançado a mágica recentemente; afinal, os servos putrefatos do Flagelo morto-vivo passaram muito tempo escavando o esqueleto: seu líder tinha esperanças de animar os ossos e criar uma monstruosa serpe de gelo. No entanto, foram afugentados antes que pudessem cavar fundo demais e, pelo que Kalec sentira, o que procurava estava enterrado muito mais profundamente. Pensando nisso, o dragão azul percebeu que o que quer que fosse que o trouxera ali permanecera imperturbado por bastante tempo — talvez desde o tempo em que os restos tinham caído ali.

O dragão se concentrou e expirou. Uma esfera roxa se formou no ar e dirigiu-se suavemente para o local. Ao tocar o solo, uma leve névoa subiu. Sob a orientação de Kalec, o

globo mágico derreteu milhares de anos de gelo e se enterrou lentamente no chão abaixo.

Mas, pouco depois de atravessar a superfície, a esfera se desvaneceu. Apesar de todos os esforços do dragão azul para manter a mágica intacta, o globo finalmente dissipou-se ainda longe de seu alvo.

Olhando com frustração o buraco oco, o dragão esticou as patas da frente. Faixas arcanas de energia jorraram sobre o orifício, raspando a superfície. Como guiadas por mãos invisíveis, as faixas continuaram a raspar o local enquanto Kalec observava. Os olhos do dragão azul finalmente se estreitaram de satisfação quando o buraco cresceu.

Imagens passaram pela sua mente.

Um protodraco amarelado discutindo com outro laranja.

Um protodraco cinzento rindo austeramente.

Uma figura de manto e capuz — um humanoide com apenas um braço visível.

Um protodraco branco gritando e ressecando até se transformar em um esqueleto.

Outro dragão, com traços esmaecidos de verde, voando em direção a Kalec. A pele seca pendurava-se debilmente no osso apodrecido e os olhos da criatura eram de um branco opaco e sem vida... E, ainda assim, ele continuava em frente, pronto para atacar.

Com um rugido, Kalec cambaleou para trás. Caiu dentro da caixa torácica que, mantida no lugar por inúmeras camadas de gelo, não somente suportou o peso do dragão azul como o deixou atordoado pela colisão.

O que — O que acabou de acontecer? Kalec balançou a cabeça e olhou o buraco. Em algum momento, o segundo feitiço também se desvanecera, mas ele só se importava com as visões agora. Elas foram tão vívidas que o dragão azul sentiu como se estivesse lá participando daquelas breves cenas. Mas nenhuma das imagens fazia sentido, especialmente as duas últimas, absurdamente nefastas.

Balançando a cabeça novamente, o dragão azul investigou o buraco. Ele conseguia sentir a fonte das emanções muito próxima. Precisava cavar só um pouco mais fundo.

Em vez de arriscar um terceiro feitiço, Kalec se debruçou e começou a tirar sujeira e gelo com as garras. Cavar ainda demandava bastante esforço, mas ele fez um progresso respeitável. As emanções aumentaram, mas nenhuma visão o atacou.

Uma suave aura cor de lavanda subiu do buraco. O dragão azul hesitou. Quando nada mais aconteceu, cavou com cuidado ao redor.

A princípio, foi recompensado com mais sujeira, mas ao voltar a atenção para o centro, suas garras finalmente tocaram em algo mais que terra.

Com um toque delicado para sua forma reptiliana, o dragão pegou um pequeno objeto

octogonal feito de um metal que não conseguia identificar. Lembrava ouro, mas se segurado de maneira diferente, parecia ferro. Inclinado em outra direção, assumia o brilho branco do raro paládio.

E, durante todo o tempo, a aura lavanda o cercava... apesar de também parecer separada do objeto, como nuvens sobre um mundo minúsculo e de formato estranho.

Fascinado, o dragão azul procurou sondar o artefato misterioso. Ao tentar, a aura desvaneceu-se. Ele rapidamente parou a investigação, mas a aura não retornou. Na verdade, as emanções também cessaram.

O dragão rosnou e quase depôs o pequeno artefato. Mas resolveu segurá-lo firme. Refazendo o caminho, Kalec localizou o local onde a brecha entre as costelas era larga o suficiente para ele passar. Ao sair de dentro do esqueleto, a sensação incômoda de ser vigiado o atingiu. Ele olhou para a direita.

As órbitas vazias do Pai dos Dragões encontraram seu olhar.

Kalec deixou escapar um riso sombrio pela paranoia momentânea. Olhou o artefato mais uma vez para se certificar que o mantinha seguro, e então, alçou voo. Ao abandonar a desolação abaixo, o dragão azul respirou mais facilmente. Ele grunhiu e voltou a atenção para o Nexus. Lá ele poderia descobrir mais sobre o objeto que carregava. Os dragões azuis acumularam muitos conhecimentos arcanos durante os milênios de Malygos como Aspecto da Magia, e embora Kalec não tivesse mais esse título, ainda poderia explorar todo o conhecimento.

Ele não esquecera de que havia outras questões mais urgentes no momento, como a própria dissolução da revoada dragônica azul. O artefato era a desculpa perfeita para que ele não pensasse em seus recentes fracassos, da mesma maneira que assumir a função perigosa de Aspecto o permitira tentar esquecer Anveena.

O dragão azul fez uma careta e afastou tais pensamentos. Ele se recurvou. O Templo do Repouso das Serpes apareceu à vista por um breve instante. O dragão azul sibilou. Era uma relíquia do passado exatamente como a coisa em suas garras, mas ao contrário do artefato, havia perdido todo o interesse para Kalec. Estava tão morto para ele quanto os ossos dos quais acabara de sair.

E tão morto quanto o futuro que ele pensava que o aguardava como Aspecto.

O Nexus era mais que o reino do Tecelão de Feitiços e da revoada dragônica azul. Era um lugar de imenso poder mágico, uma coleção das forças de toda Azeroth. Apesar de sua aparência física ser de uma fortaleza envelhecida e gélida, o Nexus era uma formação

permeada de túneis e cavernas, e já fora resguardado por uma série intrincada e extensa de proteções que permitia apenas a entrada dos dragões azuis. No entanto, com as proteções esmaecendo, a desculpa de Kalec para voltar tinha mais mérito do que ele pensara a princípio.

A pouca distância, dois dragões azuis voavam pelo ar. Ambos iam para o sul, e Kalec não sabia se pretendiam retornar. Ele tentou não pensar sobre a partida deles. Kalec se atrasara para o encontro no Repouso das Serpes, mas não por ter que voar uma distância maior que a de Alexstrasza ou dos outros. O Nexus ficava na ilha congelada de Gelarra — localizada próxima ao noroeste da Tundra Boreana, a qual fazia parte de Nortúndria, o mesmo continente dos Ermos Dragônicos. De fato, a viagem fora relativamente curta. Kalec fora o último a chegar na Aliança por razões que acreditava que chocariam até mesmo os três lendários dragões.

Mas todos os pensamentos sobre *ela* ou a Aliança desapareceram quando Kalec entrou no perímetro de proteção do Nexus. Ele sentiu um leve formigamento ao passar pela rede invisível de feitiços. Por enquanto, eles continuavam a defesa, mas estavam ainda mais fracos que quando ele saíra para o encontro.

O dragão azul entrou na passagem que levava ao seu santuário. De novo, sentiu o toque breve e quase negligente dos feitiços ativos. Ele não sabia quanto tempo mais durariam. Não muito, achava.

Havia um som por perto. Outro macho cruzou seu caminho de repente. Kalec, sem esperar ninguém no Nexus, parou abruptamente.

— Salve, Tecelão dos Feitiços — disse o dragão mais velho, curvando a cabeça em saudação. O tamanho das passagens era tão grande que os dois conseguiam se encarar com facilidade, mas também passar um pelo outro se necessário.

Acenando com a cabeça, Kalec respondeu:

— Esse título já não me pertence, Jaracgos.

— Como preferir. Estou feliz com o seu retorno logo agora. Caso contrário, me sentiria extremamente culpado.

Ele tentou tirar da cabeça o que sabia que estava por vir.

— Jaracgos, você não...

— Por favor, preciso falar. — Apesar de mais velho, o outro dragão azul era menor que Kalec. — Eu segui lealmente o Tecelão de Feitiços durante toda a minha existência, seja aquele com o nome de Malygos ou você. Eu enfrentei batalhas violentas, segui em missões perigosas, e jamais me esquivei de qualquer obrigação...

— Eu sei. Você é um daqueles que sempre admirei. Você nunca procurou por glória. É algo que tento seguir.

O dragão mais velho limpou a garganta, fazendo um som que ecoou pela passagem rochosa. Ele olhou para baixo.

— Você só torna isso mais difícil. Kalec. Eu tenho conceitos que sempre quis perseguir, interesses na magia arcana que nunca tive chance de estudar. Para fazê-lo, devo viajar para longe...

— Você não precisa se sentir culpado por me dizer isso, Jaracgos — respondeu Kalec suavemente. — Eu respeito sua escolha e agradeço por vir até mim em vez de partir sem se despedir. Para ser honesto, pensei que quando você partiu mais cedo, nunca mais retornaria.

O outro dragão abaixou a cabeça com respeito.

— Eu *retornarei* um dia.

— Obrigado. Tenha uma boa viagem.

Abaixando a cabeça novamente, o segundo leviatã seguiu em frente. Kalec observou-o por um momento, e então continuou em silêncio em direção ao seu santuário. Ele tinha dúvidas sobre o retorno de Jaracgos. Afinal de contas, ele encorajara os dragões azuis a fazer o que desejassem, mesmo que significasse escolher um caminho que os levaria para muito longe do Nexus...

Não discuta, Neltharion!, soou uma voz sibilante na mente dele.

Eu não discuto! Eu luto!

Uma forte vertigem apoderou-se de Kalec enquanto as vozes misteriosas continuaram a discutir. Imagens começaram a juntar-se a elas. Um jovem dragão amarelado com certa semelhança a alguém que ele conhecia agora. Um pico alto o fez lembrar de outro ao leste, porém mais pontiagudo, menos polido pelo tempo.

Através da barreira de vozes misturadas e imagens reluzentes, ele ouviu uma fêmea azul o chamando. Sua voz era distante, indistinta, enquanto as outras cresciam e ficavam mais vívidas.

Um dragão rugiu... e enquanto Kalec perdia os sentidos, percebeu que fora ele.

A caçada fora boa. O mar gelado estava repleto de grandes criaturas cheias de carne e gordura suculentas. Alguns de sua espécie preferiam caçar ruminantes — e eles também forneciam um banquete muito bem-vindo —, mas Malygos gostava de procurar as formas quase invisíveis nas profundezas e planejar o momento certo de atacá-las ao chegarem perto da superfície. Gostava do desafio mental muito mais que os outros protodracos. Malygos

tinha um orgulho especial disso; significava que ele era muito mais esperto.

O protodracó dragão azul e branco marcou uma última presa. Abriu as asas decoradas com floco de gelo. Sua espécie em particular era mais adaptada a essa região do que a maioria. Outras “famílias” aventuravam-se por ali às vezes, mas a maioria tinha a tendência de ficar em climas mais quentes.

Hoje fora um dia daquelas visitas raras. A sombra passou zunindo por cima de Malygos, disparando com uma velocidade que seria difícil para ele igualar. Kalec olhou para o céu à procura do outro...

Kalec. Meu nome é Kalec, pensou uma parte de Malygos, assustado. O que — o que está acontecendo?

Ele quis dar a volta e correr de volta ao Nexus, mas seu corpo não o obedeceu. Em vez disso, subiu mais alto no céu, procurando o misterioso protodracó. Não era algo inédito membros de uma espécie atacarem os membros de outra. Dominância sempre foi um fator importante entre os protodracos.

Como eu sei disso?, perguntou Kalec, impotente. Onde estou?

O dragão azul não se recordava de nada depois de seu rugido agonizante. Aparentemente, estava inconsciente. Depois disso, não tinha explicação do porquê estaria ali, voando sobre as águas e vendo coisas através dos olhos de *Malygos*. Kalec também não entendia como sabia que o corpo era de seu predecessor ou mesmo como reconheceria que este era um Malygos muito jovem, de uma era antes da existência dos dragões verdadeiros, muito antes dos Grandes Aspectos.

Kalec/Malygos subiu pelas nuvens. O protodracó cheirou o ar, e Kalec conseguiu detectar a presença daquela outra criatura. O dragão azul podia sentir tudo, mas não podia se mover ou falar. Era como se fosse um fantasma que compartilhava a forma de Malygos, apesar da verdade ser ainda mais complicada. Este jovem Malygos era o espírito... e todo o mundo à sua volta também, suspeitava Kalec.

De repente, uma forma alaranjada passou zunindo, distraindo Malygos e Kalec. Uma protodracó fêmea hesitava, pairando a alguma distância do macho branco e azul.

— Sem luta! — rugiu ela. — Eu vim em paz!

Muitas coisas novas chocaram Kalec. Antes, pelo pouco que sabia sobre os protodracos, acreditava que eles não podiam falar. Presumira que fossem os ancestrais animais e primitivos de sua espécie e nada mais que isso.

Mas em algum ponto do caminho, alguns tinham atravessado para o outro lado...

A fêmea esperou ansiosamente por uma resposta. Kalec lembrou-se do protodracó

laranja de uma de suas visões e suspeitou que fosse o mesmo. Além disso, sentiu algo familiar nela.

— Sem luta — concordou Malygos, para o alívio dela e de Kalec. Ele percebeu que não estava surpreso com o fato de Malygos também poder falar, mas porque estivera dentro dele e vira seus pensamentos.

Este não era o Malygos que ele conhecia, mas mesmo esta versão menos sofisticada era perspicaz. Malygos procurou outras figuras cor-de-laranja pelo céu e, não encontrando nenhuma, assumiu uma posição dominante sobre a fêmea. Ela, por sua vez, não demonstrou inquietude com a decisão dele, seja por bom senso ou ingenuidade.

— Estou sozinha — acrescentou ela. — Procurando por outro. Um macho de minha espécie. Irmão de ninhada.

Irmão de ninhada. Kalec conhecia aquele termo. Os dragões da mesma ninhada de ovos eram considerados o mais perto possível de irmãos. Ele fora um de quatro, mas era o único sobrevivente agora. Ele presumira que protodracos tinham ninhadas maiores e, com isso, maiores chances de sobrevivência dos filhotes, mas era evidente que os laços familiares ainda existiam, pelo menos para aquela fêmea.

Malygos não hesitou.

— Não há mais ninguém de sua espécie aqui.

A fêmea pareceu desapontada.

— Não tenho mais onde procurar.

Kalec pressentiu a linha de pensamento de Malygos. Já que ela não era de sua espécie, o macho não tinha o menor interesse na fêmea, mas ele gostava de provar sua astúcia. Além disso, já que não estava nem com fome nem cansado no momento, a atividade o divertiria.

— Existem outros lugares. Ele caça?

Ela pensou um pouco.

— Ele gosta de encontrar lugares novos.

Isso atraiu Malygos, que também gostava de tal atividade.

— Já que ele não está aqui, deve estar ao sul. Há alguma trilha?

— Eu sei onde ele estava. Não sei aonde foi.

— Mostre-me.

Mas, quando a fêmea girou e Malygos começou a segui-la, o mundo de Kalec trepidou de uma maneira tão violenta que ele perdeu os sentidos. Quando sua mente clareou, viu que a dupla agora sobrevoava uma paisagem rochosa e mais quente.

— Onde estamos? — perguntou Malygos. — Seu irmão de ninhada estava aqui?

— Sim.

Mais uma vez Kalec ficou assombrado com a habilidade de conversar do protodracó, mas antes que pudesse pensar no assunto, um terceiro protodracó, cinzento, apareceu a oeste. A criatura cinzenta descobriu a dupla e disparou na direção deles imediatamente.

Malygos deixou escapar um rugido baixo. Kalec, que esperava outro encontro tranquilo, percebeu que os dois protodracos estavam a ponto de lutar.

— Nada de luta! — disse a fêmea. — Não somos inimigos!

— Que desperdício! — rosnou Malygos ao avançar para receber o recém-chegado. — Ele é um idiota! Não inteligente!

De repente, o cinzento escancarou a mandíbula. Um som estrondoso escapou. Kalec sofreu junto com Malygos quando a onda de choque o atingiu como um martelo, empurrando seu hospedeiro para trás numa espiral.

Sem hesitar, o dragão cinzento o perseguiu avidamente. Ao contrário dos dois primeiros protodracos, este era como Malygos dissera e semelhante àqueles com que Kalec era familiarizado — uma besta sem consciência.

Malygos conseguiu se endireitar a tempo. Ele soprou, e uma forte geada envolveu o dragão cinzento. O protodracó agressor girou, com as asas e cabeça congeladas, e então desceu, passando por Malygos.

Malygos mergulhou atrás, o que foi um erro. O dragão cinzento livrou-se dos efeitos da rajada do oponente e, ainda girando, atingiu acidentalmente o peito de Malygos com a cauda.

Kalec quis arfar junto com seu hospedeiro quando o ar foi arrancado do pulmão de Malygos. O protodracó dragão azul lutou para se manter no alto enquanto quase desmaiava. Kalec o encorajava inutilmente, mas também sentia a consciência escapar.

Então, um estouro de chamas acertou o dragão cinzento no rosto. O dragão rugiu de dor: o fogo o atingira perto dos olhos. Ele balançou a cabeça, cego.

Recuperando-se, Malygos lançou outra rajada de gelo no instante que uma segunda nuvem de fogo também foi disparada. Sob o ataque duplo, o dragão cinzento recuou. Continuou a rugir, de agonia e frustração, ao fugir da dupla.

Malygos olhou a fêmea, permitindo que Kalec fizesse o mesmo. Ela parecia aliviada e confusa.

— Ele estava amedrontado. Eu não queria lutar. Ele não nos deu escolha.

— Amedrontado? — bufou Malygos, e Kalec ficou intrigado com a explicação dela. Ele partilhava da péssima opinião de seu hospedeiro sobre o atacante. — Hmmm! Besta

estúpida! Não como eu! Não inteligente como Malygos!

— Você é inteligente, Malygos — concordou ela. — Mais inteligente que eu.

Apesar de Malygos aceitar as palavras dela como verdade, Kalec suspeitava que o protodracó alaranjado era muito mais inteligente do que revelara até agora.

— Eu sou inteligente — repetiu Malygos, orgulhoso do elogio. — Encontrarei seu irmão de ninhada, Alexstrasza.

Alexstrasza! Kalec contemplou a jovem fêmea pelos olhos de seu hospedeiro, finalmente reconhecendo os traços no rosto mais delicado e fino. Sim, era Alexstrasza, mas jovem demais para ele acreditar que fosse a Mãe da Vida. A dupla devia ter se apresentado em algum momento durante o período perdido entre as duas partes da visão enlouquecedora.

Curiosamente, ela apenas concorda com desinteresse e continuou a olhar na direção em que o adversário fugira.

— Tão amedrontado. Ele nos atacou por estar com medo. Mas de quê?

Sem ter notado aquilo, Malygos deu de ombros. De novo, Kalec compartilhou do desinteresse de seu predecessor. Só queria escapar daquela insanidade e se perguntava o que estava acontecendo com seu corpo.

Outra vertigem tomou conta dele. O dragão azul flutuou na escuridão por um instante e mais uma vez voltou, não para o Nexus, mas para outra visão do jovem Malygos.

Eles estavam no que parecia ser outra parte da mesma paisagem pedregosa. O céu estava tão nublado quanto o de Nortúndria.

Um uivo pesaroso soou do lado dele — de Malygos.

Malygos parecia saber o que significava, pois apesar da vontade de Kalec, seu hospedeiro não voltou-se de imediato na direção do grito. Foi apenas quando o uivo prosseguiu que ele finalmente olhou.

E então, Kalec viu Alexstrasza com o rosto voltado para o céu e chorando uma perda inestimável. O som era tão terrível que, se tivesse um corpo próprio, o dragão azul sabia que sentiria um calafrio subir e descer pelas costas.

As asas dela cobriam o chão como uma mortalha. Seu corpo tremia para frente e para trás e sua cauda arranhava o solo rochoso sem parar.

Como Malygos prometera, ela encontrara o irmão de ninhada... ou o que restara dele. Agora, Kalec desejou que seu hospedeiro se afastasse, mas ele olhava o cadáver com interesse crescente enquanto tentava entender sua morte.

O irmão de Alexstrasza perecera violentamente — o que era comum naquele mundo —

mas não havia simplesmente sido morto em duelo contra outro protodraco. Nenhum sopro que Kalec — ou Malygos — conhecia deixaria o cadáver em tal estado horrivelmente ressequido. O macho alaranjado não era nada além de uma massa enrugada de pele e osso.

E, o que era pior, sua face contorcida dava toda indicação que ele sofrera durante todo o processo.

Alexstrasza continuava em prantos. Malygos, no entanto, tremeu de repente. Uma sensação de inquietude apoderou-se dele, embora fosse claro para Kalec que seu hospedeiro não entendia o porquê de tal sentimento.

Uma sombra vasta encobrir a área. Ela sumira tão rápido quanto aparecera. Malygos subiu aos ares, girando para poder ver rapidamente em todas as direções. Mas a única coisa visível era a cobertura de nuvens espessas.

Não. Havia algo lá no alto, perceptível para Kalec por apenas um instante. Ele tentou incitar Malygos a olhar naquela direção.

Finalmente, ele olhou. Ao mesmo tempo, o que quer que fosse que espreitava no alto, lançou-se através da cobertura de nuvens.

Mas antes que Kalec conseguisse ver o que era, seu entorno virou um turbilhão caótico de vozes ininteligíveis, rugidos e imagens tão breves que ele não conseguira entender nenhuma.

E, então, a escuridão o engoliu mais uma vez.

3

PAI DOS DRAGÕES



Kalec? Kalec?

A voz dela foi a primeira coisa que cortou a escuridão e o fez acordar. Ele gaguejou o que devia ser o nome dela, embora os sons não fizessem sentido até para seus ouvidos. O ex-Aspecto abriu os olhos, esperando ainda estar deitado no túnel e vê-la curvada sobre ele. Não sabia qual das duas situações o envergonharia mais.

Mas, ao olhar em volta, descobriu-se sozinho... e não mais deitado na passagem. De alguma maneira, ele se transportara para a gigantesca caverna que era seu santuário. Mais estranho ainda, estava deitado no seu lugar favorito para dormir.

A questão de como chegara ali era de menor importância para o dragão azul. O mais importante era descobrir o que acontecera depois de desmaiar. Kalec não sabia quanto tempo ficara perdido, mas tinha uma boa ideia sobre a origem das visões alarmantes.

Esticando as garras enrijecidas, o dragão observou o artefato aparentemente insignificante. Soltou um xingamento ao olhá-lo e quase o atirou contra uma das paredes da caverna. Pensando melhor, o dragão azul foi para uma parte mais escura do santuário.

Kalec evocou parte daquela sombra. De dentro emergiu uma grande forma cúbica que se expandiu ante seus olhos, crescendo o bastante para conter um elfo noturno. Se a quisesse maior, poderia aumentá-la apenas com a mente. As prisões arcanas foram criadas para várias funções, além de servir como prisão, como o nome indicava. Esta era mais uma de muitas escondidas no Nexus, e Kalec a escolhera por ser mais vazia que a maioria.

O enorme cubo flutuava um pouco acima do chão com energia azul crepitando ao seu redor. Para um desavisado, dava a impressão de ser uma caixa grande feita de madeira e pedra e ladeada em cada canto por uma moldura metálica de bronze. Selos azul-escuros cobriam o centro dos quatros lados de cima a baixo e uma moldura escura cortava o cubo ao meio, como se a parte de cima e a de baixo fossem metades separadas e unidas pelos selos e molduras.

Ao comando silencioso do ex-Aspecto, os selos caíram e a moldura metálica desapareceu. Como uma tampa, a metade de cima abriu-se. Nem todas as prisões arcanas funcionavam dessa maneira; esta, projetada especificamente para armazenagem, também poderia ser aberta de várias outras maneiras, dependendo do que Kalec precisasse.

O dragão depositou o artefato lá dentro. Ficaria a salvo de olhos alheios e não seria mais capaz de macular seus pensamentos.

A prisão arcana desapareceu novamente, trancando-se. Respirando com alívio, Kalec lembrou-se da voz que o trouxera de volta da escuridão. Não fora a primeira vez que ela estendera-lhe a mão desde sua partida de Dalaran. Depois do último encontro dos dois, ela certamente presumira que ele entraria em contato de novo, mas o dragão azul encontrara muitos motivos para não fazê-lo, incluindo a certeza de que ela também o culpava por não encontrar a Íris.

Eles *não* podiam continuar com esse jogo, Kalec decidiu mais uma vez. Não havia caminho adiante que os dois pudessem trilhar juntos...

Ainda assim, a voz dela o tocou de novo. *Kalec... Kalec... fale comigo...* Ele queria ignorá-la, mas sua vontade fora enfraquecida pelas visões. Além disso, o dragão dizia para si mesmo que, como arquimaga — talvez a mais poderosa sem sangue de dragão correndo nas veias — ela poderia saber alguma coisa sobre a magia que criara algo como o que ele encontrara. Afinal de contas, Jaina o ajudara a detectar a Íris Focalizadora quando seus esforços falharam. Desde aquela caçada, ele a considerava muito mais astuta e adaptável que ele... O que o deixara ainda mais envergonhado de seus fracassos.

Quando ela o chamou de novo, Kalec finalmente replicou. *Estou aqui, Jaina.*

Ao responder, duas coisas aconteceram. Primeiro, uma fenda abriu-se no ar em frente a ele, no centro da qual se formou a imagem circular de uma câmara murada que ele sabia estar a centenas de metros de distância. Naquele instante, uma figura feminina começou a tomar forma.

Mas, antes mesmo disso acontecer, o próprio Kalec sofreu uma transformação. Ele encolheu, tornando-se apenas uma fração do seu tamanho original. O dragão postou-se nas

patas traseiras, que dobraram-se nos joelhos e ficaram iguais às pernas de um homem enquanto as patas dianteiras se transformaram em braços. As asas e cauda de Kalec enrugaram até desaparecerem por completo. Seu focinho se transformou em um rosto, que perdeu as escamas e o tom azul-escuro e se tornou pálido, mas tão bonito e jovem quanto o dos elfos.

Os indícios mais óbvios de seu verdadeiro eu eram o longo cabelo preto-azulado e as roupas de caçador que agora vestia, as quais também eram azuis e pretas. Ele se endireitou, mais confortável agora do que como dragão. Nesta forma, aprendera o que era *viver* de verdade, a entender o significado da felicidade... e da dor. Havia vários momentos em que Kalec desejava ter nascido a criatura humanoide que fingia ser agora.

Ao terminar a mutação, a figura também ficou completamente nítida. No entanto, a mulher na frente dele era exatamente o que parecia ser. Humana. Linda. Muito poderosa.

E ainda tão jovem, apesar de tudo o que fora forçada a passar. Kalec conseguia ver como os acontecimentos recentes colaboraram para endurecê-la, embora ela tentasse fingir que não mudara. Jaina Proudmore não pedira para ser a líder do Conselho dos Seis — o conselho dos teurgos que governavam o reino de Dalaran — mas fora a escolhida pelos outros poderes após a morte de seu predecessor, Rhonin. Jaina, filha do falecido, lendário — e, alguns diriam, infame — grão-almirante Daelin Proudmore, teve que equilibrar as obrigações do conselho com o governo da ilha de Theramore.

Tudo isso já teria sido demais para muitas criaturas — inclusive dragões — e, além disso, Jaina tivera que lidar com a própria participação na morte do pai e o fracasso em salvar Theramore da destruição sob as mãos brutais da Horda.

Nós somos dois iguais, pensou Kalec enquanto olhava para ela.

Ele mantinha a expressão neutra enquanto ela o observava. Por outro lado, Jaina sorria agradecida, como se ele houvesse lhe concedido um favor especial ao respondê-la. Isso só o fazia se sentir pior.

— Estava começando a me preocupar com você. — A voz dela era rica e melodiosa, pelo menos para Kalec, mas pesada por arrependimentos e dores passadas.

Ele maravilhava-se que ela tivesse os meios para continuar, apesar do sofrimento por todos os mortos em Theramore e do remorso sobre o que planejara fazer contra Orgrimmar com a Íris Focalizadora roubada. Claramente, essa também era a razão dele admirá-la e sentir uma conexão forte com ela.

— Agradeço a preocupação, Jaina, mas eu estou bem.

— Está? — Ela chegou mais perto, parecendo que ia tocá-lo. Seu olhar fitou Kalec, que

sentiu como se sua alma pudesse ser lida pela maga.

— Você não está dormindo bem. Posso ver isso. Está se esforçando demais. Todo esse trabalho pode esperar mais um pouco...

— Tem que ser feito — retrucou ele rapidamente.

Ele ficou tão surpreso quanto ela ao perceber a amargura óbvia que tingia suas palavras. Jaina se recuperou quase de imediato, substituindo a surpresa por compaixão. Ele ficou ainda mais constrangido.

— Como vai você? — perguntou ele para mudar de assunto. — Como anda o Kirin Tor?

Apesar de perceber a intenção dele, ela se deixou levar.

— Ainda lutamos para nos manter de pé, mas estamos conseguindo. Você sabe tão bem quanto eu como as coisas viraram de ponta-cabeça desde a sua última visita. Fui forçada a fazer algumas mudanças das quais não gosto, mas são necessárias.

Quando Jaina preferiu não comentar sobre aquelas mudanças, Kalec não a questionou. Queria muito ajudá-la, mas o que poderia fazer por ela se não conseguia ter sucesso em nada que tentava?

Talvez seja hora de terminar isso, decidiu o dragão. Talvez não possamos fazer nada um pelo outro...

A imagem da jovem Alexstrasza queimou em sua mente.

Kalec não conseguiu suprimir um engasgo e nem impedir o corpo de tremer. Infelizmente, Jaina notou ambos.

— Kalec! Você está doente...?

O rugido de um dragão — mais provavelmente de um protodracó — sufocou o resto das palavras dela. Ainda assim, o dragão azul conseguiu manter uma aparência de força para a maga. — Como você disse, não tenho descansado o suficiente. Peço desculpas por assustá-la.

Tentou soar indiferente, esperando que Jaina acreditasse que ele estava bem. Kalec não estava certo de estar pensando com clareza, mas tinha que esperar que sim, pois outros sons e imagens já começavam a incomodá-lo.

Jaina permaneceu onde estava. Sua expressão era indecifrável.

— Tem certeza que está tudo bem?

A imagem do cadáver de outro protodracó desviou sua atenção. Havia algo ainda mais perturbador naquele, mas a imagem desaparecera antes que Kalec pudesse entender o que o incomodava tanto. Os sons, principalmente as vozes, ficaram ensurdecedores.

— Sim! — gritou ele. — Desculpe-me! Preciso convocar um conselho!

Sem se importar mais se suas desculpas faziam sentido, Kalec dispensou a visão da maga. Jaina desvaneceu logo quando parecia a ponto de dizer alguma coisa. O ex-Aspecto tropeçou ao dirigir-se para o centro do santuário, já vacilando pela investida de vozes e imagens emaranhadas. Ele estava agradecido por nem Jaina nem ninguém da revoada poder vê-lo cambaleando.

O dragão azul caiu de joelhos. Ele conseguiu colocar uma das mãos contra o chão pedregoso — a mão agora parcialmente coberta de escamas e com longas unhas. Incapaz de se concentrar, o dragão se contorceu enquanto o corpo procurava um equilíbrio entre sua forma verdadeira e a humanoide em que se transformara para agradar Jaina. Sua boca e nariz alongaram-se e suas pernas pareceram gritar de dor quando os joelhos mudaram de posição. Uma coisa era mudar de uma forma para outra, mas continuar se transformando interruptamente era um sofrimento pelo qual ele nunca passara.

Era demais para ele aguentar. Kalec caiu no chão...

E, mais uma vez, voou pelos ares como parte do jovem Malygos.

O tempo mudara novamente. Alexstrasza não acompanhava Malygos agora, mas havia outros protodracos no céu, de pelo menos seis cores diferentes. Apesar de suas diferenças, eles não pareciam querer lutar entre si, mas Kalec suspeitava que isso poderia mudar a qualquer minuto.

Malygos irradiava agitação, o que por sua vez, passava para Kalec. Ele não sabia o que incomodava tanto Malygos. O protodraco escondera os pensamentos dessa vez, parecendo não querer lidar com eles.

Um dos motivos de haver tantos protodracos diferentes na mesma região ficou claro quando um rebanho de bestas enormes — uma espécie de caribu peludo e amarronzado — correu pelas colinas cobertas de relva logo abaixo. Dois protodracos já haviam mergulhado e arrebatado suas refeições, mas uma fêmea menor e amarelada calculara mal seu ataque e quase se espatifou no chão.

Ao subir, Alexstrasza juntou-se a ela, com um dos ruminantes pendurado nas garras. Ao contrário dos outros caçadores, a fêmea alaranjada mordera logo a artéria do pescoço do animal, matando-o instantaneamente. Kalec conseguia sentir o prazer de Malygos com tal tática; a maioria dos protodracos gostava de manter a presa viva e fresca até o último momento. Alexstrasza, por outro lado, parecia quase se sentir culpada até por ter que caçar.

Ela tentou oferecer a refeição para a fêmea menor — que precisava claramente de nutrientes — mas o protodraco amarelado ficou furioso com ela. Em vez de também se

zangar, Alexstrasza continuou a cuidar com paciência da companheira.

Mesmo nessa época, ela cuida dos indefesos, pensou Kalec com admiração, lembrando-se dela como o Aspecto da Vida. Nesse instante, tão jovem ainda, ela já revelava muito mais preocupação com os outros que a maioria.

Malygos perdera o interesse nas duas fêmeas, forçando Kalec a mudar de perspectiva para os outros caçadores. O protodracó ficou ligeiramente interessado na técnica de um macho marrom grosseiro. Os outros machos sobrevoavam o rebanho que corria e, então, de maneira intuitiva, mergulhavam sobre os animais no momento em que faziam uma curva aguda para desestabilizar os predadores alados. Mas não o macho marrom. Na verdade, ele parecia saber exatamente em qual ângulo e velocidade os ruminantes virariam. Enquanto mais de um caçador acabava somente com terra e grama nas garras, ele arrancava dois bocados apetitosos em rápida sucessão.

Malygos admirou a inteligência e o senso de oportunidade do outro, mas logo sua atenção mudou para dois caçadores que não conseguiram apanhar suas presas e agora silvavam e cuspiam um no outro. Nenhum dos dois falava. Como o macho dragão cinzento que Kalec e seu hospedeiro encontraram anteriormente, esses protodracos não eram melhores que os gatos selvagens e lobos que habitavam outras partes do mundo. Malygos observava a luta com desdém, e o dragão azul se perguntou mais uma vez porque alguns protodracos progrediram e ganharam consciência enquanto outros não.

Outros protodracos também assistiam à briga enquanto devoravam suas refeições, alguns claramente inteligentes e outros como bestas, temendo que os lutadores tentassem roubar sua comida a seguir. Um macho dragão azul-esverdeado escarneceu da dupla, e então encarou Malygos ao perceber que o hospedeiro de Kalec olhava para ele.

Coros. Kalec lembrou-se do nome como se ele mesmo conhecesse o outro macho. Malygos certamente o conhecia, e a inimizade entre eles era clara. Coros silvou para seu rival e enfiou o focinho na presa ainda fresca. O macho dragão azul-esverdeado rasgou uma grande porção de carne sangrenta e a mastigou sem tirar os olhos de Malygos, como se a carne fosse um pedaço da garganta do outro.

Kalec sentiu que Malygos considerava lutar com Coros, mas o perigoso pensamento foi interrompido pela chegada da fêmea amarelada perto dele. Ela bufou de frustração quando Alexstrasza, ainda segurando a carcaça, pousou ao lado dela e em frente ao hospedeiro do dragão azul.

— Meu irmão... — começou o protodracó menor. — Minha irmã disse que você o encontrou.

Tanto Malygos quanto Kalec ficaram surpresos ao descobrir que ela era irmã de Alexstrasza. As cores eram diferentes, embora o tom amarelado dela também não fosse parecido com o das duas outras famílias que Kalec sabia existirem graças a Malygos. A única semelhança entre as fêmeas era sua pele delicada como cristal, tão diferente da típica pele curtida da maioria dos protodracos.

— Éramos três na ninhada. Três que poderiam sobreviver. Agora, apenas duas.

Malygos baixou a cabeça em compreensão. Para os protodracos, uma ninhada sobrevivente de apenas três ovos significava um mau presságio para a família. Em muitas famílias de protodracos saudáveis, uma cria doentia como a fêmea amarelada seria morta durante a incubação.

Ela pareceu esperar uma resposta mais elaborada dele, que finalmente disse:

— Seu irmão de ninhada. A morte dele foi estranha.

Certamente, não era assim que Kalec responderia se estivesse no lugar dele, mas a irmã de Alexstrasza ficou satisfeita.

— Sim! Foi muito estranho! Como ele morreu?

— Eu não sei.

A fêmea menor se aproximou.

— Havia outro...

— Não, Ysera! — interrompeu Alexstrasza rispidamente. — Nós concordamos que...

Kalec não prestou atenção ao que ela disse depois, pois aproveitou a visão de Malygos para fitar deslumbrado mais um membro dos Grandes Aspectos. Conhecendo a Ysera atual — Ysera, a Desperta — não conseguia imaginar como esta criatura tão fraca pôde se tornar uma das forças mais poderosas de toda Azeroth.

Estalidos e chiados chamaram a atenção de Kalec de volta ao que seu hospedeiro estava presenciando. Alexstrasza e Ysera, com os pescoços dobrados para trás, moviam-se como se estivessem prestes a lutar. Ambas mostravam as garras e os dentes afiados ao máximo, até Ysera, provando ser capaz de parecer incrivelmente ameaçadora. Várias vezes as cabeças das duas avançaram para frente, mas se afastavam logo em seguida.

Kalec conhecia esse tipo de confronto em sua própria espécie e geralmente conseguia reconhecer o que era de verdade e o que era só bravata, mas era difícil dizer no caso das irmãs. As mandíbulas das duas saltavam perigosamente perto da garganta uma da outra e com as garras arranharam-se mais de uma vez.

E, então... um som mais alto que o trovão paralisou não somente as irmãs, mas todos os protodracos na área.

O som irrompeu novamente, balançando as cordilheiras rochosas em que Malygos e muitos caçadores se empoleiravam. Muitos protodracos se intimidaram, e Kalec sentiu que mesmo Malygos lutou para não se prostrar ao chão.

Foi somente naquele momento que o dragão azul percebeu que o barulho inacreditável fora um gigantesco *rugido*.

Uma região ampla do céu nublado se dissipou com uma rapidez espantosa. A velocidade com que as nuvens se espalharam revelou uma visão capaz de atemorizar não somente um protodraco, mas até mesmo o dragão mais poderoso.

Deveria ser um protodraco, mas tão imenso que dragão nenhum poderia se comparar. Kalec só conseguia pensar em uma criatura equivalente... e isso seria comparar Galakrond com ele mesmo.

Apesar de Kalec nunca ter visto o gigantesco Galakrond pessoalmente, a remota possibilidade de ele não reconhecer o ser titânico fora eliminada pela repetição de seu nome inúmeras vezes na mente de Malygos. Além disso, quando seu hospedeiro desviara o olhar do Pai dos Dragões para os outros protodracos, o dragão azul vira que nenhum caçador continuava no céu. Galakrond comandava o mundo superior agora, e nenhum protodraco era tolo o suficiente para desafiar seu reinado.

Ele investiu para baixo, cobrindo a região inteira em questão de segundos. O voo de Galakrond provocou um vento violento que desequilibrou vários protodracos e mandou mais de uma refeição para o fundo do desfiladeiro. O rugido dele fez o chão tremer a metros de distância, forçando Malygos e as irmãs a se segurarem firmes em seus poleiros.

Para uma criatura tão colossal, Galakrond movia-se com uma agilidade notável. Mais uma vez, ele passou pelo rebanho em pânico, mas dessa vez com intenção. Galakrond agarrou dois caribus em cada uma das enormes patas traseiras, apanhou outro na mandíbula gigantesca, e então levantou a cabeça. O ruminante desapareceu dentro de sua garganta e, a seguir, os dois que estavam pendurados em sua pata esquerda. Quando Galakrond se endireitou no ar, todas as cinco presas já estavam a caminho de seu estômago.

Mas cinco não eram suficientes. Ele se voltou e arremeteu em direção à caça dispersa. Dessa vez, no entanto, ele recuou de repente. Confuso, Kalec viu como o curvar das asas amplas durante a freada causou um vendaval que fez dúzias de animais rolarem incontrolavelmente.

Antes que os caribus conseguissem ficar de pé, Galakrond os agarrou. Com no mínimo oito presas, o Pai dos Dragões desapareceu entre as nuvens.

Após minutos da partida de Galakrond, alguns protodracos ousaram se mover. A caça

não foi reiniciada; os caribus estavam tão completamente espalhados que a perseguição demandaria muito esforço e, além disso, a maioria dos protodracos ainda estava muito assustada com a aparição surpreendente de Galakrond. Alguns alçaram voo e foram para lugares mais calmos. Outros continuaram subjugados.

O Pai dos Dragões... Kalec ainda não conseguia acreditar na visão estonteante. Ser capaz de ver Galakrond vivo era algo que ele nunca poderia imaginar.

O dragão azul sabia pouca coisa sobre Galakrond, além do fato de ele ser um dos maiores seres a habitar Azeroth e que representara a mudança de protodracos para verdadeiros dragões. Ele não fora de fato o pai de todos os dragões — este era um mito espalhado há milênios —, mas depois dele vieram os cinco Aspectos e suas respectivas revoadas. Os protodracos desapareceram logo depois disso.

Havia outras lendas sobre Galakrond, mas Kalec compreendia que somente seus três semelhantes sabiam a verdade. Ele nunca pensara em perguntar a eles sobre o Pai dos Dragões, mas agora gostaria de fazê-lo.

De repente, o assombro momentâneo de Kalec foi substituído pela raiva e frustração — e preocupação crescente — por ainda estar preso nas visões ancestrais. Cada uma parecia mais real, como se sua época fosse fantasia e este tempo agora fosse o presente.

Ele tentou se concentrar e voltar para seu santuário, mas nada mudou. Continuou a ser um fantasma insignificante e despercebido aprisionado no corpo de Malygos. Nem mesmo Alexstrasza ou Ysera — que no futuro possuiriam habilidades que as fariam sentir sua presença — olharam com alguma curiosidade para o macho ao lado.

Eu me libertarei! Kalec rugiu abruptamente, mas seu rugido não foi ouvido por ninguém mais além dele mesmo. Desprovido de garganta — e corpo — ele se sentia como uma lembrança que ninguém mais tinha.

Uma risada encheu seus ouvidos — os de Malygos. Kalec pensou que alguém estivesse zombando dele, mas a risada era destinada aos outros protodracos, dada por um macho dragão cinzento um pouco maior que a maioria e que desdenhava dos outros.

— Seus bebezinhos! — berrou ele. — Com medo do céu! Com medo do chão! Galakrond ri de vocês por serem tão medrosos, e eu, Neltharion, também!

Alguns protodracos silvaram para o macho dragão cinzento, mas ninguém o desafiou. Pelos olhares, sabiam que o outro era forte e capaz de sustentar a provocação. Até os protodracos não muito mais inteligentes que suas caças pareciam saber que era melhor não lutar...

Neltharion? Ele finalmente reconheceu o nome. Kalec tentou em vão tomar controle do

corpo de Malygos quando o recém-chegado, ainda rindo, voou para longe. Enquanto a imagem de Galakrond fora lendária, surpreendente e perturbadora, esse macho dragão cinzento representava um perigo para o futuro de toda vida em Azeroth. Se havia uma criatura mais maligna que Neltharion, Kalec não a conhecia.

É claro que, na época do dragão azul, o macho dragão cinzento ficaria mais conhecido pelo título mais apropriado de... *Asa da Morte*.

4

ALIADOS IMPROVÁVEIS



Azeroth sofrera com muitas épocas e ameaças terríveis, com os demônios da Legião Ardente e a Cisão sendo as mais devastadoras. Ainda assim, para os dragões e muitos outros habitantes daquele mundo não houvera perigo maior que o Aspecto enlouquecido. Desde a Guerra dos Antigos, dez mil anos atrás, até tempos recentes, aquele que fora o Guardião da Terra perseguira a destruição de todas as coisas.

Asa da Morte estava morto agora, graças a um sacrifício tremendo, mas Kalec, capaz de ver Neltharion voar pelas nuvens através dos olhos de Malygos, perguntava-se como Azeroth seria se ele nunca houvesse existido.

Siga-o! — o dragão azul incitava Malygos, sem sucesso. *Siga-o e termine o terror antes que comece!*

Seu hospedeiro não fez nada. Perdera o interesse não apenas em Neltharion, mas em todo o resto ao seu redor. Sem se despedir de Alexstrasza ou Ysera, saltou aos ares e se dirigiu ao norte. Alguns protodracos por perto silvaram quando ele passou, mas o macho dragão azul os ignorou. Já comera o suficiente e só queria deitar-se em sua caverna distante para digerir a comida enquanto dormia. O fato de Kalec não querer fazer o mesmo não tinha a menor relevância para o protodraco.

Mas, de repente, alguma coisa colidiu com Malygos. Ele rolou pelos céus, então começou a despencar. Ao lutar para recuperar o controle, ele e Kalec avistaram a causa do problema.

Coros e o outro macho de mesmo tom mergulharam para atacar. Malygos conseguiu desacelerar a queda, mas não se equilibrar. Coros e o parceiro silvaram avidamente ao se aproximarem.

Malygos abriu a boca e lançou uma rajada de pingentes de gelo. Coros desviou-se deles, mas o outro protodracó não conseguiu evitar o ataque. Os pingentes cortaram uma das asas.

Mais uma vez, Malygos foi atingido quando um terceiro adversário entrou no combate. Kalec, observando a tudo, impotente, imaginou que Coros planejara esse ataque antes da aparição de Galakrond. Dos pensamentos dispersos de Malygos, o dragão azul recolheu pedaços de uma antiga rivalidade sobre território, caça e qual dos dois era mais astuto. Naquele exato instante, parecia que Coros tinha a vantagem no último quesito.

Coros soprou, e uma espécie de teia de fumaça envolveu Malygos. O macho dragão azul lutou para respirar quando a fumaça penetrava por seu focinho e boca.

Apesar dos ferimentos, o primeiro parceiro de Coros voltou para a luta. Com uma expressão animada, o protodracó abriu a boca ao ir de encontro à garganta de Malygos.

Um trovão soou... ou o que parecia ser o som de um trovão. O atacante ferido de Malygos caiu como se atingido por milhares de martelos enânicos.

Uma risada calorosa seguiu-se ao som dissonante. Kalec viu um borrão cinzento cruzar o caminho de Malygos e colidir com Coros.

— Você quer uma luta? Lute comigo! — berrou Neltharion ao agarrar o rival do protodracó.

Aquele era um adversário que Coros não esperava, mas ele não recuou. Abriu bem a bocarra... e Neltharion golpeou a mandíbula do dragão azul-esverdeado, fechando-a no momento crítico.

Coros se afastou de seu oponente. O macho dragão azul-esverdeado colocou as garras na boca, arrancando escamas e pele até conseguir abri-la novamente. O golpe de Neltharion fizera o sopro do outro protodracó voltar-se contra ele mesmo de uma maneira que causou admiração em Malygos e Kalec.

No entanto, o divertimento do dragão cinzento com seu próprio sucesso o deixou desprevenido para o terceiro atacante. O dragão azul-esverdeado remanescente pousou acima de Neltharion, envolvendo sua garganta com as patas traseiras. Ao mesmo tempo, tentava morder uma das asas do oponente.

Um segundo depois, Malygos, que já conseguira se recuperar, libertou Neltharion das garras de seu adversário. Ele rasgou as asas e pescoço do outro protodracó com dois golpes fortes. O sangue respingou em seu focinho enquanto despedaçava o alvo.

Uma asa bateu loucamente e acertou Malygos no rosto. O golpe o deixou espantado e ele afrouxou a pata. Seu adversário aproveitou o momento para se libertar e, em vez de voltar para a luta, o leviatã ferido bateu em retirada o mais rápido que pôde.

O outro atacante disparou para longe de Malygos. Era tarde demais quando Kalec e seu hospedeiro reconheceram o vulto como Coros. Do último integrante do trio não havia sinal.

— Rápido demais! Covardes! Voltem! Venham lutar! — rugiu Neltharion para as duas figuras ao longe.

Apesar da vitória clara, Malygos não parecia tentado a causar mais dano ao seu velho rival. Ele observou em silêncio o dragão cinzento provocar os perdedores até que estivessem longe do alcance.

Finalmente, Neltharion virou-se para encarar Malygos.

— Você luta bem! Não tão bem quanto Galakrond ou como eu, mas bem!

Malygos assentiu.

— Você luta muito bem. Malygos agradece.

A tentativa de gratidão foi recebida com uma risada amável.

— Não! Obrigado a você! Foi uma boa luta!

Malygos não fugia de uma batalha, mas, ao contrário de Neltharion, não a saboreava. Dentro dele, Kalec permanecia dividido entre o alívio por Neltharion vir ajudá-los e a ansiedade por reencontrar o futuro Asa da Morte.

— Uma boa luta, sim. — concordou o protodracô dragão azul.

— Somos irmãos de sangue! — continuou Neltharion, se aproximando. — E mais inteligentes que os outros, também!

O outro protodracô não discordou. Mesmo com toda a fanfarronice, o dragão cinzento era inteligente. Malygos mudou a conversa para outro assunto mencionado por Neltharion.

— Galakrond. Ele nunca caça aqui. Por que agora? Você sabe?

— Ah! Galakrond caça onde quiser! — Mas, depois de dizer isso, ele parou para pensar e acrescentou: — Mais comida. Sim, há mais comida aqui.

— Mais comida — concordou Malygos. Um pensamento horripilante ocorreu ao protodracô: — Nossa comida!

Neltharion entendeu imediatamente.

— Nossa comida... isso é ruim.

— Muito ruim. — Alguma coisa em uma das colinas ao redor chamou a atenção de Malygos. Ele olhou em volta rapidamente, permitindo que Kalec fizesse o mesmo.

— Eles voltaram? — perguntou o dragão cinzento, referindo-se a Coros e aos outros

dois.

— Não. — Malygos continuou distraído com o que vira, mas seus pensamentos estavam obscuros para o dragão azul. O protodracó voou em direção às colinas, com um curioso Neltharion atrás dele. Eles chegaram em poucos segundos, depois do que Malygos começou a sondar a região.

— Nada por aqui. — concluiu Neltharion muito antes de seu companheiro ficar satisfeito. — Nenhum inimigo para lutar. Uma pena.

— Nenhum inimigo — concordou Malygos, relutante. — Eu...

Novamente, o futuro Aspecto notou alguma coisa com o canto do olho. Dessa vez, ele reagiu ainda mais rápido.

— Alguma coisa? — perguntou o dragão cinzento, com interesse crescente.

Malygos piscou. Kalec não conseguia ver nada através de seu hospedeiro, mas o sentia tenso, como se Malygos tivesse visto algo.

Uma sensibilidade tão poderosa...

As palavras não eram de Kalec. E tampouco eram os pensamentos de Malygos.

Embora soubesse muito bem que não tinha vontade própria no momento, Kalec não conseguiu evitar arquejar com a surpresa da descoberta. Para ele, uma parte da paisagem se *moveu*, uma ondulação pouco maior que um homem alto. Ela se moveu apenas uma pequena distância para o lado e tão lentamente como se vigiasse o que aconteceria. Para a maioria, era imperceptível, e Neltharion era prova disso. Ele bufou e olhou para outro lugar enquanto esperava Malygos terminar.

Olhe ali! Olhe ali! — exigiu Kalec sem sucesso, e ficou claro que Malygos não vira o mesmo que ele. O protodracó finalmente desistiu, voltando-se para Neltharion...

Naquele exato instante, Kalec — não seu hospedeiro — viu o que os observava.

E então o mundo começou a girar loucamente. Kalec ficou aturdido em um redemoinho escuro. Ele não tinha em que se segurar — física ou mentalmente. O dragão azul caiu em um buraco sem fundo...

E acordou no chão de seu santuário, com o corpo — ainda contorcido, metade dragão, metade elfo — coberto de suor.

Grunhindo, o dragão azul se arrastou até uma parede próxima. Ao se aproximar, uma pequena fonte de água prateada surgiu do nada. Ela se direcionou para o dragão em lenta transformação, que abriu a boca e engoliu a água fresca. Enquanto o líquido mágico descia por sua garganta, a mente de Kalec começou a se reorganizar.

Seu primeiro pensamento não foi sobre o que vira naquele último momento, mas sobre

a ruína completa de sua vida. Conseguindo se levantar, o dragão azul voltou ao lugar secreto onde colocara o artefato.

Não para sua surpresa, ele brilhava como da primeira vez quando o achara nos ermos. O brilho desvaneceu imediatamente, mas Kalec não era tolo. O artefato estava ativo e era provável que estivesse desde que ele pressentira sua existência.

O dragão azul não mais se importava com qual propósito o artefato fora criado. Ele só queria destruí-lo ou enviá-lo para um lugar muito longe.

Consciente do desastre em potencial ao lidar com *qualquer* objeto mágico, Kalec escolheu a última opção. Imaginou um lugar desconhecido para a maioria e usou um feitiço para enviar o objeto amaldiçoado para lá.

Uma enorme onda de alívio o dominou. O dragão azul caiu para trás, grato pela paz do momento.

Sem querer, ele voltou a pensar na essência de suas visões. Malygos, Alexstrasza, Ysera e Neltharion. Quatro daqueles que mudariam Azeroth para sempre como Aspectos. Kalec presumiu que, em algum momento das visões, um jovem Nozdormu também aparecera. A parte analítica dele se perguntava o que as visões poderiam significar; já a parte emocional não queria nem saber delas. Cada visão ardia fundo na mente do dragão azul. Kalec temia que caso elas continuassem, poderiam acabar com sua sanidade.

Ele voltou para a fonte mágica, uma criação sua que provava agora ser extremamente benéfica. Finalmente saciado, forçou-se a esquecer das visões. Tinha preocupações mais importantes e urgentes...

Uma coisa terrível surgiu diante dele, um dragão cadavérico com olhos embranquecidos e fundos e pele enrugada. Com a língua apodrecida pendendo para o lado, ele arremetia na direção de Kalec...

Até desaparecer.

Kalec tremeu. Seu coração batia descompassado. O fedor de decomposição ainda perdurava em suas narinas, embora percebesse que o que vira não estivera realmente na sua frente, mas fora um produto de sua imaginação. A visão horripilante conseguira deixar o dragão angustiado, o que era bastante difícil ocorrer com sua espécie. Kalec não conseguia abandonar a sensação de sentir o *cheiro* da aparição, apesar disso ser impossível...

Ao se acalmar, o primeiro pensamento de Kalec foi sobre o artefato, mas ele estava a centenas de metros de distância. Não conseguia acreditar que aquilo pudesse afetá-lo de tão longe. Ainda assim, quanto mais se recordava de vislumbres da ilusão macabra, mais encontrava indícios que a conectavam ao artefato. A aparição não fora de um dragão, mas de

um protodracos cujo tamanho fora imaginado por Kalec... e o dragão azul nunca pensara em protodracos até encontrar aquela coisa maldita sob os ossos congelados de Galakrond.

Galakrond...

Vozes elevaram-se ao redor de Kalec, mas ele soube imediatamente que elas vinham dele mesmo e não de uma fonte externa.

Esta coisa está morta! Ela não pode lutar!

O dragão azul rugiu, e o berro ecoou pelo santuário. Mas o rugido não foi capaz de diminuir o som das vozes. O dragão circulava em volta do aposento, em desespero, a cauda bateu contra uma parede com tanta força que rachou a pedra.

— Eu não vou ouvir! Não me renderei!

Tantos mortos...

Não podemos lutar...

Deve ser feito, não importa o sacrifício.

A última voz abafou as outras. Com ela, veio outra manifestação da mente de Kalec, tão real que ele pensou novamente que se postava em frente a ele.

A figura de manto e capuz.

O fantasma desapareceu na escuridão. Kalec continuou parado, com medo de se mover e aquela loucura recomeçar. Após algum tempo, ele respirou fundo e se concentrou. Só conseguia pensar em um recurso.

Ele teria que procurar Alexstrasza de novo.

Para a maioria, a tarefa de encontrar aquela que fora a Mãe da Vida seria desafiadora. Alexstrasza não permanecia no mesmo lugar por muito tempo, talvez porque se o fizesse começaria a pensar demais sobre tudo o que fora perdido. Kalec entendia que ela aceitara o fato de que os dragões não eram mais uma raça viável, que os últimos ovos tinham sido chocados e que, dali em diante, haveria cada vez menos dragões.

No entanto, talvez devido a algum laço persistente de suas funções como Aspectos ou simplesmente porque ele a entendia melhor do que imaginava, Kalec a localizou após poucas pistas falsas. Voou baixo sobre a floresta, finalmente assumindo a forma humanoide a uma boa distância de seu alvo. Ele se transformou não para surpreendê-la, mas para não assustar os habitantes da vila humana que vira ao longe.

As gargalhadas das crianças o alcançaram antes de ele encontrá-la. O dragão azul viu os quatro meninos brincando entre as árvores perto dos limites da vila. O jogo de esconde-esconde parecia bastante dinâmico, pois aquele que procurava trocava a cada minuto.

Uma voz masculina chamou as crianças de volta à aldeia. Havia sempre o perigo de lobos ou outras ameaças, apesar daquela terra parecer razoavelmente pacífica em comparação a muitas outras no mundo modificado. Além disso, levando em consideração as duas figuras que estavam por perto agora, as crianças e a aldeia estavam a salvo de quase tudo no momento.

— Elas parecem muito felizes — comentou Kalec.

Uma parte da árvore à esquerda se separou. A camuflagem de casca sumiu, revelando uma bela mulher vestida com uma armadura justa de ouro e carmesim. Ela pairou sobre Kalec, parecendo pertencer a uma espécie muito mais magnífica e misteriosa de elfos. Seu manto também carmesim flutuou ao se aproximar dele.

— Eles são tão jovens — murmurou ela, com os olhos vermelhos lúgubres. — Possuem tanta vitalidade. Entendo porque Korialstrasz gostava tanto dessa espécie em particular.

Kalec baixou a cabeça em memória ao mais lendário consorte de Alexstrasza, embora a relação dele com Korialstrasz — que também trabalhara entre as raças mais jovens na forma do mago Krasus — tivesse sido tempestuosa, para dizer o mínimo. Eles tinham chegado a um entendimento muito antes da morte do macho vermelho, mas o dragão azul sentia-se um pouco culpado sobre a velha cisma sempre que Alexstrasza mencionava o querido parceiro.

— Os humanos guardam em si muita esperança, mas também são uma ameaça — respondeu finalmente. — O Lich Rei foi outrora humano.

— Assim como muitos daqueles que lutaram bravamente contra ele. — Ela voltou o olhar para a aldeia. — Você queria alguma coisa?

De repente Kalec se sentiu muito jovem, quase tão jovem quanto as crianças que ambos estiveram observando.

— Eu queria... Eu queria lhe perguntar algumas coisas quando nos reunimos no Repouso das Serpes, mas o encontro acabou tão abruptamente...

Alexstrasza olhou para ele.

— Eu sinto muitíssimo. Nós não o tratamos com o devido respeito. O momento simplesmente nos assoberbou. Mas isso não é desculpa. Nós fomos negligentes.

— Eu tenho consciência de que vocês três partilham algo que eu mal posso imaginar. Continuo honrado por ter sido escolhido, mesmo que por pouco tempo. — Kalec respirou fundo. — Alexstrasza, após vocês deixarem o Repouso das Serpes, encontrei um artefato de natureza perturbadora. Preciso da sua ajuda...

— “Ajuda”? — Pela primeira vez ela pareceu incomodada com a presença dele. — Meu conselho não lhe valerá muita coisa, Kalec. Acho que você, sendo de cor azul, estaria mais

capacitado para decifrar o propósito e desenho de um artefato que eu. Na verdade...

As crianças apareceram de novo. Elas permaneceram dentro dos limites da aldeia, mas a brincadeira ainda era visível o suficiente para chamar a atenção de Alexstrasza. Ela bateu as mãos de contentamento quando uma menininha parou de correr para abraçar o irmão mais velho.

Kalec começou a falar, mas reparou como o sorriso dela era tenso. Ele visualizou todas as vidas perdidas, especialmente aquelas tão jovens quanto as crianças, e como tudo aquilo afetara o ex-Aspecto. A própria Alexstrasza sofrera mais que os outros. Os seus ovos foram todos destruídos por Korialstrasz — que sacrificou a si mesmo no processo — para impedir sua transformação em monstruosos dragões do crepúsculo e sua habilidade de pôr mais ovos terminara para sempre. Além disso, ela vivia consciente de que as outras revoadas também sofreram. Ela podia ter aceitado a perda de seus poderes, mas não a perda do futuro de sua espécie. Afinal de contas, ela havia sido a Mãe da Vida.

Recuando, Kalec deixou Alexstrasza continuar a observar as crianças. Não conseguia discutir os acontecimentos com ela. Em silêncio, o dragão azul avançou pela floresta, esperando até ficar bem distante para não assustar os humanos antes de retomar sua forma verdadeira e voar para longe.

Pela segunda vez, sua esperança de ser compreendido e ajudado por um dos dragões mais velhos fracassara. Alexstrasza até mesmo se afastara intencionalmente quando ele mencionou a descoberta misteriosa. Sim, como dragão azul, ele estava mais em harmonia com todas as facetas da magia, mas a experiência dela poderia ser valiosa.

Ela — eles — se retiraram do mundo, percebeu ele. Aceitaram a perda dos poderes, assim como eu, mas agora não se veem como parte do futuro de Azeroth... Kalec mal podia imaginar como Alexstrasza e os outros, com milênios pesando sobre eles, se sentiam...

Morto! Está morto! Não deveria lutar!

Outro! Cuidado! Outro...

Uma vertigem intensa tomou conta dele novamente. O dragão azul tropeçou, caindo pesadamente. Ele colidiu com várias copas de árvores antes de conseguir se equilibrar.

As vozes diminuíram de volume. Kalec, exausto pela luta, pousou com dificuldade e desmaiou.

Ele acordou depois do que pareceram ser apenas alguns segundos. As vozes desapareceram por completo e nenhuma visão o atacou. Kalec levantou-se agradecido, olhando em volta para tentar reconhecer onde estava.

Os olhos brilhantes do dragão arregalaram-se em choque. Ele não estava mais perto da

região onde deixara Alexstrasza. As árvores ao seu redor eram mais esparsas e um desfiladeiro sinuoso espalhava-se por quilômetros ao norte. Este lugar desconhecido estava longe de qualquer área civilizada, seja da Aliança ou da Horda. Era possível que poucos o conhecessem, mas dentre eles, Kalec suspeitava que conhecia a região melhor que ninguém.

Alguma força transportara Kalec por toda Azeroth... e o dragão azul não precisou procurar muito pelo artefato amaldiçoado, que estava a poucos metros dele, brilhando ameaçadoramente.

5

GALAKROND



O dragão azul soprou furioso para o artefato, envolvendo-o numa camada de gelo. Ele desceu a pata pesada sobre a relíquia que agora cintilava. Mesmo um metal forte — tornado quebradiço pelo frio mágico — se estilhaçaria com facilidade, mas o estranho nêmesis de Kalec conservava todas as características de sua essência, deixando o dragão com a pata dolorida.

— Você não será meu mestre! — rugiu o dragão azul, sem se importar se alguém ouvisse o eco de sua voz. — Amaldiçoe outro, brinquedo diabólico!

A relíquia octogonal brilhou ainda mais. Esperando pelo pior, Kalec afastou-se de imediato.

Nada aconteceu. O dragão azul colocou a pata sobre a peça, mas ainda assim o artefato não fez nada. Entretanto, não conseguia evitar a sensação de que o objeto misterioso se insinuava cada vez mais fundo não somente em sua mente, mas também na *alma* que um ser de sua espécie pudesse ter.

Pegando a relíquia, Kalec se preparou para jogá-la no fundo do vale. Mas, ao erguer o braço, o membro ardeu de dor. Aliás, somente agora o dragão azul percebia a tensão e pressão por todo o corpo. Ele se sentia como se houvesse voado por meio mundo...

Voador...

Testando as asas, Kalec descobriu que elas também moviam-se dolorosamente. A raiva do leviatã se reacendeu. Foram *sua* própria mágica e músculos que o arrastaram até esta

terra. Ele se perguntou como fizera a viagem. Teria voado inconsciente o tempo inteiro?

Não importa! Kalec forçou-se a se lembrar. *Tudo o que importa é me libertar da influência desta coisa maligna...*

Mas como ele poderia fazer isso continuava uma pergunta sem resposta. Em vez de lançar o artefato para longe de novo, Kalec o segurou contra o peito e alçou voo.

Logo após começar a voar, ele virou abruptamente para o norte. Como por milagre, Kalec de repente pensou em uma maneira de se livrar da relíquia monstruosa. Batendo as asas com velocidade, o dragão azul foi para o lugar onde desenterrara o artefato.

Os ossos congelados de Galakrond.

Lutando contra a exaustão, Kalec continuou dando o máximo de si e conseguiu chegar no Ermo das Serpes ao escurecer. Avistou os ermos e o cemitério de dragões logo em seguida. O dragão azul distinguiu a silhueta do templo e ajustou sua direção de acordo.

Mesmo na escuridão, o esqueleto do leviatã ancestral continuava visível enquanto os restos de centenas de outros dragões que morreram ao longo dos milênios não eram mais que montes obscuros. Kalec pousou em silêncio, sentindo-se perturbar o repouso deles. Todavia, agora que chegara tão longe, o dragão azul não tinha a mínima intenção de voltar atrás.

Recordando o lugar de onde escavara a relíquia, Kalec se transformou e criou um globo dourado para iluminar o caminho. Segurando o artefato na dobra do braço esquerdo, o falso elfo se aproximou do esqueleto gigantesco. O vento soprava pelo cemitério e o chão congelado rangia sob suas botas.

Um gemido baixo e persistente o fez sentir um tipo diferente de calafrio subindo pelas costas. Ele parou e enviou o globo flutuante na direção do horrível choro. Sem conseguir enxergar nada, Kalec foi atrás do som. Após um momento, finalmente percebeu que o gemido era só o vento soprando através das órbitas vazias do esqueleto da criatura.

Um novo arrepio percorreu o dragão azul ao lembrar-se da visão de Galakrond vivo. O fato de tal ser ter existido, um protodraco tão enorme que fazia os dragões parecer minúsculos, o enchia de assombro. Galakrond era uma lenda, mas ver a lenda viva era diferente...

Então, ele voltou a ter pensamentos perturbadores. Kalec se perguntava qual o papel de Galakrond nesta loucura. Aquela visão parecia ser sobre ele. O dragão azul prometeu a si mesmo que assim que se livrasse daquela coisa horrível que levava no braço, tentaria descobrir mais sobre o Pai dos Dragões com um dos ex-Aspectos. Ele não tinha mesmo muito mais o que fazer.

Ao observar a área com um tamanho muito menor, Kalec notou coisas que não percebera antes. Havia pegadas. Não imaginara que este local sagrado fora visitado por outras criaturas antes. Algumas pegadas eram grandes — embora não tão grandes como as de um dragão. A forma grosseira e arredondada indicava a presença de um magnatauro — caçadores selvagens e imensos cuja metade inferior lembrava o corpo de um mamute e o torso era uma versão bestial de elfo noturno ou humano com enormes presas.

A razão para o magnatauro caçar nos ermos não podia ser respondida pelas trilhas bovinas menores que Kalec também vira. Pelo menos dois taunka do tipo bisão andaram pela área, que era razoavelmente afastada de seu território. Além disso, os taunka eram mais civilizados que os magnatauros e tinham grande respeito pelos mortos, o que tornava muito curioso o fato de virem até aquela região.

Com a ajuda da iluminação do globo, o dragão azul viu um objeto longo e fino adiante. Aproximando-se, percebeu se tratar de uma lança de magnatauro. A ponta, parcialmente visível, estava manchada de sangue, então notou que o gelo ao redor estava escuro. O magnatauro abatera sua vítima, mas não havia sinal do corpo. Kalec supôs que a besta levara o cadáver do desafortunado taunka para comer.

Com repugnância, voltou-se para a caixa torácica. Andou até os ossos curvados mais elevados e, sem hesitar, entrou no esqueleto do Pai dos Dragões.

Naquele exato instante, o dragão azul sentiu que não estava sozinho. Ele enviou o globo na frente rapidamente.

Uma fêmea taunka bastante peluda postava-se sob o arco de outra costela. Ela se recostava em uma lança primitiva feita de um osso longo e com uma rocha afiada na ponta.

— Salve, dragão. — roncou a caçadora branca de cabeça de bisão ao se curvar para ele. Ela vestia roupas simples de couro que certamente costurara para si. — Meu nome é Buniq. Eu não quis cometer nenhum sacrilégio aqui.

Ele não se surpreendeu por ela tê-lo visto se transformar apesar da escuridão. Em uma terra geralmente tão escura como a noite, uma boa caçadora taunka precisava ter uma ótima visão noturna.

— Não tenho nenhuma animosidade com você, Buniq — respondeu o dragão azul. Ele mantinha o artefato o mais escondido possível pelo braço, movimentando o globo com sutileza para embaçar a visão da taunka.

Ela ergueu a outra mão para cobrir os olhos.

— Nem eu com você. Minha espécie não vem até aqui com frequência, mas eu estava à procura de uma relíquia deste lugar para levar comigo e me provar digna daquele que me

ama.

Kalec escondeu a surpresa com o motivo de ela estar ali, mas presumiu que ela não poderia estar procurando o artefato que carregava. Impaciente para terminar de enterrar aquela coisa amaldiçoada, respondeu secamente:

— Não impedirei você de continuar com sua procura então.

— Este solo é tão sagrado para nós quanto para você — continuou a taunka, como se não o ouvisse. — Os magnatauros não se importam com nada. Só se preocupam em encher a barriga. — Abaixando a mão, Buniq se aproximou dele. — Mas os taunka sempre respeitaram o local de descanso dos dragões.

— Eu fico agradecido em ouvir isso, mas...

Ela descansou a lança no chão novamente... ao lado do buraco que Kalec procurava.

— Um mundo sem dragões seria um lugar estranho. Não muito bom. Não haveria... harmonia. Já é difícil demais sobreviver aqui. O mundo precisa de dragões.

Kalec preferiu não comentar os efeitos negativos que Asa da Morte e Malygos tiveram sobre Azeroth. Em vez disso, pensou em outra maneira de fazer a taunka tagarela entender que deveria ir embora dali.

De repente, percebeu que Buniq não estava mais postada em frente a ele.

O dragão azul se virou... e a achou perto da costela pela qual acabara de entrar. Ele não se lembrava de vê-la passar, mas Buniq, de costas para ele agora, certamente o fizera. A esfera iluminava as pegadas dela no chão gelado.

Ao sentir que o dragão a observava, ela olhou para trás. Os olhos castanhos da taunka não encararam Kalec, mas sim a dobra de seu braço.

— Algumas coisas não deveriam permanecer enterradas — comentou Buniq com calma. — Adeus, grande dragão.

De alguma maneira, a relíquia deslizou do braço de Kalec. Olhando para baixo, ele a pegou antes que caísse.

Endireitando-se, perguntou:

— O que você quer dizer com...

Mas Buniq sumira. Colocando a esfera na direção em que a vira pela última vez, Kalec não conseguiu sequer encontrar as pegadas que vira um minuto atrás.

O dragão azul deu um passo para trás. Ele se recusava a pensar que a taunka fora produto de sua imaginação. Suspeitava que o artefato terrível brincara com ele mais uma vez. Kalec se concentrou em enterrar a relíquia de novo para deixar toda aquela loucura para trás. Começou a recolocá-la no buraco... e então, à luz da esfera, notou alguma coisa onde

Buniq colocara a lança.

Uma mão.

O dragão azul praguejou. Apesar de onde jazia, a mão estava quase intacta. E, embora semelhante, o membro perdido era claramente maior que o de um humano ou anão. Tinha uma coloração cinzenta peculiar que incomodava Kalec. No entanto, depois de olhar atentamente, percebeu que o que pensara ser pele eram os restos de uma luva.

Kalec descobriu rapidamente por que não a vira da última vez. Um pedaço do chão congelado a cobrira até a lança de Buniq soltar a terra. O dragão azul olhou por cima dos ombros, quase certo de que ela estaria lá, mas não havia sinal da taunka.

Apesar da descoberta aterradora, Kalec quase a deixou de lado até que notou haver mais alguma coisa presa na palma. Era pequeno, redondo e, à primeira vista, parecia feito de vidro. Mas, ao tocá-lo, sentiu um estranho calor.

O artefato octogonal começou a brilhar uma cor azul. Azul, não — cor de lavanda.

Kalec tropeçou ao ver a cor de sua espécie. Não sabia o que isso poderia significar agora. A relíquia caiu de seu braço, pousando em cima da mão enluvada...

O mundo clareou com um brilho ofuscante.

— Não é verdade — disse uma voz que Kalec reconheceu ser da jovem Ysera.

— Eles estão errados...

— Ele não é muito inteligente — respondeu a voz de Malygos. — Mas inteligente o bastante...

De repente, Kalec pôde enxergar outra vez... e o que viu foi outro cadáver enrugado de protodracô. Este fora cor de marfim, mas agora parecia mais um branco empoeirado. Como o anterior, tinha o rosto contorcido por uma morte agonizante.

O olhar de Malygos passou de Ysera e de uma figura alaranjada que Kalec presumiu ser sua irmã para outro lugar um pouco mais distante. Lá estava esparramado um *segundo* cadáver. Este ainda mantinha uma pouco da cor azul que o fazia pertencer à espécie de Malygos.

E, aparentemente, era um protodracô que Malygos conhecia. Ele sentiu várias emoções vindas de seu hospedeiro, incluindo lembranças de juventude. Um nome — Tarys — veio à mente de Kalec. Quando jovens, Malygos e Tarys caçaram juntos enquanto aprendiam as táticas corretas.

Kalec percebeu que sentira as emoções de uma maneira mais clara que antes. A visão era mais vívida, como se o dragão azul fizesse parte dela.

Não era um pensamento que, sob as circunstâncias atuais, o confortasse.

Os pensamentos de Malygos lhe vieram na forma de palavras e de imagens. Lendas foram contadas, lendas inimagináveis. Malygos não conseguia se certificar sobre a veracidade delas. Ysera achava que eram falsas e Alexstrasza acreditava que deveriam ser pelo menos levadas em consideração.

Galakrond matara aqueles dois e, supostamente, mais uma dúzia de protodracos.

A fonte da descoberta estava perto de Alexstrasza, conseguindo parecer ainda menor que Ysera apesar de não ser. Era roxo, e também parecia estar meio-morto.

— Engoliu-os! Engoliu-os! — repetia sem parar.

— Estes dois não foram engolidos — indicou Ysera, mostrando sua descrença. — *Galakrond* não gostou deles?

— Engoliu-os!

Ysera fez uma careta. O dragão roxo se amedrontou ainda mais. Alexstrasza murmurou algo em seu ouvido, com voz tranquilizadora. Ysera voltou a careta para a irmã, mas Alexstrasza a ignorou.

Através de seu hospedeiro, Kalec compreendeu que as irmãs encontraram essa imitação de protodraco e, após ouvir o que Malygos secretamente considerava ser um delírio do dragão roxo, saíram à procura do macho dragão azul. Malygos não sabia exatamente o porquê de elas decidirem ir procurá-lo além do fato de ele *ser* muito inteligente.

Tentando encontrar um jeito de continuar a parecer inteligente para elas, ele investigou os cadáveres.

— Há mais deles?

— Mais... sim... mais! — O dragão roxo olhou nervosamente para o oeste, onde o terreno subia até uma cordilheira alta e então descia. O grupo viera do leste e só olhara de relance naquela direção. Malygos estivera na área antes — a caça de ruminantes era excelente ali durante a primavera — e lembrava-se apenas de haver um rio mais abaixo, um conhecimento irrelevante para o momento.

Sem saber o que esperava encontrar, Malygos voou naquela direção. Kalec também estava curioso — e grato por sua mente estar tão bem sintonizada com a do protodraco. Ele viu tudo que passara pelo olhar atento de seu hospedeiro e, de repente, notou algumas marcas na terra que indicavam que uma criatura do tamanho de Malygos se arrastara até a cordilheira.

A princípio, seu hospedeiro não soube o que ele vira. Somente ao atingir o cume da cordilheira, Malygos voltou-se abruptamente e observou a trilha com interesse. Ele se curvou sobre a trilha, farejando-a. Um fedor estranho — mas não completamente desconhecido

para ambos — encheu-lhe as narinas.

Do outro lado da cordilheira, as rochas trepidaram. Malygos voltou-se.

A visão pavorosa que Kalec teve no Nexus elevou-se para atacar seu hospedeiro. A carne apodrecida, os olhos fundos e embaçados... apesar de já ter visto aquele demônio antes, Kalec ainda quis recuar.

Porém, Malygos se jogou *na direção* daquela monstruosidade, enquanto soprava. Seu sopro gélido envolveu o protodracó morto-vivo, congelando-o.

Mas só por um segundo. O cadáver enrugado mal diminuiu a velocidade, livrou-se do gelo e continuou o ataque. O fedor de carne em decomposição enjoou Kalec e seu hospedeiro ao colidirem com a criatura repulsiva.

Presas amareladas procuraram a garganta de Malygos. Garras rasgaram seu peito. De perto, o semblante do protodracó era ainda mais horrível, com a pele queimada em vários lugares. Estas áreas queimadas, mais sensíveis à deterioração, desmancharam-se, abrindo buracos na cabeça ensanguentada e arruinada do inimigo monstruoso.

Quando Malygos respirou fundo para tentar um segundo sopro, o morto-vivo o surpreendeu ao fazer o movimento oposto. Uma nuvem verde pútrida cobriu a cabeça do dragão azul, enchendo sua boca e focinho e queimando-lhe os olhos. A náusea apoderou-se dele e de Kalec. Para os dois, parecia que estavam com as entranhas apodrecendo. Malygos enfraqueceu, caindo de joelhos.

Um som espantosamente alto, seguido de um calor intenso, fizeram Kalec e seu hospedeiro recobram a consciência imediatamente. Garras levaram Malygos para longe do calor. Seus olhos desembaçaram o suficiente para que ambos pudessem ver um pouco o que acontecera.

Alexstrasza postava-se ante o inimigo fantasmagórico, soprando mais fogo sobre o protodracó morto-vivo. A criatura se queimou bastante, mas não caiu. E foi na direção da fêmea alaranjada.

— Solte! — comandou Malygos para Ysera, aquela que o levava para a segurança. Ela obedeceu imediatamente. Mesmo vacilante devido ao sopro sinistro do morto-vivo, Malygos sabia que era sua vez de ajudar Alexstrasza.

Malygos soprou com muita força. Ele ficou tonto e Kalec pensou que os dois iriam desmaiar, mas, de alguma maneira, o dragão azul conseguiu manter a consciência enquanto seu sopro congelante juntava-se ao sopro de fogo da fêmea.

Mais frágil agora como resultado das chamas, o protodracó morto-vivo rachou e desmoronou com o ataque das duas forças opostas. Uma asa já quebrada rompeu-se,

levando um membro posterior junto. O demônio atacou, e acabou perdendo a cauda e uma pata traseira.

O cadáver desabou, despedaçando-se ao atingir o solo duro.

Alexstrasza olhou Malygos com alívio, mas o hospedeiro de Kalec já girara na direção de Ysera. Kalec pensou que o dragão azul tivesse enlouquecido, mas então sentiu o que o preocupava.

Malygos voou até passar por Ysera. Não havia sinal do protodracó amedrontado e tanto ele quanto Kalec presumiram que ele fugira para longe dali. No entanto, ele não era o alvo de Malygos... o alvo era o primeiro cadáver que encontraram.

Um cadáver que Kalec viu começando a se mover.

O protodracó dragão azul caiu sobre o corpo agitado. Para surpresa de Kalec, seu hospedeiro afundou as presas na garganta do cadáver. Malygos arrancou carne e osso enquanto o corpo tentava se libertar.

Com um último puxão violento, Malygos arrancou a parte superior do pescoço. A cabeça se ergueu, com a mandíbula procurando a garganta do protodracó dragão azul. Malygos girou e então soltou a cabeça decepada, que rodopiou pelo ar até aterrissar a metros de distância. As mandíbulas bateram inúmeras vezes até a cabeça finalmente ficar imóvel.

O corpo parou de se mover logo depois. Malygos livrou a boca dos pedaços de carne estragada e foi até o segundo cadáver.

Mas Alexstrasza e Ysera já o haviam despedaçado.

— Não se moveu — disse Ysera. — Mas não quisemos esperar.

Malygos concordou e então viu uma expressão preocupada no rosto de Alexstrasza. Ela estudou a paisagem e encarou os outros.

— “Mais mortos”, foi o que o dragão roxo disse — lembrou a fêmea alaranjada. — Onde estão eles?

Ao longe, ouviram um grito lamurioso que fez Kalec pensar no protodracó amedrontado. Malygos virou-se no mesmo instante...

E Kalec voltou para sua época e a ser um dragão novamente. Além disso, ele voava no céu noturno, com o artefato e o fragmento de vidro redondo bem presos. A segunda peça estava encaixada no topo do artefato octogonal, revelando fazer parte do mesmo objeto e separada pelo acaso e tempo... até agora.

Entretanto, isso não incomodou o dragão azul tanto quanto descobrir que seu corpo ou estava agindo por vontade própria ou era controlado pela mente de outro ser. Kalec parou, pairando sobre a paisagem escura — as montanhas pontiagudas de Nortúndria, perto do

Ermo das Serpes, ele notou — e tentando decidir o que poderia fazer.

Um pensamento desesperado veio-lhe à mente. *Se eu não posso enterrá-lo, talvez possa simplesmente deixá-lo se despedaçar!*

Sem hesitação, Kalec soltou a carga. As relíquias combinadas desabaram sobre as montanhas.

Uma sensação de mau presságio tomou conta do dragão azul. Ele mergulhou atrás das relíquias.

Lá embaixo, o brilho delas aumentou...

Kalec rugiu em protesto ao sentir-se perdendo a conexão com o mundo desperto ao qual apenas retornara. Ele teve uma última visão da terra rochosa aproximando-se dele com rapidez antes de mergulhar na escuridão novamente.

Por um único instante, só havia silêncio. Então, as vozes voltaram. Cresceram de sussurros para uma cacofonia insana que ameaçava ensurdecer o dragão azul. Eram berros desenfreados.

O mundo entrou em foco.

Protodracos atravessavam o céu nublado gritando. Um rugido alto como o trovão fez tremer a região montanhosa e quente em que Kalec — ou melhor, Malygos — se encontrava.

Subitamente, alguma coisa bloqueou o resto de luz que havia.

Malygos olhou para cima — e Kalec e ele viram a parte de baixo de um protodraco titânico que não poderia ser outro além de *Galakrond*.

Kalec sentiu o medo de Malygos, mas era medo misturado com determinação de sobreviver. E medo não era motivo de vergonha quando confrontado com uma ameaça tão temível. Malygos manteve o foco, mergulhando numa passagem estreita enquanto Galakrond se jogava sobre um protodraco dragão azul-prateado que estava apavorado demais para escolher uma direção antes que o muito mais ágil leviatã o apanhasse.

Para horror de Kalec, Galakrond engoliu o protodraco *inteiro*.

Foi só então que o dragão azul notou algo ainda mais desconcertante sobre o Pai dos Dragões. O corpo de Galakrond parecia distendido em lugares estranhos, especialmente na garganta.

O que está acontecendo aqui? Por que ele está fazendo isso? Kalec se perguntou.

Mas não houve oportunidade de procurar uma resposta através de Malygos pois, naquele exato momento, algo colidiu com o hospedeiro de Kalec. Despreparado, ele bateu as asas descontroladamente enquanto tentava recuperar o controle. Através de seus olhos, Kalec conseguiu ver Coros pairando por perto antes que o rodopiar de Malygos tirasse o

protodracó debochado de vista. A raiva do dragão azul e branco também contagiou Kalec. Enquanto Malygos se endireitava, ansiou por assistir a seu hospedeiro enfrentar o rival.

Porém, antes que Malygos pudesse agir, uma sombra pavorosa o envolveu. O protodracó olhou para cima... dentro da garganta gigantesca de Galakrond.

As mandíbulas fecharam-se sobre Malygos.

Malygos... e Kalec.

PARTE II

1

O NEXUS ATINGIDO



A respiração quente e fétida quase sufocou Kalec e seu hospedeiro quando as mandíbulas se fecharam. O dragão azul pensou que talvez fosse melhor se Malygos deixasse o fedor nocauteá-los para que eles não sentissem os dentes monstruosos rasgarem a carne e osso que compartilhavam.

Abruptamente, um estouro violento de ar quente arremessou Malygos para trás. O vento foi acompanhado pelo som estranho de um trovão abafado. Ao mesmo tempo, a boca de Galakrond se abriu, permitindo que Malygos escorregasse para a liberdade.

Finalmente fora de alcance, o protodraco dragão azul e branco se endireitou. Ao conseguir, ele e Kalec viram a origem da salvação de Malygos.

Com uma risada desafiadora, Neltharion saiu de debaixo da garganta de Galakrond e voou para longe. Galakrond atacou, criando outra explosão poderosa de vento que fez recuar não somente Malygos, mas também outros protodracos no caminho.

Neltharion acertara o ponto mais fraco dele na hora certa, um ataque que Kalec achava imprudente na melhor das hipóteses. Mesmo recuperando o fôlego, Galakrond teve a astúcia e fúria para investir sobre seu atacante minúsculo enquanto o protodraco cinza mergulhava. Garras do tamanho de Neltharion fecharam-se sobre ele, mas, no último instante, uma rajada medonha do que pareceu a Kalec ser areia quase cegou Galakrond.

Um macho marrom se desviou. Galakrond balançou a cabeça para clarear a visão, permitindo que sua presa escapasse.

Neltharion voou na direção de Malygos.

— Voe ou morra!

Era um bom conselho tanto para Kalec quanto para Malygos. Mas ao se virar, o rugido de Galakrond soou atrás do protodracó azul. O rugido foi acompanhado de um zumbido e pontuado por um baque pesado e o grunhido de dor de Neltharion.

Olhando por cima dos ombros, Malygos viu que onde as garras do monstro titânico erraram, a cauda longa de Galakrond acertara. Muito mais extensa que as patas dianteiras de Galakrond, ela atingiu facilmente Neltharion, golpeando-o pesadamente.

Atordoadado, o macho dragão cinza rodopiou na direção do solo duro. Talvez Galakrond planejasse persegui-lo, mas uma fêmea amarela escolheu aquele exato momento para passar por perto do campo de visão do protodracó gigantesco e chamar sua atenção. Com um rugido ansioso, o leviatã faminto a perseguiu.

Sem notar o golpe de sorte, Malygos já mergulhara atrás de Neltharion. O outro macho colocara-se em perigo para salvá-lo e Kalec não se surpreendeu quando seu hospedeiro fez o mesmo. O protodracó azul e branco esticou-se para alcançar a figura que caía, mas mesmo com toda sua velocidade era claro para Malygos e Kalec que seria impossível apanhar Neltharion antes que o dragão cinza atingisse o chão.

Uma forma alaranjada subiu, colidindo com o macho atordoadado. Alexstrasza grunhiu de dor ao chocar-se contra o grandalhão Neltharion, mas conseguiu manter o controle. Ela impediu a queda fatal dele por alguns poucos segundos, o tempo suficiente para que Malygos alcançasse a dupla.

Sem dizer uma palavra, ele pegou Neltharion pelos ombros, levantando o macho e tirando a carga de Alexstrasza. Ela, por sua vez, subiu e o ajudou a carregar Neltharion para longe dali.

Através de Malygos, Kalec observou a área e a achou estranhamente desprovida de sangue e carne dilacerada. Percebeu que Galakrond engolira quase *todas* as vítimas inteiras. De certo modo, o dragão azul achou isso ainda mais terrível, imaginando como os protodracos se sentiram ao desaparecer na garganta do leviatã.

— Tantos... — ofegava Alexstrasza enquanto voavam. — Tantos...

Malygos não disse nada, mas seus pensamentos espelhavam as palavras dela. O hospedeiro de Kalec estava tão chocado com os eventos quanto ela.

Um novo som ecoou pela área, um som tão estranho e perturbador que os dois protodracos quase deixaram Neltharion cair.

O som ficou mais intenso e gutural — e, sendo assim, mais aterrador. Kalec ainda não

fazia ideia do que poderia ser, mas Malygos finalmente identificou-o com algo de sua experiência. Imagens piscaram na mente de Kalec, imagens de seu hospedeiro regurgitando pedaços de osso ou outras partes não comestíveis de várias presas.

Em algum lugar, Galakrond estava fazendo algo parecido, só que o que ele estava vomitando não eram os restos de algum búfalo ou peixe...

O mundo de Kalec voltou subitamente. Sua consciência foi separada da de Malygos. Visões de Galakrond se banquetando invadiram os pensamentos do dragão azul, e então a escuridão tomou conta dele.

Entretanto, uma voz familiar o chamou mais uma vez. *Kalec... Kalec?*

O dragão não sabia o motivo do chamado de Jaina, mas resolveu bloquear seus pensamentos sobre ela. Ao fazer isso, sentiu o mundo ao redor voltar completamente. Um vento forte o atingiu no rosto. Instintivamente mudou de posição e percebeu que estava escorregando.

Quando finalmente conseguiu abrir os olhos, o dragão azul viu uma cordilheira rochosa deslizar por cima dele. Kalec percebeu que estava caindo. Com uma pata, enterrou as garras na terra, conseguindo retardar a queda, mas não pará-la. Tentou usar a outra pata, mas ela permaneceu bem fechada apesar de seu desespero.

Ele desabou para trás, descobrindo que não escorregara de uma cordilheira, mas de uma montanha. Kalec procurou se equilibrar, mas acabou esbarrando uma asa na encosta e começou a rolar ainda mais rápido. Abaixo do dragão azul, rochedos pontiagudos que o lembravam dos dentes de Galakrond disparavam na direção dele.

Conseguindo se concentrar, Kalec lançou um feitiço. A queda desenfreada desacelerou até quase parar. Era uma solução de curto prazo, mas ele esperava não precisar de mais que alguns minutos. Recuperando o fôlego, o dragão azul rolou sobre o ventre. Sentindo o efeito do feitiço se dissipar, ele bateu as asas rapidamente. Ao recuperar o voo, o feitiço se desvaneceu.

O dragão azul pousou em outra montanha. Não houve outro chamando de Jaina e ele esperou que ela tivesse desistido. De qualquer maneira, Kalec só tinha um interesse agora e era aquela coisa horrível presa em sua pata. O artefato completo parecia provocá-lo com o brilho persistente.

Naturalmente, não fazia sentido jogá-lo fora. O objeto iria voltar para atormentar o dragão azul. Ele também duvidava que fosse sábio tentar destruir aquilo de novo. Kalec deixou o vento clarear sua mente enquanto decidia o que fazer em seguida. Se não fosse pela voz de Jaina, não teria certeza de que estava em seu próprio tempo e corpo. Estava ficando

cada vez mais difícil separar a realidade das visões.

Após vários minutos inúteis de ponderação, Kalec resolveu voltar para o Nexus. Cada momento do voo era angustiante, com o dragão azul esperando ser levado de volta para dentro das visões na pior hora possível. Quando precisou sobrevoar o mar, Kalec redobrou a atenção aos feitiços de proteção.

Porém, para seu alívio e surpresa, o artefato deixou que ele chegasse desimpedido ao Nexus. Kalec decidiu tentar se concentrar em outra coisa além do objeto de seus pesadelos. A coleção do Nexus *tinha* que ser organizada, mesmo que a sugestão tivesse sido feita inicialmente como desculpa e não porque ele tivesse vontade de realizar a tarefa.

Ele percebeu que antes de poder começar, precisava fortalecer os feitiços de proteção. Não havia possibilidade de eles continuarem surtindo efeito para proteger o Nexus e seu conteúdo por muito mais tempo a menos que ele cuidasse deles agora.

Ele mudou para a forma humanoide, sentindo-se mais confortável do que em sua forma verdadeira. Kalec evocou um pedestal simples de mármore com uma coluna acanelada e colocou o artefato cuidadosamente em cima da plataforma, e então se voltou para os feitiços de proteção. Fechou os olhos e se concentrou. Mesmo com os olhos fechados, o dragão azul conseguia ver o mundo ao seu redor, mas era um mundo entrecortado por uma variedade de meridianos multicoloridos. Toda Azeroth fora tracejada por este arranjo complexo de linhas de energia mágica, mas estas serviam a um propósito específico. Elas energizavam os vários feitiços que serviam de proteção do Nexus. Seguindo os meridianos, ele começou a inspecionar cada feitiço cuidadosamente.

Kalec avistou rapidamente o feitiço mais fraco. Ele estendeu a mão, que nesta área brilhava com energia lavanda, e tocou no meridiano. Com a outra mão, pegou mais um meridiano de Azeroth e uniu os dois no local em que o núcleo do primeiro estava exposto...

Mas antes de conseguir continuar, o próprio Nexus começou a tremeluzir.

Descartando o feitiço, Kalec abriu os olhos e olhou imediatamente o artefato. Percebeu sem surpresa que o objeto possuía um brilho diferente agora, que correspondia à gama de cores mágicas associadas com as imensas forças do Nexus. Quanto mais a relíquia brilhava, menos intenso era o brilho nos arredores de Kalec.

O dragão azul ficou abismado que o artefato pudesse ter algum efeito sobre o Nexus. Não causara muita coisa na primeira vez que ele o trouxera ali, mas o artefato não estava completo antes. A peça que faltava aumentara as habilidade do artefato e provavelmente também ativara outras ainda latentes.

Ele pegou o objeto e se transformou. Segurando-o contra o peito, o ex-Aspecto voou

pelo Nexus o mais rápido que pôde. As energias do Nexus continuaram a oscilar enquanto ele corria de túnel em túnel, até finalmente chegar na saída.

Uma vez do lado de fora, Kalec voou alto no céu. Abaixo, conseguia ver o Nexus por inteiro. O dragão sentiu todas as energias ativas de uma maneira completamente desconhecida. O dragão azul — que deveria entender melhor que a maioria a natureza de tal manipulação mágica — não conseguia imaginar qual a intenção de tudo aquilo.

As cores vívidas normalmente reservadas para as forças do Nexus agora irradiavam poderosamente do artefato. O Nexus já começava a reluzir de novo, tão abruptamente que o dragão azul foi forçado a desviar o olhar para não ficar cego.

E então a intensa agitação de energia mágica cessou.

Kalec não sabia dizer o que esperava quando olhou novamente o Nexus. Mas o que viu o deixou perplexo.

O Nexus estava *exatamente* igual como o vira antes. Com um sibilo desconfiado, o dragão andou em volta de seu santuário procurando por qualquer mudança sutil. Mas, apesar de seus esforços, Kalec não encontrou nada diferente.

— Tudo isso não pode ter sido em vão — murmurou ele para o objeto em sua pata. — O que você fez?

A relíquia, com o brilho habitual agora, não deu nenhuma pista.

Bufando, o dragão mergulhou de volta na passagem estreita pela qual saíra. Ao entrar, seu olhar voltou-se imediatamente para o artefato. No entanto, não houve alteração no brilho.

Kalec voltou a seus aposentos, esperando a cada minuto que a coisa horrível recomeçasse a criar o caos. Seus medos não foram nem um pouco amenizados pelo fato de não haver sinal visível do que o objeto fizera. O dragão azul sabia que talvez estivesse paranoico, mas ainda assim havia a chance do artefato *estar* fazendo alguma coisa enquanto parecia adormecido.

Mais determinado que nunca a encontrar outra relíquia que pudesse ajudá-lo a combater os efeitos daquela que carregava, Kalec evocou uma peça ancestral na qual tinha esperança. Um cristal oval de cor água-marinha e do tamanho de sua pata materializou-se em frente a ele. O dragão azul não tinha certeza sobre todas suas propriedades, mas o conhecimento que lhe foi passado o fez crer que o cristal poderia anular a magia da relíquia octogonal.

Entretanto, ao tocá-lo, seu brilho forte sumiu. Kalec rapidamente inspecionou o artefato. Estava completamente desprovido de qualquer traço de energia mágica.

Uma praga que misturava bem os melhores — ou piores — palavrões da raça dos dragões, humanos e anões escapou da boca do dragão azul. Enfurecido com a rápida derrota, Kalec arremessou a antiguidade octogonal sem se importar com o que poderia acontecer. Ela voou com enorme velocidade em direção à parede, e então parou a um centímetro da possível destruição. Dali, caiu no chão sem fazer barulho.

O dragão rugiu. Incapaz de se controlar, Kalec liberou uma sequência de feitiços sobre a relíquia. Com fogo procurou consumir a peça. Setas de energia arcana a atacaram. Uma lança de gelo tentou perfurar a superfície. Raios a atingiram.

E nenhum dos ataques deixara o menor arranhão nela.

Kalec caiu para trás, com a respiração alterada pelo cansaço. O artefato continuava brilhando levemente, parecendo zombar dele.

O dragão azul ficou pensativo por um tempo, e então se ergueu de repente. *Talvez... talvez eu esteja encarando isso da maneira errada.*

Kalec nunca tentara realmente entender o artefato. Desde o início, ele o enxergava apenas como algo maléfico. Agora ele se perguntava qual propósito o objeto poderia ter para deixá-lo com raiva.

Aproximando-se do artefato, o dragão estudou cada ângulo externo que podia ver sem tocá-lo, mas não notou nenhuma mudança. Outra inspeção com seus poderes também não rendeu nada de novo. Ainda assim, ele não estava satisfeito. O artefato poderia naquele exato momento estar no meio de um feitiço pré-planejado, que mesmo seus sentidos aguçados não conseguiam detectar. Já provara ser capaz de agir sem ele perceber.

Ele se concentrou no pedaço pequeno que encontrara durante a segunda excursão ao esqueleto. Apesar de simples, era uma parte claramente integrante da relíquia. Até o momento, parecia que aumentara o efeito original, mas ele acreditava que também era capaz de mais.

Um leve brilho no centro da peça menor lhe chamou a atenção. O dragão piscou.

Uma mulher jovem com cabelo loiro comprido se postou em frente a ele, uma mulher que ele conhecia muito bem. Havia certa inocência nela, que o atraía tanto quanto sua beleza.

— Anveena... — arquejou o dragão azul. Ele estendeu uma pata para ela e a viu atravessar a mão estendida dela.

Subitamente, Kalec estava em uma floresta. Não era mais um dragão, mas uma figura metade élfica. Era a mesma forma que assumira quando encontrara Anveena pela primeira vez.

Kalec... Anveena chamou-o levemente, com a silhueta cada vez mais desvanecida e distante. Ela continuou a estender a mão para ele, como se o chamasse para juntar-se a ela.

Kalec...

Ele se sacudiu. A segunda voz chamando seu nome não fora de Anveena, mas de *Jaina*. Era o suficiente para trazê-lo de volta à consciência.

Kalec afastou-se do artefato. Estava coberto de suor. Ele também notou que, como no sonho, ele tinha *mãos* e não patas. Em algum momento, o dragão azul mudara de forma sem nem perceber.

Foi então que Kalec sentiu a presença de outro dragão azul. Saber que não estava mais sozinho no Nexus fez com ele recuperasse o autocontrole. O dragão azul decidiu sair da câmara para ver quem voltara e o motivo.

Ele teve que andar quase até uma das entradas para ver algum movimento. Kalec caminhou até o visitante sem dizer uma palavra.

O dragão azul menor — uma fêmea — estava de costas para ele. Kalec hesitou.

— Tyr?

A fêmea se virou, mas não era quem ele pensava. O ex-Aspecto se repreendeu em silêncio por esperar a fêmea azul com quem fora comprometido há algum tempo.

Ela encarou Kalec como se estivesse vendo um orc. Ele se lembrou da transformação; apesar de serem criaturas mágicas, os dragões azuis mantinham a forma de dragão quando estavam no Nexus.

— Tecelão de Feitiços — reconheceu ela afinal. — Pensei que você estivesse fora.

Ignorando o uso de um título que não pertencia mais a ele, Kalec voltou à forma dragônica. Encarando-a agora, não pôde evitar dizer:

— E você esperava terminar seus negócios aqui e partir antes que eu voltasse?

Ela ficou tão perplexa quanto possível para um dragão.

— Não... não, Tecelão de Feitiços! Na verdade, estou feliz que você esteja aqui. Queria lhe contar sobre uma anomalia que percebi perto do Ermo das Serpes recentemente, próxima ao Repouso das Serpes...

Kalec soube de imediato que ela se referia à agitação do artefato.

— Eu já sei. Não há nada para se preocupar.

A fêmea ficou um pouco envergonhada.

— Eu deveria saber que você estaria ciente disso.

A conversa deveria terminar ali, mas ela permaneceu onde estava, parecendo bastante desconfortável.

Kalec desconfiou do que passava pela mente dela.

— Estou grato pela sua preocupação. Mas você estava indo a algum lugar, não é mesmo?

— Sim. Eu pensei em explorar...

Ele não a deixou continuar.

— Então, por favor, você deve seguir em frente. Novamente, muito obrigado por voltar e me alertar.

Ela o olhou envergonhada, baixou a cabeça e foi embora.

Kalec parou para pensar por um momento e então se afastou da entrada — na hora certa para ver de relance uma figura nas sombras, do tamanho de um elfo noturno ou um humano alto, na passagem escura de onde acabara de vir.

O dragão entrou rapidamente, movendo-se com a velocidade necessária para barrar qualquer intruso. No entanto, apesar de alcançar uma área onde a passagem comprida impedia qualquer um de se esconder ou fugir por um dos túneis laterais, não havia ninguém. Kalec investigou a área com magia, mas realmente não havia sinal de outro ser.

Foi só então que ele percebeu com mais clareza a aparência do intruso em sua mente, além da altura. A imagem que se formou deixou Kalec certo de que sua sanidade estava de fato se esvaindo, e rápido.

Era a mesma figura de manto e capuz das visões.

2

O ENCONTRO



Kalec não tentou ignorar o que vira. Fora ou o produto de sua imaginação sobrecarregada ou alguma nova faceta de magia do artefato. Nenhuma das duas era uma alternativa agradável. A primeira era indicativa do quão instável ele já poderia estar; e a segunda significava que o objeto amaldiçoado provavelmente tinha um novo jogo que gostaria de jogar com ele.

Ele decidiu considerar a última opção e correu imediatamente para onde deixara a relíquia.

Infelizmente, a escuridão o ofuscou e o dragão azul tropeçou contra as paredes da passagem. Enquanto grandes fragmentos de pedra choviam sobre ele, o dragão — já quase inconsciente — ia na direção de seu santuário.

Mas antes de seu corpo atingir o chão, sua mente já estava voando pelos céus. Kalec era mais uma vez parte de Malygos, mas este era um Malygos muito mais controlado, muito mais determinado.

Ao fundo, um rugido trovejante, que só poderia ter saído das mandíbulas de Galakrond, fez Kalec e seu hospedeiro estremecerem. Felizmente, enquanto o som diminuía de volume, ficou claro que o protodraco gigantesco estava seguindo em outra direção.

Malygos seguia em frente, com os pensamentos tão concentrados pela urgência que o dragão azul quase não conseguia identificar nada. Kalec viu imagens de Alexstrasza e Ysera, vários protodracos da mesma família de Malygos e relances de Neltharion lutando contra algo muito pequeno para ser Galakrond. Após muita investigação, Kalec descobriu que pelo

menos uma das lembranças envolvia Malygos rechaçando um protodraco morto-vivo de cor vermelha.

Kalec lembrou-se da luta anterior e sabia que não havia outro protodraco vermelho além de Alexstrasza. Por um momento, ele temeu que ela houvesse perecido e voltado como morta-viva como os outros cadáveres, mas então percebeu que isso era obviamente impossível.

Ainda assim... mesmo que o protodraco morto-vivo não fosse Alexstrasza, a imagem significava que os mortos se levantaram de novo. Kalec não sabia o porquê, mas estava certo de que a resposta seria encontrada com Galakrond.

Era algo, ele sentiu logo depois, em que Malygos também acreditava. Na verdade, o dragão azul finalmente descobrira que Malygos acabara de escapar — *escapar* — dos mortos-vivos. Havia sete deles. E pior, Malygos não estava sozinho. Mas acompanhado de dois outros protodracos de sua família.

Eles não escaparam.

A culpa tomou conta do dragão azul e branco e Kalec entendeu que ele sentia que deveria ter ficado. Porém, estava claro, pelas imagens que ele vira das lembranças de seu hospedeiro, que Malygos só partira depois dos outros dois já estarem perdidos.

Curiosamente — e mais preocupante para Kalec —, seu hospedeiro bloqueara todos os pensamentos de como exatamente os dois pereceram.

Não havia sinal de outro protodraco no caminho de Malygos. E Kalec sentiu que seu hospedeiro estava preocupado com isso.

Foi com alívio para os dois que outra criatura alada apareceu no céu alguns minutos depois. Neltharion ainda irradiava um pouco de seu desdém, mas até ele observava os arredores com extremo cuidado agora.

— Amigo Malygos! Ah! Você veio mesmo! Nós sobrevivemos! Somos lutadores!

Apesar da bravata, o tom de Neltharion deixava escapar o alívio que sentia por Malygos ainda estar vivo. Kalec pensou em quantos outros não tinham sobrevivido.

O que está acontecendo aqui?, Kalec perguntou, embora ninguém pudesse ouvi-lo. As lendas não diziam nada sobre este período evidentemente crítico para os protodracos. A era dos dragões ainda estava por vir, mas com Malygos e outros futuros Aspectos vivos, a mudança da dominância de protodracos para dragões deveria estar iminente. Mas o que Kalec presenciara até agora apontava para a extinção de todos. Nem mesmo um dragão de verdade poderia enfrentar um horror como Galakrond.

— E os outros? — perguntou Malygos.

— A do fogo está bem. A irmã caçula ladra demais. — Neltharion pausou, e então acrescentou com menos antipatia: — Zorix... foi pego.

Na mente de Malygos apareceu a imagem de um protodracó macho de olhos perspicazes e cor dourada. Apesar de Kalec não ter visto aquele macho antes, tanto Malygos quanto Neltharion pareciam conhecê-lo muito bem no período de tempo que passara desde a última visão. Sua perda perturbou imensamente o hospedeiro do dragão azul.

— Talonixa fala como ele. Ela se comunica tão bem quanto ele.

De Talonixa, Kalec só conseguiu perceber que ela tinha sido a companheira de Zorix e era uma fêmea perseverante. Dentre os protodracos que alcançaram a inteligência, ela era evidentemente considerada uma das mais astutas.

Mas apesar de toda a astúcia, o hospedeiro de Kalec não confiava muito em Talonixa. E não tinha nada a ver com o fato dela ser uma fêmea — a coragem e sagacidade de Alexstrasza já haviam conquistado a admiração dele —, mas ele achava outros aspectos da personalidade dela muito perigosos. Mais que isso, Kalec não conseguia entender no momento.

Os olhos de Neltharion se estreitaram. Ele olhou atrás de Malygos. O outro protodracó seguiu rapidamente o olhar, mas não viu nada além do céu vazio.

O macho dragão cinza suspirou.

— Nada. Não ele. Nem os outros.

Um estremecimento correu por Malygos, mas ele preferiu não pensar em qual seria a causa.

— Os outros se reúnem?

— Sim. Siga-me.

Os dois protodracos voaram rápido, como se o próprio Galakrond estivesse no seu encalço. Kalec foi pego pela urgência do momento, apesar de só saber no máximo metade do que estava acontecendo.

Malygos olhava em volta continuamente, concentrando-se no chão lá embaixo. Aos poucos, Kalec entendeu o que o incomodava na paisagem. Não havia nenhuma vida animal visível além de uns poucos pássaros. Nenhum ruminante vagava pelos lugares que eles passavam.

Voltando-se para Neltharion, Malygos perguntou:

— Estamos perto?

— Voar mais. Outro poleiro caiu.

Levou um momento para Kalec decifrar a última frase. Parecia que o local

anteriormente escolhido para o encontro se tornara muito perigoso. Eles foram forçados a se distanciar ainda mais.

Um estrondo a certa distância agitou os dois protodracos. O dragão cinza olhou para trás e Malygos seguiu o movimento. Não havia sinal de Galakrond, mas até Kalec sabia que o demônio gigantesco podia cobrir enormes distâncias num piscar de olhos.

Sibilando de frustração, Malygos voltou a olhar o caminho em frente. Quatro formas aladas vindo do norte chamaram sua atenção. Com os olhos estreitados, Malygos estudou os protodracos.

— Outros — alertou Neltharion.

Seu parceiro olhou os recém-chegados.

— Ninguém vem do norte. Norte não é bom.

Malygos sibilou novamente.

— Sim...

Os quatro protodracos se aproximaram o suficiente para que pudessem vê-los melhor. Para o alívio de Kalec, eles não eram o que esperara. Eram protodracos vivos.

Mas Malygos não estava nem um pouco contente e Kalec logo viu o motivo. O chefe da formação era um protodragão azul-esverdeado familiar. Coros. Kalec também reconheceu outro que estivera presente no ataque contra Malygos.

Olhando os quatro com escárnio, Neltharion rugiu:

— Dessa luta eu vou gostar.

Para surpresa dele e de Kalec, Malygos balançou a cabeça.

— Nós lutamos contra os mortos-vivos. Nós lutamos contra Galakrond. Não lutamos um contra o outro.

— Hmmm! Coros sabe disso?

Os outros protodracos diminuíram a velocidade ao se aproximarem da dupla. Coros investigou Malygos e Neltharion.

— Vocês estão vivos. Bom!

— Sim. — respondeu o hospedeiro de Kalec com calma. — Nós estamos vivos e isso é bom. Coros também está vivo... e isso também é bom. Nada de lutas entre nós. Lutamos só contra Galakrond, certo?

O rival de Malygos abaixou a cabeça com respeito. Porém, o sorriso dissimulado continuava em seu rosto. Ambos sabiam que somente as circunstâncias adversas os impediam de concluir a disputa sangrenta.

— O norte não é bom! — retrucou Neltharion, impaciente. Ele parecia desapontado por

não haver luta. — Coros não deveria estar no norte.

— Nós somos batedores. Talonixa pediu.

— Talonixa? — repetiu Malygos com um estremecimento. — Por quê?

— Planos de Talonixa!

O macho dragão azul conseguiu não bufar, mas com muito esforço. Kalec sentia a preocupação crescente de Malygos com o comando absoluto da fêmea sobre os outros protodracos. A espécie de Talonixa era teimosa, impulsiva, e também dominadora. Não era uma combinação que Malygos ou Kalec achassem boa, especialmente agora.

— O norte — disse Malygos afinal. — Perigoso?

Para Kalec, que só podia observar, o sorriso do outro só ficara ainda mais dissimulado.

— Sem perigo. Coros é muito esperto para os mortos-vivos.

Não era a primeira vez que Kalec ouvia o termo perturbador, e apesar do próprio problema, isto o preocupava. *Quantos desses mortos-vivos existem? Quantos?*

E, o mais importante, *como* eles apareceram? Em sua era, ele vivia em um mundo onde, com exceção dos Renegados — que prometeram aliança à Horda —, os mortos-vivos não eram uma ameaça incomum, mas sim destruídos no ato sempre que possível. Entretanto, ele não esperava ouvir tais horrores em uma era tão remota da história de Azeroth.

— Muita conversa! — grunhiu Neltharion. — Vamos logo!

Coros não discutiu. Em vez disso, voou para longe da dupla. Seus parceiros, todos da mesma família, o seguiram sem nem olhar o dragão cinza ou Malygos.

— Voamos mais rápido? — perguntou Neltharion.

Malygos concordou:

— Sim. Mais rápido.

E, com isso, os dois dispararam sobre Coros e o resto. Ao ultrapassá-los, Malygos e Kalec ouviram o sibilar furioso de Coros.

Kalec não ficou nem um pouco surpreso ao ver que os protodracos partilhavam mais uma característica com os dragões. Entre os últimos, a corrida sempre fora uma competição popular.

Malygos olhou sobre os ombros para ver Coros e os outros se esforçando para alcançá-lo. Mas ele e Neltharion seguiam com um ritmo espantoso. Kalec mal podia acreditar que seu hospedeiro ainda tivesse tanta força, e então sentiu que Malygos aceitara a sugestão não somente pelo desprezo que tinha por Coros, mas também para que pudesse, por um curto período de tempo, pensar menos sobre os horrores que se abateram em seu mundo.

Apesar do esforço, o macho dragão azul e branco continuou a voar ao lado de

Neltharion e vários metros na frente de seu rival. Por mais que tentasse, Coros não conseguia alcançá-lo. Mas logo deixou seus parceiros de voo para trás.

Ocorreu a Kalec que, dispostos como estavam, os seis protodracos formavam um alvo muito mais visível. Felizmente, nada aconteceu. Mesmo assim, ele sentiu que Malygos também ficara aliviado ao chegar finalmente ao vale onde era possível avistar centenas de protodracos reunidos nas sombras.

O vale ecoava com sibilos enquanto os recém-chegados pousavam, mas nem todas as reações eram destinadas a eles. Havia membros de praticamente toda família protodraco que Malygos conhecia e outras que ele não reconhecia. Muitos não estavam em bons termos com os outros, seja por natureza ou atitude. Somente o desastre que devastava seu mundo os forçava a pelo menos *fingirem* ser aliados no momento.

A tensão também aumentava com a presença de muitos protodracos inferiores — como Malygos os chamava —, aqueles que eram essencialmente pouco mais que animais. Eles tinham que ser reunidos e protegidos constantemente pelos irmãos mais inteligentes. Para Kalec, era um alívio enorme a evolução curiosa daqueles da geração de Malygos.

Um sibilo áspero e rouco ergueu-se sobre a multidão, interrompendo todos os outros. Malygos seguiu o som até a fonte.

Talonixa dominava não somente com a voz, mas também com o tamanho e presença. Ela era tão grande quanto a maioria dos machos; somente alguns poucos, como Neltharion, eram maiores que ela. Seu couro suave emanava um brilho dourado mesmo sob o céu nublado. Ela tinha olhos negros perspicazes e brilhantes que, quando fixos em um protodraco, subjugavam até o mais irrequieto.

Malygos e Neltharion foram até o poleiro onde se encontravam Alexstrasza e Ysera. Ao contrário da maioria dos protodracos, as irmãs ficaram sozinhas em vez de com sua família. Alguns familiares de Malygos ficaram espantados com a escolha de parceiros dele, mas a família de Neltharion não pareceu se surpreender com a escolha de amigos tão estranhos. Na verdade, Kalec achou que eles ficaram aliviados por não ter que se preocupar com o insolente dragão cinza.

Coros voou uma distância curta até se postar ao lado de Talonixa. Ele estava visivelmente sem fôlego, mas fez o que pôde para fingir que estava tão calmo quanto Malygos.

— Mais de nós vieram! — grunhiu Talonixa. — Somos muitos! Digam! Somos muitos!

Um coro de vozes de protodracos repetiu a litania várias vezes. Kalec partilhava da frustração de Malygos ao ver que os protodracos arriscavam a segurança do esconderijo ao

seguir o comando de Talonixa. Força era importante, mas bom senso claramente lhes faltava.

— Ela fala em lutar — murmurou Ysera. — Nada bom. Paz é melhor.

Apesar de parecer tão desapontada quanto a irmã, Alexstrasza discordou:

— Nós devemos lutar... mas não como Talonixa.

— Se lutarmos... morreremos!

Enquanto as duas fêmeas discutiam, Coros escorregou até Talonixa e sussurrou no ouvido dela. O gesto atraiu a atenção de Malygos, que tentou ouvir alguma coisa, mas não conseguiu. Kalec também ficou frustrado; tampouco ele confiava em Coros.

Talonixa escutou com atenção, e então dispensou Coros com um sibilo curto. Ele voltou para a posição anterior, parecendo satisfeito com seja lá o que fosse que informara à protodracos.

— O norte está vazio! — proclamou ela. — Sem mortos-vivos! A trilha de Galakrond também foi encontrada!

A maioria dos outros protodracos recebeu a notícia com acenos de cabeça e sibilos baixos. Mas vários outros não aceitaram a informação muito bem. Malygos sentiu certa satisfação com isso ao estudar os rostos daqueles que hesitavam.

Ele encarou um em particular, mas foi Kalec quem o reconheceu primeiro como o macho marrom que ajudara Malygos e Neltharion durante o confronto com Galakrond. O macho marrom parecia bastante perturbado com as declarações de Talonixa e a submissão dos outros protodracos a ela. Ele se virou e seus olhos cruzaram com os de Malygos.

Talonixa falou de novo.

— Nós lutaremos em breve! Nós encontraremos mais! Encontrem outros! Existem outros! Vão! Voltem quando as luas estiverem cheias!

Se o encontro pareceu terminar abruptamente para Kalec, ele logo aprendeu através de Malygos que tal reunião de protodracos já era incomum para início de conversa e, além disso, um sinal tanto da magnitude da ameaça quanto da influência de Talonixa o fato de tantos comparecerem. De fato, apesar do perigo, vários protodracos pareciam aliviados por poder partir. Outros continuaram a tarefa de guiar o rebanho dos menos inteligentes para longe dali. Uma cena que atiçou a curiosidade de Kalec mais uma vez sobre a transformação que tomava conta dos protodracos.

Uma transformação com pouca chance de sucesso, a menos que de algum modo conseguissem derrotar o voraz leviatã.

Malygos observava com olhos atentos o que Coros fazia. Ao contrário dos demais, ele continuou perto de Talonixa. Enquanto ela se preparava para voar, o dragão azul-esverdeado

escorregou para junto dela e começou a falar.

Sem confiar na influência do rival, Malygos voou na direção da dupla, mas Neltharion se interpôs entre eles.

— Amigo Malygos! Aquele marrom! Você o vê?

Coros olhou para eles. O macho rival bufou. Talonixa aproveitou o momento para voar para longe. Coros, agora desprovido do objeto de sua atenção, fez o mesmo logo depois.

Escondendo a irritação, Malygos voltou-se para o protodracó marrom...

O mundo ondulou. Kalec escorregou para a escuridão por um breve momento, mas ficou desapontado por não retornar para a própria era e corpo.

Malygos voava sozinho novamente, mais cauteloso que nunca. Graças às imagens que piscavam na mente do protodracó, Kalec entendeu rapidamente o motivo. O dragão azul voava sobre terras ao leste, onde houvera inúmeras aparições de mortos-vivos. Entretanto, como em várias outras coisas nas visões anteriores, o motivo real para Malygos estar voando sozinho *não* era tão aparente.

Como na última área que o protodracó sobrevoara, a paisagem lá embaixo parecia desprovida de qualquer vida animal. No entanto, naquele lugar sombrio, nem Kalec nem seu hospedeiro esperaram ver muitas bestas. E Kalec percebeu que Malygos não vira absolutamente nenhuma.

Pousando em um monte baixo, Malygos olhou em volta. Mais imagens vieram à mente de Kalec, preenchendo algumas lacunas. Malygos procurava a razão de Galakrond ter se transformado em um demônio faminto que aterrorizava a todos — e a procurava muito perto do covil do gigante.

Kalec questionou a sanidade de Malygos, mas não tinha escolha a não ser esperar que Galakrond estivesse bem longe dali. O dragão azul acreditava que este era o caso, mas ambos sabiam que havia uma chance de ele estar errado.

O coração de Malygos batia descompassado enquanto o protodracó se aproximava do covil. Os picos eram tão altos que pareciam tocar o sol envolto por nuvens. Montanhas tão imensas deveriam ter cavernas grandes o suficiente para abrigar um monstro do tamanho de Galakrond.

Alguma coisa lá embaixo distraiu Malygos. Ele mergulhou em sua direção. A princípio, Kalec só viu rochas, mas então percebeu que um pedaço daquele rochedo era de uma cor familiar e perturbadora.

Os ossos estavam lá há algum tempo, possivelmente quatro ou cinco estações. Aqueles que estavam visíveis indicavam uma besta do tamanho de muitos protodracos — ou, como

Malygos descobrira depois de raspar um pouco da terra, *era* um protodracó.

Aquele morrera de um modo violento. Muitos ossos estavam quebrados e a parte da frente do crânio fora esmagada por uma força tremenda.

Galakrond, Kalec percebeu. Uma das primeiras vítimas. Para ele, o cadáver apenas confirmava que *Galakrond* estava nesse massacre sangüinário há um bom tempo, mas Malygos evidentemente via algo mais nos ossos.

Embora ninguém houvesse testemunhado como *Galakrond* reduzia suas vítimas a cadáveres descarnados que se levantavam como mortos-vivos logo depois, a prova de sua existência era indubitável. Mas Kalec se perguntava agora, se aquele fora uma presa do leviatã, por que *não* se transformara como as outras?

O silêncio reinava sobre eles, mas alguma coisa fez Malygos olhar para a direita. Até onde Kalec pôde observar, não havia nada para se ver. Mesmo um protodracó corajoso como Malygos não poderia ser acusado por estar alerta em tal situação.

De volta aos ossos, Malygos empurrou alguns para o lado. Sem exceção, eles revelavam que *Galakrond* rasgara ao meio e mastigara a criatura infeliz. As lembranças do dragão azul de um *Galakrond* muito menor, mas ainda imponente, voltaram, e Kalec teve a oportunidade de ver o quanto o leviatã mudara. Visto no estágio inicial, *Galakrond* parecia-se muito mais com um protodracó normal e nem de longe tão grande que pudesse engolir os outros de uma vez só. O corpo também tinha uma aparência mais suave e simples. A cor era mais apagada e os olhos não possuíam aquele olhar de fome incessante.

Malygos continuou a revolver os ossos à procura de pistas. Era outra dica — não que Kalec precisasse de uma — do quão complexo era o pensamento de seu hospedeiro em comparação a muitos outros protodracos.

De alguma maneira ele sobreviveu, pensou o dragão azul. *De alguma maneira, muitos deles sobreviveram... mas como?*

O protodracó ficou tenso de novo. Dessa vez, Malygos olhou os céus.

Ao leste, uma forma grande demais para pertencer a um protodracó normal voava em disparada na direção das montanhas — e de Malygos.

As montanhas estavam muito longe para Malygos alcançá-las sem ser visto. O hospedeiro do dragão azul não tinha escolha a não ser se esconder onde estava. A cor não o ajudava a se camuflar na terra, mas ele tinha esperança que *Galakrond* não voasse perto o bastante para notá-lo.

Uma batida pesada e constante precedeu o leviatã, o som das asas amplas batendo. Malygos sabia que, com cada batida, o protodracó gigantesco percorria metros. A batida

tornou-se mais alta e próxima. Malygos e Kalec sabiam que Galakrond estava quase sobre eles.

Então, a batida começou a diminuir. Com os olhos apertados, Malygos assistiu a Galakrond ir para longe dele e na direção das montanhas. Entretanto, no exato instante em que o dragão azul ousava respirar fundo, o gigante parou. Girando, o leviatã começou a se agitar como estivesse engasgado com alguma coisa.

Nenhum dos dois prestou muita atenção ao que incomodava Galakrond, pois a aparência física da criatura gigante os absorvia totalmente. Embora não fizesse muito tempo desde aquela última visão na qual encontraram Galakrond, Kalec estava abismado de ver como o demônio se tornara ainda mais disforme. Ele não apenas estava estranhamente retorcido, como apresentava agora vários caroços espalhados pelo corpo. Havia também inúmeros borrões de cor cinza que pareciam ser partes *apodrecidas* de Galakrond.

Quando Malygos e Kalec conseguiram se familiarizar com o novo e deformado Galakrond, o monstro vomitou o que causara tanto desconforto.

Cadáveres. Mais que uma porção de cadáveres de protodracos enrugados e frágeis. Eles caíram com uma pilha horrenda, alguns se debatendo enquanto atingiam o chão. Malygos estava muito perturbado pela visão; além do massacre abominável, ele conseguia distinguir entre as formas débeis cadáveres vermelhos, marrons, cinzas e até amarelo-limão.

Kalec quis poder vomitar naquele momento. Em toda a vida, ele — que vira tantos horrores — nunca testemunhara algo que o incomodasse de maneira tão aterrorizante. Ele conseguia imaginar os espasmos finais da morte de cada uma das vítimas e sabia que muitas mais pereceram da mesma forma.

Subitamente ele entendeu o temor de Malygos ao presenciar aquela imagem medonha. Alexstrasza, Ysera e Neltharion também estavam na região e, por causa da distância, o dragão azul-gelo não conseguia saber com certeza se os outros três estavam entre os cadáveres. Embora Kalec soubesse que todos eles sobreviveram àquela era, não pôde deixar de sentir a mesma preocupação do hospedeiro.

Com uma última expulsão, Galakrond terminou. O protodraco gigantesco voltou-se e voou para os céus novamente. Por mais aguçados que fossem seus olhos, Malygos ainda não conseguia distinguir nenhum detalhe preciso dos caroços que cobriam o corpo do leviatã. Se tinham algo a ver com a loucura dele, nenhum dos dois observadores poderia dizer, mas Malygos queria vê-los de perto.

Entretanto o hospedeiro de Kalec não era imprudente. Ele esperou Galakrond voar para bem longe, observando até que o demônio desaparecesse na distância. Foi só então que

Malygos começou a se levantar — e caiu instintivamente mais uma vez quando outros três protodracos chegaram voando da mesma direção que Galakrond viera.

Kalec percebeu que nem seu próprio hospedeiro entendeu exatamente o porquê de ter escolhido se esconder em vez de avisar o trio. No entanto, ao se aproximarem, a cor dos três indicou que talvez Malygos tivesse escolhido a opção certa.

Os três protodracos azul-esverdeados rugiram sobre a paisagem como se não estivessem intimidados com o potencial desastre. Malygos os observou enquanto aproximavam-se do local onde Galakrond parara pela última vez. Naquele momento, ele reconheceu Coros como o líder.

Um dos outros protodracos viu os restos macabros da última refeição de Galakrond. Ele sibilou imediatamente para Coros.

Ele liderou a descida até os cadáveres. Pousou perto de um deles, estudou-os um pouco por um momento e então olhou na direção em que o leviatã assassino partira.

Com um sibilo, Coros alçou os ares e seguiu na mesma direção. Seus dois parceiros o acompanharam.

Malygos — e Kalec — assistiram com incredulidade ao trio seguir no encalço de Galakrond. Coros não parecia suicida para Kalec e os pensamentos de Malygos estavam em concordância. Mas nenhum dos dois conseguia imaginar um motivo são para Coros arriscar-se tanto. Se ele estivesse apenas espiando o gigante, o fazia de maneira muito mais descuidada que Malygos.

Levantando-se, o hospedeiro de Kalec observou as figuras que desapareciam a distância. Malygos não sabia se deveria alertar os três ou deixá-los partir para a destruição. Animosidades do passado não significavam muito no momento, Malygos não desejava nem a Coros um destino tão horrível quanto o dos outros protodracos...

Um sibilo entrecortado subiu da pilha de cadáveres. O dragão azul-gelo esqueceu tudo sobre Galakrond e Coros assim que se virou na direção da chacina. O primeiro pensamento a surgir na mente do protodrato foi de que uma das vítimas sobrevivera. Malygos foi para perto dos cadáveres, tentando localizar a origem do som.

Enquanto se aproximava, outro sibilo entrecortado soou de um lugar diferente. Malygos parou, olhando para lá.

E um terceiro sibilo soou vindo de um novo lugar.

Várias vítimas começaram a se levantar. As cabeças se viraram como uma só para olhar o hospedeiro de Kalec.

Olhar... com o olhar vazio dos mortos-vivos.

3

CAÇADOS PELOS MORTOS-VIVOS



Malygos recuou, já batendo as asas para voar.

Infelizmente, não vira uma das criaturas mortas-vivas levantar-se à sua direita. O sibilar foi seu único alerta.

Uma névoa pútrida exalada pelo morto-vivo tocou sua asa. Malygos rugiu ao sentir um frio que nem ele podia suportar queimando seu corpo.

Apesar da agonia, Malygos soprou de volta. Gelo cobriu a criatura atacante, mas em vez de deixar o morto-vivo congelado, apenas diminuiu sua velocidade. Ainda assim, o golpe fez Malygos ganhar o tempo que precisava para alçar voo. Ignorando a dor, subiu cada vez mais para o alto.

O coro de sibilos perturbadores abaixo alertavam que diversos mortos-vivos o perseguiram.

Apesar de Kalec desejar desesperadamente que o protodracão olhasse para baixo para ver se eles estavam muito perto, Malygos continuou concentrado na subida. Kalec entendeu que o hospedeiro esperava fugir dos horrores alados sumindo na escuridão das nuvens.

Malygos não parou para respirar nem depois de se esconder. Ele deu uma guinada para a esquerda e então, após uma curta distância, voou devagar. Atrás dele, os sibilos dos mortos-vivos espalharam-se pelas nuvens. Alguns pareciam estar cada vez mais longe, enquanto outros indicavam que os perseguidores ainda estavam na trilha certa.

Malygos fechou as mandíbulas com força, respirando pelas narinas o quanto pôde.

Qualquer som, mesmo de respiração, poderia ser o suficiente para atrair a atenção de um morto-vivo. Kalec, forçado a aceitar todas as decisões do hospedeiro, continuava impressionado com a inteligência do protodracó. Apesar das circunstâncias, este Malygos ainda era o mesmo que reinara tão sabiamente por tanto tempo. Este era o Malygos que um Kalec mais jovem — assim como todos os outros protodracos azuis — admirava.

E ele ainda é um protodracó, lembrou-se Kalec. Como pode ser possível? Como pode...

Outro sibilo soou, desta vez na frente de Malygos.

O cadáver vermelho desbotado chocou-se com o hospedeiro do dragão azul. O fedor da decomposição invadiu Malygos quando o protodracó sibilou em sua cara. De perto, podia-se ver partes do crânio de onde pedaços de pele seca haviam caído. Um olho afundara. Os dentes que gotejavam um muco grosso partiram para cima da garganta de Malygos. Garras fincaram-se no hospedeiro de Kalec, rasgando-lhe as escamas.

Malygos abaixou-se, agarrando a mandíbula inferior do morto-vivo com os dentes. Com uma mordida poderosa, o protodracó arrancou a mandíbula.

Um fluido negro que já fora sangue jorrou da ferida aberta. A criatura não hesitou, mas a perda da mandíbula significava menos uma fonte de perigo para Malygos. O hospedeiro de Kalec cuspiu a carne apodrecida e soprou rapidamente dentro da garganta exposta.

A névoa de gelo invadiu o morto-vivo, congelando suas entranhas. O oponente de Malygos se contorceu e o largou.

Malygos chicoteou a cauda para frente, atingindo o torso congelado. O morto-vivo se despedaçou, separando-se em duas metades e caindo em direções diferentes. A metade alada superior continuou no ar por um momento; e então a ilusão de vida se desvaneceu e os restos caíram no chão lá embaixo.

Mas de muito perto vinham mais sibilos, indicação de que vários outros mortos-vivos foram atraídos pela comoção. Com o gosto de carne apodrecida ainda na língua, Malygos voou em frente.

Um cadáver animado materializou-se em meio às nuvens escuras, bloqueando o caminho. Malygos tentou ultrapassá-lo por cima, mas outra criatura surgiu naquela direção.

O hospedeiro de Kalec parou de bater as asas imediatamente e caiu como uma pedra entre os dois mortos-vivos.

Mas, ao descer da cobertura de nuvens, Malygos descobriu ter escapado de dois para cair no meio de *quatro*. Os rostos de expressão vazia e famintos o cercaram, fazendo Malygos perder a esperança pela primeira vez.

Não! Faça alguma coisa! Kalec rugiu em silêncio, inutilmente. *Faça alguma coisa!*

Dois dos monstros curvaram-se sobre Malygos, que conseguiu se esquivar de apenas um. O segundo agarrou-o pelo braço e asa esquerdos, impedindo Malygos de voar. Os outros três abateram-se sobre ele.

Malygos soprou em cima daquele que o segurava. De novo, o gelo apenas desacelerou o morto-vivo. E, apesar de nenhum dos quatro se mover com a velocidade de um protodracó vivo, eles o prenderam.

Kalec teve certeza da morte — ou pior — enredar-se pelos pensamentos de Malygos, que continuava lutando.

Subitamente, um disparo do que parecia areia atingiu as costas de um dos adversários. A areia golpeou com tamanha intensidade que o corpo seco e enrugado se partiu em dois. O protodracó morto-vivo torceu-se selvagememente enquanto ainda tentava segurar Malygos.

Um rugido feroz soou de outra direção, e tão alto que Kalec e o hospedeiro pensaram que Galakrond estava de volta. Mas o rugido foi seguido pela risada familiar de Neltharion, que investia contra um dos cadáveres.

O cadáver mais próximo voltou-se para atacar Neltharion, mas um disparo de areia golpeou a vítima com tanta força que a criatura foi lançada aos tropeços para longe. O disparo foi seguido por uma forma marrom que apanhou o cadáver cambaleante pela garganta e mordeu através de ossos e escamas com força até lhe decepar a cabeça. O corpo flutuou sem rumo, até o recém-chegado cuspir os restos com o mesmo nojo que Malygos mostrara há pouco tempo.

Tendo como oponentes só o demônio de costas quebradas e mais outro, o hospedeiro de Kalec conseguiu se defender melhor. Ele segurou a pata traseira da criatura arruinada e a empurrou para cima do outro protodracó. A pata agarrou instintivamente a asa do atacante, dando uma abertura para o macho dragão azul enquanto seu principal oponente lutava para se libertar.

Dessa vez, Malygos soprou sobre as asas do atacante até ficar sem fôlego. A vertigem quase se apoderou do hospedeiro de Kalec, mas o protodracó lutou para permanecer acordado.

Completamente congeladas, as asas puxaram o morto-vivo para baixo. A segunda criatura — ainda presa nas garras da primeira — também caiu, levando Malygos junto com eles.

Enquanto os três caíam, o dragão azul-gelo mordeu o braço do segundo demônio, quebrando-lhe o osso o mais rápido que pôde. Além do semblante do primeiro morto-vivo, o protodracó e Kalec viram que estavam se aproximando do chão.

O osso finalmente se partiu — junto com um dente de Malygos. A dor era uma perturbação momentânea em comparação com o que aconteceria se ele não terminasse de morder o membro. O hospedeiro de Kalec intensificou a mordida e o último pedaço de osso cedeu.

Batendo as asas com força, Malygos atingiu o adversário principal ao voar em direção dos céus. Com um som horrendo, os últimos tendões e músculos se separaram, permitindo que ele escapasse dos dois mortos-vivos.

Os cadáveres animados caíram na paisagem rochosa; a colisão fora tão intensa que as duas formas secas se despedaçaram e pedaços voaram em todas as direções. Nesse meio-tempo, Malygos, que já se desfizera da pata que o segurava, estava bem alto no céu.

E lá Malygos encontrou Neltharion, o macho marrom que observara na reunião de Talonixa, Alexstrasza e Ysera. As irmãs voavam em lados opostos à área onde os machos derrotavam os oponentes macabros, mantendo vigilância contra mais ameaças. Neltharion estava despedaçando a criatura contra quem lutava. Não havia sinal do inimigo do macho marrom, o que só podia significar que o recém-chegado já despachara o morto-vivo.

Quando Malygos se aproximou, Neltharion largava os últimos fragmentos do oponente. Do grupo, somente o dragão cinza parecia mais animado:

— Ah! Vencemos.

— Ainda podemos perder — lembrou o macho marrom, com impaciência. — Há muitos mortos-vivos por perto...

Alexstrasza e Ysera juntaram-se ao trio.

— Não vimos nada — murmurou a fêmea amarelada. — Nada além de morte.

A irmã silvou para ela, mas Ysera continuou destemida. Através de Malygos, Kalec viu que Ysera acreditava que ainda havia uma maneira de conquistar a paz com Galakrond. Ela não era a única, aliás.

Malygos olhou o macho marrom.

— Eu conheço você.

O outro abaixou a cabeça.

— Nozdormu.

— Você luta bem.

Neltharion riu.

— Quase tanto quanto eu!

O sorriso de Nozdormu foi breve.

— Muitos mortos-vivos. Por que aqui? E por que agora?

Ficou evidente para Kalec e seu hospedeiro que nenhum dos outros testemunhara nada similar à cena grotesca que Malygos vira há pouco. Nem tampouco alguém vira Coros voar em perseguição a Galakrond. Malygos decidiu não mencionar o último incidente no momento, a visão horrenda era muito mais importante.

Por mais inteligente que fosse, Malygos ainda era um protodracos. As palavras que precisava para explicar adequadamente o que ele vira Galakrond fazer com as vítimas eram difíceis de encadear, ainda mais com o perigo ainda tão próximo. Kalec estava tão ligado a Malygos que podia sentir a frustração do dragão azul-gelo e desejou poder falar por ele.

Com palavras claudicantes, Malygos fez o melhor que pôde. Suas descrições eram breves, mas uma emoção genuína preenchia muitas lacunas, aperfeiçoando a narrativa. Ele deixou os outros protodracos atordoados, até mesmo Neltharion. Ninguém duvidou dele: todos entendiam que Malygos era confiável.

— Como? — perguntou Alexstrasza, consternada. — Como? O que aconteceu com Galakrond?

Malygos achava que entendia o motivo.

— Galakrond precisa comer muito. Ele não conseguia encontrar presas que bastassem. Ficou cada vez mais faminto. Faminto demais. Comeu um de nós.

Embora tal ato parecesse muito chocante para Kalec — estes eram protodracos, criaturas que ele pensara serem apenas brutos —, ele percebeu que eles tinham limites muito parecidos com os dos dragões. Os protodracos podiam lutar um contra o outro até a morte, mas eles não comiam seus inimigos. Apesar de toda a selvageria, esse conceito os revoltava. Eles testemunharam Galakrond cometendo o ato hediondo várias vezes, mas não estavam dispostos a aceitá-lo.

— Faminto — rosnou Neltharion, com a atitude, geralmente animada, agora consternada pelo que estavam discutindo. — Comeu um de nós. Por que comer mais? Há ruminantes no norte! Você viu Galakrond comer! Bastante comida! Por que continuar com isso?

Malygos balançou a cabeça. Ninguém tinha uma resposta para isso.

Mais sibilos soaram. Os protodracos olharam na direção dos sons. Os sibilos ainda estavam longe, mas pareciam se aproximar deles.

— Vamos partir — decidiu Alexstrasza. — Agora.

Não houve protesto, nem de Neltharion. Eles não faziam ideia de quantos mortos-vivos poderiam atacar a seguir. A descoberta de Malygos de como os mortos-vivos começaram a existir mudara tudo.

Malygos começou a se preparar para voar...

O mundo de Kalec virou de ponta-cabeça, e apesar de tentar se preparar dessa vez, o dragão desmaiou. Como em todas as demais vezes, a escuridão o engolfou, mas apenas uma breve passagem no tempo — e não um retorno à realidade — ocorreu.

Os protodracos estavam atacando, com Talonixa liderando. Inúmeros protodracos, representando praticamente todas as famílias que o hospedeiro de Kalec conhecia, entraram no combate. O inimigo não era Galakrond, no entanto, mas vários mortos-vivos.

Malygos e seus companheiros já tinham estado em menor número, mas agora o oposto acontecia. Os protodracos enfrentavam talvez uma dúzia de cadáveres animados, que o dragão azul entendeu de imediato terem sido atraídos propositalmente para o desfiladeiro onde se passava a batalha.

Através de Malygos, Kalec vislumbrou Ysera e percebeu que Alexstrasza e Neltharion também faziam parte das forças de ataque. Nozdormu recusara-se a participar, embora não por covardia. Malygos não sabia onde ele estava e, no momento, não tinha tempo para se preocupar com isso. Aquelas criaturas terríveis poderiam estar em menor número, mas ainda eram fatais.

A primeira a ter conhecimento desse fato foi uma impetuosa fêmea alaranjada alguns anos mais velha que Alexstrasza. Na linha de frente, ela voou para cima de um morto-vivo menor, que antes fora um protodrato jovem. Entretanto, apesar da presa parecer fácil e Malygos alertar sobre os perigos dos inimigos, ela baixou a guarda para o “sopro” do morto-vivo.

A nuvem letal caiu sobre a cabeça e asas da fêmea. Ela a repudiou, e então abriu a boca para lançar a própria rajada.

Mas, subitamente, a cor brilhante de suas escamas desbotou onde a nuvem a tocara. A carne murchou e a pele ficou ressequida. Em vez de soprar uma rajada poderosa, a fêmea entoou um grito agudo enquanto seus olhos ficavam vidrados.

E enquanto Malygos e Kalec assistiam, assombrados, as escamas e pele se desprenderam num piscar de olhos. Os ossos expostos — com a mandíbula ainda aberta — racharam e caíram ao chão.

O torso, com as asas arruinadas batendo fracamente, tombou em seguida.

Talonixa rugiu de raiva com o erro fatal da protodrato. Liderando outra de sua família, mergulhou em cima do pequeno morto-vivo e o destroçou pelas costas. Para garantir, a fêmea imponente arrancou-lhe a cabeça com os dentes e a cuspiu na direção de outro cadáver alado.

— *Matem assim!* Chega de estupidez!

O conselho, baseado em grande parte nas informações que Malygos e Neltharion transmitiram antes do ataque, provou-se muito útil aos outros. Agrupados em equipes de cinco, os protodracos avançaram sobre os mortos-vivos restantes. Um cadáver foi totalmente despedaçado; outro, queimado até virar cinzas.

Houve mais fatalidades, apesar da insistência de Talonixa, que Malygos esperava e acreditava que poderiam ter sido evitadas. Os mortos-vivos apesar de emaciados, possuíam uma força física surpreendente e uma tenacidade incrível. Além disso, eles não precisavam respirar fundo antes de soprar aquelas horríveis nuvens de decomposição. Isso foi descoberto por dois protodracos que presumiram estar a salvo depois de esquivarem-se das rajadas iniciais. Seus cadáveres ainda se retorcendo precipitaram-se até o solo distante.

Ainda assim, outro atacante poderia ter sofrido o mesmo destino, se Neltharion não descesse sobre o morto-vivo no exato instante em que ele iria lançar sua rajada. O futuro Asa da Morte agarrou a cabeça do cadáver com as patas traseiras e a dilacerou. Um pequeno jorro do gás fatal saiu através do ferimento no pescoço, mas não atingiu ninguém. O protodraco cinza dando uma risada ao largar a cabeça e começou a rasgar o torso que continuava a voar em círculos.

Malygos balançou a cabeça ao ver o entusiasmo do amigo. Para o hospedeiro de Kalec, quanto mais cedo aquilo terminasse, melhor. Assim como Alexstrasza e Ysera, o dragão azul-gelo ainda conseguia ver a vida que existira nos rostos daquelas abominações. Eles tinham que ser destruídos, mas não havia razão para se alegrar com isso.

Talonixa atacou por último, soprando uma rajada forte sobre um morto-vivo solitário. O relâmpago lançado por ela ateou fogo na pele seca. O cadáver animado ainda continuou voando, mas uma segunda rajada despedaçou o corpo já esfacelado, e as cinzas dispersaram-se por toda a região.

Com a destruição do oponente, a enorme fêmea dourada rugiu triunfante. Seu grito foi acompanhado por muitos dos outros, fazendo Malygos piscar ao pensar como eram altos. Os gritos foram em grande parte responsáveis por atrair os mortos-vivos. Malygos admirava-se de que nem Talonixa ou seus aliados tivessem pensado nisso, mas ele era inteligente demais para mencionar o assunto. Talonixa não tolerava aqueles que não concordavam com ela e já golpeará o rosto de um macho bronze apenas por questioná-la. Ela também possuía vários seguidores zelosos que fariam ainda pior a qualquer outro opositor.

Por enquanto as irmãs, Neltharion e o hospedeiro de Kalec seguiam as decisões dela enquanto discutiam qual a melhor escolha a fazer. Nenhum deles sabia ainda que escolha

era essa, mas todos sabiam que estavam correndo contra o tempo.

Kalec também conseguia ver o desastre se aproximar e não achava que o breve triunfo prefigurava o mesmo contra Galakrond. O dragão azul praguejava silenciosamente com a sensação de impotência sobre a questão e, naquele momento, percebeu que sentia-se mais sintonizado com aqueles eventos ancestrais que com seus próprios problemas do presente.

Isso não está certo, pensou Kalec. Isso é um reflexo do passado. Já passou! A única batalha a ser travada é pelo futuro!

Mesmo assim, Kalec sentia-se pertencer àquele pequeno grupo tanto quanto Malygos. Quando Alexstrasza e Ysera falavam com seu hospedeiro era como se falassem com *Kalec*. Ainda mais surpreendente, até Neltharion estava do lado de Malygos, lutando com ele como qualquer amigo e camarada faria, e Kalec sentia *a mesma* afinidade que o hospedeiro desenvolvera pelo macho dragão cinza.

Afinidade com Asa da Morte... e através de um hospedeiro que também se tornaria uma grande ameaça para toda Azeroth. O pensamento fez Kalec tremer e ele praguejou de novo sobre o que lhe acontecera, esperando que, de alguma maneira, conseguisse voltar para seu tempo e corpo.

O jovem Malygos, sem saber dos apuros de Kalec, estava mais preocupado com sua amiga. Ele observou Ysera mergulhar no desfiladeiro, com o padrão de voo um tanto incorreto. Ao não encontrar Alexstrasza, o dragão decidiu seguir a fêmea amarelada.

Com esforço óbvio, Ysera se endireitou a poucos metros do solo. Os restos calcinados e partidos do morto-vivo estavam espalhados sob ela. Ao se aproximar, Malygos percebeu que a respiração de Ysera se tornara difícil. Dentro dele, Kalec — esquecendo momentaneamente a própria angústia — partilhava da preocupação de Malygos pela protodracô.

Ysera não notou o dragão azul-gelo até que ele estivesse quase ao lado dela. Até nesse instante, ela apenas olhou-o com olhos sombrios e continuou se esforçando para recuperar a respiração.

O macho dragão azul-gelo pousou ao lado dela, mas não falou nada. Ao observar Ysera, Malygos notou seu olhar passando de um pedaço rasgado de pele ressequida para outro. Nem ele nem Kalec conseguiam saber o que ela pensava; os fragmentos pertenciam a várias famílias, incluindo as de Malygos e de Neltharion, mas não a de Ysera.

— Não está aqui... — murmurou ela finalmente, com a respiração mais suave. — Não está aqui...

Após um momento, Malygos perguntou:

— Quem?

— Dralad.

O nome nada significava para Kalec ou seu hospedeiro. Malygos esperou até ela esclarecer a questão.

— Irmão de ninhada...

Malygos silvou baixo, e então murmurou:

— Ele está morto.

— Estes também estavam.

Aquele pensamento ocorrera a Malygos e Kalec, mas não exatamente o que Ysera estava querendo dizer.

— Eu vi o cadáver — respondeu Malygos.

Ela encarou o macho, com o olhar firme e exigente.

— Não foi queimado pela minha irmã. Você o destruiu?

Malygos balançou a cabeça. Ninguém pensava em destruir os mortos naquela época. Embora nesta geração tivesse havido um salto no nível de inteligência dos protodracos como nada que eles viram antes, a noção de um enterro adequado ainda não passara pela mente daquelas criaturas. Até os dragões, Kalec bem sabia, simplesmente preferiam se dirigir ao local de descanso final perto do templo.

E, estranhamente, perto de *Galakrond*.

— Observei cada morto-vivo — continuou Ysera, esticando as asas. Ela parecia recuperada do combate, embora claramente um pouco cansada. — Não foi encontrado. Não foi encontrado.

— O cadáver dele...

— Não está aqui! — gritou a fêmea. E então, parecendo mais cansada de novo, interrompeu a conversa e alçou voo.

O hospedeiro de Kalec a assistiu subir aos céus. Pelo que lembrava, o irmão de ninhada de Ysera não retornara como tantos outros. Muitas das primeiras vítimas permaneceram mortas. Alexstrasza certamente falara algo do tipo para a irmã, mas a procura malsucedida de Ysera incomodava Malygos... e Kalec. Seria possível que os mortos mais antigos também estivessem se levantando? Se fosse o caso, a ameaça aos protodracos vivos era muito maior que eles imaginaram.

O dragão azul-gelo balançou a cabeça, com pensamentos demais atormentando-o. Ele ainda era um protodraco, não importa o quanto inteligente se considerasse. Mesmo acreditando que Alexstrasza deveria estar tão preocupada com aquela possibilidade quanto

ele, Malygos não conseguia se sentir melhor sobre isso. Kalec, com tantos problemas para resolver no presente, mas preso naquela visão, conseguia facilmente simpatizar com ele...

Um silvo quase inaudível soou do lado sul do desfiladeiro. Foi tão baixo e curto que nem o protodracô nem Kalec tinham certeza de que o tinham ouvido realmente, mas, por fim, pelo menos Kalec soube que ambos *ouviram*.

Agachado, Malygos arrastou-se com cautela para o sul. Os olhos observavam cada sombra, cada forma maior, fossem restos de um cadáver animado ou uma simples rocha. Ele ouviu cuidadosamente procurando uma repetição do silvo, mas apenas escutava o vento atravessar o desfiladeiro, um som que *ambos* sabiam não ser o mesmo de momentos atrás.

Respostas plausíveis passaram pela mente do protodracô enquanto se movia. Um morto-vivo que conseguira se esconder dos caçadores? Mas os cadáveres não se escondiam. Eles conheciam apenas a fome implacável e então procuravam por presas; não se escondiam delas. Outra fonte em potencial do som era um integrante dos atacantes que jazia ferido. Fazia muito mais sentido, mas por que ninguém notara que faltava um lutador machucado?

Kalec pesquisava os arredores com Malygos, mas não via nada. Ele questionou a determinação do protodracô em encontrar o barulho, mas não havia como impedi-lo.

Sombras encobriam toda a área em frente. Malygos parou por um instante, e então seguiu para dentro da escuridão. Os olhos começaram a se acostumar com a mudança na iluminação...

E alguma coisa o tocou nas costas.

O protodracô voltou-se. Ele e Kalec viram uma figura pequena voando.

Malygos silvou quando sua cabeça começou a doer imensamente. Para Kalec, parecia que todos os trovões que já ecoaram sobre Azeroth se aglomeravam para causar uma tempestade fantástica. Se ele tivesse patas próprias, as fecharia contra os ouvidos. Mas, como estava, só o que poderia fazer era rugir em silêncio enquanto a dor aumentava além do suportável...

E, pela primeira vez, Kalec ficou agradecido quando a escuridão o envolveu.

4

REALIDADES CAMBIANTES



Mais uma vez, Kalec acordou coberto de suor e sem fôlego. E também na forma metade élfica. Essas coisas não o surpreenderam tanto como o que ele presenciou ao conseguir focar os olhos o bastante para enxergar onde estava.

Até onde ele poderia dizer, aquele era o mesmo desfiladeiro em que acabara de deixar o jovem Malygos.

Esfregando os olhos, o dragão azul olhou de novo a paisagem rochosa. Havia muitas mudanças, mas ele estava certo de que era o mesmo local.

E o fato de ele estar tão certo disso também o perturbava. Kalec visitara centenas de lugares durante toda a vida e enquanto alguns, tais como o Platô da Nascente do Sol — onde ele vira Anveena pela última vez — e o Nexus, eram importantes, não havia razão nenhuma para ele estar tão certo de que aquele era o mesmo desfiladeiro. É verdade que acabara de visitá-lo através de Malygos há poucos momentos — presumindo que *fora* há poucos momentos —, mas milênios incontáveis se passaram desde que o protodracô estivera lá e, durante esse tempo, a natureza e outros fatores remodelaram a forma do desfiladeiro várias vezes.

E mesmo assim, Kalec poderia jurar pela própria vida que era o mesmo lugar.

Ele se virou, esperando encontrar o artefato amaldiçoado ali perto. Apesar de não encontrá-lo, tinha certeza de que o objeto era responsável por mais aquele pequeno incidente.

Que coisa diabólica você está planejando agora? Kalec perguntou à relíquia oculta. Não esperava uma resposta, é claro. Apenas mais perguntas, mais mistérios. Mais insanidade.

A atitude calma e quase desapegada que adquirira enquanto fazia parte do passado desapareceu novamente com o retorno ao presente. Agora, todo o estresse atingiu Kalec tão pesadamente que ele esmurrou a parede de rochas mais próxima. Se não tivesse protegido instintivamente o punho, teria quebrado os ossos da pata e não a parede. Ainda assim, a rocha quebrada o atingiu no rosto, fazendo o ex-Aspecto pular para trás.

Foi então que ele viu as pegadas no solo áspero.

Milhares de bestas e um bom número de seres inteligentes sem dúvida cruzaram o desfiladeiro desde a última vez em que Kalec o visitara e as pegadas poderiam pertencer a qualquer um, mas, novamente, ele sabia que não eram pegadas aleatórias. As primeiras eram de uma criatura bastante grande e com a aparência de um réptil: um protodracó. Ela vinha da mesma direção em que Malygos passara naqueles últimos instantes antes de Kalec voltar para sua época e forma. Ele até reconheceu os lugares onde o protodracó parara antes que a forma flutuante os atacasse.

Ao lembrar da outra figura, o ex-Aspecto voltou a atenção para o outro par de pegadas um pouco atrás das de Malygos. Pegadas menores. Pegadas de um ser bípede que usava botas ou sandálias: um elfo ou um humano.

Ele recordou a forma de manto e capuz que vislumbrara mais de uma vez e que, sem dúvida, estava ligada ao artefato.

Ao inspecionar as pegadas, Kalec notou que elas ultrapassavam as de Malygos. Apesar de todas as eras passadas, o dragão azul as seguiu com facilidade. Elas continuavam em direção ao sul, e cada passo marcado na rocha aparentemente era para benefício dele.

Com certa ansiedade, mas determinado a encontrar *algumas* respostas, Kalec seguiu as pegadas. Elas se afastaram rapidamente das de Malygos. O dragão azul imaginou o que poderia ter acontecido naquele ponto. Será que o protodracó voltara? Ou teria encontrado seja lá o que fosse que Kalec estava perseguindo?

O dragão azul ficava frustrado por se importar com eventos que aconteceram há tanto tempo. Kalec deveria se preocupar em encontrar alguma maneira de escapar das invasões incessantes do artefato à sua mente antes que ele destruísse sua já frágil sanidade.

Kalec não sabia por que se transformara para a forma atual, mas, por enquanto, ele a achava reconfortante apesar de ter que escalar o caminho rochoso. Passara muito tempo de seu passado recente na forma humanoide, especialmente quando estava com Anveena, ou, ultimamente, ao conversar com Jaina. Tempos atrás, ao conhecer o companheiro lendário de

Alexstrasza, Korialstrasz, ele se perguntara o porquê do macho carmesim passar tanto tempo na forma humanoide, fingindo ser o teurgo Krasus. Agora, não questionava mais a preferência.

O caminho o levou até uma região à sombra que o fez lembrar que grande parte da área que ele trilhara também já fora protegida do sol. Ainda assim, apesar do óbvio transtorno necessário para derrubar tantas rochas, ou as pegadas permaneceram descobertas ou alguém se dera ao trabalho de limpar a sujeira com cuidado.

Antes que ele pudesse pensar mais a respeito, a trilha virou para a esquerda da rocha. Kalec franziu o cenho, e então viu uma fenda estreita na rocha, uma abertura de tamanho suficiente para que ele a atravessasse na forma atual.

Por alguma razão, não achou que aquilo era uma mera coincidência.

O corte provou ser ainda mais estreito do que Kalec calculara, forçando-o a se contorcer para atravessar. A escuridão lá dentro o fazia recordar de todas as vezes que escorregara da realidade para as visões. Ele tremeu, mas deu mais alguns passos em frente antes de evocar uma esfera brilhante.

Sob a luz roxa, a feição debilitada de um protodracô olhou de volta para ele.

Kalec moveu-se para o lado e lançou a esfera no monstro à espreita. Os esforços do ex-Tecelão de Feitiços transformaram um feitiço simples de iluminação em ataque. A esfera explodiu ao atingir o peito do protodracô, flamejando a pele ressequida.

Um odor almiscarado chegou até Kalec enquanto a energia mágica queimava o protodracô. O ex-Aspecto evocou outra esfera maior, revelando o interior da caverna.

Mais de uma dúzia de protodracos, todos extremamente debilitados, observavam Kalec. Ele preparou um feitiço e então parou ao perceber que nenhum deles — nem aquele que atacara antes — se movera até aquele momento.

Ele finalmente se deu conta de que estes *não* eram os mortos-vivos que Malygos e os outros enfrentaram. Eram apenas protodracos mortos.

Apenas? Ao observá-los de perto, o dragão azul viu algumas diferenças. Cada um dos protodracos era disforme de um jeito ou outro. Mas não parecia que os defeitos eram congênitos. Kalec observou um protodracô que parecia ter um quinto membro crescendo do lado do torso. Outro tinha um terceiro olho acima do ombro direito.

Que tipo de exibição macabra é essa? O dragão azul encarava o grupo e via que cada um possuía algum ferimento. Ao investigar um cadáver após outro, percebeu que tais ferimentos certamente enfraqueceram aqueles protodracos, isso se não os mataram de imediato. Além disso, o ex-Aspecto viu que os mortos estavam deitados todos juntos como se

tivessem se reunido com muita pressa.

Kalec parou novamente. Era claro para ele que fora trazido àquele lugar pela relíquia ou seja lá qual poder ela servia, mas o que deveria aprender com aquele espetáculo grotesco?

Um rangido deixou seus nervos à flor da pele e ele evocou outro feitiço. O dragão azul virou-se e encontrou o primeiro protodraco cambaleando para frente, com o dano recebido pela esfera impedindo-o de manter o equilíbrio. O cadáver caiu no solo rochoso e se despedaçou.

A cabeça rolou para perto de Kalec, e sob a luz restante da segunda esfera, ele finalmente reconheceu o semblante reptiliano.

Malygos.

Kalec recuou em choque, balançando a cabeça durante todo o tempo. *Não pode ser verdade! Não pode ser! Não é Malygos! Não é possível...*

Sua mente girava. Kalec caiu em cima de um dos cadáveres, que derrubou o que estava ao lado. De repente, todos os protodracos começaram a cair em cima dele.

Desesperado, Kalec fechou os olhos e concentrou seu poder ao redor dele. A caverna ficou repleta de energia branca brilhante, tão brilhante que cegava até o lançador.

Arfando, o ex-Aspecto caiu sobre um dos joelhos. De cabeça para baixo, esperou os cadáveres soterrarem-no sob o peso deles. Quando isso não aconteceu, ele cuidadosamente olhou para cima...

... E se viu ajoelhado dentro do próprio santuário.

A princípio, não ousou se mexer. O dragão azul tremia ao tentar verificar se o que ele via agora era real, mais do que a caverna fora. Tinha certeza absoluta que estivera no desfiladeiro — exceto que isso significaria que a relíquia o transportara de uma parte do mundo para outra com menos esforço do que ele precisava para respirar.

Um som de batidas rápidas ecoou em sua cabeça. Ele demorou um momento até reconhecer que era seu coração disparado. Tentou desacelerar a respiração para que o coração também voltasse ao ritmo normal.

Ele continuava no santuário. Ainda ajoelhado, Kalec tocou o chão. Parecia sólido, mas o cadáver sobre o qual caíra e a rocha pela qual escorregara também pareceram.

— Isto é real. Isto é real — murmurou Kalec, sentindo-se desconfortável por precisar falar em voz alta para tentar se convencer. *Mas a caverna também era real! Era sim!*

Ele não sabia o que era pior: ser arremessado pelo mundo ou simplesmente ser convencido de que tal coisa acontecera. De qualquer maneira, o artefato continuava a invadir profundamente a sua mente. O presente se tornara uma série de momentos em que

não podia confiar, enquanto as visões se tornavam cada vez mais realistas. Kalec sabia, no entanto, que se permitisse ficar sintonizado demais com as visões poderia, em dado momento, *nunca* mais voltar para o aqui e agora.

O ex-Aspecto rangeu os dentes. *Se isto for mesmo o aqui e agora.*

O dragão azul levantou-se. O fardo de sua existência estava onde ele o deixara, ainda emanando um brilho mágico suave.

— Estou cansado desses jogos! — gritou ele para o artefato. — Diga-me o que você quer!

Mas, embora conseguisse fazer tantas coisas e manipulá-lo de tantas maneiras, a única coisa que a relíquia aparentemente não conseguia fazer era falar com ele.

Kalec?

O macho dragão azul pulou de susto. Com os olhos arregalados, ele encarou o artefato, esperando que este falasse novamente.

Kalec?

A voz vinha de dentro de sua cabeça, mas a relíquia não era a fonte. Alguém estava chamando por ele. Kalec sabia que deveria falar com aquela voz.

— Jaina...

Apesar da dúvida inicial em deixá-la descobrir o que estava acontecendo com ele, o dragão azul agora agarrava-se à chance de responder ao chamado dela. A arquimaga representava parte da estabilidade que procurava manter.

— Jaina! — chamou para o vazio, percebendo tarde demais como parecia desesperado. Respirando fundo, tentou de novo. — Jaina, estou escutando você. Espere.

Fortalecendo-se, recriou a fenda no ar que permitia que os dois se comunicassem frente a frente. Através dela, teve a visão dos aposentos de Jaina. Apesar de tê-lo chamado, quando o tecelão de feitiços apareceu, ela estava debruçada sobre uma mesa de madeira, inspecionando um pergaminho.

— Kalec... — O sorriso inicial de Jaina se desvaneceu quando ela olhou o ex-Aspecto. — Tem certeza de que você está bem?

Ele achava que ajustara a aparência adequadamente, mas era claro que não conseguira ocultar completamente todo o estresse pelo qual passava mesmo naquele exato instante.

— Eu estou... Tenho estado sob mais pressão do que gostaria de admitir — começou, pensando em como ser vago sem exagerar. — O Nexus... você entende.

— Você não precisa dizer mais nada, se não quiser. Mas estou disposta a ouvir, se for de alguma ajuda.

Ele considerou a oferta seriamente por um momento. Entretanto, Kalec chegou à conclusão de que era melhor não envolver Jaina naquele assunto. Ela poderia acabar vítima do artefato como ele.

— Obrigado — respondeu finalmente, tentando soar mais tranquilo. Ele lembrou-se de que a ouvira chamá-lo antes e quase esquecera da preocupação com a própria sanidade ao pensar qual o problema que afligia a arquimaga. — Mas chega de falar de mim. Você precisa da minha ajuda com alguma coisa. O que é?

Jaina pareceu confusa.

— Como assim?

— Você tentou falar comigo antes. Eu não pude responder naquela hora.

A expressão dela ficou ainda mais aflita.

— Eu não entendo. Apenas tentei responder *você*.

— Eu?

Ele se aproximou tanto que se estivesse realmente no santuário, poderia tocá-la.

— Você me chamou duas vezes depois da nossa última conversa. Eu respondi ambas as vezes, e você finalmente me respondeu agora...

— Eu chamei você para... — Kalec deixou escapar antes de conseguir evitar. Sua mente girava. Não se lembrava de chamar Jaina nenhuma vez, mas apenas de ouvir a voz dela. Ela poderia estar enganada, mas o dragão azul duvidava. Era mais provável que alguma parte de seu subconsciente procurara a ajuda da única pessoa que ele acreditava poder entender a situação. Sequer pretendia falar com os outros ex-Aspectos, ciente de que eles tinham algum bom motivo para nunca terem mencionado os eventos que ele presenciara nas visões.

De repente, percebeu que estava parado em silêncio diante de Jaina há bastante tempo, olhando o vazio. E ela o encarava com mais preocupação do que nunca.

— Kalec, conte o que está acontecendo.

Pensando no que responder, falou a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

— A coleção é maior que eu imaginava e os feitiços de proteção do Nexus estão falhando. É uma tarefa monumental.

Os olhos dela se estreitaram, mostrando compreensão. Como feiticeira — e especialmente, líder dos Kirin Tor — Jaina Proudmore podia apreciar a riqueza do conhecimento e poder mágico contidos no Nexus. Ela também entendia o perigo de deixar tudo aquilo desprotegido.

— Eu sei que já ofereci isso antes, mas me ouça dessa vez. Posso reunir um bom número de magos confiáveis e liderá-los...

— Não. Ainda não. Obrigado. — Ele se tornara tão desconfiado de outros magos quanto eles a seu respeito depois da mudança infeliz para Dalaran. Não conseguia imaginar as coisas funcionando bem entre ele e os magos no Nexus, e isso sem falar no problema do artefato.

Jaina ficou desapontada com a decisão, mas concordou.

— Tudo bem. Mas a oferta está de pé. Eu mesma me assegurarei que todos que entrem no Nexus sigam suas ordens. Você sabe dissoooooo...

A arquimaga e seu entorno ondularam e se distorceram. O corpo de Jaina se torceu e o rosto esticou-se para frente.

— Jaina? — Kalec temia que alguma força a atacara enquanto eles conversavam.

— ...erraaaaado, Kkkkkaleeeccc — respondeu ela, enquanto seu corpo se enchia de escamas e os aposentos desmoronavam, virando um monte rochoso. As vestes dela viraram asas e, aos olhos de Kalec, Jaina Proudmore transformou-se num dragão.

Não, pensou Kalec. Não um dragão... um protodracô.

— Kaaaallllleeeccc? — rugiu o protodracô.

Ele não teve a oportunidade de responder ou mesmo de dispensar o elo entre eles. Kalec desejou que este se fechasse, e então perdeu a conta tanto do elo quanto da Jaina transformada ao sentir o próprio corpo mudar para uma forma mais reptiliana. Pensamentos estranhos a ele encheram-lhe a cabeça, dominando sua mente.

Kalec tentou rugir, mas sua boca não era mais dele. Ele sentiu-se desaparecer... e a mente de Malygos tomar conta.

O Nexus virou um litoral gélido que lembrava a Kalec a área onde Malygos costumava pescar. O dragão azul-gelo não estava sozinho. Alexstrasza estava quase à mesma distância do hospedeiro de Kalec que Jaina estivera do dragão azul.

— Farei isso — disse a fêmea alaranjada para Malygos ao subir aos céus. Alexstrasza voou para o leste, deixando o protodracô sozinho.

Kalec não sabia e nem se importava sobre o que eles discutiram. Tentou inutilmente voltar para o Nexus, concentrando-se em Jaina na esperança de que o elo que o ajudara pelo menos duas vezes antes o fizesse de novo. Mas, como temia, nada aconteceu.

Malygos partiu, indo em direção ao mar. Era evidente que o protodracô iria caçar alguma presa, mas também parecia estar procurando ou pensando em algo que seus vagos pensamentos não revelavam à Kalec. Aquilo frustrou ainda mais o dragão, que presumira que, já que voltara às visões, seria por *algum* propósito.

O hospedeiro de Kalec pescou uma refeição de uma poça a poucos metros do litoral,

devorando a criatura em duas mordidas. Apesar de não ser tão delicado como Alexstrasza com suas vítimas, Malygos tentou matar a presa rapidamente e sem causar muita dor. Ainda assim, Kalec não tinha estômago para a caçada agora e esperava que o dragão azul-gelo enchesse logo a barriga ou se lembrasse de algo mais importante.

A refeição realmente terminara, mas não como resultado de uma das duas opções. Subitamente, Malygos ergueu as mandíbulas cheias do sangue da segunda presa e olhou o céu nublado. Kalec pensou instantaneamente nos mortos-vivos, mas o olhar de Malygos se fixou numa dupla de protodracos descendo das nuvens.

O hospedeiro do dragão azul saltou no ar e voou na direção deles. Ao se aproximar, ficou evidente que eram mais de dois protodracos. Kalec contou quatro e Malygos cinco, com Ysera.

E, junto dela, voava *Coros*.

Silvando, Malygos juntou-se à dupla. O dragão azul entendeu sua cautela, pois, além de Ysera, todos os outros protodracos eram rivais do dragão azul-gelo.

Coros o notou primeiro. O rival de Malygos bufou, e então deu um silvo de alerta.

Ysera olhou para trás. Ao reconhecer Malygos, a irmã de Alexstrasza ficou visivelmente frustrada.

— Eu farei isso! — insistiu ela. — Nós estamos certos!

Pensamentos fluíram da mente de Malygos para a de Kalec. Ysera continuava a procurar entre os mortos — e os mortos-vivos derrotados — pelo irmão de ninhada, apesar de saber que era pouco provável encontrá-lo. A irmã de Alexstrasza estava ainda mais enojada com toda a violência que presenciara. A protodraco amarelada pregava suas crenças aos outros e encontrava alguns poucos que concordavam com ela.

E um deles era Coros, que parecia tão fanaticamente fiel a Talonixa há tão pouco tempo. Agora, ele pregava a paz e encontrar uma nova maneira de viver *sob* o reinado de Galakrond. Seus credos não eram exatamente iguais aos de Ysera, mas o bastante para que os dois comessem a convencer os outros.

Malygos via apenas ingenuidade nos sonhos de Ysera e não confiava nem um pouco na natureza feroz de Coros. Kalec entendeu o que seu hospedeiro e Alexstrasza estavam discutindo; a irmã de Ysera a procurava há três dias, esperando que ela percebesse o erro que cometia antes que fizesse algo tolo. Malygos achava que já era muito tarde para Alexstrasza prevenir o desastre. Em sua opinião qualquer plano que incluísse Coros estava destinado a ser cheio de perigos e traição.

Antigamente, Malygos simplesmente deixaria as coisas acontecerem, mas cada vez mais

via a complexidade que envolvia as decisões mais simples. As repercussões para a evolução da raça dos protodracos eram muitas, sem mencionar o fato de que ele sentia uma lealdade pelas irmãs que superava até mesmo a de sua própria família. Ele lutara lado a lado com elas e conhecia a dedicação e confiabilidade das duas.

Como também sabia que Coros não possuía nenhuma dessas qualidades.

— Sua irmã está procurando você — informou ele a Ysera, indicando a direção para qual Alexstrasza voara há pouco tempo. — Para lá.

— Eu a vi — respondeu Ysera com desdém. — Deixei-a seguir em frente.

Isso espantou Malygos, que sabia o quão próximas eram elas, apesar das brigas constantes.

— Devia escutá-la! Galakrond não vai...

— Vai *sim*.

A breve interjeição pegou Malygos e Kalec de surpresa. O dragão azul-gelo silvou, confuso. Coros deu um sorrisinho de deboche, mas não interrompeu.

— Haverá paz — anunciou Ysera, com orgulho. — Galakrond negociará a paz.

— Você não sabe disso...

Ela ergueu a cabeça, assumindo uma posição dominante sobre Malygos.

— Nós falamos com Galakrond. Ele *negociará* a paz.

A insanidade que tomara conta de Kalec no presente parecia agora afetá-lo também no passado. Ele não conseguia acreditar no que ouvira, e julgando pelas emoções de Malygos, muito menos ele.

— Galakrond... vocês *falaram* com Galakrond?

Coros finalmente entrou na conversa, com o triunfo estampado na expressão e tom de voz.

— Teremos paz... se todos *escutarem*.

Antes que Malygos pudesse retrucar, Ysera disse:

— Todos *devem* escutar... e devemos ir.

— Ir aonde? — perguntou o dragão azul, sobressaltado.

— Encontrar Talonixa — respondeu ela, como se fosse óbvio. — Contar a ela. Contar a *todos*.

Após dizer isso ela voou para longe, e Coros e os outros três protodracos a seguiram.

Malygos observou, querendo acreditar em Ysera, mas ciente do quão monstruoso Galakrond se tornara. Mas, se ela falara a verdade...

— Não. — Malygos negou tal possibilidade, e Kalec admirou mais uma vez a

capacidade analítica do futuro Aspecto enquanto ainda era um protodracó. Entretanto, a admiração diminuiu um pouco quando ambos pensaram no que poderia acontecer se Ysera *conseguisse* convencer os outros.

O protodracó virou-se rapidamente. Ele tinha que encontrar Alexstrasza para ajudá-la a colocar bom senso na cabeça de Ysera. Apesar do hospedeiro de Kalec — assim como o dragão azul —, saber da pouca probabilidade de Ysera convencer Talonixa e o resto do grupo dos méritos de seu plano, os dois não podiam evitar sentir que, de alguma maneira, as coisas terminariam em desastre e que muitos mais morreriam como resultado.

5

TRÁGICAS DECISÕES



Malygos ficou ainda mais desesperado quando a busca por Alexstrasza demorou horas sem nenhum sucesso. Naquele exato instante, Ysera — com a ajuda de Coros — poderia já estar conversando com Talonixa sobre os méritos de sua intenção e da disposição de Galakrond em concordar com a paz. Malygos só conseguia prever uma catástrofe caso isso acontecesse.

A maneira de pensar do dragão azul-gelo era mais um exemplo da evolução que Kalec observara entre tantos protodracos. Malygos não achava nada estranho em se preocupar com o futuro, enquanto para os outros protodracos somente o presente existia.

A busca demorada teve efeito também sobre Kalec. Ele se acalmou um pouco ao sentir o vento enquanto o hospedeiro voava. Quando estava em uma das visões, não tinha escolha sobre qual rumo tomar e então tentava ficar tão desapegado quanto possível.

Mesmo assim, o dragão azul não deixava de considerar as escolhas que o hospedeiro tomava. Sem saber como aquela batalha terminara, ele não podia nem ter certeza se Malygos estava fazendo a coisa certa em procurar a ajuda de Alexstrasza para impedir Ysera. Embora tivesse concordado com Malygos ao ouvir a sugestão de propor paz ao leviatã saqueador, ele também sabia que, em sua época, o esqueleto de Galakrond jazia perto do coração do Ermo das Serpes e que o gigantesco protodraco era considerado como o Pai dos Dragões. Kalec não conseguia nem imaginar como tal fato acontecera. Será que Galakrond alcançara a salvação apesar de tudo? Algo que nem o futuro Neltharion e, infelizmente, nem Malygos conseguiram?

Ele esqueceu todas essas questões quando Malygos vislumbrou uma mancha vermelha empoleirada numa montanha. Kalec pensou que poderia ser qualquer membro da família de Alexstrasza, mas o hospedeiro estava absolutamente certo de que encontrara a irmã de Ysera e, depois de bater as asas com rapidez, a encontrou.

Ela recebeu a chegada de Malygos com um olhar de esperança. Kalec sentiu a culpa de seu hospedeiro por chegar com más notícias.

— Encontrei Ysera — começou ele. — Com Coros.

Alexstrasza o encarou sem acreditar.

— Coros?

Malygos rapidamente explicou o que acontecera, inclusive as ideias de Ysera.

A fêmea alaranjada silvou com crescente frustração ao ouvi-lo.

— Devemos ir até ela! — rosnou Alexstrasza assim que o dragão azul-gelo terminou de falar. — Isso não pode acontecer!

O protodracó bloqueou o caminho dela.

— Espere! Ysera não vai escutar!

Ela olhou-o por um momento, mas concordou.

— Não. Ysera não vai escutar. Ela vai morrer.

— *Não* vai morrer — insistiu Malygos. — Ysera não vai morrer.

Alexstrasza balançou a cabeça. Em vez de dispensar o companheiro, a protodracó hesitou. Ela *queria* acreditar em Malygos.

— Coros não é boa coisa — disse ele a Alexstrasza. — Ele sempre mente. — Era uma declaração simplista, mas pelo que Kalec conseguiu aprender das lembranças de Malygos, muito verdadeira. — Nós observaremos Coros de perto. Vamos encontrar a verdade. E a mostramos à Ysera.

Embora o dragão azul-gelo quisesse muito ajudar as duas irmãs, também ansiava por revelar a face enganadora do rival. Coros era um protodracó que Malygos não se importaria de ver devorado por Galakrond, desde que algo o impedisse de se levantar dos mortos depois.

Inclinando a cabeça, Alexstrasza pensou nas palavras de Malygos. Não demorou muito para que concordasse avidamente.

— Sim. Provaremos que Coros é falso! Ysera verá a verdade!

Kalec não estava tão certo sobre os méritos da sugestão de Malygos, mas desconfiava de Coros tanto quanto ele. O dragão azul suspeitava que Coros achava que poderia tirar vantagem de todos, mesmo de Galakrond, e elevar seus status entre os outros protodracos

enquanto fazia isso. Era uma ideia tola e perigosa...

Um rugido familiar trovejou no céu.

Imediatamente, Malygos e Alexstrasza mergulharam de seus poleiros para as regiões mais à sombra logo abaixo. Nenhum dos dois protodracos era orgulhoso. O dragão azul encontrou um monte com espaço suficiente para um só e o deixou para Alexstrasza, que aceitou relutante o sacrifício do outro. O macho voou até chegar numa depressão em outra colina. Não era grande o bastante para acomodá-lo, mas ele se firmou ali mesmo assim e prendeu a respiração.

E mal acabara de se ajeitar quando uma sombra ampla e mais escura engolfou tudo ao redor. Uma forma grandiosa cobriu os céus: Galakrond, em sua caça interminável.

Apesar da proximidade com o insaciável leviatã, Malygos esqueceu-se do perigo ao notar os detalhes da parte inferior do corpo de Galakrond. O protodraco menor até escorregou da depressão ao encarar os caroços que dominavam ainda mais o monstruoso leviatã, parecendo membros em formação.

Kalec assistia com horror enquanto Malygos via de relance membros rudimentares dependurados de lugares aleatórios. Havia membros dianteiros e traseiros, com patas parciais. Vestígios de asas batiam inutilmente ao vento por causa do voo veloz de Galakrond. O que parecia ser uma cabeça parcialmente formada — uma *cabeça!* — saía da região próxima ao quadril do gigante.

Havia outras formas que nem Kalec nem seu hospedeiro conseguiam identificar, mas que podiam presumir serem tão abomináveis quanto as outras. Malygos continuou parado onde estava, alheio ao fato de que tudo que Galakrond precisava fazer era olhar para trás para vê-lo ali.

Felizmente, o protodraco gigantesco continuou a voar velozmente, desaparecendo de vista em segundos para uma direção em que nenhum dos dois protodracos menores cruzariam seu caminho. Malygos respirou fundo quando Galakrond desapareceu e então juntou-se logo à Alexstrasza.

— Devemos ir agora! — incitou a fêmea alaranjada. — Agora, antes de Galakrond aparecer de novo.

— Agora — concordou Malygos, seguindo-a no voo. No entanto, apesar do protodraco não dizer nada, Kalec captou-lhe o pensamento de que mesmo que a dupla conseguisse ultrapassar Galakrond, poderia ser tarde demais para prevenir uma catástrofe.

Os dois protodracos partiram para a região em que Talonixa convocara a reunião

anteriormente. Galakrond não a descobrira ainda, mas Talonixa já usara o risco crescente daquele acontecimento para agitar os outros protodracos a preparar um ataque. Seu senso de urgência, alimentado pelo desejo de vingança, continuava claramente a predominar.

— Mais de nós estão aqui! — rugiu ela. — Muitos mais! Galakrond não pode lutar contra todos! Não pode!

Os protodracos silvaram e rugiram em concordância. Kalec julgou que Talonixa estava discursando há algum tempo, razão de sua relativa eloquência e também da dominação constante que tinha sobre os outros.

— Lá! — gritou Alexstrasza. — Ela está lá!

Seguindo seu olhar, o hospedeiro de Kalec avistou a irmã menor não muito distante do poleiro rochoso de Talonixa. Coros estava ao lado dela, com os três companheiros um pouco atrás e parecendo desejar ficar bem longe da dupla. Malygos e Kalec acharam aquilo estranho, especialmente sobre o líder do trio. Por que evitavam Coros?

Talonixa silvou de contentamento com a resposta dos protodracos reunidos. Coros escolheu aquele momento para se aproximar dela. Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido. Os olhos negros dela se estreitaram ao encarar Ysera. Coros recuou imediatamente, com a expressão velada.

A fêmea dominante lançou um rugido poderoso que fez o dragão azul-gelo se encolher enquanto aterrissava, tão alto fora o barulho. Ainda assim, em respeito a Alexstrasza, Malygos não partiu para um lugar mais seguro. Em vez disso, pousou com ela num local de onde conseguiam assistir a toda a trama se desenvolver.

— Esta nanica quer falar — declarou Talonixa, indicando Ysera com a asa. Para a irmã de Alexstrasza, acrescentou: — Fale!

Ysera olhou Coros, que simplesmente assentiu com a cabeça.

Alexstrasza grunhiu baixinho ao ver a reação do macho.

— Ele deixou Ysera sozinha!

— Este é Coros. — Malygos já esperava que o apoio do rival a Ysera fosse frágil. Coros faria o que pudesse para desviar o foco dele a menos que servisse a seus interesses. Se Ysera conseguisse convencer a maioria, Coros se postaria ao lado dela de imediato.

A fêmea amarelada se esticou para falar. Apesar de não ser uma protodracos de tamanho impressionante como Talonixa, havia algo na atitude de Ysera que Malygos e Kalec achavam admirável. Fraca como era, a irmã de Alexstrasza possuía uma determinação inata que a fazia parecer maior e mais dominante do que era fisicamente.

— Somos muitos! — começou ela, recebendo um coro de silvos de aprovação. — Somos

muitos... mas Galakrond é Galakrond!

Os silvos diminuíram enquanto os protodracos tentavam digerir o que ela queria dizer com aquilo.

— Galakrond é forte! Galakrond é poderoso!

— Somos muitos! — rugiu alguém na multidão. Outros silvaram de acordo.

— Somos muitos — repetiu Ysera, concordando. — E muitos morrerão lutando contra Galakrond.

Vários ouvintes olharam um para o outro com desconforto. Ao ver isso, Talonixa lançou um silvo de raiva.

Ignorando-a, Ysera continuou a apresentar seu ponto de vista.

— Muitos podem ser salvos! A paz os salvará! — Ela foi ao encontro da multidão. — Devemos falar com Galakrond! Galakrond falava antes! Lembrem-se de quando ele andava conosco! Caçava conosco! Discutiremos a paz e Galakrond nos escutará...

Uma risada trovejante a interrompeu. Talonixa olhou em volta para os outros protodracos ao zombar das palavras de Ysera.

— Galakrond ouvirá? Ah! Galakrond caçava conosco? Ele agora *nos* caça, certo? Ouvir? Nunca!

Ysera tentou responder, mas sua voz foi abafada pela risada de Talonixa e de todos que se juntavam à fêmea maior.

Alexstrasza grunhiu. Ela deu um passo à frente, claramente querendo se juntar à irmã.

Malygos se postou na frente dela.

— Não. Ysera não gostará disso.

A fêmea alaranjada quase brigou com ele, mas hesitou. Ela olhou Ysera, querendo confortá-la, e então assentiu.

— Sim... ela não gostaria disso. Nunca gostou.

Malygos e Alexstrasza — assim como Kalec, que inicialmente esperou que a protodracos voasse até Ysera, algo que ele faria no lugar dela — não podiam fazer nada além de assistir aos esforços de Ysera caírem por terra. Ela olhou ao redor procurando alguém que obviamente não estava mais lá.

— Coros — grunhiu o dragão azul-gelo. — Onde está Coros?

De fato, o outro macho desaparecera junto com os três companheiros. Malygos olhou a multidão e avistou um dos três protodracos desaparecer atrás de uma rocha ao longe.

Antes que o dragão azul-gelo decidisse o que fazer, Talonixa retomou o controle da reunião. Com um rugido imenso, silenciou aqueles que com ela zombaram de Ysera.

— Nada de paz! — gritou ela. — Nunca! Galakrond nos caça. Agora, nós caçaremos Galakrond, certo?

Rugidos de aprovação reverberaram por todo o lugar. Ysera, com a cabeça abaixada numa postura submissa, afastou-se. Alexstrasza, mais angustiada que nunca, suplicou com os olhos para Malygos.

O hospedeiro de Kalec assentiu.

— Sim... agora é melhor.

Enquanto ela voava para consolar Ysera, Malygos procurava por Neltharion. Não encontrando nem ele nem Nozdormu, o dragão azul-gelo resolveu descer do poleiro atrás deles, no mesmo instante em que Talonixa se aproveitava ainda mais da tentativa fracassada de Ysera.

— Somos muitos! Venceremos...

— Vamos atacar agora! — incitou um dos protodracos.

— Não! Eu decido! Outros virão! Após três dias, atacaremos! Galakrond perecerá!

Malygos parou ao ouvir a decisão de Talonixa. Silvou, não gostando nada da rapidez com que as coisas estavam acontecendo.

Enquanto os outros protodracos se animavam e começavam a vibrar com essa grande declaração, Malygos avistou Coros. A cabeça dele se erguera por sobre uma protuberância rochosa mais ao norte. Ele se escondera de novo imediatamente, mas sem notar que o dragão azul-gelo o vira.

Mais desconfiado que nunca das intenções do rival, mesmo nesses tempos difíceis, Malygos esgueirou-se rapidamente entre as rochas. Não queria que o outro o visse. Coros planejava algo sinistro, e tanto Malygos quanto Kalec concordavam que ele precisava ser seguido.

Rastejando pela paisagem como um dos lagartos menores, o protodraco circundou a área procurando alguma pista de Coros ou de seus companheiros. Ao fundo, ele ainda ouvia Talonixa discursando para os outros. Embora não conseguisse entender as palavras, o tom de voz da fêmea parecia pregar um futuro triunfo sobre Galakrond.

Deixando de lado todos os pensamentos sobre o que poderia acontecer dali a três dias, Malygos acelerou o passo mesmo naquela posição estranha. Ansiava por voar, mas não ousava fazê-lo até saber onde estavam aqueles que caçava. Kalec, sem controle sobre seus movimentos, entendia a sensação muito bem.

De repente, uma única forma apareceu a distância. A ela, seguiram-se uma segunda, e então uma terceira e uma quarta. Coros e seus seguidores voavam baixo e logo

desapareceram no horizonte.

Malygos os seguiu voando baixo também. Não tinha provas de que Coros estava tramando alguma coisa, mas o simples fato de ser Coros já era motivo de preocupação. Tudo o que Kalec sabia sobre a maioria dos protodracos vinha das lembranças do dragão azul-gelo e o pouco que percebera sobre Coros lhe dava a mesma má impressão que o hospedeiro tinha dele.

Malygos gostaria de encontrar Neltharion pelo menos, mas não havia tempo. A velocidade de Coros indicava urgência. Malygos *precisava* saber para onde ele se dirigia.

Mais de uma vez, o dragão azul perdeu o quarteto de vista, mas a persistência sempre o fazia recuperar a trilha até o momento em que eles desceram sobre uma série de cordilheiras.

Malygos silvou raivosamente ao farejar o ar à procura dos quatro. Ele conhecia o fedor de Coros muito bem, mas não conseguia localizá-lo.

Foi então que outro cheiro perturbador chegou-lhe às narinas. Era mais fraco mas, ao mesmo tempo, tão distinto que o protodrato se concentrou nele. Havia algo naquele odor que indicava uma força diferente da força de alguém de sua espécie.

Apesar de querer continuar a seguir Coros, Malygos girou na direção em que o cheiro viera. Kalec também estava intrigado, mas por outros motivos. Ele sentia algo familiar não no cheiro, mas na própria existência dele.

O protodrato dragão azul-gelo seguiu o odor por um curto período de tempo até ele desaparecer subitamente. Então, pousou em um rochedo alto e procurou nos arredores, mas não viu nada...

E, de repente, teve a sensação de que *ele* estava sendo observado.

O protodrato rapidamente olhou por cima da asa esquerda. Kalec e o hospedeiro não esperavam ver nada, mas, desta vez, estavam errados.

A figura era minúscula em comparação com o protodrato, mas nem Malygos ou Kalec acreditavam que lhe faltaria o poder para confrontar o dragão azul-gelo caso desejasse. Enquanto o protodrato apenas vagamente se recordava da criatura, Kalec estava espantado. Era a mesma figura que vira de relance nas visões e até mesmo em sua própria época.

Quem é você? O que é você? Kalec exigia saber, inutilmente.

— Quem é você? — exigiu Malygos, ecoando os pensamentos que não poderia ter ouvido. — O que é você?

Enquanto repetia as perguntas de Kalec, ambos perceberam que estavam olhando o vazio. Entretanto, logo eles notaram a figura aparecer novamente. Voltando-se para um lado, o protodrato encarou novamente a figura deslizante. Malygos tentava entender não somente

a aparição — não conhecendo o que eram vestimentas — mas também a habilidade da criatura de aparecer e desaparecer em qualquer lugar; e Kalec observava a poderosa magia que a forma misteriosa carregava consigo.

Uma magia tão poderosa que poderia ter, em determinado momento, criado o artefato infernal.

Quando a figura não respondeu, o protodracó bufou e saltou para mais perto.

A forma de manto e capuz sumiu mais uma vez, reaparecendo mais ao longe para o sul.

Está nos levando a algum lugar, pensou Kalec. As respostas que ele tanto desejava pareciam estar logo além das rochas mais próximas — respostas que poderiam quebrar aquela sua maldição.

De repente, um silvo soou da direção em que Malygos voara. Os protestos de Kalec foram inúteis quando o hospedeiro reagiu de imediato. Apesar de ser apenas um silvo, Malygos sabia perfeitamente de quem era.

Não havia sinal de Coros, mas Malygos estava certo de que o rival estava por perto. O dragão azul-gelo saltou no ar para persegui-lo, e então hesitou ao lembrar-se da figura misteriosa. Para alívio de Kalec, o protodracó olhou para trás.

Mas não havia mais sinal da figura. Ela não reaparecera em nenhum lugar.

Foi tudo o que Malygos precisava para se decidir. Coros era novamente o objeto da perseguição. O rival deveria estar próximo.

Um protodracó da mesma cor de Coros surgiu brevemente sobre a colina adiante e então mergulhou. Malygos desceu até poucos metros acima do chão. Um cheiro de enxofre o invadiu ao se aproximar da área. O dragão azul-gelo não estava familiarizado com a região, mas conhecia outros lugares parecidos. O mundo era instável ali e, às vezes, tão violento como uma fera.

Depois de pousar do lado da colina, Malygos subiu até o topo. Ouviu vozes, e uma delas era de seu rival. O protodracó irritou-se com o som.

— Ele vem até aqui! Sempre! — gritava Coros.

— Não deveríamos estar aqui! — protestou um dos seguidores.

O protesto foi seguido por um rosnado e um gemido. Ao espreitar a cena, Malygos viu Coros assomar sobre o protodracó que reclamara. O pobre protodracó tinha agora um corte profundo e ensanguentado na testa. Ali perto, um dos outros observava a dupla com temor. Não havia sinal do quarto companheiro deles.

— Nós sobreviveremos! — bufou Coros. — Eles morrerão! Todos morrerão! Nós sobreviveremos!

Os outros dois concordaram. E então, os três se revezaram para vigiar o norte.

Malygos também olhou para lá e viu uma forma escura e imensa surgir no horizonte.

— Ele está vindo! — silvou Coros, triunfante. — Coros o chamou e ele veio! Galakrond está vindo!

Galakrond! Malygos ficou rígido e Kalec teria feito o mesmo se fosse possível. Coros *chamara* Galakrond?

Malygos e Kalec esperavam alguma traição do protodracó cinzento, mas nenhum dos dois poderia pensar que Coros teria a audácia de procurar Galakrond sozinho. Isso não podia ter nada a ver com as esperanças de Ysera ou os planos de Talonixa, exceto para trazer ruína a ambas.

Malygos retomou cuidadosamente o caminho na descida da colina, indo para o mais longe possível de Coros. A mente do protodracó girava enquanto tentava se decidir sobre o que fazer. Esse plano estava além de qualquer coisa que ele poderia ter previsto do rival...

Um silvo furioso soou atrás dele. Quando Malygos começou a se voltar, outro protodracó — o sumido quarto seguidor de Coros — bateu de encontro a ele.

Malygos tropeçou e caiu no que, à primeira vista, parecera ser chão sólido. O protodracó lutou para se libertar, mas apenas conseguiu ficar mais atolado no piche grudento e quente que estava escondido sob uma fina camada de terra normal.

Sem conseguir respirar, o dragão azul-gelo ergueu-se até a superfície por um breve instante. Ao fazê-lo, Kalec conseguiu ver duas coisas. A primeira foi o quarto protodracó desaparecer sobre a colina na direção onde Coros e os outros dois esperavam por Galakrond.

A segunda foi um vislumbre muito rápido da forma encapuzada olhando Malygos, logo antes do chão engoli-lo de novo. Kalec assistiu enquanto o mundo desvanecia na escuridão. Mas dessa vez, era a escuridão sufocante do poço de piche que devorava não apenas seu hospedeiro, mas também o próprio Kalec, que, apesar dos esforços, não conseguia *acordar*.

PARTE III

1

TRILHA DE HORROR



Ao sair da reunião com o Conselho dos Seis, Jaina Proudmore mal se lembrava do assunto da convocação. Seus pensamentos logo se voltaram para um assunto de ordem muito mais pessoal que sobreveio várias vezes durante o encontro.

Kalec.

Desde que começara a se comportar de maneira estranha — estranha não, *perturbadora* —, Kalec passara a ocupar sua mente com uma frequência considerável. Jaina ainda se lembrava vividamente do beijo que ele lhe dera logo depois de perguntar se teria chance não só com os outros magos, mas com *ela*. A resposta de Jaina foi aproximar o rosto em sua direção; a reação dele foi exatamente a que ela esperava. Por alguns instantes, todo o mundo fez sentido.

Mas desde a difícil partida de Kalec, as coisas tinham ficado cada vez mais conturbadas. E agora... isso.

Jaina sabia que tinha obrigações das quais não poderia se afastar para tratar de um assunto pessoal, mas na condição de Aspecto da Magia, Kalec era a chave para muitos dos segredos que ele e seu antecessor — especialmente o antecessor — guardaram por incontáveis milênios. O poder mágico sob seu controle poderia liberar caos sem fim sobre o mundo, e esse controle desvanecia mais e mais a cada dia. Era por isso — convenceu-se a arquimaga — que ela tinha que descobrir o que havia de errado com ele.

Mas toda vez que tento saber algo, ele se afasta. Não bastaria apenas estabelecer contato.

Se quisesse saber o que estava realmente acontecendo, a arquimaga teria que tomar outras medidas; a seus olhos, só havia *uma* medida a tomar.

Ansiosa para voltar ao refúgio, Jaina apertou o passo. Um plano já começava a se delinear em sua cabeça; um que fazia todo o sentido para ela.

Um de que Kalec provavelmente não iria gostar nem um pouco.

Ele estava sufocando. Kalec estava *sufocando*.

Não importava que fosse o Malygos de um passado distante lutando para respirar; Kalec experimentava todas as sensações do protodracô e, sombriamente, perguntava-se o que aconteceria se Malygos perecesse. Uma parte dele sabia que não fora esse o destino de seu hospedeiro, mas outra — a que lidava mais imediatamente com a privação de ar — continuava a questionar se, *mesmo assim*, ambos não morreriam.

Malygos se debatia enquanto soçobrava no piche pegadiço em que fora atirado. Kalec esperava que o protodracô apagasse, mas em vez disso, Malygos surpreendeu o observador incógnito *soprando* todo o ar que trazia nos pulmões.

O que para Kalec primeiro pareceu suicídio, por fim provou-se um esforço do protodracô para se salvar. Com a cabeça voltada para cima, Malygos usou o que lhe restava de fôlego para soprar gelo. A força do vento gélido não só limpou a área acima de sua cabeça como congelou a abertura.

Inspirando o ar que encheu a estreita passagem, o protodracô virou a cabeça para baixo e soprou de novo. O piche viscoso congelou o suficiente, como Malygos queria. Ele se libertou e imediatamente arremeteu para cima.

Kalec e seu hospedeiro sentiram o chão se mover mais uma vez sob os pés. Malygos fez ainda mais força. A passagem era estreita demais para virar a cabeça e soprar outra vez. Se quisesse escapar, ele teria que ser ainda mais rápido.

A abertura despontou, convidativa. Ao mesmo tempo, um estrondo emergiu das profundezas. Sibilando, o protodracô firmou as garras e subiu superando os últimos metros. Primeiro enfiou a cabeça para fora da passagem, depois se libertou por completo.

O estrondo rugia cada vez mais alto. Mesmo ainda lutando para respirar, Malygos girou para soprar na direção da abertura.

O gelo cobriu a fenda enquanto ela era preenchida. A abertura no chão estava selada. Malygos abriu as asas e voou para os céus, enquanto o fosso congelado estremecia. Subindo cada vez mais alto, ele e Kalec esperavam que o gelo durasse o suficiente para...

Uma explosão. A coluna de massa fundida lançou-se na direção das nuvens.

Malygos conseguiu evitar o jato no último segundo. Voava com todas as forças para frente, ainda que isso o levasse na direção oposta à que pretendia seguir.

O protodracó só olhou para trás quando achou que estava longe o suficiente. A coluna pareceu fazer uma curva em sua direção, mas já não era possível manter-se coesa; ela colapsou, cobrindo o poço e a área ao redor.

Exausto, Malygos pousou no cume de uma montanha e tentou se concentrar. Inspirando profundamente, soprou ar frio sobre o próprio corpo a fim de congelar o piche que ainda restava. Em seguida, o protodracó agitou-se com força, atirando longe a maior parte da substância enrijecida. O esforço custou, no entanto, e levou mais alguns preciosos minutos até que ele se recompusesse. Kalec podia sentir toda a fadiga de seu hospedeiro... além da crescente impaciência do protodracó. Mesmo determinado a seguir Coros, Malygos ainda precisava recuperar o fôlego, o que significava correr o risco de perder a trilha do rival. Por melhor rastreador que fosse, o fedor do lugar mascarava o cheiro do outro protodracó, provavelmente como Coros calculara.

Com o fôlego finalmente recuperado, Malygos voou, seguindo na direção aproximada do adversário. Não havia nem sequer sinal dos quatro, claro, mas Malygos persistia farejando constantemente o ar em busca de qualquer traço dos outros protodracos.

Foi outro odor que capturou sua atenção, revelando um possível rastro e forçando-o a escolher entre fugir para a segurança ou se atirar nas garras da morte.

Galakrond estava em algum lugar adiante. Uma parte de Malygos berrava que ele deveria voltar — Kalec a considerou bastante sensata —, enquanto outra compelia o protodracó a prosseguir. Malygos lembrou-se do que Coros dissera sobre *Galakrond*. Depois de chegar tão longe, nada impediria Coros de atingir seus objetivos.

Se isso acontecesse, os outros protodracos se tornariam presa fácil para *Galakrond* e seus novos seguidores.

Malygos voava baixo e veloz, os olhos agora em busca de qualquer objeto no céu. Sabendo como *Galakrond* podia voar rápido, tinha consciência de que teria pouca chance de fugir se o colossal protodracó o visse. Tudo que ele planejara dependia de ver o beemote antes de ser visto.

Kalec, que vasculhava a mente do hospedeiro em busca de detalhes de seu plano, logo descobriu que a estratégia de Malygos consistia basicamente em encontrar *Galakrond* e, então, pensar no que fazer. Mesmo perfeitamente ciente do quão adaptável o futuro Tecelão de Feitiços poderia ser, caçar o monstro que aterrorizava a terra daquela maneira era, aos olhos do dragão azul, insanidade. Como sempre, contudo, a escolha não era de Kalec. Só

restava torcer para que a história fosse mesmo como ele se lembrava — o que questionava mais e mais a cada visão — e para que Malygos sobrevivesse.

A pulsão pela sobrevivência não era um traço preponderante em seu hospedeiro. Ansioso pelo confronto com Galakrond, o protodracô usava todas as forças para continuar avançando. A paisagem mudou mais de uma vez, enquanto Malygos continuava a seguir o rastro ímpar deixado pelo cheiro perturbador do monstro no ar. Quanto mais fresca a trilha, mais Malygos se apercebia da iniquidade que a contaminava. Havia algo de decadência, como se Galakrond estivesse morto e, ao mesmo tempo, vivo. Mais que isso, o protodracô sentiu que havia algo de perverso, assustador. O mal não era um conceito muito bem compreendido pela raça de Malygos, mas Kalec reconheceu que era justamente o que o hospedeiro buscava. O que quer que Galakrond tivesse sido — as memórias de Malygos indicavam um passado em que o leviatã fora considerado quase benevolente —, o caminho que trilhava agora era de escuridão.

Como Asa da Morte, pensou Kalec, tomado por um crescendo de horror. *Mas ainda mais grave, mais primevo.*

Por que isso jamais chegara aos seus, os dragões azuis, era algo que Kalec simplesmente não podia compreender. O que fizera os Aspectos originais e os primeiros dragões concordarem em manter esses dias terríveis em segredo, ocultos das gerações futuras?

Subitamente, Malygos parou. Só depois Kalec percebeu que, junto da trilha cada vez mais fresca de Galakrond, havia outro cheiro. Coros não, talvez um de seus companheiros. O protodracô azul e branco decidiu apostar e seguir o novo rastro.

Apesar de a essência de Galakrond ainda prevalecer, a outra trilha começou a ficar mais e mais fresca. Outros eflúvios surgiram; entre eles, Coros.

Outro rastro, ainda mais nauseabundo, chamou a atenção de Malygos. Ele imediatamente desceu.

Dois protodracos mortos-vivos vieram rapidamente pelo alto e, por muito pouco, não rasgaram as asas de Malygos. Sibilando ruidosamente, ambos o perseguiram até o chão.

Através dos olhos de seu hospedeiro, Kalec procurou um lugar onde poderia se defender — e lembrou-se amargamente de que não estava no comando do corpo que habitava. Se estivesse, uma formação rochosa em forma de arco a oeste teria sido sua escolha.

Malygos rumou para o arco.

Kalec não sabia dizer com certeza; ele e o protodracô fizeram a mesma escolha ou, por um breve instante, tornaram-se um só? Restava-lhe apenas esperar que o arco fosse a decisão certa. Em seu vácuo, os mortos-vivos reduziam a distância.

Malygos atravessou a formação rochosa e guinou para cima com velocidade. Girando no ar, o protodracô pousou pesadamente sobre a rocha. Kalec sentiu o impacto estremecer todos os ossos de Malygos, esperando que seu receptáculo não estivesse gravemente ferido.

O arco ruiu. Toneladas de pedra caíram sobre os mortos-vivos que, absortos pela perseguição, passavam logo abaixo.

Os fragmentos de rocha soterraram o perseguidor que vinha à frente, reduzindo seu corpo a uma massa disforme. O desmoronamento não atingiu completamente o segundo, mas fez com que perdesse o controle; o cadáver reanimado se chocou violentamente contra uma das muralhas formadas pelo arco destruído.

Já enchendo os pulmões, Malygos mergulhou na direção do perseguidor. Enquanto o morto-vivo tentava se endireitar, o protodracô soprou uma ventania gélida em sua direção.

Os movimentos da criatura tornaram-se débeis, lentos. Malygos moveu-se a toda velocidade. Com um salto, dardejou na direção da criatura antes que ela pudesse se recuperar, rasgando-lhe a garganta e abrindo seu peito.

Escama e carne ressequidas romperam-se facilmente, mas o morto-vivo continuava atacando. Os efeitos do congelamento se dissipavam. Mesmo com a garganta estraçalhada, o cadáver tentava abocanhar a asa de Malygos. Garras atravessaram novamente a garganta pútrida.

Enfiando a cabeça pela cavidade peitoral recém-aberta no adversário, o protodracô abocanhou e mordeu tudo o que pôde. Enquanto puxava, o tórax roto sucumbiu sobre o peito destroçado. A cabeça pendente do morto-vivo tentou atingi-lo pela última vez.

Malygos terminou de decapitar a criatura e deixou a cabeça cair de lado. O corpo arruinado estranhamente continuava a atacar. O protodracô saiu do caminho e o viu tombar, inerte.

Ao se mover, Malygos sentiu uma dor aguda — a mandíbula do morto-vivo fechava-se sobre sua pata traseira esquerda. Ele urrou de dor, tentando ignorar a sensação dos dentes cravados enquanto o sangue jorrava dos furos em seu couro.

Malygos pegou a mandíbula e a puxou finalmente. Depois, atirou-a o mais longe que pôde.

A pata ferida latejava. O sangue continuava a escorrer. Malygos estudou os ferimentos e suspirou lentamente.

Uma fina camada de gelo cobriu a área. O frio aliviou a dor e ajudou a reduzir o fluxo sanguíneo, que cessou naturalmente poucos instantes depois.

Kalec sentia a dor tanto quanto Malygos. No fim, ficou agradecido pelo alívio.

O vento soprava na região. Malygos farejou o ar. Os dois captaram claramente o cheiro de Coros e alguns de seus seguidores. Por que abandonaram a perseguição a Galakrond, nem Kalec, nem seu hospedeiro sabiam dizer, mas ambos queriam descobrir.

Para não ser surpreendido por outra emboscada, Malygos voou com cuidado, certificando-se de que seu próprio cheiro não alertasse os inimigos. Conforme se aproximava, um cheiro muito forte se misturou ao de Coros e os outros. Cheiro de sangue.

Sangue fresco.

A emanção terrível veio acompanhada por um rosnado na voz de Coros. Era impossível saber o que dizia, mas ele estava obviamente furioso.

Com cautela, Malygos observou por entre as rochas. Seus olhos se arregalaram.

Coros e seus seguidores não estavam sozinhos. Entre eles, havia um jovem macho da família de Alexstrasza. Havia também dois membros da família de Coros, dentre os quais uma fêmea pouca coisa menor que o líder do grupo. Em seu semblante, um orgulho dissimulado que, tanto para Malygos quanto para Kalec, nada tinha a ver com a fúria de Coros, abertamente dirigida a dois machos:

— Obedeçam! — urrava o líder. — É assim que deve ser feito! Foi como Galakrond fez!

O jovem tentou se levantar, mas desabou. Graves ferimentos se revelaram. Seu peito estava retalhado, aberto; as duas asas estavam em frangalhos. Perscrutando os mais jovens, os olhos de Malygos encontraram garras cobertas de vermelho.

— Ele foi trazido para vocês! — interveio a fêmea em apoio a Coros. — Agora comam!

Malygos recuou; se pudesse, Kalec teria feito o mesmo. Nenhum dos dois podia acreditar no que ouviam.

Os outros protodracos continuavam hesitantes. A fêmea fitou Coros; ele sibilou. Os dentes rilhados do protodracos estavam tão vermelhos quanto as garras dela.

Sem aviso, a fêmea saltou sobre o pescoço do jovem. Enquanto os outros machos — exceto Coros — recuavam tão aturdidos quanto Malygos, ela arrancou um enorme naco de carne do flanco exposto. Com evidente prazer, lançou o retalho para cima e abriu a bocarra para engoli-lo de uma só vez. Depois, virou-se com uma expressão de desdém para o grupo.

Malygos queria ajudar o jovem, mas sabia que, além de ser tarde demais, só conseguiria colocar a própria vida em perigo. Kalec compreendia muito bem, desejando estar ao *lado* de seu hospedeiro. Os dois juntos conseguiriam dar cabo de Coros e seu grupo, disso ele tinha certeza.

Mas não havia nada que pudesse fazer. Nem ele, nem Malygos, com quem compartilhava a frustração e o horror de assistir à carnificina.

Um dos machos vacilantes avançou e arrancou um pedaço do braço do jovem. Enquanto engolia, os outros finalmente o acompanharam.

A visão era demais até mesmo para o impávido Malygos; que se virou sofrendo espasmos de vômito. Kalec experimentava todas as suas emoções, enquanto o protodracos tentava superar a atrocidade que Cronos levara os seguidores a perpetrar. Protodracos não comiam protodracos. Sim, eles bebiam o sangue dos rivais em duelos, mas mesmo que a contenda terminasse em morte, isso não incluía um banquete à custa dos caídos.

Pelo menos não até a chegada de Galakrond.

Malygos sentiu seus músculos se retesarem. *Galakrond*.

Nem Kalec, nem seu hospedeiro podiam imaginar a situação ficando ainda pior, mas ambos perceberam que o objetivo de Coros era se tornar-se igual a Galakrond — e também seus seguidores.

Trêmulo, Malygos esforçava-se para continuar observando. O jovem cor de fogo felizmente estava morto, poupado do sofrimento de ser devorado a dentadas. Os seguidores de Coros logo abandonaram apenas ossos e couro retalhado.

Foi Coros quem encerrou o ato hediondo. Com a boca gotejante, ergueu a cabeça pela mandíbula e atirou-a de lado:

— Pronto! Está feito! Nosso poder aumenta! Já veremos!

— Logo! — ecoou a fêmea.

— Logo! — repetiram os outros.

Coros abriu as asas.

— Agora... agora vocês veem como impedir que Galakrond nos coma! Nós somos iguais a ele! Estaremos com ele! Galakrond não nos devorará!

As palavras encorajaram até o mais relutante dos seguidores. Os protodracos ergueram as cabeças e sibilaram em uníssono. Coros, então, saltou para os céus, seguido imediatamente pela fêmea. Os outros acompanharam, deixando para trás os restos revirados da vítima.

Malygos cogitou dar início a uma perseguição, mas foi atraído pelo corpo mutilado. O odor pungente de sangue fresco encheu suas narinas. Por razões obscuras tanto para Malygos quanto para Kalec, o protodracos se curvou para investigar a pilha macabra. O hospedeiro de Kalec farejou os restos do jovem e, num impulso, agarrou um dos ossos com a boca.

O protodracos mal havia mordido o osso quando o cuspiu. Mesmo assim, insinuava-se um desejo de pegá-lo, ou qualquer outra parte, e arrancar o que restasse de carne para

devorar. A ideia fez Kalec e o hospedeiro estremecerem, mas Malygos teve que lutar para se afastar do corpo. A fome o consumia, uma fome que revolia em torno de algo além da carne. Malygos ansiava por outra coisa, algo que Kalec reconheceu primeiro.

Malygos anseia pela essência vital que resta no jovem. O dragão azul sentia o protodraco lutar contra o impulso de revirar os restos mortais em busca do pouco que ainda restasse.

Abafando um urro encharcado de ódio, Malygos deu as costas e partiu. Primeiro para o mais longe que pôde do cadáver, ainda que isso o levasse na direção errada. Só depois de sentir o vento frio acariciar suas faces longamente, o protodraco voltou para perseguir o bando de Coros.

A trilha era pungente, mas Malygos e Kalec notaram algo diferente. A maldade que antes impregnava o rastro de Galakrond agora tomava toda a trilha. Malygos sentiu outra vez o desejo perturbador. Para contê-lo, teve que se esforçar ainda mais.

O protodraco acelerou. Kalec percebeu que Malygos ainda não sabia o que faria, mas ele tinha que saber ao menos o que tinha acontecido quando Coros fizera sua oferta a Galakrond. Imagens de Coros guiando os outros protodracos para uma armadilha, com Galakrond esperando para devorá-los, cruzaram a mente de Malygos — e também a de Kalec — várias vezes.

Um borrão azul-esverdeado mais a frente chamou a atenção de Malygos. Os olhos aguçados do protodraco notaram movimento perto de um pequeno riacho. Enquanto Kalec tentava compreender o que seu hospedeiro vira, Malygos pousava próximo ao local.

Um som áspero ecoou, vindo de algum lugar mais à frente. Malygos rastejou em sua direção.

Algo engolia grandes quantidades de água. Segundos depois, Kalec viu, através dos olhos de Malygos, a figura familiar de um parente de Coros. Kalec não fazia ideia de quem era ele, mas seu hospedeiro reconheceu o macho como um dos mais hesitantes durante o banquete macabro.

O outro protodraco não parecia bem. Seus olhos amarelos estavam pálidos, e sua respiração, entrecortada. Ele engoliu mais água, então tossiu e vomitou metade, além de carne não digerida.

O estômago de Malygos se revirou. Talvez ele tenha feito algum ruído ou movimento que nem ele nem Kalec notaram, pois subitamente o outro macho girou em sua direção.

Sibilando furiosamente, o protodraco azul e verde investiu contra Malygos. O combalido jovem se moveu com toda a velocidade que sua condição permitia, caindo sobre o outro.

O hospedeiro de Kalec por pouco não teve a garganta esfaqueada. O agressor lutava com uma fúria quase irracional, desprovido de qualquer tipo de controle. A mandíbula coberta de saliva parecia estar em todos os lugares. Como Malygos conseguiu evitar o massacre, nem ele nem Kalec podiam compreender, mas o macho azul-celeste por pouco não conseguiu. Em segundos, Malygos estava coberto por uma dúzia de cortes; felizmente, apenas superficiais.

O número crescente de ferimentos e o esforço cada vez maior demandado pela luta atiçaram novamente o latejar na perna que o morto-vivo abocanhara. O protodracô agitava a cabeça. Kalec sentia o flexível e inteligente Malygos sucumbir diante da fera irracional que o atacava. Uma fera dotada de mais fúria que aquele macho nauseado surgira.

Agora era Malygos quem mordia, talhava e rasgava sem misericórdia. As grandes patas traseiras abriram profundas fendas escarlates na escama do adversário; as frontais, menores, atracavam-se poderosamente, mantendo o adversário onde Malygos o queria. Nem quando o jovem protodracô tentou recuar Malygos permitiu. Kalec apenas assistia aterrorizado enquanto o hospedeiro se lançava contra o adversário mais e mais enfraquecido. A saliva pingava das mandíbulas de Malygos sobre o outro protodracô. Malygos queria matar, queria algo que Kalec só agora compreendia, mas nada podia fazer.

Com um último movimento, Malygos mordeu o pescoço do adversário, arrancando quase a metade em seu frenesi. Em vez de atirá-la de lado, como Kalec esperava, Malygos lançou avidamente a carne para cima, pronto para engolir.

Contudo, no instante em que ela pousou em sua garganta, Malygos voltou a si. Tossindo secamente, o hospedeiro de Kalec cuspiu o naco. O protodracô cambaleou, tão consternado quanto Kalec com o que estivera prestes a fazer.

A ferida na perna latejava mais que nunca. Malygos virou-se para examiná-la e ficou petrificado. De onde observava, Kalec também percebeu o que refreara seu hospedeiro. A mordida infectava Malygos, impelindo-o a seguir o mesmo caminho de Galakrond, o mesmo que Coros tencionava trilhar.

E apesar de Malygos lutar contra o desejo, ele permanecia inabalável. O cadáver próximo, ainda fresco, emanava traços da essência vital da vítima, atiçando constantemente o protodracô.

Com um silvo ansioso, Malygos partiu novamente atrás de Coros. O protodracô se concentrava tanto quanto podia no rival e no esperado encontro com Galakrond. Não ousava pensar em mais nada.

Mas Kalec, pensando longa e profundamente, refletiu sobre algo que o hospedeiro não

cogitara. Uma única mordida levara Malygos à beira da ruína.

Quantos outros protodracos foram mordidos? Quantos ainda *seriam*?

Quantos dos que fossem mordidos perderiam a luta contra os efeitos que Malygos vencera até então, pavimentando o caminho para um ato de horror muito maior do que a traição de Coros pressagiava?

2

OS TRAIDORES



O tempo já não tinha tanto significado para Kalec — pelo menos não enquanto estivesse preso no passado. A bem da verdade, conforme progredia em sua missão, ele se sentia menos e menos inclinado a voltar à sua era. Ainda que não passasse de um companheiro incógnito e incorpóreo do jovem Malygos, Kalec sentia que, de alguma maneira, sua presença era mais necessária aqui. Ele experimentava todas as sensações de Malygos — boas e más —, e os dois pareciam cada vez mais em harmonia no que dizia respeito às ações do protodracô.

Estamos nos tornando um, concluiu Kalec, sentindo o fedor de Galakrond cada vez mais forte acusar a aproximação do monstro.

Nem um pouco incomodado com o caminho hermético que seus pensamentos tomavam, Kalec incitou Malygos a aumentar a velocidade e foi prontamente obedecido. Com a satisfação crescente de tomar parte nas visões, veio também a determinação de deter Galakrond e a corrupção que semeava. Kalec não estava mais tão certo sobre como seria o futuro; era possível que o Azeroth que conhecera fosse apenas uma ilusão.

Galakrond deve ser impedido, Kalec insistia consigo mesmo, a missão parecendo-lhe mais real que a própria vida. *Galakrond... e Coros.*

Malygos subitamente mergulhou rumo ao solo. Ao mesmo tempo, através de seus olhos, Kalec entreviu Coros e os outros voando mais à frente. Kalec concluiu que, por alguma razão, o grupo fizera uma pausa, e agora prosseguia.

Não obstante Malygos ter reagido rapidamente, a fêmea que acompanhava Coros virou a cabeça como se pressentisse algo. Era tarde demais quando Kalec e seu hospedeiro perceberam que ela procurava pelo membro faltante do grupo. Infelizmente, em vez de encontrá-lo, ela havia descoberto o perseguidor solitário.

Nem foi preciso ouvir o berro estridente para saber que ela alertara Coros e os restantes. Malygos continuou descendo até estar a poucos palmos do chão. As pontas de suas asas chegaram a resvalar na terra mais de uma vez enquanto buscava cobertura. De olhos atentos, ele se lançou por uma senda estreita, escrutinando as passagens à frente em busca de refúgio. Guinando de uma para outra, o protodracô arriscava um lance de olhos para trás e para cima sempre que presumia estar em segurança.

Por isso o hospedeiro de Kalec não viu Coros despontar na primeira curva.

O outro protodracô saltou sobre Malygos. Os dois se chocaram violentamente contra os paredões rochosos. Malygos resfolegou, para manter o ar nos pulmões. Ele tentou recuperar o fôlego, mas as patas traseiras de Coros penetraram fundo, impedindo o hospedeiro de Kalec de respirar.

Um segundo agressor — a fêmea — abateu-se sobre Malygos, atirando-o no chão. Ela e Coros buscavam sua garganta.

A terra estremeceu. Detritos de rocha e poeira cobriram os três. Malygos recebeu a maior parte do impacto com as costas. Coros e a fêmea voaram para longe, desaparecendo em meio ao desmoronamento.

Uma pedra imensa prendeu a asa de Malygos. Primeiro ele se debateu, depois girou o corpo na direção do apêndice aprisionado. A dor causada pelo movimento estremeceu Kalec e seu hospedeiro, mas permitiu que o protodracô movesse a rocha para se proteger da avalanche.

Malygos levou uma eternidade para reunir ar suficiente; o que conseguiu, misturado a poeira, engasgou o protodracô. Então, com um forte sopro, ele lançou uma onda de gelo para cima. O gelo refreou o desabamento, dando-lhe segundos vitais para se cobrir com as asas e recuperar o fôlego.

Enfim as rochas pararam de cair. Malygos lutava para se libertar, mas mal conseguia respirar, muito menos se mover. O gelo que soprara começava a ceder, e mais rochas ameaçavam desabar sobre ele. Estava claro para os dois que precisavam se libertar rápido.

Mesmo comparativamente mais curtas que as traseiras, as patas dianteiras de Malygos tinham força suficiente para sustentá-lo até que os membros mais poderosos encontrassem apoio para tirá-lo dali. Com o nariz, o protodracô empurrou as pedras mais à frente; as que

estavam à sua volta se moveram.

Quando conseguiu empurrar outra rocha, a brisa tocou suas narinas. Esforçando-se, Malygos impulsionou o corpo na direção da pequena abertura. Sua cabeça emergiu e, por um instante, ele hesitou, certo de que Coros estava esperando por isso.

Como sua cabeça continuava no lugar, Malygos terminou de se libertar. A asa agora competia com a pata traseira pelo título de dor mais insuportável; depois de um pequeno teste, no entanto, Malygos viu que a asa ainda funcionava.

O desmoronamento o deixara praticamente sem audição. Tudo o que tinha para lidar com a situação era o que via e sentia — mais que suficiente, considerando o segundo tremor que o fez bater em retirada.

Quando Malygos parou outra vez, sua audição começou a se restabelecer. Ele e Kalec ouviram o que soou como um trovão, ou o início de outro tremor, e só depois perceberam que se tratava do rugido de uma criatura imensa. Foi então que ambos notaram que o que supuseram ser um terremoto fora apenas o pouso de Galakrond.

Com muita cautela, Malygos se preparou para partir. Foi então que ouviu outra voz; a voz de Coros.

— Muitos estarão lá! Presas mansas esperando para serem comidas!

— Tantos... — A voz de Galakrond reverberava profundamente nos ouvidos ainda doloridos de Malygos. Tanto ele quanto Kalec duvidavam que Galakrond pudesse falar sem causar um estrondo.

— Vamos nos refestelar! — assegurou Coros. — Ampliar nosso poder!

Malygos espichou a cabeça com cuidado por cima de uma borda. Coros certamente pensava que ele jazia soterrado por toneladas de pedra, mas o protodracó permaneceu atento para a presença de sentinelas. Através dos olhos de seu hospedeiro, Kalec notou pelo menos um dos companheiros de Coros atuando claramente como vigia, embora, felizmente, não estivesse concentrado na direção de Malygos naquele momento.

Coros e a fêmea pairavam diante de Galakrond; para Kalec e seu hospedeiro, ele parecia maior que nunca. As protuberâncias que marcavam a pele do beemote estavam mais distintas que antes, o que tornava tudo ainda mais perturbador. Membros inteiros pendiam de vários pontos; até mesmo asas debatiam-se inutilmente, como se quisessem tirar Galakrond do chão.

O mais assustador, contudo, eram os olhos. Espalhados por todo o corpo monstruoso, os orbes singulares perscrutavam com a mesma disposição maligna que os dois originais, agora fixos em Coros e na fêmea. As fileiras sobressalentes piscavam sem nenhuma sintonia,

como se nem sequer fizessem parte da mesma criatura.

Um dos mais próximos mirou seu olhar sinistro na direção de Malygos.

O macho azul abaixou-se imediatamente; prendendo a respiração, esperou. Contudo, não houve reação de Galakrond. Os únicos sons eram as vozes de Coros e da fêmea.

Ainda trêmulo, Malygos ergueu novamente a cabeça. O olho agora fitava o pequeno grupo diante da besta colossal.

— O Grande Galakrond nos guiará! — prosseguiu Coros quase animadamente. — O Grande Galakrond será senhor de tudo!

Esse Coros é louco!, pensou Kalec, sabendo muito bem que Malygos pensava o mesmo do adversário. Ainda assim, ambos notaram que Galakrond ouvia suas palavras com interesse.

— Onde se reunirão? — Galakrond perguntou a Coros.

— No vale serrilhado! Muito em breve!

Apesar de Kalec não reconhecer a descrição, Malygos claramente reconhecia. O silvo baixo que deixou escapar atestava a veracidade das palavras de Coros, além da devassidão da traição dos outros protodracos.

— Conheço esse lugar — afirmou Galakrond, introspectivo. — Caçava lá quando era pequeno... Quando não era nada...

— Mas você é grandioso agora! — disse a fêmea, apoiada por um coro de silvos.

Membros vestigiais se contorceram, as patas projetando-se como se tentassem agarrar uma presa. Vários dos olhos acompanharam o olhar de Galakrond.

— Grandioso sou — rugiu a imensa besta. Em seguida, examinou Coros: — Você pode ser grandioso também.

— Não tão grandioso quanto Galakrond! — respondeu imediatamente o adversário de Malygos, enquanto a fêmea sacudia a cabeça em apoio. — Não tão grandioso quanto Galakrond!

— Não... Nunca grandioso como eu... — Galakrond abriu as asas, projetando rapidamente uma imensa sombra. Uma das patas dianteiras — pequenas se comparadas ao resto, mas muito maiores que qualquer protodrato normal — penetrou no solo, rasgando pedra como se fosse areia. — Só um pode ser eu...

O semblante da sentinela foi tomado por inquietação. Ele subitamente voou. Malygos e Kalec estavam certos de que haviam sido descobertos, mas em vez disso, o protodrato continuava a galgar os céus o mais rápido que podia. Não havia mais dúvidas, ele estava mesmo deixando os outros para trás. O vigia seguiu em velocidade, desaparecendo na

distância.

Ao mesmo tempo, Galakrond urrou e pairou acima de Coros e o resto do grupo. O líder e a fêmea saltaram para trás, enquanto eram engolidos pela escuridão criada pela massa descomunal.

Os dois membros restantes do grupo de Coros tentaram fugir, mas só conseguiram atrair a atenção de Galakrond. Apesar da velocidade com que voavam, o monstro colossai apanhou ambos sem dificuldade. Os protodracos menores se separaram, mas isso não foi suficiente. Ao investir sobre um, Galakrond varreu o ar com a asa, colhendo o segundo seguidor de Coros.

Coros e a fêmea voaram, rumando para onde Malygos estava escondido. Esbaforidos, nem sequer o notaram, ainda encostado rente à cobertura.

Guinchados saturaram o ar. Malygos se esgueirou para olhar. O protodrato enredado pela asa de Galakrond fora atirado à frente da cara do monstro. Com um urro feroz, Galakrond engoliu a vítima.

A presa restante tentou usar a destruição do companheiro para fugir do leviatã. O protodrato zarpou para o lado esquerdo da cabeça de Galakrond e continuou para o ombro.

Um dos membros sobressalentes agarrou a asa do fujão. O macho soltou um guinchado terrível enquanto a pata o segurava.

Galakrond se contorceu, permitindo que a pata trouxesse a vítima até a frente.

O macho barulhento desapareceu na garganta de Galakrond.

Mal havia terminado, o monstro se virou na direção de Malygos. Kalec sentiu o hospedeiro ser tomado por um ímpeto de fuga, mas de alguma maneira Malygos permaneceu onde estava. A sabedoria de sua decisão revelou-se instantes depois, quando Galakrond passou acima dele sem se deter.

A facilidade com que o imenso protodrato capturara a outra presa significava que nem Coros, nem a fêmea conseguiriam chegar muito longe. Kalec e seu hospedeiro ainda conseguiam divisar os dois minúsculos protodracos tentando desesperadamente manter a distância entre si e Galakrond. Contudo, bastaram poucos adejos das imensas asas e Galakrond estava logo atrás do par.

Sem avisar, Coros chocou-se contra o flanco da fêmea. Além do controle, ela perdeu velocidade.

Ele a está sacrificando para salvar a própria pele!, percebeu Kalec, tanto ele como Malygos aturdidos pela traição.

A fêmea endireitou o corpo bem a tempo de ver Galakrond lançar-se sobre ela.

Desesperada, ela cuspiu um jato de fogo. Contudo, o que funcionava muito bem contra um adversário do tamanho de Malygos, apenas resvalou inutilmente contra uma das presas amareladas e imensas do beemote.

Galakrond engoliu a fêmea sem reduzir a velocidade com que perseguia Coros.

O adversário de Malygos empenhava-se em manter distância, mas nem mesmo a traição que reservara para a própria família podia mantê-lo a salvo da fome infinita de Galakrond. As poderosas mandíbulas se abriram.

Numa manobra que pareceu loucura, Coros mudou abruptamente de direção e se atirou direto na bocarra escancarada. Mas antes que os dentes pudessem se fechar, o protodracó investiu para cima e atacou o queixo de Galakrond. Garras rasgaram a carne macia, desprotegida.

Galakrond cambaleou. Nem Malygos, nem Kalec acreditavam que Coros tivesse realmente ferido Galakrond, mas o ataque certamente o surpreendera.

Coros usou a surpresa para retomar a fuga. Com uma velocidade que nem Malygos poderia desafiar, o azul esverdeado mergulhou na direção do solo, onde manteve a incrível velocidade apesar da mudança de terreno.

Galakrond o perseguia. Malygos finalmente emergiu do esconderijo, o que lhe deu um último vislumbre do caçador e da caça.

Naquele momento, ele e Kalec viram que apesar da destreza de Coros, o rival de Malygos não tinha chance de escapar. Manter-se junto ao solo evitava que Galakrond o colhesse facilmente, mas uma irregularidade no terreno fez com que o veloz Coros errasse sua trajetória. Lançado muito acima da segurança do solo, o leviatã engoliu-o de uma só vez.

A brusquidão com que o adversário de Malygos perecera não perturbou Kalec nem um pouco. Ambos puderam ver que Coros se importava apenas com a própria existência, não dando a mínima nem mesmo para aqueles que estavam à sua volta. A única preocupação de Malygos era Galakrond vê-lo antes que pudesse fugir.

Felizmente, Galakrond pousara numa vasta planície mais à frente. O macabro beemote desabou com tanta força quanto antes, abalando toda a região.

Aterrissando rapidamente mais uma vez, Malygos esperou. Galakrond apoiou a cabeça no chão. Momentos depois, um ronco grave, longo, irrompeu do enorme protodracó.

Enquanto o estrondo cavernoso perdurava, Malygos atreveu-se a voar outra vez. Quanto duraria o repouso de Galakrond, nem Kalec, nem Malygos sabiam, mas o protodracó azul não podia simplesmente supor que tivesse muito tempo. Seguindo a tática de Coros, Malygos permaneceu rente ao solo e voou o mais rápido que pôde. Nem quando o

ronco desvaneceu a distância o hospedeiro de Kalec diminuiu a velocidade.

Um pensamento invadiu a mente do protodracó; conseqüentemente, também a de Kalec. Mesmo tendo pago o preço por sua traição, no fim, Coros ainda deixara um terrível legado. Galakrond sabia onde Talonixa se encontraria com os outros. Por mais suicida que o plano da fêmea parecesse para Malygos e Kalec, pelo menos ele nutria *alguma* esperança. Mas se Galakrond atacasse enquanto eles ainda estivessem se reunindo, haveria um grande desastre.

O protodracó esforçou-se ainda mais. Se Malygos pudesse avisar Talonixa antes que Galakrond despertasse — e se conseguisse fazer a fêmea ouvi-lo —, então haveria esperança.

Um estrondo obrigou Malygos a descer, mas ele quase imediatamente reconheceu o som como trovões, não Galakrond. O exausto protodracó fez uma pausa no voo. O esforço até aqui cobrara um preço alto demais até mesmo para o vigoroso Malygos.

Uma chuva começou a cair. A tempestade não era forte, mas inevitavelmente instilou o medo de que, se continuassem nessa direção, as nuvens logo chegariam a Galakrond. Se ele acordasse, talvez decidisse voar na direção de Malygos.

O mundo de Kalec estava de pernas para o ar. A vertigem tomou conta dele como se fosse a primeira vez. Para sua própria surpresa, o dragão azul lutou para permanecer com o hospedeiro. Ele se identificava mais com essa batalha pela sobrevivência do que com as inúmeras perguntas que representavam sua existência no presente.

E mesmo assim, como sempre, ele não teve escolha. Malygos desapareceu com o passado... e Kalec despertou em sua forma de meio-elfo, deitado de costas em algum lugar do Nexus.

Não havia nenhuma indicação de quanto tempo se passara. O escuro também incomodou Kalec — deveria haver *alguma* luz. Levantando-se do chão, ele evocou uma esfera luminosa.

Trincando os dentes, cheio de frustração, Kalec descobriu que o local onde estava não era o mesmo em que estivera antes, mas uma câmara ainda mais profunda do Nexus. Olhando em volta, não encontrou nada além de vazio. Nem mesmo o artefato estava por perto. A essa altura, sabia que o importante não era onde a relíquia estava; o poder dela o alcançaria em qualquer...

Kalec virou-se subitamente. Por um brevíssimo instante, ele pensou que havia alguém de pé, atrás, às suas costas. Alguém usando um manto pesado e um grande capuz.

Uma breve busca na passagem que levava naquela direção não revelou nada. Ainda assim, Kalec sentiu-se compelido a prosseguir. Enquanto caminhava, o antigo Aspecto

desejou que pudesse, de alguma maneira, retornar ao jovem Malygos. Melhor a sanidade, que a loucura do passado lhe trouxera, do que a loucura de seu próprio tempo.

A despeito do crescente desejo de consentir com o que o artefato parecia demandar dele, Kalec permanecia consciente. Seu desapontamento era amplificado pelo fato de que se aproximava do local de origem sem ter descoberto qualquer razão para a sensação de estar novamente sendo observado.

Antes de entrar, ele sentiu outra presença. Quem quer que fosse, mantinha-se oculto além das habilidades da maioria dos magos, mas não dos poderes consideráveis de Kalec. Não sabia quem ou o quê invadira o Nexus, mas o intruso estava muito próximo.

Kalec dispensou a esfera e avançou com cuidado. Uma luz fraca imediatamente se espalhou ao redor dele. Era um sinal de que o Nexus respondia prontamente à sua vontade, concedendo-lhe uma formidável frente de ataque. Qualquer ladrão visando a coleção do Nexus se lamentaria amargamente.

As sombras dominavam a grande câmara. Parecia natural, considerando-se a débil iluminação que restava, mas uma emanção maligna num dos cantos chamou sua atenção.

— Kalec? Você está aí?

Enquanto a voz ecoava pela câmara, a maldade desvaneceu. O Nexus alertou-o para o óbvio fato de que alguém, uma velha conhecida, chamava por ele da entrada de seu santuário.

Era Jaina Proudmore.

Ele se virou no mesmo instante em que ela entrou. Jaina não pareceu vê-lo no começo, mas quando o viu, sua expressão mudou de abertamente apreensiva para aliviada:

— Aí está você! Ainda bem! Estava começando a achar que você tinha partido ou...

Sua voz estremeceu sem que ela dissesse o destino que imaginara para ele, mas Kalec não se importava. Não deveria haver diferença entre vê-la diante de seus olhos e vê-la através do portal criado por ele mais cedo, mas agora o cheiro que Kalec identificava como sendo de Jaina, só dela, chegara ao dragão azul. Mesmo na forma de meio-elfo, seus sentidos eram muito mais aguçados que os de Jaina. Ela não sabia como ele reconhecia seu cheiro... nem como ele era confortante para o antigo Aspecto.

— Perdoe-me — prosseguiu ela enquanto se aproximava. — Eu tentei entrar em contato, mas quando não consegui mais nem sentir sua presença, tive que vir eu mesma.

O dragão azul franziu a testa. Sabia do esforço necessário para Jaina viajar tão rápido até ali. Mesmo profundamente agradecido pela preocupação que ela demonstrava, Kalec se lembrou do perigo que ela correria se chegasse perto demais do artefato. Sua mente poderia

ser o único vínculo com as visões, mas ainda assim ela poderia não suportar. O artefato cobrava um preço alto dele; mesmo dotada de um grande poder, a maga ainda era humana.

— Você não deveria ter se preocupado, Jaina. Eu ouvi seu chamado, mas estava tentando revitalizar algumas das proteções e não podia correr o risco de interromper o trabalho. Pretendia entrar em contato assim que possível.

— Kalec, você deveria aceitar ajuda, mesmo que só a minha.

Kalec sabia que, mesmo que concordasse em ser ajudado por ela, nada de bom poderia advir disso, especialmente para Jaina. Ele se lembrava muito bem da desconfiança que muitos magos reservaram à líder em função do seu relacionamento com um dragão azul.

— Agradeço pela preocupação — iniciou ele com muito cuidado, esperando não só evitar ofendê-la, mas também rogando para que o artefato não o levasse de volta agora. — Mas você já tem tanto para se preocupar. Os outros...

— Eu *sei* dos outros — interrompeu Jaina, contundente. — Não preciso que me aconselhem a respeito do que posso ou não fazer! Eles queriam que eu os liderasse; agora, que aceitem minhas escolhas.

Por um momento, Kalec se esqueceu de seus problemas. A última coisa que queria era que Jaina arriscasse sua posição. Além das próprias preocupações, ele esperava que, partindo, não pudesse mais prejudicar a arquimaga.

— Mas, como líder, você tem responsabilidades junto à sua gente — lembrou o dragão azul. — Eu não sou parte de seu povo. Sinto muito por ter preocupado você, Jaina. Por favor, acredite, seu lugar é com os seus, não me ajudando aqui.

As palavras saíram mais frias do que ele planejava. A expressão de Jaina nem sequer mudou, mas seu olhar se transformou sutilmente.

Finalmente concordando, ela desviou os olhos.

— Talvez você esteja certo. Perdoe-me pela intromissão. Eu só tinha que ver o que estava acontecendo. — Seus olhos cruzaram novamente com os dele. — Mas aceito sua palavra de que você esteja bem, Kalec.

O dragão azul manteve os olhos imóveis, apesar da culpa que crescia por dentro.

— Está tudo bem. — Ele ensaiou um movimento com o braço para tocá-la, mas abaixou a mão antes que ela percebesse. — Obrigado.

Ele se conteve, mas Jaina decidiu tomar a iniciativa. Um braço esguio apoiou-se no dele e permaneceu tempo suficiente para significar algo. Então, a arquimaga deu um passo atrás e, com um breve sorriso, iniciou os gestos do feitiço de teleporte.

Quando finalmente ficou sozinho outra vez, Kalec exalou rispidamente. Ele esperava

que Jaina levasse a sério sua relutância em tê-la por perto e não tentasse mais contatá-lo. Assim, pelo menos um de seus medos deixaria de existir.

Quanto ao maior de seus medos, Kalec só conseguia pensar em um curso de ação a respeito da relíquia. Mesmo incapaz de impedir seu poder de afetá-lo, poderia garantir que ela não prejudicasse mais ninguém. Isso significava que, mais do que nunca, as proteções teriam que ser reforçadas. A essa altura, ninguém — nem mesmo os outros dragões azuis — podia entrar no Nexus. Pelo menos não enquanto não deslindasse a situação. Kalec sentiu-se com sorte por Jaina não ter vindo mais cedo. Se viesse, ela poderia ter descoberto a verdade e corrido risco ao tentar ajudá-lo.

Com a concentração renovada pela missão, Kalec voltou ao ponto onde estivera trabalhando quando as visões o abduziram pela última vez. Rogou para que o tempo fosse suficiente para atingir seu objetivo; se não por si, por Jaina ou qualquer outro que adentrasse o Nexus.

Ao chegar, ele não tinha notado nenhum sinal de que houvesse algo errado, o que foi um alívio. Primeiro cogitou confrontar o artefato, mas decidiu ater-se à decisão que tinha tomado. Se os poderes da relíquia estivessem dormentes, era melhor que ficassem assim.

Kalec se preparou para trabalhar como antes. Os meridianos surgiram diante de seu olhar velado. Ele começou a manipular o poder, sentindo mais satisfação a cada passo completado. Em minutos, a primeira proteção estava suficientemente fortalecida, e ele avançou para a próxima.

A segunda foi fortificada ainda mais rápido. Kalec sentiu um raro acesso de orgulho. Muito tempo se passara desde a última vez que realizara *qualquer coisa*. Então prosseguiu para a terceira proteção.

Havia algo vinculado ao seu poder mágico, algo que não fora lançado por ele ou qualquer dragão azul.

A magia do artefato se insinuara na proteção.

Kalec imediatamente recuou, temendo que pudesse desencadear a reação desejada pelo artefato. Sentindo uma inquietação subindo por sua espinha, seguiu para a próxima proteção.

Ela também estava vinculada ao artefato.

O antigo Aspecto franziu o cenho, então voltou a atenção para a proteção que acabara de fortalecer.

Dispensando rapidamente o resto, ele se concentrou na primeira e, sem se surpreender, descobriu que o artefato também conectara seu poder àquela proteção.

A inquietação cresceu. Kalec respirou fundo, deu um passo atrás e, sem hesitar, focalizou toda a rede de feitiços defensivos que protegiam o Nexus.

O silvo que deixou escapar era muito mais adequado à sua forma de dragão do que ao meio-elfo. O antigo Aspecto observava fixamente.

O poder do artefato agora era parte de todas as proteções do Nexus.

3

OS CORROMPIDOS



Jaina Proudmore reapareceu em seus aposentos, extenuada muito mais pela situação com Kalec do que pelos esforços mágicos. Sabia que ele escondia algo; Jaina sentia-se agradecida pela preocupação que ele demonstrava, mas, ao mesmo tempo, ressentia-se dela. Kalec era um dragão azul, e sim, isso significava que ele compreendia aspectos das artes mágicas de uma maneira que nem ela poderia, mas Jaina também se considerava mais do que capaz de enfrentar situações como esta, usando a habilidade humana para encontrar soluções que um dragão talvez nem cogitasse.

Com um gesto da arquimaga, uma cadeira deslizou até onde ela estava. Parando por um instante para organizar seus pensamentos, Jaina relembrou sua visita ao Nexus. Com as memórias, veio a culpa; afinal, ela também escondera parte da verdade de Kalec. Quando ele a percebera, ela já estava lá; era dela a presença que ele detectara e, por muito pouco, não revelara. Uma rápida manipulação de poder arcano permitiu-lhe desviar a atenção do dragão azul e mudar sua localização fingindo que entrara havia pouco.

Isso talvez não tivesse sido preciso, se Jaina não se preocupasse com o que aconteceria caso Kalec soubesse por quanto tempo ela estivera lá.

Tempo suficiente para descobrir a relíquia.

A arquimaga não tinha um nome mais preciso para dar àquilo. Artefato. Relíquia. Jaina suspeitava que Kalec pensava no objeto dessa maneira. Jamais tinha visto coisa parecida, a despeito de seu profundo conhecimento acerca de uma variedade de poderosos objetos

mágicos comparável à própria coleção do Nexus.

E, mesmo não sendo como nada que já tivesse visto, havia algo de familiar. Ela pôde identificar um elemento deveras significativo, possivelmente algo que nem Kalec conseguira reconhecer.

A arquimaga sentia que já cruzara com aquele tipo de magia no passado. Não mais que duas vezes, e em grau muito menos elevado, mas Jaina com certeza já se deparara com algo muito similar. Um tipo de urdidura mágica mais antiga que os dragões, algo que sugeria um conhecimento muito específico, além dos magos de seu tempo.

Um feitiço que Jaina acreditava estar ligado aos lendários guardiões, quiçá aos próprios titãs.

Ela certamente não viajara ao Nexus esperando descobrir algo assim. Tudo o que tinha era uma suspeita de que algo no Nexus estava ligado ao estranho comportamento de Kalec. Sua intenção era falar com ele e, enquanto isso, investigar sorrateiramente com seus poderes, tentando encontrar qualquer coisa que parecesse fora do lugar. Jaina tinha convicção de que conseguiria fazer isso sem alarmar Kalec.

Se a oportunidade não surgisse, ela já havia pensado em outras maneiras de conseguir tempo para tentar decifrar a verdade sozinha. No entanto, todo o planejamento se provou desnecessário; no momento de sua chegada, não havia sequer sinal de Kalec. As proteções enfraquecidas facilitaram sua entrada e, assim que se certificou de que ele não estava mesmo por perto, sua investigação teve início.

Para sua surpresa, encontrar a relíquia foi uma tarefa simples. A magia que irradiava era ímpar. Ademais, aparentemente, Kalec nem se preocupara em escondê-la numa das várias prisões ou esconderijos arcanos feitos para conter objetos mágicos poderosos como aquele. O artefato estava à vista, exposto na primeira grande câmara.

Muitos tremeriam junto daquilo, mas Jaina ficou apenas... fascinada. Ela estudou sua aura, admirou suas formas e mergulhou profunda e cautelosamente em seu âmago.

No fim, contudo, ela conseguira desvelar pouco. A descoberta era tão importante que considerou levar o artefato consigo, a despeito do desastre que por pouco não causou com sua intenção de usar outra relíquia — a Íris — para vingar a destruição de Theramore pelas mãos do orc Garrosh com seu poder. Mas antes que pudesse levá-la do Nexus, Jaina subitamente sentiu a presença de Kalec. Sem saber como ele reagiria à intrusão, ocultou o melhor que pôde a própria presença e, então, manteve Kalec ludibriado para mudar rapidamente sua localização. Ela não fora descoberta por um triz.

De toda sorte, apesar de não ter o artefato consigo para uma investigação aprofundada,

ela tinha acesso a outras possibilidades que poderiam dar pistas sobre o que era e como poderia se relacionar às mudanças na personalidade de Kalec. A arquimaga estava convencida de que ele corria um perigo avassalador; talvez não só sua mente, mas também seu corpo.

Jaina evocou um calhamaço prateado da estante mais alta. A uma curta distância, o tomo se abriu e suas páginas começaram a virar. A arquimaga apertou os olhos; as páginas pararam de se mover. Com o livro flutuando numa posição confortável, ela examinou seu conteúdo.

O autor, um arquimago, marcara os dois itens que chamaram particularmente a atenção de Jaina como resquícios do período que se seguiu à consolidação da ordem em Azeroth. Jaina procurou por eles porque elementos na aparência do artefato lembravam algo que vira naquele livro enquanto o estudava por alguma outra razão.

Para sua completa frustração, as duas páginas abertas diante dos olhos não continham nenhuma resposta. Nada além de detalhes sobre os locais e os envolvidos nas descobertas dos dois artefatos. Algumas anotações referiam-se a estudos prévios que conectavam ambos aos titãs e guardiões que teriam exercido influência nas regiões onde foram encontrados; apesar de academicamente interessantes, Jaina precisava de mais.

A página virou mais uma vez. Havia uma infinidade de teorias sobre os titãs e guardiões, várias a respeito da duração de seus laços uns com os outros. Folheando rapidamente o tomo, Jaina lembrou-se de uma passagem que encontrara em meio a todas as teorias.

O trecho dizia: *... por insistência do mago Rulfo. A visão que ele afirmava ter tido ao tocá-la sugeria influência dos guardiões em sua criação. O arquimago Theolinus tinha sua própria teoria a respeito da presença dos mesmos em outras regiões...*

Um grunhido exasperado escapou. Ela passou rapidamente por teorias que normalmente granjeariam seu interesse, esperando encontrar o que se lembrava de já ter visto.

— Ah!

Enfim o nome Rulfo ressurgiu em sua memória. Havia tanto tempo que Jaina lera esse capítulo que era impossível se lembrar do que ele dissera aos mestres acerca da visão, mas ela estava chegando perto.

Mal começara a ler, a arquimaga deu um passo para trás com tamanho choque que, acidentalmente, cancelou o feitiço que mantinha o livro no lugar. O antigo tomo despencou com um baque seco e as páginas se soltaram.

Sentindo o coração acelerar, Jaina caiu de joelhos ao lado do livro. Seu temor não eram as folhas espalhadas, mas o conteúdo da passagem. Com um gesto de sua mão, as outras páginas farfalharam até que uma — exatamente a que procurava — parou diante dela outra vez.

— Rulfo... Rulfo... — murmurava, procurando pelo nome.

... Rulfo talvez tivesse a resposta para isso. Sua morte é uma triste nota de rodapé de uma intrigante expedição rumo a um estudo do passado...

Ela estava muito à frente. A arquimaga voltou alguns parágrafos e leu com atenção.

... no terceiro dia após a descoberta. Uma tarde inteira de escrutínio não revelou nada, nem mesmo mediante o uso dos feitiços mais potentes. Só após o cair da noite, quando uma última tentativa teve lugar, alguém encontrou seu corpo.

— Corpo — balbuciou, rogando para ter lido errado.

De acordo com os relatórios, o consenso inicial era de que ele teria se perdido e caído de um pico. Isso certamente explicaria o péssimo estado em que, segundo consta, o cadáver foi encontrado. Conversas posteriores dos representantes do Kirin Tor com aqueles que melhor o conheciam, contudo, indicaram uma loucura súbita e peculiar em Rulfo pouco antes de seu desaparecimento. A conclusão final foi de que a visão mencionada pelo jovem mago fora o estopim de sua insanidade...

Era assim que terminava. O parágrafo seguinte versava sobre assuntos que, no momento, Jaina considerou fastidiosos. Ainda certa de que lera mais que isso antes, procurou desesperadamente as páginas seguintes, sem resultado. Então, retornou às que lera e investigou com cuidado, mas logo verificou que não perdera nada.

Em algum lugar havia mais informações.

A arquimaga fitou a infinidade de tomos, pergaminhos, diários e escritos variados à sua frente. Dentro de um deles, com certeza estavam os detalhes que buscava. Ela só tinha que se lembrar em qual, ou procurar até encontrar.

Com os olhos fixos na imponente coleção, a arquimaga se perguntava se não seria tarde demais quando encontrasse o que buscava.

O artefato estava vinculado às proteções do Nexus como se estivessem interligados desde que elas foram lançadas pela primeira vez. Kalec duvidava que Malygos pudesse ter vinculado o poder maligno da coisa à matriz de defesa com tanta maestria. Isso denunciava mais uma vez o grande poder de quem quer que fosse o criador da relíquia; a figura encapuzada que ele e o jovem Malygos viram de relance, presumia o dragão azul.

Kalec já o odiava profundamente.

Pelo que pareceu a centésima vez, o dragão seguiu a trilha mágica na esperança de encontrar uma falha da qual pudesse tirar partido. Ele não queria abandonar o Nexus à mercê do artefato, não obstante nenhum mal ter sido causado ao lugar até o presente momento. Mesmo assim, considerando o que fizera a Kalec, o dragão azul não queria arriscar

Corrompido! Corrompido!

Com um urro de dor, Kalec interrompeu os trabalhos. Tentando controlar as vozes, ele agarrou a cabeça com as mãos, mas as vozes berravam tão alto que prevaleciam sobre todo o resto.

Têm que ser destruídos!

Não! Eles são nós!

Não! Eles devoraram um de nós!

O Nexus converteu-se num turbilhão. Kalec perdeu o equilíbrio, rodopiou e caiu.

Antes de atingir o chão, ele subitamente se viu pairando acima do solo, observando o que parecia o início de uma guerra civil entre os protodracos reunidos por Talonixa. Pelo menos sete combates individuais chamaram sua atenção — ou melhor, a atenção de Malygos —, e um deles incluía Neltharion e Nozdormu.

Apesar de estarem em dois contra uma, a dupla hesitava em atacar a fêmea verde-metálico à sua frente. Ela, por outro lado, usava dentes e garras incontinentemente, abdicando de qualquer tipo de racionalidade. Enquanto Malygos pousava num ponto próximo, ela investia contra Neltharion.

A essa altura, Malygos sabia bem da sede de batalha do macho cinzento, por isso surpreendeu-se ao ver Neltharion fugir desesperadamente dos pequenos — mas afiados — dentes da fêmea. O protodraco esquivou-se no mesmo instante em que as mandíbulas estalaram junto de seu pescoço; Nozdormu saltou no momento exato, dilacerando a garganta da fêmea descontrolada. O ataque foi desferido com tal perfeição que ele recuou antes que ela percebesse que estava mortalmente ferida. Com o sangue encharcando seu peito, a criatura tentou girar na direção de Nozdormu, mas caiu de frente.

Enquanto Kalec e seu hospedeiro empenhavam-se em compreender os eventos, os outros protodracos, aparentemente enlouquecidos, eram açoitados. Alguns dos que vigiavam os prisioneiros pareciam a ponto de perder o controle e rasgá-los em pedaços. Ysera, que ajudava a impedir a agressão, alertou:

— Atenção! Cuidado com os dentes! Afastem-se!

Mais adiante, Talonixa observava a cena com uma expressão indecifrável. Kalec queria vê-la, mas Malygos estava mais interessado no que Ysera tentava fazer. Quanto mais o quadro se distinguia, mais parecia que a irmã de Alexstrasza estava tão preocupada com os afetados quanto com os que os cercavam.

Mesmo capazes de compreender que ela estivesse tentando impedir mais derramamento de sangue entre protodracos por ser Galakrond a maior ameaça, o dragão azul e seu hospedeiro concordavam que isso não poderia terminar bem. O grupo cercado acometia os captores e parecia não reconhecer nem mesmo aqueles que Malygos sabia que deveriam reconhecer.

Ele notou algo comum aos protodracos capturados. Todos os que o macho azul podia ver exibiam marcas de dentes de lutas recentes.

Marcas de dentes... Malygos fez menção de fitar a própria pata, mas foi interrompido por Alexstrasza.

A fêmea vermelho-fogo olhou aliviada para ele:

— Você está vivo! Pensamos que tivesse morrido!

— Quase. Coros... Ele está morto.

Antes que ele pudesse transmitir-lhe a história e sua conclusão, Alexstrasza mirou a irmã, ainda empenhada em impedir um confronto entre os dois grupos:

— Ela não compreende! Eles têm que morrer! Eu também sei disso!

Suas palavras atraíram a atenção de Malygos:

— Têm que morrer? Por quê?

— As mordidas... mordidas dos mortos-vivos! Causam fome... criam vontade de comer uns aos outros! Eles se tornam iguais a Galakrond!

As palavras estremeceram Kalec e seu hospedeiro. Malygos não conseguiu evitar um calafrio ao pensar nos esforços que fizera depois de ser mordido. Ele observou os protodracos enlouquecidos atrás de Alexstrasza, lembrando-se da sede de sangue e de como mal conseguira evitar fazer justamente aquilo que os corrompidos ansiavam.

Alexstrasza pensava que a reação de Malygos fora causada pelos prisioneiros e pelo que haviam se tornado. Ela sibilou e disse:

— Ysera pensa no irmão de ninhada. Ela pensa que ele ainda está à solta.

Malygos abateu-se ainda mais:

— Morto-vivo!

— Irmão de ninhada há muito morto — lembrou Alexstrasza. — Morto há muito quando Malygos o encontrou...

Aquilo deveria tê-lo confortado, mas tantas coisas aconteceram que até mesmo um protodracos astuto, como Malygos se considerava, teria dúvidas. É verdade, outros corpos continuaram mortos — pelo menos da última vez que ele os vira. Agora, o macho azul se perguntava se ainda os encontraria, caso fosse procurá-los.

Seus pensamentos se voltaram, então, para como os outros protodracos foram transformados. Todos ostentavam marcas de dentes. Todos sucumbiram à fome monstruosa contra a qual Malygos lutara mais de uma vez.

Kalec sentia que seu hospedeiro considerava fugir antes que alguém notasse sua ferida e o mandasse para junto dos loucos. Malygos, contudo, manteve sua posição e observou como a cena se desdobrava.

Enfim Talonixa se moveu, metendo-se por entre protodracos menores para chegar a Ysera e os corrompidos. Apesar da crescente loucura, os protodracos aprisionados continuavam acovardados diante da imponente fêmea.

— Mate...

— Não! Preciso ajudar! — insistiu Ysera, mirando-a desafiadoramente.

— Mate ou eles nos morderão. — Enquanto falava, Talonixa empurrava a irmã de Alexstrasza, aproximando-a dos loucos. — Morderão você...

Se a mordida de um dos corrompidos afetaria um protodracos da mesma maneira que a de um morto-vivo, Kalec duvidava que qualquer um ali pudesse responder, mas as palavras de Talonixa instilaram medo em muitos dos que observavam. Até mesmo a irmã de Alexstrasza transparecia sua incerteza.

Subitamente, um dos protodracos ensandecidos guinchou e arremeteu na direção de Ysera. Antes que Alexstrasza pudesse ajudar a irmã, Ysera fitou firmemente o atacante, enquanto sua própria insegurança desvanecia.

A loucura retrocedeu. O outro protodracos baixou a cabeça e recuou. Para Kalec, ele parecia envergonhado por tentar ferir a fêmea menor.

Ysera encarou Talonixa outra vez:

— Preciso ajudar...

— Pouco tempo! Precisamos destruir Galakrond! — declarou a fêmea maior. Ela lançou o olhar na direção dos que assistiam. — Nós lutamos! Sim?

Como antes, a maioria dos outros protodracos sibilou, aquiescendo.

Mesmo na ausência de apoio, Ysera insistia:

— Eles são nós! São nós!

O grupo silenciou.

A irmã de Alexstrasza se moveu na direção da multidão, suplicante:

— Eles são nós! Ajudá-los nos ajuda!

Alguns dos que ouviam se entreolharam, pensativos.

Talonixa apertou ainda mais os olhos:

— Sim... — sibilou ela, subitamente de acordo. — Sim... Nós ajudamos... — Talonixa fitou os corrompidos. — Mas eles têm que ficar seguros. Nós temos que ficar seguros. Ajudar quando for possível... — Ela se virou para mirar o oeste. — Mantê-los seguros, sim. Venha! Traga todos!

Certa de que seria obedecida, Talonixa alçou voo. Vários dos protodracos que sitiavam os corrompidos fitaram Ysera.

A irmã de Alexstrasza devolveu desafiadoramente os olhares, então se virou para as figuras capturadas:

— Venham... — murmurou placidamente. — Venham...

Lentamente, Ysera ganhou os céus. Ao fazê-lo, gesticulou com a cabeça na direção de Talonixa.

Os protodracos capturados seguiram Ysera, relutantes. Eles estavam flanqueados por devotados apoiadores de Talonixa. Os protodracos restantes pareciam mais que convencidos a ficar para trás, mas para a surpresa de Kalec, seu hospedeiro seguiu Ysera. Nem Alexstrasza fora tão veloz. Pelo canto do olho de Malygos, Kalec viu Neltharion e Nozdormu fazerem o mesmo.

A cena se transformou abruptamente, mas Kalec tinha a sensação de que pouco tempo se passara. Agora Talonixa guiava o grupo na direção de um estreito vale.

— Lá! — urrou ela, indicando outra passagem com a ponta da asa. Talonixa pousou.

Enquanto os outros protodracos a imitavam, a grande fêmea caminhou na direção do que, a princípio, pareceu um simples paredão de pedra. Seguindo Talonixa, contudo, eles viram uma passagem estreita se revelar.

Primeiro Kalec pensou que era a entrada da caverna da perturbadora visão. Quase imediatamente vários detalhes saltaram para indicar que ele estava enganado. Mesmo assim, sentia que sabia a razão pela qual Talonixa os trouxera àquele lugar.

— Por que aqui? — questionou Ysera com uma ponta de suspeita.

— Esses que você defende, ficam aqui e esperam.

A fêmea amarelada observou a minúscula entrada, cada vez mais suspeita.

— Aí dentro?

— Todos... ou morrem.

O tom conclusivo não deixava espaço para contra-argumentos. Relutante, Ysera por fim concordou com a cabeça.

— Eles ficam aqui — ordenou Talonixa. Em seguida, apontou alguns dos que escoltavam os corrompidos. — Quatro aqui, eles vigiam. Entrada pequena. Quatro suficientes.

Para Kalec e seu hospedeiro, estava claro que Talonixa teria matado todos sem pestanejar, e Ysera obviamente também o sabia. Por fim, ela aquiesceu e guiou aqueles a quem protegera para a entrada.

Um a um, os confiantes protodracos entraram na caverna. Alguns tiveram que fazer força para entrar, tão estreita era a passagem. Ysera empenhava-se em acalmar os que esperavam para entrar e os que já estavam dentro.

O último finalmente entrou. Ysera se afastou para os guardas tomarem suas posições.

Quando o primeiro começou a se mover, Talonixa trovejou:

— Espere.

Ysera sibilou. Malygos e Neltharion avançaram na direção de Talonixa, mas foram bloqueados por alguns dos súditos mais fervorosos da fêmea dourada.

Talonixa soprou. Um raio foi disparado de sua boca.

Três setas prateadas e brilhantes atingiram a rocha que encimava a entrada. Enquanto isso, Talonixa calmamente recuou alguns metros.

O paredão rochoso cedeu por completo, cobrindo a passagem.

Ysera adiantou-se na direção da avalanche, mas antes que pudesse se sacrificar numa vã tentativa de salvar os prisioneiros, Malygos avançou para ela. Para sua surpresa, Nozdormu chegou antes, agarrando uma das asas de Ysera com os dentes e, firme, mas cautelosamente, arrastando-a para trás a tempo de impedir que fosse esfacelada.

Apesar de não haver dúvidas acerca das intenções de Nozdormu e Malygos, Ysera avançou contra ambos. Com raiva e fora de controle, ela acometeu contra Talonixa.

Quatro protodracos bloquearam seu caminho. Dois escancararam as bocas, mas o guinchado de Talonixa sobrepujou a contenda e interrompeu o ataque:

— Está feito — proclamou ela, expandindo as imensas asas a fim de ampliar seu tamanho e, consequentemente, sua superioridade. — Sem corrupção entre nós! Os corrompidos devem morrer!

Ysera exalou. Dois dos guardas à sua frente piscaram e quase sucumbiram. Atordoados, eles não puderam resistir. Com os olhos fixos em Talonixa, ela passou por eles.

A fêmea maior, que já esperava um ato imprudente, esquivou-se quando Ysera se

aproximou. Sua cauda longa e poderosa atingiu a cabeça da adversária menor, emitindo um sonoro estalo.

Alexstrasza arremeteu na direção de Malygos e os outros. O corpo da irmã atordoada atingiu; com o choque, as duas caíram e permaneceram amontoadas.

— Está feito — repetiu Talonixa, agindo como se nem tivesse notado a imprudência de Ysera. — Venham... Preparar para Galakrond...

Com isso, Talonixa e os outros partiram em silêncio, deixando Malygos e seus amigos para trás. Os machos correram para ajudar as irmãs, mas Ysera se ergueu e correu até os escombros da caverna. Ignorando os detritos que continuavam a cair, ela usou as patas traseiras para tentar mover as toneladas de rocha.

Enquanto Ysera combatia a avalanche, mais pedras se soltavam. Ao caírem, não só cobriram o que ela já escavara como também a feriram; Alexstrasza, enfim de pé, arriscou-se para puxar a irmã afoita de volta para a segurança.

— Salve-os! — insistiu a irmã menor, os olhos saltando de Alexstrasza para os machos. — Eles ainda vivos! Ouça!

Malygos auscultou, mas não ouviu nada. No entanto, Kalec e seu hospedeiro — e também os outros futuros Aspectos —, sabiam que Ysera dizia a verdade.

Já não havia nada a se fazer. Uma centena de protodracos escavando incansavelmente não seria capaz de chegar a tempo aos prisioneiros. Malygos compreendia isso tanto quanto Kalec, assim como os outros e a própria Ysera. Ainda assim, mesmo consciente da futilidade do que almejava, Ysera uma vez mais correu na direção da passagem e tentou escavar. Ela removia pedra atrás de pedra, e assistia quando outras deslizavam para ocupar o espaço liberado.

Os outros finalmente a detiveram e forçaram-na a se afastar. Seus olhos estavam fixos na entrada desmoronada; num determinado momento, através dos ouvidos de Malygos, Kalec a ouviu soluçar e dizer “Dralad...”

Depois de momentos de extrema tensão, a irmã de Alexstrasza ficou imóvel. Seus olhos, no entanto, miravam o vazio, como se sua mente estivesse em outro lugar.

— Devemos ir — sugeriu Malygos em voz baixa.

Neltharion acrescentou:

— A caça a Galakrond começará logo! Nós devemos estar lá!

— A caça *a* Galakrond? — zombou Nozdormu, surpreendendo Malygos e Kalec. Pelo que o dragão azul aprendera com seu hospedeiro, Nozdormu falava apenas quando tinha algo importante a dizer. Caso contrário, alguns poderiam até tomá-lo por um dos

protodracos menos avançados, mais animais, incapaz de falar. — Caçados *por*, é como será.

Apesar do que dissera, o macho castanho foi o primeiro a alçar voo. Para a surpresa dos restantes, Ysera seguiu imediatamente. Alexstrasza uniu-se à irmã, deixando Malygos e Neltharion para protegerem a retaguarda.

Enquanto ascendiam, Kalec — mas não Malygos — viu Ysera voltar-se disfarçadamente para a caverna, onde alguns dos protodracos corrompidos provavelmente ainda lutavam para sobreviver antes que o ar se extinguísse. Ela então se virou para Malygos, mas não para mirá-lo nos olhos. Em vez disso, Kalec percebeu que seus olhos perscrutavam uma de suas patas traseiras.

A pata de Malygos que o morto-vivo mordera.

4

O OBSERVADOR



A visão de Kalec mudou mais uma vez. À frente dos cinco, Talonixa e sua hoste pairavam acima do chão. Kalec percebeu que eles partiam para encontrar Galakrond. Vários dos outros protodracos notaram a aproximação do pequeno bando, o que, por sua vez, alertou Talonixa.

Ela guinou na direção dos cinco, flanqueada pelos súditos. Enquanto Talonixa confrontava Ysera e seus companheiros, seus seguidores assumiram clara formação de combate. Malygos e os outros instintivamente fizeram o mesmo, a despeito das parcas chances.

— Esses podem participar da caçada — decretou Talonixa. — Você, miúda, não.

— Eu irei! — insistiu Ysera.

— Pra quê? Conversar com Galakrond? Não vai nem encher barriga dele!

Lembrando-se de Coros — cujo destino Malygos ainda não contara a Talonixa —, o macho azul encolheu os ombros. Kalec, solidário à sua inquietação, desejou que Malygos contasse logo a todos, esperando que isso talvez os dissuadisse do ataque insano. Porém, seu hospedeiro furtou-se a falar, preocupado exclusivamente com a segurança dos amigos e sem pensar nas potenciais repercussões de permanecer em silêncio.

— Não irei — disse Alexstrasza. — Ficarei com minha irmã.

— Nem eu — acrescentou Nozdormu, lacônico.

Neltharion deixou sua frustração transparecer momentaneamente; sua tendência

natural seria rumar para onde houvesse promessa de batalha. E mesmo assim, a contragosto, acenou com a cabeça, concordando com os outros dois.

Malygos fez coro com os amigos, apesar de Talonixa já não se importar mais àquela altura. Ela começou a se virar para partir. Só então o hospedeiro de Kalec finalmente lembrou-se do que deveria ter contado na primeira oportunidade:

— Espere! Preciso falar de Coros!

Talonixa olhou desconfiada para trás:

— Coros?

Malygos fez o melhor que pôde para relatar rapidamente a o destino do traiçoeiro protodracô, deixando de lado apenas os detalhes de sua própria luta contra a infecção deflagrada pela mordida do morto-vivo. A linguagem mais simples do hospedeiro era frustrante para Kalec, que sabia que poderia explicar com muito mais clareza, mas a essência do relato foi obviamente compreendida por Talonixa e os outros.

Em vez de deixar-se intimidar pela selvageria da narrativa, a imponente fêmea desdenhou:

— Coros idiota... mas nos dá vitória! — Ela fitou os leais, porém confusos, seguidores.

— Galakrond sabe onde estamos, aonde vamos! Enganaremos *ele*! Atacaremos *antes*! Em lugar diferente!

— Nada bom — balbuciou Nozdormu, só para ser ignorado por uma Talonixa cada vez mais confiante.

— Temos que atacar agora! — Ela deu as costas a Malygos de novo. — Venham! Vamos atacar!

O grupo deixou os cinco para trás.

Neltharion voava de um lado para o outro, obviamente sedento por tomar parte na batalha vindoura, mas, no fim, escolheu os companheiros em vez dos desejos. Ainda assim, ele não se furtou a expressar seus pensamentos:

— Por que não lutamos? Não como Talonixa, do nosso jeito! Lutar com nosso plano.

— E morrer como idiota, feito eles — interrompeu calmamente Nozdormu, especialmente comunicativo aquele dia.

— Paz é *necessária*.

Até mesmo Alexstrasza fitou a irmã com algo próximo de exasperação:

— Ysera...

Sem aviso prévio, a fêmea menor partiu. Não havia a menor dúvida sobre suas intenções. Ela ainda esperava mudar o curso dos eventos, por mais louco que isso parecesse

tanto para Kalec quanto para seu hospedeiro. Para piorar, Alexstrasza imediatamente partiu atrás da irmã, fazendo com que Neltharion, cada vez mais impaciente, fizesse o mesmo.

Nozdormu fitou Malygos:

— Se isso...

A cena mudou subitamente. Por mais que Kalec estivesse melhor preparado, ele ainda se enfurecia por ser transportado de repente antes de saber o que aconteceria em seguida. Um sentimento muito real apossou-se dele; a despeito de tudo isso ter lugar no passado, a relevância para seu tempo não podia ser ignorada.

Ele — e também Malygos — cruzava os picos congelados das regiões setentrionais em grande velocidade, procurando com muita aflição por alguém que Kalec não conseguia identificar em meio ao turbilhão de pensamentos na mente do protodracô. A única coisa que sabia é que algo causara uma mudança nos eventos. Quando Malygos mergulhou para investigar uma pequena caverna oculta pelo gelo, um pensamento cruzou sua mente e Kalec finalmente pôde ver.

A grande hoste de Talonixa não conseguira encontrar o colossal Galakrond.

Como uma criatura tão imensa quanto o protodracô distorcido poderia desaparecer era uma pergunta que atormentava tanto o hospedeiro quanto o próprio Kalec. Todavia, não era essa a razão da insana caçada que Malygos empreendia naquele lugar obscuro, demasiadamente próximo do covil do leviatã deformado.

Malygos procurava *Ysera*.

Uma sombra passou por Malygos. Neltharion veio pelo alto.

— Nada! — berrou o macho cinzento. — Eu sinto seu rastro, mas... nada!

Seu cheiro permeava a área, mas o rastro não era forte o suficiente para ser considerado recente. Poderiam ter se passado dias desde que *Ysera* estivera ali. Kalec percebeu que quatro dias se passaram desde a última mudança de visão. A bem da verdade, a última vez que qualquer um vira *Ysera* fora logo depois da última transição de cena para Kalec. A mais fraca das fêmeas ascendera e embrenhara-se entre grossas nuvens, razão pela qual sua trilha desvanecera. Aflita, Alexstrasza levou pelo menos mais um dia e meio para encontrar um rastro, mas não antes de os quatro confrontarem Talonixa, enfurecida, à frente de um grupo confuso que caçava o desaparecido Galakrond.

— Ele tem medo! — urrou Talonixa com toda a força, para que todos ouvissem, quiçá até mesmo o próprio Galakrond. — Ele sabe que caçamos! E foge!

Malygos e seus amigos não concordavam com isso, mas suas vozes não interessavam a Talonixa. Ela rumou com seu exército para o leste, deixando os quatro para prosseguirem em

sua própria busca.

A razão por que Ysera abandonara os outros daquela maneira não estava clara. Malygos tinha suas suspeitas; pelo que Kalec pôde perceber, seu hospedeiro acreditava — não sem razão — que a irmã de Alexstrasza partira em busca de Galakrond para suplicar pelo fim da matança.

Se fosse verdade, haveria uma boa razão para não a terem encontrado; uma razão que nenhum dos três machos ousou proferir na presença de Alexstrasza. Ysera talvez já fosse vítima de Galakrond, tendo se atirado tolamente na boca do beemote ensandecido com a mesma facilidade que Coros.

— Não vi nada — informou Malygos a Neltharion, sentindo o pulso ainda acelerado pelo voo veloz. Outro protodracó surgiu acima de suas cabeças. Vendo que era Nozdormu, ambos se tranquilizaram. O terceiro macho não parecia ter tido melhor sorte. De Alexstrasza, nem sinal, apesar de Kalec saber que Malygos tinha uma boa pista de onde ela pudesse estar. Ao chegar ao ponto em que o rastro de Ysera ficara mais acentuado, eles se separaram para cobrir certas áreas onde um protodracó poderia se esconder com mais facilidade.

Até o presente momento, não tinham descoberto nada.

— Ela não está aqui — refletiu Neltharion. — Estava... mas não mais.

Seu tom ecoava as preocupações de Malygos acerca do destino de Ysera. Nenhum deles queria anunciar a Alexstrasza o que parecia cada vez mais provável.

— Talvez procurar mais — recomendou o macho cinzento hesitante. — Talvez tenha voado muito rápido. Eu faço isso.

Ambos sabiam que tinham esquadrinhado suas respectivas áreas minuciosamente, mas, relutando em confrontar a abatida Alexstrasza, separaram-se mais uma vez. Malygos guinou e, em seguida, desceu. Ele não esperava encontrar nada, Kalec sabia, mas a única alternativa seria reportar a falha à fêmea cor de fogo.

Os olhos afiados do caçador examinaram o solo congelado e os paredões cobertos de gelo à frente. Malygos rapidamente reconheceu os poucos lugares onde Ysera poderia se esconder. Ele estava certo de que ela não poderia ter passado por ele, e com certeza as primeiras três locações estavam tão vazias quanto ele se lembrava...

Algo se moveu junto à entrada da última caverna. O relance fora tão breve que Kalec e seu hospedeiro não puderam sequer identificar o que era.

O protodracó mergulhou para investigar. Próximo da entrada, ele reduziu a velocidade. O que quer que fosse, além de não ser Ysera, poderia ser alguma ameaça.

Malygos apertou os olhos. A caverna estava totalmente escura. Isso, por si só, deixava o

protodracos inquietos; seus olhos afiados deveriam ser capazes de penetrar a escuridão por pelo menos alguns metros. A hesitação de Kalec comparava-se à de Malygos quando o protodracos farejou o ar; ele não detectou nada e decidiu entrar.

A visibilidade continuava próxima de zero enquanto Malygos avançava, hesitante. O hospedeiro de Kalec sentia que algo estava errado, mas sua mente não podia identificar o que era. Kalec, no entanto, era capaz de sentir o mundo antigo e captou traços de um grande poder nas imediações.

— Bem vindo, astuto caçador — disse uma voz profunda, não natural, fazendo Kalec estremecer e Malygos instintivamente recuar um passo.

Uma débil luz prateada se acendeu na escuridão.

De dentro, uma figura de manto e capuz — já familiar para Kalec — surgiu.

Sibilando, Malygos recuou novamente. E, se procurasse a saída, o protodracos não a encontraria; nem Kalec sabia onde estavam. Só a escuridão prevalecia, exceto no ponto onde se postava a minúscula silhueta.

Curiosamente, a despeito do tamanho muito maior de Malygos, a misteriosa figura inquietava o protodracos. Tinha menos a ver com a estranheza que a forma bípede causava a Malygos e mais com o tremendo poder que Kalec sentira antes.

Enquanto assimilava o fato de que, através de seu hospedeiro, confrontava a figura que vira de relance no Nexus, o dragão começou a perceber algo mais de estranho com o ser diante deles. Apesar de, pela estimativa de Kalec, a lúgubre figura ser pouco mais alta que um elfo noturno, quanto mais a examinava, mais o dragão tinha certeza de que aquilo que via não era o que realmente estava lá. O que sentia era um ser muito mais imponente, um ser que, em vez de fitar o protodracos por baixo, devia encará-lo de cima.

— Quem você é? — indagou Malygos. — Quem?

— Siga o vento quando estiver de partida — respondeu a figura, num primeiro momento não fazendo nenhum sentido para Kalec ou seu hospedeiro. — Você encontrará sua amiga lá.

Malygos sibilou novamente:

— Que coisa você é?

— Um amigo... espero.

Uma mão forte, que Kalec julgou pertencer a um guerreiro, emergiu do manto e puxou o capuz.

Para o protodracos, outra revelação de quão estranha era a criatura. Para Kalec, no entanto, o que a figura de pé à sua frente revelou fora mais que suficiente para identificar o

que realmente era, mesmo o dragão jamais tendo encontrado de fato um desses seres.

Um guardião... só pode ser um guardião, pensou Kalec, aturdido. Os guardiões não passavam de lendas para a maior parte das outras raças. Mesmo como Aspecto da Magia, a única coisa que Kalec aprendera sobre eles, além de sua incumbência de acompanhar o aperfeiçoamento de Azeroth depois que os titãs instauraram a ordem, foi que vários guardiões construíram templos nos Picos Tempestuosos. Provas de suas realizações podiam ser encontradas em lugares obscuros de todo o mundo, mas o verdadeiro efeito de sua tarefa grandiosa permanecia incógnito.

Sua pele era prateada e brilhante. Um grosso, longo bigode descia-lhe até o peito, complementando os cabelos dourados que emolduravam o rosto largo. Sob as sobrancelhas espessas, olhos da cor do sol e semelhantes aos dos elfos noturnos, aparentemente sem pupilas, estudavam o protodracó não apenas com interesse, mas também com o que aparentava ser orgulho.

Por que ele se interessa tanto por Malygos?, indagou-se Kalec.

— Pode me chamar de Tyr — respondeu finalmente o guardião. — Você, claro, é Malygos.

O hospedeiro de Kalec estremeceu, compreensivelmente. Arreganhando os dentes, o protodracó grunhiu:

— Como sabe meu nome?

— Tenho observado você. Tenho observado outros. Vejo muito potencial em você, em seus amigos... e digo isso como alguém que observou muitos de sua espécie desde que o primeiro de vocês começou a trilhar o caminho para a autoconsciência.

A única reação de Malygos foi sacudir a cabeça, mais desorientado e desconfiado a cada instante. Tyr não era uma criatura grande. Malygos acreditava poder engolir a metade dele de uma só vez, mas, por alguma razão, também acreditava que tentar fazê-lo seria algo de que se arrependeria.

O protodracó se virou, procurando outra vez a entrada desaparecida. Dessa vez, ela estava lá. Mas Malygos não se moveu em sua direção, tão desconfiado quanto Kalec do reaparecimento por demais conveniente. Ele obviamente não compreendia a magia tão bem quanto Kalec, mas era esperto o bastante para vincular os estranhos eventos ao ser que já sabia seu nome antes de perguntar.

Malygos fitou Tyr por cima dos ombros.

— Se seu desejo for partir, não o impedirei — disse Tyr.

Com um sorriso reptiliano, Malygos decidiu acreditar. Saltou para dentro da abertura,

claramente esperando ser impedido no último segundo.

Em vez disso, o macho azul cruzou livremente o ar. Do lado de fora, Malygos girou na direção da caverna. Kalec compreendeu que ele esperava encontrar Tyr em seu rastro, mas não havia sequer sinal do guardião.

— Viu? Não menti.

Rosnando, Malygos mirou o topo de um monte baixo. Tyr, com sua aparência inocente, aguardava pacientemente lá.

O protodracó voou, adejando acima da figura coberta pelo manto. Tyr abriu os braços calmamente em sinal de paz. Apesar da demonstração, Malygos não se sentiu mais relaxado, e Kalec também se perguntava o que exatamente um ser tão formidável poderia querer de um protodracó.

— Não é engraçado! — esbravejou Malygos, inclinando a cabeça para trás. O protodracó se preparou para soltar uma baforada, o que Kalec considerou que só poderia terminar em desastre.

No último instante, no entanto, o protodracó mudou de ideia. Em vez disso, Malygos deu as costas à figura minúscula e partiu.

Mal tinha se afastado, ele avistou Tyr no topo de outro pico adiante.

Apesar de Kalec não ter se surpreendido, o jovem Malygos provou-se do tipo cabeça-dura. Ele imediatamente deu a volta e voou o mais rápido que pôde na direção contrária ao ponto em que avistara Tyr.

A figura de manto reapareceu logo à frente.

Dessa vez Malygos não hesitou. Kalec sentia que o hospedeiro não desejava matar Tyr, apenas impedi-lo de continuar perseguindo-o.

O jato de gelo voou na direção de Tyr, então se partiu em dois, atingindo as rochas à sua volta sem tocá-lo.

— Por favor — disse Tyr calmamente —, eu só quero conversar com você... sobre Galakrond.

A mente de Malygos pelejava para decidir entre atacar, fugir ou ouvir a estranha criatura. Para alívio de Kalec, o hospedeiro escolheu a última opção.

— O que você quer? Onde está Ysera?

— Você a encontrará... e descobrirá mais coisas, mas essas eu não posso mudar. — Tyr não se explicou, retomando o assunto original. — Mas, por agora, devemos falar rapidamente e sobre Galakrond.

As contínuas menções ao beemote faziam o protodracó olhar ansiosamente em volta,

mas não havia nem sinal da besta colossal, é claro. Malygos fitava Tyr com expectativa.

— Nunca planejamos esse caminho — continuou Tyr, introspectivamente. Uma sombra encobriu suas feições. — Galakrond jamais deveria ter feito a jornada na direção que fez, e nós não o impedimos. Agora... agora este jovem mundo está diante da aniquilação.

Mesmo não compreendendo todas as palavras complexas, Malygos entendeu o bastante para perceber que havia algum tipo de vínculo entre Galakrond e aquela entidade. Kalec compreendia melhor que Malygos, mas, no fim, suas conclusões foram as mesmas; o ser — o guardião — sabia por que Galakrond tornara-se o monstro e sentia culpa por isso.

Antes que Malygos pudesse fazer as perguntas que ele e Kalec compartilhavam, Tyr interrompeu:

— Eu tenho observado tantos de vocês, procurando uma resposta. Eu pensei por algum tempo... mas Coros se provou tão obcecado quanto Galakrond, porém ainda mais imprudente, aparentemente.

— Coros? Você o observava? Por quê?

Pela primeira vez, um traço de frustração cruzou os traços fortes de Tyr. Kalec, contudo, percebeu que a frustração não era direcionada a Malygos, mas a si mesmo.

— Uma boa pergunta sem uma boa resposta. Que fique assim. O que importa é que *você* pode ser a chave para salvar o dia... se pudermos transformar o desastre que foi esse ataque insano em uma vitória.

O protodracó continuava a pairar, mas Kalec sentia que sua paciência se esgotava rapidamente. Protodracos não eram pacientes como dragões, apesar de Kalec reconhecer que ele mesmo estava ocasionalmente sujeito à impaciência. Malygos estava próximo de tentar fugir novamente.

Tyr, claro, também percebeu, e sorriu brevemente para tranquilizar o protodracó:

— Em nossa missão de guiar o crescimento de Azeroth como um todo, há muito fomos removidos de aspectos cotidianos do mundo, distanciados da interação com a vida. Sem um norte, os eventos de alguma maneira nos trouxeram Galakrond. Como guias, nós e seu povo podemos conseguir pôr Kalimdor de volta em seu caminho.

— Lutar com Galakrond? — O tom de Malygos deixava claro que ele questionava a sanidade da sugestão de Tyr. — Talonixa luta com Galakrond! Eu, nós, não lutamos! — Sua cabeça balançou. — Você é criatura idiota!

Malygos tentou fugir outra vez. Ao rodear a figura encapuzada, voou a uma distância tão grande que Kalec se perguntou se o protodracó também sentira que, apesar de parecer muito pequeno, Tyr era algo muito maior, muito mais grandioso.

Kalec e seu hospedeiro esperavam que Tyr se materializasse à sua frente, mas ele não o fez. Apesar da satisfação de Malygos, Kalec não podia compreender por que Tyr deixaria o protodraco simplesmente partir.

Subitamente, uma muralha materializou-se diante de Malygos, que voava em disparada. Ele conseguiu se esquivar no último instante; ao fazê-lo, algo inquietante ocorreu a Kalec e ao protodraco.

Aquilo não era uma muralha, mas o torso de uma imensa figura ereta.

Quando Malygos endireitou-se novamente, não havia gigante... apenas Tyr.

Contudo, até mesmo o jovem protodraco compreendia que vira num relance o que Tyr realmente era. A visão que tivera fora poderosa o suficiente para fazer com que olhasse a criatura, novamente de pé à sua frente, com algo muito próximo de terror.

A expressão de Tyr, no entanto, extinguiu a óbvia esperança de Malygos de que aquilo que vira momentaneamente poderia significar a derrota de Galakrond.

— Não estamos vinculados a este mundo como seu povo. Os outros... os outros de minha raça não podem mais enfrentar esse perigo. As batalhas passadas nos prostraram. Nós... Eu preciso de seu povo, Malygos. Preciso de você.

Ainda no ar, o protodraco enfim sacudiu a cabeça:

— O que fazemos?

Tyr parecia enormemente aliviado.

— Primeiro, devemos reunir seus amigos. Juntos, acho que eles podem ser a resposta. Em nenhum outro lugar vi laços tão próximos e intrincados entre diferentes famílias de protodracos. Ironicamente, isso talvez tenha a ver com a chegada de Galakrond. Eu não sei. Qualquer que seja a razão, esses laços podem ser a chave para a única chance de vitória que nos resta.

Mais uma vez, algumas das palavras estavam além da compreensão de Malygos. Contudo, foi fácil captar em Tyr a dúvida de que mesmo ele e os seus poderiam impedir que Azeroth fosse destruída por Galakrond.

— Reúna os outros, Malygos. Eles confiam em você. Traga-os aqui. Eu estarei esperando...

Um rugido de alerta ecoou ao leste, retumbando com tanta intensidade que só poderia pertencer a Galakrond.

Tyr girou sobre os calcanhares na direção do urro. Os olhos de Malygos também se moveram e, nesse instante, o manto da figura à frente esvoaçou, revelando algo que só Kalec percebeu, só ele poderia reconhecer.

Preso a um cinturão prateado, nada mais nada menos que o próprio artefato.

Quando Kalec o viu, a cena girou em sua mente, e os elementos que a formavam estilhaçaram-se, espalhando-se em todas as direções. A escuridão o dominou por não mais que um instante, e os elementos se rearranjaram em uma nova cena.

Protodracos abarrotavam os céus. Ao que parecia, urravam em desafio ao horizonte. Enquanto Kalec empenhava-se em compreender o que acontecia, Malygos uniu-se aos outros em seu desafio lançado ao vento.

Os céus responderam.

Galakrond, que manifestou-se tão distante que não era possível vê-lo.

Kalec praguejou em silêncio. De alguma maneira, ele — ou melhor, Malygos — terminara tomando parte no grande, e provavelmente condenado, ataque de Talonixa.

5

OS MORTOS E OS MORTOS-VIVOS



Jaina acordou de sobressalto, erguendo a cabeça do livro bolorento que lia quando a exaustão a vencera. A arquimaga viu uma pequena mancha úmida sobre a página e gesticulou levemente irritada. A página secou e voltou ao que era.

Outra perda de tempo! Ela apontou o dedo na direção do paredão de livros e pergaminhos. O livro flutuou de volta para o local de onde tinha sido trazido.

Pensamentos que não eram seus subitamente invadiram-lhe a mente, mensagens enviadas por diversos magos em busca de seu conselho ou para lembrá-la de tarefas nas quais deveria estar trabalhando, em vez de envolvida naquela missão cada vez mais fútil. Jaina sabia que sua posição demandava que lidasse com outros assuntos, mas levantou-se e caminhou uma vez mais até o repositório de conhecimento mágico.

Antes que pudesse tomar uma decisão, uma voz sobrepujou todas as outras.

Jaina... venha rápido...

— Kalec?

O contato se rompeu, mas não antes que ela pudesse saber de onde ele chamava. O local a surpreendeu, mas a arquimaga não hesitou; respirou fundo e lançou o feitiço.

Sua chegada não foi como prevista. Ela surgiu não só a muitos metros de onde pretendia, mas também a alguns palmos do chão. A arquimaga caiu pesadamente, sentindo o impacto abalar seus ossos.

Engolindo um impropério que faria jus a seu pai, um homem do mar, Jaina buscou se

concentrar. Ao retomar o equilíbrio, examinou a terra negra diante de si, perguntando-se por que Kalec a chamaria, entre todos os lugares, do Ermo das Serpes.

Mais ainda, a arquimaga indagava por que ele a chamaria não do templo, mas de um ponto sob as sombras do esqueleto inacreditavelmente grande à frente.

Jaina sabia da imensa ossada que outrora fora o beemote Galakrond, mas seu conhecimento se misturava aos mitos e lendas passados adiante pelos Aspectos ao longo dos milênios. Ao falar de Galakrond, os dragões tergiversavam com comentários vagos, honrando-o como Pai dos Dragões. Supostamente era essa a razão pela qual tantos dragões que vinham morrer no Ermo das Serpes escolhiam posicionar seus corpos, se não de frente para o esqueleto, pelo menos nas cercanias.

Jaina concentrou-se em Kalec, chamando seu nome silenciosamente e aguardando um vínculo mental com ele. Quando nada aconteceu, chamou na direção da gigantesca caixa torácica.

Apesar de não haver resposta, Jaina sentia que era na direção do esqueleto que tinha que rumar. Abruptamente, foi tomada por um medo de que Kalec pudesse estar ferido e inconsciente — ou ainda pior — em algum lugar entre os ossos semienterrados.

Uma cerração cobriu a região, impossibilitando a arquimaga de enxergar qualquer coisa entre as costelas. Ela sondou a área com seus poderes, mas não encontrou nada.

Não. Por um instante, Jaina pensou ter sentido Kalec.

Ela se teleportou sem hesitar. Dessa vez, a arquimaga apareceu exatamente onde queria. Os ossos imensos agigantavam-se diante dela.

No entanto, nem sinal de Kalec.

Jaina enfim chamou seu nome. A única resposta foi o assobio do vento, que soprava cada vez mais forte. Ciente de que era aquele lugar desolado o destino que escolhera, ela usou de magia para se proteger do frio; o estremecimento que percorreu sua espinha, portanto, nada tinha que ver com os elementos. Apesar disso, no entanto, a arquimaga adentrou sem hesitar.

No momento em que o fez, sentiu algo. Um débil rastro mágico lembrou-lhe a aura do artefato.

A fonte era um buraco escavado no solo congelado, um buraco que também irradiava traços da assinatura mágica única de Kalec.

Foi aqui que ele o encontrou, Jaina percebeu. Quanta dificuldade para desenterrá-lo. Por quê?

Ela olhou por sobre os ombros, subitamente certa de que não estava sozinha. Mesmo

sem ver nada, a arquimaga não conseguia repelir a sensação. Não obstante, ela retomou a investigação.

Perscrutando além do rastro de Kalec, Jaina concentrou-se no resíduo de magia antiga que continuava a permear a área. E crescia cada vez mais, conforme adentrava pela passagem. Os esforços de Kalec para libertar o artefato surpreenderam a arquimaga.

Uma vez mais, a pergunta: *por quê?*

As sombras ao seu redor se adensaram. Jaina criou uma pequena esfera dourada e a mandou pelo buraco para enxergar... nada.

Um suspiro exasperado escapou-lhe. Ela olhou em volta outra vez, em busca de Kalec ou de quem quer que fosse. Jaina agora sabia que estava sendo guiada; se era uma armadilha ou algo diferente, contudo, era impossível dizer. Até agora, não havia nenhum sinal de ameaça; por outro lado, também não havia razão nenhuma para ela estar ali.

A esfera mudou de cor sem aviso prévio, de dourado para um azul profundo; sob a luz azul, Jaina pôde ver algo que não era possível ver antes. Não um objeto físico, mas uma força de alguma maneira ligada à relíquia que estivera enterrada aqui.

Era também algo que ela vira antes, que sabia que estava registrado nos mesmos tomos em que se afundara antes de imaginar que Kalec a chamava.

O próprio artefato por fim começou a fazer sentido para a arquimaga, o que só alimentou suas preocupações. Se o que sentira sobre a magia envolvida em sua criação fosse verdade — se o que esta força radiante significasse para o seu estudo do artefato fosse verdade — então algo terrível estava acontecendo naquele...

Novamente Jaina sentiu que alguém a observava. Dessa vez, ela lançou rapidamente um feitiço às suas costas, e foi recompensada pelo esforço com um leve gemido.

Girando sobre os calcanhares, ela se deparou com uma taunka de pé a não mais que alguns centímetros de distância.

— Quem é você? — quis saber a arquimaga.

— Buniq... Meu nome é Buniq — retrucou a taunka. O feitiço de Jaina mantinha a criatura presa no lugar. A taunka estava armada com uma lança, mas Jaina viu que a arma pendia casualmente de sua mão, em vez de pronta para o lançamento.

— O que você está fazendo aqui?

— Caçando. Eu vi a luz. Achei que fosse outro caçador.

Sem detectar nada de errado, por fim a arquimaga soltou a taunka. Buniq suspirou e esticou os braços, tomando o cuidado de segurar a lança de maneira inofensiva.

— Você está livre para partir — disse Jaina, indicando com o tom que preferiria que

Buniq fizesse o que ela sugeria.

A taunka começou a se virar, então fitou a maga:

— Ele procurou aqui também. O azul.

O azul? Kalec? A mente de Jaina disparou.

Antes que a arquimaga tivesse a chance de perguntar, a caçadora acrescentou abruptamente:

— Ele encontrou alguma coisa. Eu acho.

Ao mesmo tempo em que a informação era relevante para Jaina, de nada lhe servia. Ela sacudiu a cabeça em agradecimento, desinteressando-se da taunka.

— Vi algo mais... depois que ele se foi.

Os olhos de Jaina a fitavam:

— O que mais você viu? O que foi?

Buniq hesitava.

— Vi outro. Todo coberto.

— Todo coberto? Um manto? — Quando Buniq abaixou a cabeça, sem dúvida em confirmação, seu interesse se renovou. — Você não se lembra de mais nada sobre esse vulto?

— Alto. Maior que você. E olhou dentro do buraco, feito você.

Não havia resíduos mágicos de outro feiticeiro, pelo menos nenhum que Jaina pudesse detectar. Com sua habilidade, era improvável que ela não conseguisse perceber se outro mago tivesse estado lá... a menos que...

Ela precisava saber mais:

— Essa figura fez mais alguma coisa?

— Sim. — Buniq pensou por um instante, depois passou a lança de uma mão para a outra. Erguendo a que agora estava livre, desenhou algo no ar. Quando terminou, ficou estática novamente.

Jaina tentou desvendar o que Buniq fizera, mas não se lembrava de tudo.

— De novo, porém mais devagar.

Quando Buniq começou, a arquimaga lançou um feitiço simples, mas eficiente. Imediatamente, o ar em que a taunka desenhava emitiu um brilho prateado. A caçadora hesitou.

— Por favor, continue, Buniq.

A taunka suspirou e obedeceu. O fogo prateado seguiu sua mão enquanto ela desenhava o símbolo. Jaina observava cada vez mais interessada, rogando o tempo todo para que Buniq tivesse uma memória formidável.

A taunka deu um passo atrás. Jaina evocou o padrão brilhante até si, examinou-o por um instante e, então, com uma careta, girou-o para ver como Buniq o vira. Uma estrela crescente sobre um pássaro estilizado emergiram, ligados ao centro por três runas triangulares simples, porém significativas.

A arquimaga arquejou. Ela vira aquele símbolo antes e sabia onde.

Voltando-se para Buniq, Jaina perguntou:

— Havia algo mais...

A taunka desaparecera. Jaina comprimiu os olhos e conseguiu divisar uma trilha que levava para além da ossada. Ela imaginava que uma caçadora pudesse se mover furtivamente, mas Buniq não só se evadira a despeito dos sentidos aguçados da arquimaga, como o fizera com uma velocidade espantosa. Ademais, Jaina não fazia ideia da razão pela qual Buniq partira sem avisar; talvez o simples fato de que era uma maga fosse resposta suficiente.

A taunka deixou seus pensamentos. Jaina precisava retornar aos livros imediatamente. Era possível que sua pista não passasse de um beco sem saída, mas pelo que se recordava das páginas que pretendia encontrar novamente, a arquimaga duvidava que fosse esse o caso.

Com as esperanças renovadas, Jaina agradeceu silenciosamente a Buniq por ainda estar caçando na região e lançou um feitiço para voltar ao seu santuário.

Se tivesse olhado uma última vez para o ponto onde a taunka estivera, a arquimaga talvez tivesse percebido que não havia marcas de casco em lugar nenhum.

Kalec não se lembrava de ver tantos protodracos reunidos nas assembleias anteriores. Seu número era impressionante. Através dos olhos de Malygos viu mais padrões de linhagem do que sabia terem existido entre os protodracos. Até mesmo o próprio Malygos parecia espantado pelas legiões à sua volta, apesar de logo ficar claro que não estava lá por vontade própria, e sim porque Tyr lhe pedira.

Os outros também estavam presentes, mas espalhados entre a multidão. Até mesmo Ysera, localizada por Alexstrasza numa estreita ravina pontilhada de pequenas cavernas, estava lá. Os pensamentos de Malygos voltavam-se constantemente para Ysera, que era uma incógnita, seja lá o que Tyr tivesse planejado para os cinco. A preocupação de Malygos com Ysera sobrepunha a capacidade de Kalec de compreender o plano.

Pelo que Kalec podia detectar acerca de Ysera, os outros acreditavam que ela ocultava algum segredo, algo que não mencionava nem mesmo para Alexstrasza. Ysera concordara muito prontamente em acompanhá-los, como se quisesse partir o quanto antes da área em

que fora encontrada. Tudo isso levava Malygos a se questionar se a fêmea amarelada não abandonaria o ataque no momento crítico por uma razão que só ela conhecia.

Memórias fragmentadas de Tyr revelaram uma surpresa a Kalec: seu hospedeiro ainda era o único que sabia sobre a figura encapuzada. Tyr queria agir através de Malygos, crente de que seria melhor se os outros pensassem que o plano fora elaborado pelo macho azul. Kalec supôs que a razão para o segredo estivesse relacionada a algo que Tyr não dissera nem a Malygos, talvez uma parte do plano que o hospedeiro de Kalec pudesse rejeitar.

Malygos suspeitava de algo similar, o que não era nenhuma surpresa.

Talonixa urrou mais uma vez, sinalizando o início de um novo coro de desafios lançados contra Galakrond, ainda distante demais para ser visto. A bem da verdade, o rugido coletivo parecia tão impressionante para Kalec quanto o do distante beemote, levando-o a questionar se Talonixa talvez não tivesse feito a coisa certa, no fim das contas.

De soslaio, Malygos assistiu a Ysera subitamente descer abaixo dos demais. Ele imediatamente mergulhou em sua direção.

Enquanto ele se aproximava, ela olhou para cima e comprimiu os olhos. As suspeitas de Malygos aumentaram.

— Fique conosco! — conclamou ele. — Temos que levar os outros para cima!

— Só descansando! Exausta!

Era verdade que Ysera não tinha o mesmo vigor que os outros, e também que não tivera tempo de descansar desde que Malygos reunira seus companheiros para contar-lhes o plano, mas o macho continuava desconfiado. Felizmente para ele, Alexstrasza escolheu aquele momento para juntar-se a eles:

— Você está bem? — perguntou ansiosa à irmã.

— Apenas... cansada... — Ysera não parecia mais feliz com a chegada da irmã do que ficara com a de Malygos.

— Ficarei com você até a hora de subir. — Alexstrasza dispensou Malygos com um olhar. O macho rapidamente se afastou das irmãs. A fêmea ígnea manteria os olhos em Ysera. O plano que Tyr sugerira ainda poderia...

Um urro cem vezes mais forte estremeceu os céus e a terra. A grande formação ordenada por Talonixa se desbaratou por um instante. Ela rosnou furiosamente para os seguidores, para que recompusessem a linha.

E ainda nenhum sinal de Galakrond. Talonixa riu:

— Você vê? Ele tem medo!

Era o que Malygos estivera esperando; por isso, foi também o momento em que seus

pensamentos acerca do plano ficaram claros para Kalec. *Altura*. O plano envolvia altura. Tyr sabia sobre Galakrond algo que os protodracos desconheciam. Quanto mais alto, mais rarefeito ficava o ar. Disso Malygos sabia. Entretanto, o limite para a altura que Galakrond podia sustentar por mais que alguns minutos era mais baixo que para voadores menores. A chave para a vitória residia em atrair o monstro para o alto, onde ficaria cada vez mais moroso e a escassez de ar impediria que enchesse os maciços pulmões. A essa altura — e talvez apenas nesse momento — Galakrond ficaria vulnerável.

O macho azul aproximou-se de Talonixa:

— Para o alto! É preciso voar muito alto! Galakrond não pode voar alto! Não pode respirar lá!

— Para trás! — vociferou a imponente fêmea.

— Para o alto! — insistiu Malygos. — Galakrond não pode respirar lá! Ficaré cansado! Perderá!

Dessa vez, no entanto, Talonixa pareceu considerar a sugestão. Tyr e Malygos contavam com a astúcia dela para o funcionamento do plano. Malygos suspirou aliviado.

Foi um erro. A expressão de Talonixa se endureceu. Kalec e seu hospedeiro perceberam que a reação de Malygos fora interpretada como satisfação por tê-la curvada à sua sabedoria.

Os dentes da fêmea estalaram junto de Malygos. Ao mesmo tempo, dois de seus tenentes mergulharam para ajudá-la.

Como que surgindo do nada, Neltharion e Nozdormu juntaram-se a Malygos. Neltharion emitiu um urro desafiador, respondido por Talonixa e seus seguidores. Atrás dos seis, o resto dos protodracos hesitava sem saber se o ataque tornara-se uma guerra entre seus próprios membros.

— Recue! — sibilou Nozdormu para Malygos. — Recue!

Neltharion também ouviu o aviso do outro macho:

— Não! Enfrente! Torne-se líder! Comande todos!

Ao contrário de Nozdormu, Neltharion não se preocupara com seu tom de voz. Suas palavras enfureceram Talonixa. Ela lançou um raio não contra Neltharion, mas contra o aparente líder do grupo, Malygos.

O hospedeiro de Kalec girou, mas mesmo assim sentiu uma dolorosa queimadura em uma das asas. Ao fazê-lo, mais dos leais súditos de Talonixa vieram.

— Recue! — urrou Nozdormu mais uma vez.

Malygos não mergulhou, como se esperaria; em vez disso, arremeteu para cima. Seus companheiros o imitaram sem questionar, seguidos por vários dos acólitos de Talonixa.

Os perseguidores pararam em resposta a um rosnado abrupto da fêmea. Malygos, que continuava a subir, olhou para baixo e viu a formação se restabelecendo. Ele esperava que Talonixa e seus tenentes dessem início a uma perseguição, possivelmente ganhando altitude com os demais.

A inércia lançava Malygos contra as nuvens. Voar demandava um esforço cada vez maior quanto mais rarefeita ficava a atmosfera. Ele parou para esperar pelos outros.

— Sabia que não ia funcionar! — esbravejou Neltharion. — Eu disse!

Malygos não respondeu. Kalec sentiu que o plano de Tyr era mais complexo e que Malygos ralhava em silêncio consigo mesmo por ter desarranjado a situação. Baseado no que conseguia ler dos pensamentos de seu hospedeiro, Kalec não conseguiu encontrar falha nas ações do protodracô, mas o dragão azul sabia que ainda havia informações que não possuía.

— E agora? — perguntou Nozdormu.

— Sigam por cima! — ordenou Malygos. — Alexstrasza! Ysera! Elas vêm logo!

Para falar a verdade, Malygos tinha algumas dúvidas acerca da determinação de Ysera, mas estava certo de que Alexstrasza traria a irmã consigo. Kalec viu que seu hospedeiro também tinha um novo plano em mente, ainda baseado nas ideias originais de Tyr. Já ciente de que Talonixa talvez não desse ouvidos à razão, Malygos sugeriu que os cinco ainda poderiam atrair Galakrond atacando-o pelo alto. Era uma esperança de certa forma desesperada, mas uma esperança.

Olhando para baixo, Nozdormu resmungou:

— Eles avançam.

Como ele alertara, os protodracos abaixo estavam muito à frente. Malygos não via nem sinal das irmãs, mas não podia esperar mais. Ele teria que confiar em Alexstrasza.

— Venha! — Sem demora, o macho azul voou entre as nuvens atrás das legiões de Talonixa. Para manter os seguidores juntos e preservar suas forças para a luta contra Galakrond, a fêmea mantivera um ritmo que mesmo os guerreiros mais lentos poderiam sustentar. Logo, Malygos não só os alcançou como começou a deixá-los para trás.

As nuvens à frente se fecharam. Malygos não temia encontrar Galakrond entre elas; a vastidão do monstro jamais poderia se esconder entre as nuvens, não importa o quão densas fossem.

Infelizmente, enquanto avançava, o hospedeiro de Kalec começou a fraquejar justamente pelo motivo que tentara convencer Talonixa a guiar os outros para o alto. O ar rarefeito tornava sua respiração cada vez mais difícil. Sua intenção não era voar tão acima do solo até estarem perto de Galakrond, mas agora ele não queria que Talonixa ou seus

seguidores o vissem.

Neltharion o alcançou. Ele também se esforçava para respirar:

— Precisa... Voar... Mais baixo...

Algo colidiu com Neltharion.

O protodracó cinza foi arremessado para trás, girando violenta e incontrolavelmente por causa do impacto. Malygos guinou de imediato, esperando que não fosse tarde demais para ajudar o amigo.

Só então ele viu que Neltharion fora atingido por um dos mortos-vivos. O fedor da criatura inundava até mesmo o ar rarefeito, enquanto ela e o protodracó vivo despencavam atacadados.

Curiosamente, Malygos percebeu que o morto-vivo parecia ter colidido com Neltharion num ângulo que impossibilitava qualquer ataque fatal. Kalec e seu hospedeiro perceberam que o cadáver reanimado não tinha atacado Neltharion, mas, em vez disso, batido contra ele por acidente.

De fato, o morto-vivo parecia mais interessado em voar do que em lutar. Neltharion evidentemente também percebeu isso, empurrando o monstro e permitindo que ele se recompusesse. O morto-vivo começou a voar lentamente para regressar por onde viera... ou era o que teria feito se Neltharion não tivesse se aproveitado e rasgado seu o pescoço por trás, arrancando na sequência as duas asas com as poderosas garras traseiras.

O protodracó cinzento assistiu com prazer enquanto as partes esfaçalhadas do morto-vivo despencavam; Malygos e Nozdormu reuniram-se a ele.

— Criatura estúpida! — zombou Neltharion. — Cérebro apodrecido! Nem enxergam, nem lutam mais!

— Estranho... — murmurou Nozdormu.

Malygos — e Kalec — concordaram em grande parte com a sucinta avaliação de Nozdormu. Os olhos de Malygos seguiram a provável trajetória do morto-vivo, caso Neltharion não o tivesse matado. O hospedeiro de Kalec foi tomado por um sentimento de inquietação:

— Sigam! — sibilou ele.

Rápida e cautelosamente, Malygos esforçou-se para subir ainda mais, não obstante o desejo de descer para onde o ar era mais abundante. O protodracó estava tão atribulado que, a princípio, Kalec nem conseguiu compreender o que o afligia.

Então, ao atingirem um pequeno vão na cobertura de nuvens, o temor de Malygos tornou-se visível para o companheiro.

O céu estava tomado de mortos-vivos. Eles voavam constantemente em círculos, como se fosse esse o único impulso que restava em seus cérebros putrefatos. Eles circulavam repetidas vezes, alguns desenhando grandes arcos e, outros, arcos menores. Um voou muito próximo de Malygos, mas não percebeu que ele estava lá.

Neltharion e Nozdormu o alcançaram, e até mesmo o macho cinza parecia aturdido:

— Muitos, quase como nós!

Alguns mortos-vivos haviam sido avistados, mas em meio à antecipação crescente para a batalha com Galakrond, os protodracos vivos não deram atenção, nem mesmo Malygos. Agora, aquele lapso voltava para atormentá-los.

— Por que aqui? Por que eles voam em círculos? — perguntou Nozdormu.

Kalec sabia, Malygos também.

— Esperam... por nós. Por todos nós.

— Esperam? — Neltharion sacudiu a cabeça. — Eles não têm inteligência! Não pensam!

Malygos balançou a cabeça negativamente. Os protodracos de fato não tinham mente, mas estavam vinculados a algo que tinha.

— Não. Galakrond inteligente. Galakrond pensa... pensa muito bem.

Era uma maneira frustrantemente descomplicada de dizê-lo, mas Kalec percebeu que, de alguma maneira, os outros dois compreendiam o que Malygos tentava articular. Quanto ao dragão, ele compartilhava tanto do assombro quanto do crescente medo de seu hospedeiro.

Os mortos-vivos voavam em círculos porque, de fato, esperavam que os vivos passassem abaixo deles. O plano não era deles — era de Galakrond.

Utilizando a mesma podridão que o transformara, o monstruoso protodrato agora parecia controlar suas vítimas, usando-as numa armadilha que se abateria sobre todos.

— Todos têm que saber! — gritou Malygos com toda a força que seu fôlego permitia. — Preciso...

Em uníssono, os mortos-vivos pararam de circular... e mergulharam.

Malygos e Kalec só puderam assistir aterrorizados. A descoberta viera tarde demais.

A armadilha fora disparada.

PARTE IV

1

MORTE-VIVA NO CÉU



Enquanto Malygos se esforçava no que ele (e por extensão, Kalec) sabia ser uma tentativa inútil de alertar os que estavam mais abaixo, o protodraco tentou pensar no que poderia ser feito para evitar o desastre certo. Tentou e não conseguiu.

A cena catastrófica na qual Malygos se viu era ainda pior do que Kalec e ele imaginaram. Em uma legião que se espalhava rapidamente, os mortos-vivos se organizaram com uma precisão que suas formas irracionais eram claramente incapazes de conceber sozinhas. Galakrond estava controlando todos eles, mesmo a distância.

Malygos investigou o limite da desordem crescente e descobriu, chocado, que Talonixa e seus seguidores mais próximos ainda não tinham percebido a catástrofe que se desencadeava atrás deles. Talonixa voava com confiança absoluta, e Malygos, conhecendo bem a arrogância da fêmea, não teve dúvidas de que ela ainda exaltava a própria astúcia. Galakrond era grande, realmente, mas os protodracos já tinham destruído presas maiores trabalhando em conjunto. Galakrond era apenas uma presa *muito grande*. Tudo o que os seguidores de Talonixa precisavam fazer era ficar longe de suas dentadas e conseguiriam matá-lo. É verdade que muitos morreriam ao tentar cumprir a tarefa, mas como Talonixa certamente não se considerava uma das prováveis baixas, estava preparada para aceitar os sacrifícios.

Mas antes que Malygos pudesse chegar perto o suficiente para avisar, os gritos e rugidos que surgiram por trás de Talonixa quebraram sua concentração. Com uma expressão séria no

rosto, ela olhou para trás no instante em que um cadáver de protodracó retorcido, com uma coloração que um dia fora igual à dela, a atacou.

A surpresa não impediu a reação de Talonixa. Ela soprou imediatamente. A descarga elétrica correu pela carcaça ressequida do morto-vivo e fez com que o corpo cadavérico explodisse em uma chuva de chamas.

Revirando-se, Talonixa desviou dos fragmentos e acabou se deparando com o colapso de sua majestosa investida. Curiosamente, seu olhar ignorou todo o caos e se fixou na aproximação veloz de Malygos. A intensidade do olhar fez parecer a Kalec e seu hospedeiro que a fêmea estava culpando *Malygos* por tudo isso.

— Cuidado — gritou Neltharion, manobrando ao ultrapassar seu amigo. Dois mortos-vivos que estavam descendo para atacar Malygos colidiram com o macho cinza. Rugindo exaltado, Neltharion destroçou um dos mortos-vivos, espalhando pedaços por toda parte, e soprou uma baforada no segundo. A onda de choque emitida causou uma vibração tão forte que os cadáveres se despedaçaram.

Mas apesar da facilidade com que esses e o atacante de Talonixa foram abatidos, Malygos teve a impressão de que havia um número demasiadamente grande de não vivos no céu e o elemento surpresa lhes servia como uma vantagem tremenda. Nem Kalec nem seu hospedeiro poderiam imaginar que Galakrond ainda teria controle completo sobre seus servos cadavéricos. Nesse momento, eles seguiam simplesmente o único instinto que lhes restava: consumir os vivos.

Uma fêmea marrom que demorou demais para se virar foi pega nas garras de um cadáver enegrecido que soprou sobre ela. Um gás verde denso envolveu a cabeça e a garganta da fêmea. Ela se debateu enquanto a parte do corpo afetada secava e se despedaçava. O grito de agonia ficou mudo quando a cabeça se torceu para o lado e depois caiu. Mas isso não parou o morto-vivo, que começou a rasgar o resto do corpo com os dentes afiados, mergulhando na carne sangrenta de onde o pescoço havia se desprendido e engolindo pedaços de carne fresca.

À direita de Malygos, dois mortos-vivos pegaram um macho alaranjado que voava entre eles. O macho soltou uma breve rajada de fogo, que incendiou um dos mortos-vivos. Infelizmente, isso não foi o suficiente para impedir que o cadáver continuasse atacando, usando o corpo em chamas contra o próprio macho enquanto o segundo morto-vivo abocanhava seu pescoço do lado oposto.

Malygos acelerou para ajudar o outro macho, mas antes que pudesse alcançar o trio em batalha, as chamas do cadáver se espalharam para o protodracó vivo e para o outro inimigo.

Preso pelo fogo, o dragão sucumbiu rapidamente.

Devastado pela própria falha, Malygos ignorou o risco que corria e se juntou à batalha. Soprou sobre a vítima dos mortos-vivos, com esperanças de que ele ainda estivesse vivo, cobrindo o trio com seu bafo gélido.

Seu ataque impetuoso só serviu para aplacar as chamas que consumiam os mortos-vivos, permitindo que eles se voltassem contra Malygos. Percebendo seu erro, o hospedeiro de Kalec ergueu as patas traseiras e rasgou as asas do inimigo mais próximo, que já estava prestes a abrir a boca ressequida. As asas ressecadas e calcinadas rasgaram-se prontamente, jogando a criatura morta-viva rumo ao chão antes que ela pudesse expelir o poderoso gás corruptor.

O corpo do macho alaranjado também foi em direção ao chão quando o segundo morto-vivo voltou sua atenção para Malygos. Mas assim que ele o fez, outro vulto familiar surgiu por trás e rasgou as costas do cadáver. Nozdormu fez um breve gesto para Malygos e seguiu em frente.

Kalec sabia que Malygos poderia ter dado conta do segundo morto-vivo, mas a ação precisa de Nozdormu permitiu que seu companheiro e o outro macho pudessem atender ao que era prioritário. Malygos seguiu na direção de Talonixa, que flutuava parada e cuspia rajadas contra inúmeras figuras decaídas.

— Precisa ter cuidado! — rugiu ele. — Galakrond é o responsável! Galakrond é o responsável!

Talonixa olhou para ele com reprovação enquanto soprava. Outro corpo explodiu.

— Galakrond ainda morre! — declarou ela. — Ele ainda morre.

Kalec nunca vira a verdadeira loucura dominar um protodragão antes, mas essa era a única descrição possível para a atitude intimidadora da fêmea e a opinião de Malygos era a mesma. Talonixa não conseguia ver nada além de seu triunfo iminente. O ataque dos mortos-vivos era, na opinião dela, apenas um contratempo.

Como se quisesse enfatizar isso, Talonixa ignorou Malygos completamente e disparou para agarrar um inimigo que acabara de rasgar a garganta de um dragão menor. Talonixa rapidamente dilacerou as asas do alvo e, para garantir, abocanhou a cabeça da criatura e arrancou-a do pescoço sem muito esforço. Ela parecia se deliciar com a ação, que para Malygos era um desperdício de tempo.

Frustrado, ele procurou Neltharion e percebeu que Ysera estava se afastando da confusão. Após alguns instantes, Malygos percebeu o que Kalec soubera imediatamente: Ysera estava indo na direção de Galakrond.

Com um rugido furioso, Malygos disparou atrás dela. Não havia sinal de Alexstrasza, mas nem Kalec nem Malygos esperavam que Ysera fosse deixar sua irmã em perigo. De fato, Alexstrasza estaria em perigo maior se ela também precisasse se preocupar com a presença de Ysera, mais fraca, ao seu lado. Infelizmente, isso significava que Alexstrasza não fazia ideia do que sua irmã pretendia.

Ysera queria negociar uma trégua com Galakrond.

A razão exigia que Malygos a abandonasse ao próprio destino, mas a lealdade o impelia a seguir em frente. Batendo as asas com força, começou a se aproximar da irmã mais nova. Malygos sabia que não conseguiria voar rápido o bastante. Galakrond estava certamente mais perto e se aproximando cada vez mais. Ele precisava saber se suas criaturas haviam cumprido seu papel e se o caos reinava. E apesar de muitos protodracos já terem morrido, ainda havia muitos outros para alimentarem o apetite tremendo de Galakrond.

E era com esse monstro que Ysera buscava a paz.

Kalec pedia que ele fosse mais rápido, mesmo sabendo que Malygos não podia ouvir e que já estava indo o mais rápido possível. À frente deles, Ysera desapareceu por trás de um relevo baixo e Malygos perdeu seu rastro a partir daí.

O macho parou, confuso, e viu Ysera dando a volta em uma colina baixa. Medo e alívio se combinaram, já que ela estava se aproximando de seu objetivo e logo teria o mesmo fim que Coros. Malygos acelerou, mas a distância entre eles não encurtava.

Para a surpresa de Kalec e Malygos, Galakrond ainda não havia aparecido. Por um lado isso era obviamente bom para Malygos, mas por outro era um mau sinal. O protodrago gigantesco certamente não abandonaria seu plano naquele ponto.

Qualquer que fosse o motivo da ausência de Galakrond, Malygos sabia que não duraria muito tempo. Sem conseguir alcançar Ysera, ele finalmente ousou chamá-la.

E no exato momento em que o fez, o chão à frente se abriu. Aquele lugar não poderia abrigar vulcões. O solo da região era pedregoso e instável...

Kalec mais uma vez reconheceu imediatamente o que Malygos levou alguns instantes para entender. A paisagem era pedregosa e instável por um motivo especial: Galakrond havia feito escavações na área, certamente tendo entrado por uma caverna distante, e havia se ocultado sob a superfície, esperando.

Mas a espera tinha terminado.

Toneladas de rochas e terra se arrojaram para o ar quando o leviatã se libertou. Malygos observou Galakrond com desgosto renovado; ele não só estava ainda maior, mas estava ainda mais deformado. O corpo inteiro da criatura estava coberto de apêndices.

Alguns pareciam apenas tumores, mas outros eram membros completamente formados. Olhos perscrutavam o mundo de todos os lados, mas a maioria estava fixada na minúscula figura que voava na direção de Galakrond.

Mas outro protodracô, esbelto e alaranjado, mergulhou repentinamente e agarrou Ysera no instante em que Galakrond tentou morder a fêmea amarela. Alexstrasza, com as asas tremendo pelo esforço, continuou a carregar a irmã cada vez mais para longe de Galakrond.

O colosso virou-se na direção das irmãs, espalhando mais pedras e terra de seu corpo enorme ao fazê-lo. Malygos e Kalec sabiam que ao decolar Galakrond ficaria visível para Talonixa e os outros, presumindo que os defensores tivessem a oportunidade de voltar sua atenção para qualquer coisa que não fossem os mortos-vivos. Galakrond obviamente pretendia atacar os protodracos envolvidos na batalha, mas no momento, sua atenção estava voltada para o ato suicida de Ysera.

Galakrond deixou um enorme vale onde antes existira uma caverna. Ao decolar, uma chuva de fragmentos caiu sobre a área.

Malygos hesitou. Ysera e Alexstrasza estavam correndo um risco absoluto, mas essa era a melhor oportunidade de salvar aqueles que estavam sendo atacados. Mais uma vez, a lealdade lutava contra outras preocupações dentro de sua mente.

Dessa vez, as outras preocupações venceram. O destino de muitos estava em jogo, e ele não poderia escolher as irmãs. Malygos voltou.

Ele viu Neltharion e Nozdormu se aproximando. A dupla parou no ar quando ele se aproximou, Neltharion com uma expressão perplexa e Nozdormu contemplativo.

— Os não vivos! — gritou Malygos — Precisamos destruir! Rápido!

Se o plano envolvia briga, Neltharion estava dentro. Nozdormu refletiu por um segundo e respondeu:

— Sim. Precisa ser agora.

Malygos liderou-os de volta. Kalec sentiu-se quase completamente atordoado pelos pensamentos que circulavam pela mente supostamente primitiva de seu hospedeiro. Mais do que nunca, Kalec viu o Malygos futuro, um dragão astuto e calculista. Malygos imaginou e descartou mais de meia dúzia de planos viáveis antes de o trio chegar ao local, e só escolheu a opção final quando não conseguiu pensar em nada melhor.

Uma olhada rápida para a batalha confirmou o que o macho azul havia deduzido. Não havia sinais visíveis de qualquer controle por parte de Galakrond. Os mortos-vivos estavam atacando com a selvageria que Kalec conhecia bem. Não havia coordenação nenhuma, nem

mesmo aquela pouca de quando Malygos se afastara.

— Venham! — rugiu ele para os dois companheiros. — Voem para o alto! Levem os outros para as nuvens!

Quando eles obedeceram, Malygos voou na direção de outro protodracos macho. Malygos abalroou um morto-vivo que estava lutando com o dragão e o protodracos resgatado juntou-se a ele. A dupla conseguiu resgatar com sucesso um terceiro e um quarto protodracos, duas fêmeas, da confusão.

Malygos gritou:

— Avisem a todos, voem alto! Voem para as nuvens quase até o topo, depois voem para o norte dez léguas! Depois caiam!

O resto disparou voando, gritando para todos ouvirem enquanto se separavam. Em segundos, os protodracos vivos em toda parte começaram a subir em direção às nuvens. Logo atrás iam os cadáveres famintos. Alguns poucos protodracos não conseguiram escapar, mas não havia nada que Malygos pudesse fazer, além de torcer para que suas mortes dessem chance a outros para chegarem às nuvens.

Alguns protodracos não voaram como Malygos sugeriu. A distância, Talonixa hesitou e seus principais seguidores ficaram aguardando sua decisão, apesar das circunstâncias precárias. Ela olhou com firmeza outro protodracos que se aproximou e informou a fêmea líder sobre a sugestão de Malygos com um gesto da asa. Porém, após olhar o caos da batalha mais uma vez, Talonixa soltou um grito de comando e voou para junto dos outros defensores.

Vendo que não havia mais nada que pudesse ser feito lá embaixo, o próprio Malygos foi em direção às nuvens. Ele estimou a velocidade dos defensores como um grupo e calculou que havia deduzido corretamente. Kalec não encontrou nenhuma falha grave nos cálculos de Malygos, apesar de não serem perfeitos.

Outro protodracos vivo voou e passou por Malygos. Três léguas à frente, o outro voador mergulhou. Malygos contou a décima légua e fez o mesmo.

Quando saiu da cobertura das nuvens, o hospedeiro de Kalec viu que vários dos sobreviventes estavam fazendo o mesmo. Alguns poucos mortos vivos ainda estavam entre eles, mas os protodracos liderados por Neltharion estavam acabando rapidamente com os inimigos. Isso não fora parte do plano de Malygos, mas o esforço de Neltharion só aumentou as chances de sucesso.

Quando já estava baixo o suficiente sob as nuvens, Malygos rugiu estrondosamente, chamando a atenção de todos os que estavam próximos. Sem dizer mais nada, ele voltou-se

para as nuvens acima e abriu bem a boca. Deu mais uma rápida olhada nos outros. Tanto Malygos quanto Kalec ficaram satisfeitos em ver que todos haviam entendido o plano.

Outro protodracô saiu das nuvens, mas esse era um esqueleto e tinha um vazio no lugar dos olhos.

Malygos soprou com toda a força, mirando a parte externa das asas. Como havia imaginado, os membros endurecidos fizeram com que seu suposto atacante fosse diretamente para o chão.

Em toda parte, os outros defensores fizeram o mesmo assim que os mortos-vivos reapareceram. Malygos inverteu o plano original de Galakrond para tirar vantagem. Sem Galakrond, os mortos-vivos só conseguiam seguir seus instintos, o que significava que eles não perceberiam uma armadilha. Os não vivos perseguiram suas presas até as nuvens e depois desceram, porém mais lentamente.

Como estavam preparados para o ataque de cima, os protodracos que aguardavam dizimaram os mortos-vivos. Os defensores se esforçaram ao máximo, amplificando seus ataques. Colunas de areia, jorros de água, bolas de fogo e outras armas de protodracos estilhaçaram as criaturas ressequidas.

Apesar do estrago, alguns mortos-vivos conseguiram escapar da destruição completa e atacaram. Quando isso aconteceu, Neltharion e seus seguidores foram para cima dos cadáveres remanescentes. Malygos observou com o canto do olho enquanto destruía outro morto-vivo. O hospedeiro de Kalec concentrou a rajada na cabeça e depois, antes que o inimigo conseguisse se recuperar, agarrou-lhe o pescoço com os dentes.

Enquanto Malygos largava os pedaços da vítima, Kalec sentiu uma vontade poderosa tentando dominar o jovem protodracô. Malygos o combateu novamente. Ainda assim, Kalec sentiu quanto esforço foi necessário e sabia que se algo não acontecesse rapidamente, o protodracô acabaria sucumbindo.

Rugidos vitoriosos começaram a ressoar entre os sobreviventes. O rugido de Talonixa era o mais alto de todos, como se *ela* fosse a responsável pelo triunfo. Malygos rosnou, perguntando-se como eles simplesmente não conseguiam ver mais à frente. Eles não haviam conquistado nada além de alguns momentos a mais. Na verdade, se não fosse pela atitude tola de Ysera...

O hospedeiro de Kalec rugiu. As irmãs estavam provavelmente mortas nesse momento e Malygos se sentia responsável em parte. Mesmo sabendo que elas gostariam que ele tivesse feito o que fez, um arrependimento profundo ainda permanecia.

Nozdormu se ergueu diante dele.

— Bom plano! Rápido! Bem-feito! — A exuberância do outro macho sumiu. — Mas Talonixa diz que a vitória foi dela!

Para a surpresa de Malygos, Nozdormu não só dizia a verdade como muitos outros protodracos pareciam acreditar nela. Mais e mais começaram a ir na direção dela, dando forma à cruzada impensada da fêmea dourada, enquanto Malygos assistia incrédulo.

— Não! — gritou ele, voando em direção a Talonixa. — Não! Isso não está certo...

Com um olhar de desdém, Talonixa abriu a boca.

Malygos entendeu instantaneamente a intenção dela e tentou esquivar-se, mas o raio o atingiu quase em cheio. O corpo dele inteiro tremeu, e tanto ele quanto Kalec sofreram um tormento indescritível. A escuridão tomou conta deles, mas Kalec sabia que não era a mesma escuridão que significava levá-lo de volta para seu corpo, no presente. Junto com Malygos, ele voou em espiral para a destruição, semiconsciente durante toda a queda de que não poderia fazer nada para impedir o fim.

Garras seguraram firmemente suas pernas traseiras. A dor não foi nada comparada ao choque do raio, mas fez com que Kalec e o hospedeiro tivessem algo em que se concentrar. Eles sentiram a queda desacelerar e sentiram a consciência voltar.

Não era Nozdormu, como era de se esperar, mas Neltharion. Dessa vez, o macho cinza não estava com uma expressão feliz. O ódio dominava o semblante de Neltharion e, por um momento, isso inquietou Malygos e especialmente Kalec, que viu um rápido relance de algo parecido com o futuro Asa da Morte.

— Fêmea maldita! — rugiu Neltharion. — Eu vi o que aconteceu! Ela vai pagar!

— Não... — balbuciou Malygos. — Precisamos... precisamos nos unir! Precisamos... para sobreviver...

O rugido de Talonixa cortou as palavras de Malygos. Enquanto o hospedeiro de Kalec batia as asas para se endireitar, Neltharion soltou as pernas dele. Ambos olharam a legião reformada, que era um quarto menor do que fora antes. Tanto Malygos quanto Kalec notaram. Se ainda havia alguma esperança, ele precisava encontrar um modo de se aliar a Talonixa. Só então os protodracos teriam chance de...

O rugido de Galakrond retumbou no céu.

Talonixa respondeu, e seu grito selvagem pareceu fino e fraco para Kalec e Malygos. Ela rugiu novamente e dessa vez os outros protodracos a acompanharam. Para seu crédito, apesar de não sacudirem os céus como fez Galakrond, o grito unido era bem impressionante.

O horizonte na direção de onde o grande rugido veio parecia estar inchando. O inchaço cresceu e se separou do chão. Ao fazê-lo, a forma de um protodraco imenso se formou.

Galakrond emitiu novamente o desafio. Os defensores unidos responderam igualmente.

— Não podemos...

Mas antes que Malygos pudesse terminar, a visão mudou. A mudança pegou Kalec de surpresa. Ainda mais porque aconteceu em uma questão de minutos.

Mas os poucos minutos o deixaram no meio de um combate selvagem contra Galakrond.

A besta titânica voava, cercada por protodracos velozes que aos olhos de Kalec mais pareciam mosquitos. Eles giravam ao redor, acima e abaixo de Galakrond, atingindo-o com uma salva de ataques impressionante tanto pela intensidade quanto pela variedade. Queimaduras ácidas e marcas de fogo já pontilhavam o torso enorme e vários membros extras já estavam imóveis ou haviam sido arrancados. Kalec observou pelos olhos de Malygos enquanto uma fêmea marrom e negra mergulhou, agarrou com a mandíbula uma perna traseira extra que se debatia e atravessou a carne e o osso. Rapidamente, a fêmea partiu carregando o membro ensanguentado consigo.

Talonixa e seus companheiros mais confiáveis atacavam a cabeça, e seus ataques destruidores forçavam Galakrond a manter os olhos para baixo. A fêmea dourada soltou um raio poderoso que deixou uma marca enegrecida logo acima de um dos olhos originais do leviatã.

Kalec olhou impressionado. Galakrond estava encurralado. Lá estava o fim da besta gigantesca.

— *Mas o lugar está errado.* — percebeu Kalec. — *Não é aqui que os ossos ficam! O que poderia...*

Só então ocorreu a ele que apesar da proximidade da batalha, Malygos não estava fazendo parte dela. Nem Nozdormu ou Neltharion. A hesitação deles fez com que Kalec fosse ler os pensamentos de Malygos, algo que ele não fizera em face de tal espetáculo.

E lá Kalec viu que o que lhe parecia ser uma vitória iminente não era nada disso. Com a mente de Malygos para guiá-lo, Kalec se deu conta que todos aqueles ferimentos, todo o dano ao corpo e aos membros, nada disso estava sequer atrapalhando Galakrond. Por mais que fossem numerosos, os ferimentos eram apenas incômodos. A impressão inicial dos defensores parecendo mosquitos ainda estava mais perto da verdade.

— Então? — perguntou Neltharion, sempre o mais impaciente.

— Os olhos — murmurou Malygos. Virou-se para Nozdormu e repetiu. — Os olhos...

O protodraco marrom concordou:

— Os olhos.

Kalec pensou que eles pretendiam atacar os dois olhos imensos de Galakrond, mas a tensão que ele sentiu dominando Malygos prenunciava que eles estavam se referindo a algo muito mais grave. Kalec se concentrou cuidadosamente na observação de Malygos, entendendo que ele podia *ver* as mesmas coisas que seu hospedeiro, mas nem sempre *compreendia* as coisas como Malygos.

Seu hospedeiro e os outros não estavam concentrados nos olhos originais de Galakrond, mas em todos aqueles olhos adicionais que o trio vira ao passar pela primeira vez por ele. *Aqueles* olhos, Kalec percebeu, pareciam se mover incoerentemente à primeira vista. Olhavam para cima, viravam-se, olhavam para baixo...

Se não fosse pelo que Malygos já havia decifrado, Kalec levaria mais tempo para perceber que esses outros orbes moviam-se com um propósito. Cada olho estava fixado em apenas uma coisa.

Cada olho estava concentrado em um protodraco em particular. Galakrond não estava acuado. Ele estava apenas esperando.

2

RUÍNA



Jaina sentiu alguém procurando por ela no momento em que retornou ao sanctum. Infelizmente, esse alguém era a Arquimaga Modera. Modera era uma das pessoas que Jaina mais respeitava e admirava dentre os magos. Ela se tornara membro do Conselho dos Seis muito antes de Jaina, durante a Segunda Guerra, e muitas vezes a jovem arquimaga buscou os conselhos de Modera em um assunto ou outro.

Em vez disso, Jaina se concentrou em se camuflar com um feitiço na esperança de se manter oculta de Modera.

— Arquimaga? — chamou a outra mulher do lado de fora. O fato de Modera entrar pessoalmente significava que ela já havia tentado localizar Jaina usando magia e não estava satisfeita com seu fracasso. Jaina não havia avisado oficialmente que precisaria sair da cidade. Como líder, ela deveria ter informado pelo menos ao Conselho dos Seis. Modera estava correta em tentar localizá-la, mas mesmo isso não impediu Jaina de tentar se ocultar, se fosse possível.

— Arquimaga? — repetiu Modera com mais firmeza. — Com licença. Você está aí?

A anciã não desistiria simplesmente ao não receber uma resposta, percebeu Jaina, pois logo depois sentiu o lançamento de um feitiço do lado de fora da porta. Jaina, encostada em uma parede logo ao lado da entrada, observou uma forma transparente se materializar próxima a ela.

— Jaina? — chamou a figura, formando a imagem de Modera. Apesar de ser muito

mais velha cronologicamente do que a líder de Dalaran, ela ainda tinha a aparência de uma mulher bela com os cabelos brancos presos em uma trança. A imagem olhou em volta, procurando a dona do sanctum. — Perdoe a minha intromissão. Eu realmente *preciso* falar com você.

A situação que Modera precisava discutir provavelmente era séria para que ela entrasse na câmara de Jaina sem ser convidada, mesmo como ilusão. Jaina não considerou a atitude errada, mas quando a situação se normalizasse, ela fortaleceria as proteções mágicas do sanctum. Claramente Modera era mais poderosa do que Jaina imaginara.

A outra arquimaga franziu o cenho. Ela já havia olhado na direção de Jaina brevemente, mas agora estava olhando diretamente na direção da loira.

Quando Jaina estava certa de que Modera havia percebido sua presença, a maga anciã virou a cabeça e se voltou para a parede oposta, olhando da mesma maneira que havia olhado na direção dela.

— Onde estará ela? — murmurou Modera, parecendo mais pensativa. — Onde ela poderia ter ido num momento como esse?

A última pergunta fez com que Jaina se revelasse, mas o rosto exausto de Kalec se formou novamente em seus pensamentos. A determinação de Jaina se fortaleceu, mesmo que parte dela soubesse que estava privilegiando a emoção em vez da razão.

A imagem fantasmagórica de Modera olhou por sobre o ombro, como se escutasse outro fantasma invisível.

— Pois bem — murmurou a arquimaga mais velha —, nos veremos em breve. Teremos que pensar em um plano diferente.

Virando as costas para a câmara que parecia vazia, Modera levantou uma das mãos e começou a escrever no ar. Runas se acenderam diante dela.

Por favor, procure-me assim que retornar... O assunto é urgente...

Modera deixou as palavras flutuando na câmara. Ela olhou o aposento mais uma vez, com os olhos passando brevemente por Jaina, e desapareceu.

Jaina aguardou mais um momento, até que qualquer traço da presença de Modera tivesse desaparecido. A jovem arquimaga suspirou ao reaparecer. Olhou com seriedade a mensagem flutuante, prometendo descobrir o que Modera queria assim que tivesse certeza da sobrevivência de Kalec.

Ao retornar à biblioteca, Jaina procurou o tomo de que precisava. Isso se mostrou mais difícil do que a maga imaginou. O livro que Jaina esperava que guardasse as respostas era aparentemente o errado, apesar de ela ter certeza das próprias lembranças. A arquimaga

deixou o livro de lado e passou às páginas de outro que guardavam algumas informações relacionadas, segundo se lembrava.

Mas, novamente, sua memória contradisse o que descobriu no livro. Deixou o segundo livro de lado e observou os dois tomos lado a lado.

Com uma mão sobre cada livro, Jaina se concentrou. Um brilho claro envolveu as duas mãos e se espalhou para os dois volumes.

O brilho encontrou uma aura púrpura ao redor do livro. Jaina se assustou. Não sabia como, mas tinha certeza de que a magia que envolvia o tomo era um feitiço muito antigo e sutil. Foi feito para manter algo escondido, possivelmente a informação que procurava. Entretanto, Jaina pressentiu uma fraqueza no feitiço, como se, depois de tanto tempo, o propósito original do lançamento tivesse começado a perder o sentido.

O propósito original foi perdido... Jaina só conseguia pensar que essa era a chave do que estava acontecendo com Kalec. O artefato foi criado com um propósito em mente, mas ela se perguntava se o verdadeiro propósito não teria se perdido.

Também chamava a atenção o fato de os livros, claramente escritos muitos anos após a criação do artefato, reagirem a ela com tanta precisão. De alguma forma, a magia ancestral detectara as intenções dela, o que significava um trabalho de feitiçaria de um nível mais alto.

Mas além de ter a habilidade, era alguém astuto o suficiente para procurar os tomos... e durante um período de tempo tão grande? Jaina sabia que existiam algumas possibilidades mundanas, como elfos altaneiros por exemplo, mas por algum motivo, esse feitiço não parecia trabalho deles. Na verdade, parecia muito mais antigo até do que tal raça ancestral.

Ela franziu o cenho. Retirou as mãos dos dois volumes e o brilho sumiu imediatamente. A arquimaga observou a biblioteca e hesitante, lançou uma versão generalizada do feitiço sobre os tomos e pergaminhos.

Sem muita surpresa, viu que cada uma das peças de sua biblioteca brilhava com a cor púrpura.

Jaina começou imediatamente a trabalhar com mais esforço em seus feitiços. Como havia começado a suspeitar, o feitiço original incluía algo que parecia uma infecção. Se houvesse um objeto com tendências semelhantes por perto, no caso, um livro de magia perto de outro livro de magia, o feitiço original se espalharia para o outro objeto. O modo como isso acontecia tão perfeita e cuidadosamente era mais uma evidência da perícia do lançador.

Terminando o trabalho, Jaina folheou cuidadosamente um dos dois livros. Com sua memória excelente, a arquimaga verificou que tudo que esperava encontrar permanecia no lugar. Até onde podia perceber, a magia não havia mudado mais nada. Somente o que Jaina

procurava parecia ter sido afetado.

Mas ela não ficou intimidada. Já confrontara enigmas mágicos intrincados e complexos antes e conseguira resolver todos. Jaina não deixaria um simples feitiço derrotá-la.

Ainda mais com a vida de Kalec em jogo. Para Jaina, nada mais importava.

Galakrond continuou sendo atacado severamente. Uma fêmea da família de Malygos soprou em um dos membros extras e arrancou o apêndice congelado antes que pudesse voltar a se mover. Outra fêmea prateada disparou o que parecia ser uma chuva de metal líquido. A coluna azul calcinou o couro grosso de Galakrond, deixando uma ferida purulenta duas vezes maior do que o dragão que a causou. Dois machos de cor verde-escura usaram as patas traseiras superdesenvolvidas para arranhar a base do pescoço do leviatã.

— Não está adiantando... — murmurou Malygos. — Nada disso está adiantando...

— Os olhos — sugeriu Neltharion. — Vamos atacar quando eles estiverem olhando para longe. Cegar Galakrond olho por olho.

Nozdormu bufou.

— Se ele tem tantos olhos — respondeu, levantando uma das patas frontais minúsculas — vai demorar demais.

O macho marrom tinha um ótimo argumento, ainda que um tanto desmoralizante. Com tantos olhos extras, mesmo que o trio conseguisse persuadir os outros protodracos atacantes a seguir o plano, o tempo necessário ainda era muito maior do que Galakrond pretendia conceder.

— Precisamos avisar Talonixa. — Mesmo ao dizer as palavras, a certeza de Malygos sobre a futilidade da nova tentativa de fazer a fêmea teimosa enxergar a realidade foi percebida por Kalec. Ainda assim, Malygos não via outra escolha...

Ao lado dele, Nozdormu soltou um rugido baixo de alerta.

Os muitos olhos repentinamente se estreitaram.

Apesar de saber o que isso talvez significasse, Malygos partiu na direção de Talonixa, mas não conseguiu chegar muito longe.

Galakrond soltou um rugido que silenciou todos os outros protodracos e fez o céu tremer. Vários dos atacantes próximos à fera colossal despencaram descontrolados.

Galakrond soprou e o ar ao redor se encheu com uma névoa pútrida que fez Malygos pensar na névoa soprada pelos não vivos. O hospedeiro de Kalec recuou conforme a névoa ia em sua direção. Ele bateu as asas com toda a força para mudar de direção antes que fosse tarde demais.

Ainda assim, a névoa atingiu Malygos. O protodracos e seu companheiro invisível aguardaram a agonia que certamente acompanharia o apodrecimento da carne de Malygos.

Em vez disso, uma poderosa letargia dominou o macho azul. Ela se imiscuiu tão profundamente que até os pensamentos de Kalec foram abafados. Kalec sentiu como se sua vida estivesse sendo arrancada e notou vagamente que Malygos sentia o mesmo.

Ainda assim, parte do jovem protodracos continuava forçando as asas a bater. Malygos remexeu a névoa. Ao fazê-lo, tanto a mente dele quanto a de Kalec começaram a ficar mais limpas e a força começou a retornar. A sensação de letargia completa dissipou-se.

Morte lenta... ponderou Malygos, tentando compreender em termos simples o que Kalec reconheceu de forma mais sofisticada. *Ele exala morte lenta...*

Os pensamentos de Malygos finalmente clarearam e ele pôde observar o horror que ocorria diante de si. Grande parte da investida de Talonixa fora pega na nuvem enorme cuspidada por Galakrond. Os inúmeros olhos do gigante estavam vigiando um momento em que a maior parte dos inimigos de Galakrond estivessem ao alcance de sua nova arma terrível.

Alguns dos protodracos atingidos tentavam fugir enquanto outros simplesmente lutavam para permanecer voando. Alguns poucos não conseguiram ter a força de vontade suficiente para continuarem batendo as asas e caíram para a morte.

Mas mesmo em meio à névoa sufocante, alguns protodracos conseguiram manter mais controle. Principalmente Talonixa, que parecia estar sofrendo um problema diferente: a loucura total que Kalec e seu hospedeiro haviam notado anteriormente. Talonixa rugia sem parar. Malygos e Kalec acreditavam que era, em parte, um esforço para não sucumbir à névoa. Ela não estava se afastando, mas se aproximando de Galakrond, desafiando-o como se ambos tivessem o mesmo tamanho e força.

Galakrond gargalhou, com um som ensurdecedor. Com uma única batida de asas, ele encurtou a distância entre os dois.

Talonixa abriu bem a boca, disparando um poderoso raio. Acertou Galakrond diretamente na cara... e teve tanto efeito quanto se fosse uma pedrinha arremessada.

Dessa vez foi o protodracos deformado que abriu bem a boca, formando uma cavidade tão grande que Talonixa parecia uma mosca em comparação a ela. A bocarra se fechou em volta da fêmea, que se virava futilmente na tentativa de escapar.

Os dentes enormes e afiados prensaram Talonixa. Galakrond não precisou corrigir a mordida. Ele balançou a cabeça, sacudindo violentamente a presa. Talonixa se debateu em vão entre os dentes e conseguiu soltar um último raio, sem efeito. A cabeça dela pendeu

rapidamente e as asas pararam de bater. Ainda estava viva, mas por pouco.

Seus seguidores não podiam ajudá-la. Os outros protodracos mal conseguiam se manter no ar e se proteger, muito menos resgatá-la. Ainda que tentassem, Kalec e seu hospedeiro sabiam que já era tarde demais. O sangue de Talonixa escorria e sua respiração fraquejava.

Galakrond parou de sacudi-la. Com um esforço mínimo, ele pressionou a mordida e partiu a fêmea ao meio.

O torso que ainda se debatia caiu lentamente, criando uma chuva de sangue pelo caminho. Desdenhoso, Galakrond abriu a boca e cuspiu o resto do corpo de Talonixa. Depois, ele gargalhou e bateu as asas, movendo-se por entre os protodracos letárgicos.

Com a boca bem aberta, Galakrond começou a se alimentar.

As primeiras vítimas mal pareceram notar a morte chegando, de tão rápido que o leviatã as engoliu. Cinco sumiram no tempo de um suspiro. Galakrond mal parou, engolindo mais três um momento depois.

— O que podemos fazer? — rosnou Neltharion, frustrado. Ele parecia pronto para tentar desafiar a névoa, apesar dos resultados óbvios.

Malygos não podia culpá-lo pela inquietação crescente. Uma matança generalizada estava ocorrendo diante deles e nenhum dos três sabia como acabar com ela. Pelo menos, não sem cometer suicídio. Ainda assim, Kalec, sentindo o turbilhão de emoções e pensamentos de seu hospedeiro, sabia que Malygos teria se sacrificado de bom grado se soubesse que isso pararia o massacre.

Então, Malygos percebeu algo na névoa. Ele começou a seguir em frente.

— Venham!

O fato dos outros dois obedecerem significava muita coisa para Kalec. Malygos seguiu na direção da névoa e subiu abruptamente. Um leve cheiro de podridão entrou por suas narinas, causando imediatamente uma lentidão em seus pensamentos.

O macho azul mudou de direção verticalmente, subindo vários metros antes de sequer respirar. Quando o fez, Malygos não encontrou nenhum traço do cheiro que permeava a névoa maligna de Galakrond.

Ajustando o voo para seguir verticalmente, o hospedeiro de Kalec descobriu que a ausência do cheiro continuava. Estava voando sobre a névoa e seus efeitos.

Os outros dois machos o flanquearam enquanto ele voava em direção a Galakrond. Concentrado em se alimentar, o protodrago gigante não percebeu o pequeno trio acima. Ainda que tivesse percebido, Galakrond provavelmente não os veria como ameaça. Afinal, o que três poderiam fazer que centenas não conseguiram?

Era uma pergunta para a qual Malygos ainda não tinha resposta quando os três chegaram diretamente em cima do monstro. Ele olhou para baixo no momento em que mais quatro protodracos desapareceram na boca de Galakrond.

— Névoa desaparecendo no alto — reparou Nozdormu. — Mas muito lentamente abaixo.

— Pouco vento — adicionou Neltharion, farejando o ar. — Não é suficiente.

Malygos continuou estudando Galakrond. O único vento verdadeiro era causado pelas asas enormes dele. Elas estavam começando a dissipar a névoa, mas não rápido o bastante para salvar os outros.

Um pensamento curioso passou pela mente de Malygos, chamando a atenção de Kalec. Malygos se imaginou caçando sobre a água, em momentos em que mergulhava em grande velocidade para chegar mais fundo e alcançar presas maiores em profundidade. Seus olhos se apertaram quando ele se concentrou na cabeça de Galakrond.

— A cabeça — apontou ele aos companheiros. — Respirem pouco, ataquem com força.

Todos entenderam. Neltharion sorriu e Nozdormu assentiu.

Satisfeito por eles saberem o que fazer e saberem que poderiam morrer tentando, Malygos mergulhou. Enquanto descia, batia as asas com toda a força, ganhando o máximo de velocidade. Abaixo, a cabeça de Galakrond parecia não só aumentar, mas se aproximar dele.

Kalec entendeu os planos de seu hospedeiro, mas continuava duvidando de seus méritos. Ainda assim, não havia nada que pudesse fazer além de observar Malygos alcançar Galakrond.

No último instante, Malygos se virou colocando as patas para baixo. Ele se encolheu como uma bola o máximo possível, inclusive encolhendo as asas. No canto do olho, Malygos viu Neltharion fazer o mesmo.

Os três protodracos atingiram Galakrond com força sucessivamente na cabeça.

Malygos não esperava causar muito dano ao alvo, se causasse algum. Havia pouca chance disso. O que o hospedeiro de Kalec queria era exatamente o que ele conseguiu.

Deixar Galakrond *furioso*.

Os três protodracos bateram com tanta força que causaram alguma dor. A velocidade foi suficiente para empurrar a cabeça de Galakrond para baixo, fazendo-o deixar de engolir duas vítimas. O choque de quase serem devoradas finalmente fez a dupla se esforçar para escapar.

A ação de Neltharion foi a que mais perturbou Galakrond. Quando as patas traseiras o

atingiram, elas bateram com uma força que somente os protodracos da família dele poderiam conseguir. Ondas sísmicas fizeram a cabeça tremer, desorientando brevemente o beemote e oferecendo um alívio que Malygos achava impossível conseguir.

Mas Galakrond se recuperou cedo demais. Sem sequer se importar com a dupla que fugia, olhou para cima e bateu as asas poderosamente quando a fúria de ter sido atacado tomou conta dele.

E como Malygos havia previsto, as asas do protodraco fizeram o que o vento fraco não conseguiu. A névoa soprada por Galakrond se dissipou rapidamente ao redor dele.

Os protodracos começaram a fugir desesperados.

Galakrond não notou a princípio que suas presas estavam fugindo, tal fora o ultraje do ataque dos pequenos inimigos acima.

— Insetos... — rugiu ele, e as palavras ensurdeciam. — Vocês são uma refeição pobre... Mas são uma refeição...

Para a surpresa não só de Galakrond, mas também de Malygos e Nozdormu, Neltharion mergulhou em direção à criatura deformada. Enquanto Galakrond desdenhava seu minúsculo desafiante, Neltharion mudou de direção e em vez de atacar o focinho de Galakrond, atacou o olho esquerdo do protodraco gigante.

Em poucas outras partes Neltharion poderia ter causado algum dano de verdade. Até seu outro golpe apenas irritara Galakrond. Mas dessa vez, o macho cinza abriu bem a boca e soltou um grito de pura força.

Galakrond rosnou pelo que sem dúvida era a primeira dor que ele sentia em muito tempo. Fechou o olho atingido por Neltharion e depois, quando viu que não foi o suficiente para acabar com a agonia, fechou o outro também.

— Voem! Voem! — gritou Malygos para todos que pudessem ouvir, inclusive Neltharion.

— Mas nós pegamos ele de jeito! — insistiu o amigo. — Pegamos!

Galakrond abriu os olhos. O esquerdo estava vermelho como sangue, mas ainda via tão bem quanto o outro. E os dois olhavam Neltharion com um ódio que Malygos e Kalec nunca viram antes.

A grande boca tentou morder Neltharion, que mal conseguiu se esquivar. Nozdormu e Malygos foram ajudar o companheiro, mirando nos olhos sensíveis. Galakrond olhou instintivamente para baixo, fazendo com que os ataques acertassem a testa rígida.

Mas Malygos não esperava outro resultado e sabia que Nozdormu também não. Novamente Galakrond foi distraído, dessa vez salvando não só Neltharion como Malygos e

Nozdormu também. Com Malygos liderando, os três subiram ao céu e sumiram por trás das nuvens.

Não foi preciso ouvir o rugido furioso de Galakrond para informar os três que ele os perseguia. Eles se entreolharam e se dividiram.

Malygos voou o mais alto que pôde. O ar mais rarefeito tornava o voo mais difícil, mas ele esperava que Galakrond tivesse dificuldades em segui-lo. O macho azul esperava que seus amigos fizessem o mesmo. Pelo menos, o risco que eles assumiram ajudara os sobreviventes do plano trágico de Talonixa.

O silêncio reinou. Lutando para manter a posição, Malygos observou as nuvens. Não havia sinal de qualquer outro protodracô, nem vivo nem morto.

Depois de tudo pelo que Malygos passara, o esforço de permanecer no ar começou a tornar-se um incômodo. Mesmo se esforçando, o hospedeiro de Kalec não ouviu nada. Começou a se perguntar se Galakrond teria seguido em frente.

Não importava. Malygos finalmente precisava descer. Ele planejava descer somente até onde pudesse respirar tranquilamente. De lá, ele julgaria se era seguro prosseguir.

Seu coração batia forte, tanto pela luta por ar quanto por manter os olhos e o nariz alerta para a presença de Galakrond. Kalec, passando pela mesma tensão, às vezes esquecia que era apenas um passageiro. Ele tentou virar para leste, mas lembrou-se que o corpo não era seu quando Malygos virou para o sul e mergulhou um pouco mais.

O protodracô saiu da cobertura de nuvens. A área estava vazia. O resto dos seguidores de Talonixa voara o mais rápido que pôde.

Mas onde estariam Neltharion e Nozdormu, pensaram os dois. E onde estaria Galakrond...

Algo colidiu com Malygos por trás. O impacto jogou ele e o objeto que o atingira ao chão. Ele lutou contra a queda.

— Não lute! Galakrond por perto! Não lute!

Malygos parou de lutar. Ele se deixou ser levado para perto do chão, em direção a um grupo de morros baixos.

Lá no alto, o rugido de Galakrond reverberou.

Algumas pequenas cavernas apareceram ao longe. O companheiro de Malygos o levou para dentro de uma.

Eles pousaram na penumbra. O hospedeiro de Kalec virou-se para seu salvador.

— Alexstrasza...

A fêmea alaranjada sussurrou:

— Galakrond escuta bem. Precisamos falar baixo.

Antes que pudesse responder, ele ouviu movimento vindo do interior da caverna. Malygos olhou, esperando ver a irmã de Alexstrasza se juntar a eles.

Em vez disso, um morto-vivo decaído apareceu em seu campo de visão.

3

SOB A SOMBRA DE GALAKROND



Kalec compartilhou a inquietação de Malygos. Ele também compartilhou a decisão de seu hospedeiro de atacar sem hesitar. Malygos começou a soprar...

— Não! — Ysera colidiu de lado com ele. O disparo frio de Malygos acertou apenas as paredes no interior da caverna.

O morto-vivo o atacou... ou pelo menos tentou. Ele também tentou cuspir de volta, mas Malygos viu que sua boca estava presa por uma vinha resistente que crescia nas rochas ao redor. As patas também estavam amarradas. Protodracos em geral não eram uma espécie que costumava usar ferramentas. Eles tinham se tornado conscientes há pouco tempo e não haviam desenvolvido interesse nem precisavam de ferramentas em geral. Porém, Ysera se adaptou muito bem e encontrou utilidade para algo que Malygos teria visto como comida de herbívoros.

Quando seus olhos se ajustaram melhor à luz, Malygos viu que o cadáver animado outrora tivera a mesma cor brilhante que Alexstrasza.

Irmão de ninhada.

Antes que ele pudesse comentar o óbvio, Alexstrasza se aproximou e disse:

— Não é ele. Nós conhecíamos esse, mas ele não é nosso irmão de ninhada.

Ysera já havia perdido o interesse em Malygos, concentrando-se no morto-vivo. Ela guiou a criatura de volta, enquanto murmurava para ela.

— Já encontrei ela com um desses antes — admitiu Alexstrasza. — Outro da nossa

família. Ela não encontra o nosso irmão de ninhada, então ajuda outra família.

Malygos não tinha dado atenção à obsessão de Ysera anteriormente, mas agora suspeitava que se até ela não conseguira encontrar os restos mortais, eles provavelmente já haviam sido levados por carneiros ou movidos pelo clima. Ainda era possível que ele agora fosse um dos não vivos, mas o hospedeiro de Kalec duvidava.

Isso, é claro, não explicava o que Malygos via ali ou como eles podiam estar tão perto do local da derrota desastrosa de Talonixa.

Galakrond rugiu mais uma vez, mas parecia mais longe agora.

— O cheiro — explicou Alexstrasza. — O cheiro dos não vivos encobre o nosso. Galakrond só fareja a morte por perto.

Isso, pelo menos, respondia uma pergunta essencial para Malygos e Kalec.

— Mas não é por isso que o não vivo está aqui.

— Não... Eu tenho alguma responsabilidade por isso — declarou outra voz.

Alexstrasza não pareceu assustada pelo fato de haver uma quinta figura na caverna. Fato ainda mais interessante pelo fato do interlocutor ser Tyr.

Algo que não surpreendeu Malygos ao olhar a figura encapuzada foi o fato de que Tyr agora estava muito mais alto e mais largo do que antes. Ainda assim, Malygos e Kalec sentiam que Tyr só estava usando aquele tamanho porque lhe era conveniente no momento. Ele ainda irradiava uma presença muito maior do que seu tamanho atual indicava.

Isto é apenas um pequeno reflexo dele, lembrou-se Kalec vagamente. Ele lutou para lembrar-se de mais, mas seu próprio tempo havia se tornado fragmentos de cenas que eram cada vez mais difíceis de lembrar como fato. O rosto de Jaina era o vínculo mais forte que restava e mesmo assim, em uma breve ocasião, até ela sumira de sua mente.

Ele foi interrompido na tentativa de fortalecer suas poucas memórias pelo chiado abafado do morto-vivo. O corpo animado tentou mover-se à frente novamente, mas Ysera bloqueou o caminho. Ela continuou falando baixo com a criatura como se ela realmente fosse seu irmão de ninhada perdido.

— Ela precisa desistir desse — murmurou Malygos.

— Ele ajudou a trazê-la, bem como a irmã, até aqui — apontou Tyr. — Nisso o desejo de salvar o irmão teve mérito. Eu tinha um plano diferente quando atraí a criatura para esta caverna, mas o destino parece ter outra ideia.

— Vi quando nós fugimos de Galakrond — adicionou Alexstrasza. — Ysera queria retornar Galakrond. Queria tentar fazer as pazes de novo. — Ela olhou a irmã com o morto-vivo novamente. — Eu disse a ela que vi nosso irmão de ninhada. Ela acreditou. Nós o

seguimos até aqui.

Tyr resmungou.

— Era uma variação do meu plano. — Ele não se importou em explicar qual variação era, mesmo vendo os protodracos virando as cabeças confusos. — Ele salvou suas vidas. Agora nós só precisamos descobrir como salvar o mundo.

— Neltharion e Nozdormu... — murmurou Malygos. — Eles não estão a salvo.

Alexstrasza arregalou os olhos. Com toda a confusão de sua irmã, ela esquecera dos dois outros machos.

— Galakrond! Eles...

— Eu não sei. Nós voamos para as nuvens. Nos separamos. Não vi nada. Não ouvi nada.

A vontade de sair novamente e procurar os dois perdidos ficou forte ao ponto de Malygos dar um passo em direção a porta.

— Espere. — Tyr passou pelos dois protodracos. Ele caminhou até a entrada, mas não prosseguiu. Por um instante, a criatura bípede olhou a abertura.

Alexstrasza usou esse tempo para falar com Malygos.

— Ele veio de lugar nenhum. Disse que conhecia você. Ofereceu ajuda. — Ela balançou a cabeça. — Eu acreditei em tudo. Não questionei Tyr.

Enquanto Malygos estava satisfeito por saber que não precisaria explicar ou defender Tyr, essa não era sua maior preocupação no momento. Ele continuava incomodado por Ysera e seu prisioneiro horroroso. A irmã de Alexstrasza continuava falando suavemente com o cadáver.

— Tyr disse para deixar continuar — murmurou a fêmea alaranjada. — Não disse quanto tempo.

— Nada bom. Ele não pode ficar.

Eles foram interrompidos por Tyr, que retornou.

— Galakrond ainda está na área, mas está seguindo para sudoeste. Se continuar naquela direção, logo vocês poderão procurar seus amigos.

Malygos roncou.

— Vamos encontrá-los. E quanto a *ela*?

Tyr olhou Ysera.

— Há uma faceta dela que precisa ser encorajada, explorada. Eu sinto que isso é importante. Se não agora, no futuro.

— Humm! — O futuro era um conceito apreciado somente recentemente por Malygos

e outros protodracos, tendo outrora existido somente como criaturas do momento. Agora, esse conceito parecia extremamente frágil.

— Galakrond pode *ser* o futuro.

A exclamação não pareceu afetar Tyr tão dramaticamente quanto o protodracos pensava. Em vez de assentir solenemente, Tyr sorriu e disse:

— Eu acho que finalmente escolhi bem.

O comentário enigmático enfureceu o hospedeiro de Kalec.

— Enigmas! Tyr Sem Asas fala em enigmas! Protodracos morrendo!

— E ninguém sabe disso melhor do que eu — respondeu a criatura bípede, de forma calma demais para o gosto de Malygos. — Ninguém se sente mais responsável do que eu. Eu deveria ter vigiado. Sabia que os outros não se importavam. Eu deveria ter vigiado... mas até eu me distraí.

O cadáver animado escolheu exatamente aquele momento para começar uma nova investida. O motivo da agitação ficou logo aparente. Ysera ousara desamarrar a boca pútrida. O que ela queria com isso, nem Malygos nem Kalec adivinhavam, mas o que ela quase conseguiu foi uma mordida na garganta. Somente os reflexos rápidos dela mantiveram-na a salvo do ferimento mortal.

Um ódio fulminante tomou conta de Malygos. Ele jogou Ysera de lado e atacou o morto-vivo. Com as patas ainda amarradas, as defesas que lhe restavam eram sua boca salivante e a fumaça terrível. Malygos moveu-se para a esquerda. O morto-vivo, sem conseguir se mover corretamente, não conseguiu virar o suficiente para alcançá-lo.

Malygos rasgou o pescoço ressecado, partindo a carne facilmente e esmagando os ossos. Foi o suficiente para fazer o pescoço cair, levando a cabeça ao chão.

Com o sangue negro escorrendo lentamente do ferimento, o torso continuou a se debater. Ainda furioso, Malygos rasgou o peitoral da criatura. Isso pareceu ser o suficiente. O corpo parou e caiu.

A mente de Kalec também se encheu de ódio, mas em um nível menor. Ele lutou contra o desejo de sangue e carne enquanto uma voz tentava penetrar na confusão dos pensamentos de Malygos.

O macho azul virou-se para Ysera. Ela encarou Malygos de frente e começou a falar com ele no mesmo tom que usara com o cadáver. Malygos desdenhou a princípio, interessado somente na vida dela. Ele farejou o frescor dela e a fome cresceu. Kalec entendeu que seu hospedeiro fora mordido por um morto-vivo anteriormente e não conseguiria se livrar do efeito a tempo. Pior ainda, Malygos era muito maior do que Ysera,

que não parecia interessada em fugir.

A voz calma penetrou os pensamentos de Malygos, como se tivesse saído de um sonho. Ela buscou gentilmente um resto de sanidade do hospedeiro de Kalec e o trouxe à tona. Kalec sentiu a fome de Malygos cedendo. A racionalidade voltou a tomar o controle.

Nós somos seus amigos, Malygos...

A princípio, Kalec acreditou que a voz pertencesse a Tyr, pois além de ter uma qualidade sobrenatural, quem mais teria a habilidade de trazer a razão de volta à tona desta forma? Porém, conforme a voz se repetia, ele notou um tom feminino.

Era a voz de Ysera. Com a dissipação da fúria sanguinária, a visão de Malygos clareou. Agora tanto Kalec quanto seu hospedeiro conseguiam ver que Ysera era a dona da voz. Apesar de certamente fazer sentido, era impossível até para Kalec identificá-la sob tais circunstâncias.

— Você não quer fazer isso. Você luta *ao nosso lado*, não contra nós.

Escutando através de Malygos, Kalec percebeu como a fala de Ysera era mais sucinta. Ela era mais inteligente, apesar de mais impulsiva, do que os outros protodracos. Kalec imaginou se seu tamanho menor e inabilidade de lutar tão bem quanto a maioria dos protodracos contribuíram para que ela afiasse o intelecto ainda mais do que o resto de sua espécie.

Malygos finalmente concordou.

— Eu estou bem.

Mas pela primeira vez, Tyr pareceu perturbado. Forçando caminho até Ysera, a criatura bípede olhou nervosamente Malygos.

— Você foi mordido. A fome está em você.

Alexstrasza juntou-se à irmã. A fêmea anciã parecia quase tão chocada quanto Tyr. Ysera, por outro lado, parecia muito interessada e, ao mesmo tempo, desapontada.

— Podia ter salvado eles. — murmurou Ysera. — Não precisavam ter morrido naquela caverna...

Tanto Malygos quanto Kalec lembraram-se dos protodracos enterrados vivos por Talonixa. Kalec duvidava que as pobres criaturas, muito mais perdidas do que Malygos, pudessem ser trazidas de volta à sanidade como acontecera com seu hospedeiro. Ainda assim, ele sentiu a culpa de Malygos crescer, pensando que poderia ter ajudado Ysera nesse sentido.

Tyr ignorou Ysera, com a atenção totalmente voltada para Malygos, atento a qualquer sinal do retorno da fome.

— Eu vi outros. Nenhum conseguiu lutar contra ela. Há quanto tempo você foi mordido?

— Vários sóis.

Os olhos de Tyr, tão diferentes dos protodracos, se estreitaram ainda mais.

— Tanto tempo e você não sucumbiu. Isso denota uma força de vontade poderosa, apesar de evidentemente não ser poderosa o bastante. Ela o impediu de ceder à fome.

Malygos suspirou.

— Não acontecerá de novo.

Para surpresa de Kalec, seu hospedeiro falou com certeza definitiva. O dragão podia sentir uma mudança em Malygos, uma mudança, em grande parte, resultante dos esforços de Ysera para guiá-lo de volta à sanidade.

Tyr não parecia convencido. Ele levantou uma mão para Malygos, emitindo um brilho branco.

Malygos esquivou-se instintivamente. Alexstrasza rosnou. Somente Ysera parecia despreocupada. Mesmo Malygos tendo visto Tyr aparecendo e desaparecendo e sabendo que ele tinha poderes incríveis, era diferente ver os poderes incríveis apontando para ele. Somente um alto nível de autocontrole impediu o macho azul de se defender.

— Eu não sinto a mácula. Ou você a enterrou tão profundamente que ela nunca mais deve voltar à tona ou de fato a expurgou de seu corpo e mente completamente. — Tyr olhou Ysera novamente. — Parece que nunca devemos nos deixar enganar pelas aparências.

A irmã de Alexstrasza não deu nenhuma evidência de ter ouvido o cumprimento de Tyr. Em vez disso, a fêmea voltou ao cadáver destroçado. Ela murmurou algo e começou a velá-lo da mesma forma que Malygos lembrava de Alexstrasza velando os restos de seu verdadeiro irmão de ninhada.

Tyr tolerou a ação por pouquíssimo tempo.

— Há outras vidas que podem ser salvas. É melhor nós fazermos o que pudermos pelos outros, incluindo seus amigos perdidos.

— Mas ainda há Galakrond — apontou Alexstrasza. — Mesmo que ele tenha ido embora, sempre voltará para nos caçar.

— E é por isso que nós devemos caçá-lo em vez disso.

Malygos não era o único a olhar Tyr com suspeita.

— Caçá-lo? Talonixa caçou Galakrond! Fale com Talonixa, Tyr!

— Seu ponto de vista é válido, protodrato. Mas dessa vez, nós faremos diferente.

O hospedeiro de Kalec virou a cabeça.

— Como?

Tyr colocou a mão dentro do manto e retirou algo que só Kalec reconheceu, mas que até Malygos e as irmãs entenderam como sendo uma arma. Tyr podia não ter garras e dentes afiados, mas ele era capaz de manejar a coisa com uma facilidade e habilidade que os protodracos sabiam apreciar.

Kalec já havia visto inúmeros martelos de guerra em seu tempo, mas mesmo os mais pesados, comumente usados por anões, pareciam brinquedos comparados à arma enorme empunhada por Tyr, uma arma que Kalec e seu hospedeiro sentiram que emanava mais poder do que aparentava, assim como a figura encapuzada.

— Dessa vez eu não ficarei olhando! Quando enfrentarem Galakrond, estarei ao lado de vocês.

Ele guardou o martelo no fundo da capa. A arma pareceu sumir no vazio, em vez de ficar pendurada na cintura de Tyr. Por mais impressionante que o ato fosse para Malygos, Kalec vira outra coisa ali, mais urgente.

Ao lado de onde o martelo sumira estava justamente o artefato.

Kalec esperava ver novamente o manto obscurecer a destruição de sua existência, mas para seu choque, Tyr pegou o artefato. Os protodracos olharam o objeto. A confusão de Malygos era claramente espelhada pelas irmãs. Várias explicações passaram pela mente de Malygos: Um ovo, uma pedra, um pedaço de estrela... Mas nenhuma delas se aproximava do que Kalec sabia sobre a relíquia traiçoeira.

Tyr segurou o artefato, que parecia a Kalec menor do que ele lembrava, em frente a Malygos.

Em contraste com o brilho púrpura que o dragão azul se lembrava de seu tempo, o artefato agora tinha um brilho branco suave... E só brilhava na direção do hospedeiro de Kalec. Malygos resmungou, mas antes que pudesse reagir, o brilho parou.

Tyr se virou para Ysera e Alexstrasza. Novamente, o artefato brilhou levemente. Tendo visto que nada acontecera com Malygos, nenhuma das irmãs sequer piscou.

Kalec queria gritar perguntas, mas Malygos fez apenas uma das quais o dragão azul buscava a resposta.

— O que você fez?

— Tentei garantir o futuro.

Era uma resposta tão vaga quanto Kalec esperava. Ele a teria rebatido com um questionamento mais preciso, mas Malygos não se importou tanto. A preocupação dele estava mais voltada para a situação geral.

— Devemos ir agora. Encontrar os outros.

Tyr escondeu o artefato, deixando Kalec furioso e em silêncio.

— Sim, nós os encontraremos...

O rugido de Galakrond fez a caverna tremer, repentinamente próximo. Pedregulhos pesados se soltaram do teto. Se não fosse pelo reflexo rápido de Alexstrasza, que cobriu a cabeça com as asas, ela teria se ferido. Ysera e Malygos também foram atingidos, mas de leve.

As rochas pareciam cair ao redor de Tyr sem tocá-lo. Ainda assim, ele não menosprezou o incidente. Murmurando, ele levou os três de volta até a entrada. A decisão dele se mostrou acertada. Uma grande parte do teto desmoronou um segundo depois. Eles não foram soterrados, mas precisariam se arrastar, um de cada vez, para escapar.

E do lado de fora, Galakrond continuava enfurecido.

— Algo o trouxe de volta! — disparou Tyr. — Seus amigos, talvez.

Qualquer que fosse a razão, Galakrond parecia determinado a ficar na área. O chão tremeu seguidas vezes, criando mais chuva de pedras, mas até o momento, nenhum novo desmoronamento ocorrera. Os quatro (cinco, incluindo Kalec) sabiam que a sorte não duraria muito.

Tyr começou a caminhar na direção da entrada, mas Malygos passou correndo na frente dele. O macho enfiou o focinho na abertura para ver o que estava acontecendo.

Galakrond escolheu esse exato momento para pousar. O novo tremor balançou a região. A cabeça monstruosa do protodracô virava de um lado para o outro, buscando alguma coisa. Kalec e seu hospedeiro perceberam que Galakrond parecia entretido. Kalec já vira essa expressão em predadores como esse antes. O gigante estava brincando com a presa, qualquer que fosse ela.

Um instante depois, a presa também apareceu. Sem se surpreenderem, Malygos e Kalec viram que era Neltharion.

O macho cinzento mergulhou atrás de Galakrond. Neltharion soltou um rugido, mirando a base do crânio de Galakrond. O gigante deformado tremeu com a força da onda de choque e caiu no chão.

Neltharion riu e deu a volta para atacar novamente.

— Ele está sendo levado para a morte — comentou Tyr, ao lado de Malygos. — Eu sabia que ele era impulsivo, mas não suicida.

Vários dos olhos no torso de Galakrond estavam observando Neltharion o tempo todo. O macho menor chegou ao local onde Galakrond evidentemente o esperava. O gigante virou

a cabeça e abriu a boca para soprar.

Uma espessa coluna de areia foi atirada dentro da sua garganta.

Um surto de tosse tomou conta de Galakrond, que precisou lutar para respirar. O protodracô enorme lutou para desalojar a areia da garganta.

Outra figura menor desceu logo ao lado de Neltharion. Nozdormu rosnou para Galakrond, uma provocação que a besta engasgada não conseguiu perceber.

— Coordenação perfeita! — exaltou Tyr. — Então eu estava certo sobre vocês!

Malygos não conseguia ver o que empolgava tanto a criatura bípede e Kalec teve que concordar. Sim, a dupla manobrou melhor do que Galakrond, mas ele estava longe de ser derrotado.

Um impulso fez com que Malygos fosse para o lado de fora. Ele passou pela entrada arruinada antes que qualquer um pudesse impedi-lo. Alexstrasza o chamou, mas ele não hesitou. Kalec sentiu a intensa lealdade de Malygos impelindo o macho azul a se juntar à luta.

Com o focinho virado para baixo, Galakrond finalmente conseguiu se livrar das placas de areia solidificadas. Sua respiração começou a se normalizar, então, olhou para cima...

Malygos cuspiu. Assim como Nozdormu havia feito, Malygos mirou na garganta.

No último instante, Galakrond percebeu. Porém, ao virar o focinho para Malygos, Galakrond acabou oferecendo um alvo ainda melhor. O gelo atingiu o mesmo olho que Neltharion havia atacado antes.

Por si só, o gelo provavelmente não teria incomodado Galakrond, mas ele agravou a ferida do olho. Rosnando, o protodracô enorme fechou os dois olhos. Obviamente, isso não o deixou cego. Vários olhos extras agora encaravam Malygos.

Mas assim que esses orbes se fixaram no hospedeiro de Kalec, um ataque de fogo assolou os olhos fechados. Alexstrasza sobrevoou Malygos, cuspidando uma torrente contínua de fogo. O ataque dela impediu os olhos principais de reabrirem, e atraiu os outros olhos que estavam fixos em Malygos.

Neltharion escolheu esse momento para atacar os olhos extras. Primeiro, rugiu. E quando estava perto o suficiente, arrancou dois deles rapidamente com as garras traseiras.

Mas o macho descuidado não prestou atenção em alguns membros extras. Vendo-os talvez como apêndices inúteis, Neltharion deixou a cauda passar perto demais de um deles.

A pata agarrou a cauda e a segurou com firmeza. Neltharion tentou recuar e acabou chegando perto de outra pata. A segunda pegou uma de suas pernas traseiras.

Galakrond abriu os olhos. Com a boca se escancarando, ele se virou para engolir a presa

capturada.

Malygos e Alexstrasza tentaram chamar atenção novamente, mas Galakrond só se preocupava em engolir Neltharion. Os ataques de Neltharion, que agora atingiam apenas a couraça, causaram pouco incômodo ao inimigo que aproximava a bocarra do macho cinzento.

Uma sombra apareceu por trás de Malygos, enorme o suficiente para fazê-lo pensar que *outro* Galakrond estava chegando. Ele começou a olhar para trás, mas a forma se movia tão rápido que nem ele nem Kalec conseguiram entender o que era antes de ela se chocar com Galakrond.

Um pedaço do que Kalec inicialmente identificou como sendo um punho do tamanho de um protodracó adulto atingiu Galakrond na mandíbula oposta ao lado de Neltharion. A força foi tanta que o beemote tonteou e deu alguns passos para trás.

Somente quando a forma se afastou, Kalec e seu hospedeiro conseguiram ver que não se tratava de um punho, mas da cabeça de um martelo... idêntico ao que Tyr havia empunhado, porém muito maior do que antes.

E apesar de Malygos não ter visto, Kalec reparou que havia uma mão segurando a arma, uma mão também muito maior do que vira antes.

Mas quando o martelo se afastou, a atenção de Malygos foi atraída por Ysera, que voava perigosamente perto de Galakrond, que ainda estava momentaneamente abalado. Porém, em vez de mirar na garganta, Ysera soprou dentro das narinas de Galakrond.

Galakrond grunhiu. Ele hesitou.

As patas que estavam segurando Neltharion pareceram perder o controle. O protodracó se afastou e fugiu de Galakrond. Ao fazê-lo, Alexstrasza e Ysera se afastaram.

— Fugam! Para o sul! — gritou Tyr, de algum lugar além da visão do protodracó. A voz retumbante de Tyr combinava com suas dimensões titânicas, que tornaram o comando ainda mais chocante para Malygos. Parecia que eles estavam, finalmente, vencendo.

Mas ao pensar nisso, Galakrond começou a se mexer novamente.

O hospedeiro de Kalec se virou. Ele viu os companheiros, inclusive Nozdormu, esperando por ele ao sul. Tyr não estava visível. Malygos acelerou o voo.

De trás dele, Galakrond rosnou. Malygos voou mais rápido. Ele se juntou aos outros na fuga.

— Tyr? — perguntou Malygos.

Em resposta, um som que ecoou como um trovão vindo da direção de Galakrond os fez tremer. Um instante depois, o leviatã rosnou novamente, mas, dessa vez, mais de longe.

Malygos quase parou, mas Alexstrasza balançou a cabeça.

—Tyr mandou voarmos para o sul! Voe!

Com muita relutância, ele obedeceu. Não entendia completamente aquela criatura chamada Tyr, mas sabia que o bípede tinha conhecimentos muito mais amplos do que ele ou qualquer outro ali. As esperanças de derrotar Galakrond estavam em grande parte com Tyr.

Tyr... que nesse instante, havia se arriscado para ajudar os cinco a escaparem.

E para Kalec, que era forçado a fazer o que seu hospedeiro quisesse, mas que teria voado na direção oposta, ele era o mesmo Tyr que carregava consigo o artefato e a frágil esperança do dragão azul de se libertar das visões com a mente intacta.

4

DENTRO DO NEXUS



Jaina encarou os livros. Ela havia exaurido todo o repertório de feitiços para buscas importantes como essa, sem resultados. Agora, a arquimaga estava pensando em tomar medidas mais poderosas. Sua única hesitação era que Modera ou outra pessoa notasse sua presença ao fazê-lo. Porém, cada segundo perdido podia representar um perigo mais iminente para Kalec.

Ela precisava se arriscar para descobrir. Com a mente decidida, Jaina começou a lançar um feitiço... e parou. No topo da pilha de livros estava a caveira de um réptil selvagem ancestral que ela havia herdado junto com vários objetos arcanos incomuns de seu antecessor, Rhonin. Enquanto ela por si só não representava nada para Jaina, o objeto fazia a memória dela voltar constantemente para o enorme esqueleto e seu encontro com Buniq. Ela viu novamente como a taunka desenhara o símbolo. Nesse momento, Jaina refletiu que a taunka tinha lembrança precisa de um símbolo diferente de tudo que vira antes. Naquele momento, a arquimaga havia atribuído aquilo à natureza concentrada da espécie de Buniq, mas agora se perguntava se não havia algo mais.

Você era realmente uma taunka? Perguntou Jaina à distante Buniq. *Eu não devia ter acreditado em coincidência.*

Jaina desenhou o símbolo no ar. Então, o virou para que ficasse na posição desenhada pela caçadora.

— Como eu fui tola! — gritou a arquimaga. Ela mordeu os lábios e torceu para que

ninguém a tivesse ouvido. Ficou observando o símbolo espelhado, vendo-o com novos olhos.

Se tivesse prestado mais atenção ao vê-lo pela primeira vez ao lado do esqueleto, Jaina teria percebido que ao invertê-lo, ele tinha um sentido diferente e óbvio. Virado dessa maneira, o símbolo também era uma chave.

Ou melhor, a chave. Jaina lançou o símbolo invertido sobre o tomo original. A arquimaga o observou afundar no livro.

O brilho púrpura sumiu não só do livro em questão, mas de toda a biblioteca.

Jaina segurou o tomo espesso e começou a passar as páginas. Ela encontrou a informação que precisava exatamente onde esperava. A arquimaga leu a passagem cuidadosamente.

Ao juntarem-se, as duas partes são mais do que a soma de suas medidas individuais. Seu poder é amplificado. O arquimago Wendol sugeriu que também havia outras combinações possíveis à dupla, mas o tempo incalculável desde sua criação fez com que algumas dessas combinações funcionassem incorretamente...

Jaina fechou o livro.

— Sim... deve ser isso.

Vozes se fizeram ouvir do lado do aposento. Jaina odiou secretamente seus acessos de raiva. Ela devia saber que Modera colocaria alguém do lado de fora, ouvindo qualquer sinal de seu retorno.

Mas ser descoberta não importava mais. Jaina acreditava ter o que precisava. Ela colocou o livro na estante... e sumiu.

Ela se materializou alguns segundos depois logo além das fronteiras mágicas do Nexus, com o zumbido do teleporte sumindo enquanto averiguava o local. Jaina franziu a testa ao ver onde havia aparecido. A arquimaga estava longe de seu objetivo intencionado, lançou outro feitiço e sumiu novamente.

Jaina se rematerializou exatamente no mesmo lugar de antes.

Olhando o Nexus, a arquimaga tentou uma abordagem diferente. Dessa vez, tentou simplesmente sondar o que estava acontecendo.

A sonda falhou ao tentar penetrar as proteções do Nexus.

Tendo entrado no santuário recentemente, Jaina acreditava que Kalec havia ajustado as proteções para manter alguém ou alguma coisa do lado de fora. O pensamento foi seguido pela preocupação de que a proteção fosse para manter *ela* especificamente do lado de fora. Ele já havia tentado mantê-la afastada de seus problemas e era possível presumir que essa mudança nas proteções fora feita com essa intenção.

O problema era que Jaina acreditava ser a única chance de Kalec ser liberado daquilo que o artefato estava fazendo. Se ele havia lacrado o Nexus, era possível que tivesse se condenado.

Não! Eu não vou perder você!

Jaina lançou outro feitiço, dessa vez abarcando todo o campo de proteções. Procurou qualquer falha, por menor que fosse, para tirar vantagem. Infelizmente, não encontrou nenhuma.

Além dos dragões azuis, poucas criaturas vivas entendiam a complexidade das proteções do Nexus como Jaina Proudmore. Ciente da matriz geral, Jaina procurou os pontos-chave. Ela não o fez procurando fraquezas, mas alterações. Entendendo o que havia sido mudado, a arquimaga poderia ver como ajustar a magia à sua vontade.

Mas o que Jaina descobriu ao localizar os pontos não foi o que esperava. Kalec não fizera as alterações. A mesma assinatura de energia que ela percebera no artefato, agora, permeava a matriz de defesa do Nexus.

A princípio, a arquimaga ficou chocada. Então, teve uma ideia. Recriou o símbolo invertido que usara nos livros e o incorporou à sonda seguinte em busca das proteções-chave.

Houve resistência, mas o símbolo finalmente se impôs às proteções alteradas. Ao fazê-lo, a influência do artefato na área sumiu.

Encorajada, Jaina sondou mais profundamente...

A alteração se refez, rejeitando a magia dela no processo. A força com a qual a reversão foi feita atingiu a mente de Jaina com força.

Suspirando, a arquimaga caiu de joelhos. Sua cabeça latejava. Porém, a frustração inicial rapidamente se transformou em curiosidade. O que ela sentiu não foi um propósito pessoal por parte do artefato. Ele simplesmente restaurara a área que havia sido rompida. Não houve malícia ou ataque intencional contra a arquimaga. Depois que a área retornou ao estado inicial, o artefato cessou os esforços.

De pé, Jaina deu um sorriso. Ela tinha uma ideia melhor do que estava enfrentando. O próximo passo era conhecer os limites... e saber se os limites estavam além dos dela.

Com Kalec no pensamento, a arquimaga recriou o símbolo. Ela fez um segundo, um terceiro e assim por diante, até dezenas de imagens espelhadas do símbolo flutuarem sobre ela.

— Vamos ver o que acontece agora — murmurou Jaina. — Vamos ver o que acontece quando é preciso reajustar *tudo*.

Ela mandou o exército de símbolos brilhantes pelo ar. Eles flutuaram juntos por um instante e se espalharam, circulando a área do Nexus e as proteções invisíveis. Ao chegarem na posição intencionada por Jaina, a arquimaga os fez parar logo em frente às proteções. Aguçando os sentidos, ela olhou uma última vez para a organização das proteções e enviou um símbolo na direção de cada uma.

Quando os símbolos tocaram as proteções, o Nexus explodiu em um clarão de energia branca e púrpura.

Os cinco protodracos pousaram em um conjunto de cordilheiras íngremes em um pico solitário. Todos estavam extremamente cansados, e se Galakrond tivesse escolhido aquele momento para atacá-los, Malygos sabia que ele e seus amigos seriam presas fáceis. Kalec, sentindo o cansaço e mau humor de Malygos, pensou o mesmo.

Por vários minutos os cinco ficaram apenas parados onde pousaram, presos nos próprios pensamentos, todos claramente pensando a mesma coisa. A devastação causada por Galakrond estava começando a ser compreendida, assim como o fato de que eles pareciam ser os únicos restantes capazes de enfrentá-lo. Cada vez mais, a imensidão da tarefa se tornava aparente.

O vento uivava na montanha, mas repentinamente Malygos ouviu outro som misturado a ele. Inquieto, o macho azul ouviu atento, mas percebeu somente o vento.

O hospedeiro de Kalec percebeu que Ysera também estava ouvindo. Ela não olhou na direção de Malygos, mas a leste, onde duas montanhas pareciam curvar-se uma na direção da outra.

Novamente, o breve som foi ouvido. Dessa vez, Malygos reconheceu o chiado pesaroso de um protodrato.

Ysera voou na direção do som. Os outros notaram o movimento dela, mas evidentemente não ouviram o som. Malygos seguiu imediatamente, com o resto atrás.

Ysera mergulhou entre as montanhas. Malygos se esforçou para acompanhá-la, impressionado pelo fato da fêmea mais fraca ter mais força do que ele.

A fêmea amarelada entrou em uma área sombria que lembrava Kalec e seu hospedeiro da região de onde haviam fugido. Visões dos corpos animados surgiram na mente de ambos.

A irmã de Alexstrasza sumiu nas sombras. Malygos desacelerou brevemente e entrou também.

Assim que ele o fez, outro protodrato surgiu à frente. Apesar das sombras, ficou claro para Malygos que se tratava de uma criatura viva, não de um morto-vivo.

Os dois colidiram, mas não porque o outro protodracó, um macho jovem, quisesse brigar. O suposto oponente de Malygos gritou com medo enquanto tentava se libertar.

Um terceiro protodracó, Alexstrasza, se juntou por trás de Malygos. A irmã de Ysera ajudou Malygos a segurar o jovem contra uma parede.

Ao fazê-lo, Ysera juntou-se a eles.

— Não... ele só estava assustado. Larguem-no.

O macho capturado olhava freneticamente de Malygos para Ysera e de volta. Ele soltou um chiado baixo. Só então Malygos percebeu que ele era um protodracó inferior, um daqueles que ainda não havia adquirido inteligência.

De trás de Ysera, surgiram mais chiados. Malygos viu várias criaturas se movendo nos fundos.

Neltharion e Nozdormu pousaram perto deles. No mesmo instante, Alexstrasza largou o protodracó capturado. Malygos fez o mesmo.

O jovem macho imediatamente se escondeu atrás de Ysera. Ele sumiu entre as outras formas sombrias, que ficaram mais agitadas.

— O que é isso? — murmurou Neltharion.

Ysera foi na direção das sombras. Malygos e os outros finalmente a seguiram.

As formas agitadas acabaram revelando-se um bando de protodracos maltrapilhos, que incluíam em sua maioria protodracos inferiores, mas também havia alguns obviamente mais inteligentes. O que quer que fossem, eles estavam muito tensos.

Dentre eles, Malygos viu dois que reconheceu da investida fracassada. Eles pareciam ainda mais desganhados do que os protodracos e, de algum modo, mais ansiosos. Olhando os mais inteligentes, Malygos chegou à conclusão de que todos eram provavelmente da investida.

— Galakrond está vindo! Galakrond está vindo! — gritou uma fêmea prateada, de repente. Os sobreviventes reunidos ficaram ainda mais agitados.

— Não há Galakrond! — rugiu Neltharion impaciente. — Não há Galakrond! Quietos!

Eles se aquietaram, mas por um medo mais imediato do macho cinza-escuro. O estouro de Neltharion também chocou Ysera. Ela se colocou entre aqueles miseráveis e Neltharion.

— Você fique quieto! Quietos!

Assustado, Neltharion fechou a boca e recuou. Ysera, com os olhos mais abertos, virou-se para os protodracos que tremiam de medo.

— Está tudo bem — continuou ela em um tom mais calmo. — Não há Galakrond... está tudo bem...

Os ouvintes ficaram menos inquietos, mas não se acalmaram completamente. Kalec, observando tudo, não podia culpá-los. Aqueles que foram parte do ataque de Talonixa viveriam com o terror da carnificina pelo resto da vida... que possivelmente não seria muito longa, se algo não mudasse.

— Tantos mortos — murmurou Ysera. — Tantos mortos...

Alexstrasza parou ao lado dela.

— Irmã...

— Galakrond! Nós precisamos...

O mundo de Kalec virou de cabeça para baixo. A visão mudou para a escuridão tão repentinamente que assustou o dragão azul de uma forma que nenhuma das mudanças anteriores conseguira. Ele sentiu como se sua mente estivesse sendo puxada em mil direções diferentes.

O que a princípio parecia a batida rápida de seu próprio coração logo se tornou um som contínuo que se originava de fora de seus ouvidos. Percebendo isso, Kalec também entendeu que, de alguma forma, estava de volta ao próprio corpo. Por que ele não havia voltado para o presente completamente, não sabia dizer. Kalec tentou se mover, mas ainda era como se estivesse em parte no jovem Malygos. Kalec não sentia as pernas e braços, nem qualquer parte do próprio corpo. Porém, ouvia a pulsação, o que significava que tinha ouvidos.

Então, um vulto indistinto chamou sua atenção. Kalec ficou grato por descobrir que ainda tinha olhos. Tentou identificá-lo, mas só pôde perceber que o vulto estava sobre ele.

A pulsação aumentou, causando um grande sofrimento novamente. Ele queria fechar os olhos e colocar as mãos sobre os ouvidos.

E como se tivesse conseguido fazê-lo, a batida ficou abafada e distante. Quando a intensidade sumiu, Kalec sentiu o mundo lentamente tentando tomar forma ao seu redor.

Com isso, percebeu a figura que estava por cima dele.

Ela estava usando um manto com capuz parecido com o que Tyr usava.

Kalec tentou falar, mas as palavras não saíram. Frustrado, usou toda a força de vontade para fazer algum tipo de som.

Seus ouvidos ressoaram com o grito de um dragão, o grito dele próprio, apesar do fato de ter acordado em sua forma humanoide. Kalec cerrou os dentes e ficou satisfeito não só por ter conseguido mexer a boca, mas também por ter se feito ouvir.

Detalhes começaram a se formar na visão: uma forma que poderia ser Tyr, detalhes que Kalec reconheceu como sendo o interior do Nexus e, entre eles, naturalmente, estava o artefato. O fato de estar tão próximo não o surpreendia. Estava aliviado por descobrir que o

artefato não o havia arremessado para longe, mas se perguntou por que ainda ouvia aquela pulsação. Não havia motivo para o Nexus ter um som como esse. Algumas defesas emitiam avisos mágicos, mas esse não era um deles.

Ao pensar nisso, Kalec repentinamente percebeu que a forma vaga não estava mais sobre ele. O dragão olhou os arredores vazios e tentou se forçar a ficar de pé. Ao fazê-lo, sentiu a influência do artefato se estendendo por todas as defesas mágicas, como se desejasse alterar tudo novamente.

Não... Quando ele se concentrou melhor, percebeu que havia uma diferença no fluxo de poder do artefato. Não estava simplesmente tentando alterar as coisas. Estava tentando corrigir as mudanças abruptas causadas às proteções *pelo lado de fora*.

Mas quem teria a audácia de...

— Jaina? — sussurrou, tanto esperando que fosse ela quanto rezando para que não fosse. Ela não poderia ter nenhuma ideia do que estava acontecendo lá dentro, ou era o que Kalec achava, e ainda que soubesse de alguma coisa, Jaina se arriscaria sem necessidade. Ela não poderia fazer nada por Kalec.

Temendo mais pela vida dela do que pela própria sanidade fragmentada, Kalec caminhou trôpego para diante. Ouviu um ruído sinistro ecoando pelo Nexus, que retumbou em seu coração.

Galakrond.

Era impossível que o protodracó estivesse ali. Kalec sabia disso com certeza. Ainda assim, ele ouviu o rugido distinto de Galakrond, mais perto do que nunca.

Uma sombra passou sobre Kalec, uma sombra vasta que serviu para confirmar que o que ouvira era, de fato, verdade. Porém, ao tentar olhar para a fonte da sombra, não viu nenhum sinal.

O Nexus tremeu, mas o tremor não teve nada a ver com as sombras do passado. O que quer que estivesse afetando as proteções de fora havia criado uma ameaça ao local maior do que Kalec esperava. Mais e mais ele acreditava que Jaina havia vindo encontrá-lo. Mais e mais, temia pelo que o artefato poderia fazer a ela.

Kalec caminhou lentamente na direção da relíquia maldita. Outra sombra a cobriu, uma menor.

A forma vaga ficou por trás do artefato, com o olhar encoberto fixado em Kalec.

— O que você quer de *mim*? — gritou ele. — O quê?

Um rosnado cavernoso à direita fez Kalec se virar rapidamente. No canto da visão, pensou ter avistado um dos protodracos mortos-vivos, mas quando Kalec procurou o

monstro, tinha sumido como Galakrond.

E quando Kalec se virou de volta, a figura encapuzada havia sumido também.

Com fúria crescente, o antigo Aspecto foi em direção ao artefato. Ao redor, a pulsação ficou mais forte, ensurdecadora. Isso fez com que se lembrasse de Jaina, o que o impulsionou ainda mais na direção da relíquia. Ainda que fosse só por ela, precisava encontrar uma maneira de impedir...

Precisamos impedi-lo aqui e agora. Se demorarmos, temo que o mundo não resista.

A voz de Tyr. Kalec já a conhecia muito bem nesse ponto. Ele queria xingar o guardião, mas as palavras não vieram à sua boca.

O rugido de Galakrond encheu seus ouvidos novamente. Como antes, a sombra enorme cobriu-o e também a câmara.

Eu já observei tempo demais. Acho que já descobri dois pontos fracos que podem ser explorados.

— Eu não... — Kalec não conseguiu terminar. Nem conseguiu alcançar a maldita relíquia. Caiu de joelhos e, ainda tentando alcançar o artefato octogonal, desmaiou.

Mas em vez de cair, Kalec acordou no que reconhecia ser a mesma região onde Malygos, Ysera e os outros encontraram os sobreviventes da investida. As preocupações com Jaina e o Nexus sumiram, apesar dos esforços do dragão azul. A mente dele e do jovem Malygos se fundiram novamente.

E através de seu hospedeiro, Kalec entendeu instantaneamente que eles não tinham encontrado o grupo maltrapilho por acaso. Tyr os enviara naquela direção exatamente porque sabia que descobririam um dos bandos que se escondia da gula terrível de Galakrond. Se não fosse esse, seria outro.

E agora, Tyr estava entre os cinco, com um traço de cansaço na voz, mas um cansaço misturado com confiança. Aparentemente, não havia contado como fugira de Galakrond. Em vez disso, parecia estar organizando Malygos e os outros para outra tentativa louca de derrotar o protodracó horrendo.

O que era pior para Kalec era que os protodracos estavam dando ouvidos, especialmente Ysera.

— Onde? Onde está ele agora? — perguntou ela.

— Nas colinas gélidas sobre a cordilheira norte.

Kalec considerou a descrição ridiculamente vaga, mas seu hospedeiro e o resto assentiram como se soubessem bem qual era o lugar.

Ysera se aproximou de Tyr.

— Vamos agora?

— O que Galakrond está fazendo agora? — questionou Nozdormu. — O quê?

— Ele está dormindo — respondeu Tyr, solene. — Ele está dormindo profundamente. Essa é a hora de atacá-lo. Na verdade, nós nunca teremos uma chance melhor.

Nenhum dos protodracos, nem mesmo Malygos, pareceu perceber a pontada de hesitação no fim da declaração de Tyr. Kalec se perguntou se isso significava alguma coisa ou se Tyr estava apenas exausto pelo esforço.

— Há um rio perto daqui — prosseguiu o guardião. — Está cheio de peixes. Vão até lá e comam bastante. Depois, nós iremos para o norte, até Galakrond.

Alexstrasza apontou os sobreviventes encolhidos.

— E quanto a eles?

— Eles não vão ajudar em nada.

Neltharion rugiu, concordando. Olhou Malygos, que assentiu. O hospedeiro de Kalec não tinha outro plano e confiava na inteligência de Tyr. Ele os levaria à vitória.

Neltharion abriu as asas, mas antes que pudesse decolar, Tyr abriu a capa e, para frustração de Kalec, pegou o artefato. Ele o segurou diante do macho cinzento. Como antes, o brilho assustou Neltharion. Depois, Tyr empunhou a relíquia perto de Nozdormu, que simplesmente aguardou o fim do brilho.

— Vamos *agora*? — perguntou Ysera, mais impaciente.

— Sim. O rio primeiro. Eu os encontrarei depois.

Quando Tyr terminou de falar, sumiu diante deles. Mas dessa vez, Malygos não reagiu.

Kalec reagiu, mas ninguém viu, obviamente. E ninguém viu também ao que ele reagiu. Kalec podia estar errado sobre a hesitação anterior, mas não estava errado sobre o olhar preocupado que Tyr dera antes de desaparecer.

E Kalec tinha certeza que qualquer que fosse o motivo do olhar, significava perigo não só para Malygos e seus amigos como para todo o mundo.

5

CAÇANDO O CAÇADOR



Enquanto Malygos se alimentava, Kalec permanecia flutuando nos próprios pensamentos, que finalmente estavam de volta no tempo do dragão azul... e em Jaina. Ele sabia que seu corpo estava caído no Nexus e mais do que nunca acreditava que ela era a única responsável pela interferência das proteções que estavam afetadas pelo artefato.

Jaina! chamou ele silenciosamente, esperando que ela talvez o visse. *Jaina!*

Não houve resposta. Na verdade, Kalec não esperava uma. Não havia nada a ser feito por ela, exceto rezar para que de alguma forma ele pudesse encontrar um modo de sair das visões, antes que elas consumissem sua mente.

Kalec também não conseguia compreender por que a visão não mudava deste momento mundano para um mais significativo. Ficou ao mesmo tempo grato e preocupado quando Malygos e os outros quatro terminaram de se alimentar e olharam o céu, como se ouvissem algo. No instante seguinte, o hospedeiro de Kalec subiu ao ar e voou para o norte, seguindo os companheiros. Kalec ainda não entendia o que havia alertado Malygos e os outros e não podia distinguir nada nos pensamentos do macho azul, exceto a necessidade de ir atrás de Galakrond *imediatamente*.

A área ao redor ficou mais fria quando eles se aproximaram do local que Tyr indicara como local de repouso do leviatã. Vendo o cenário de uma altura tão grande, Kalec finalmente reconheceu alguns pontos de seu próprio tempo. Eles haviam adentrado na parte mais desolada da região norte do mundo jovem. Não era nada perto de onde Kalec sabia

que o esqueleto de Galakrond ficava, e isso era um mau sinal.

Com Malygos à frente, os cinco desceram. Kalec não viu nenhum motivo para a manobra, a não ser que fosse por medo de serem vistos por Galakrond. Então, uma forma familiar se materializou no topo de uma cordilheira.

Os protodracos pousaram próximos a Tyr, que parecia tão pequeno quanto no momento em que Malygos o conhecera. Porém, mais do que nunca, Kalec e seu hospedeiro sentiam que o que estavam vendo era apenas uma pequena fração do verdadeiro Tyr. Kalec lembrou-se do breve vislumbre do martelo enorme e se perguntou qual seria a extensão total do poder de Tyr. Todo o poder dele certamente seria necessário se os seis quisessem ter alguma esperança de derrotar Galakrond.

— Ele ainda está adormecido — anunciou Tyr, com uma voz que chegava aos cinco, apesar do vento e da distância. — Precisamos atacar rapidamente.

Novamente, havia um traço na maneira de falar que deixou Kalec com a suspeita de que os protodracos ainda não sabiam tudo. Malygos percebeu também, mas não revelou nada aos outros. Ainda assim, Kalec estava aliviado por seu hospedeiro estar preocupado.

— Agora — prosseguiu Tyr, com um semblante ainda mais preocupado —, isso é o que eu...

Nesse momento, a visão mudou. Aqui, onde o assunto mais interessava a Kalec, o artefato o traía de uma nova maneira. Agora, ele se via voando sobre outra região vazia, certamente a apenas alguns momentos de confrontar o inimigo monstruoso.

O céu nublado combinou-se com o sol poente para criar uma penumbra sobre a área inóspita. Porém, de um vale diretamente a nordeste, via-se um brilho branco fraco, como se outro sol ou uma das luas estivesse aninhado ali.

O fato de Malygos inclinar-se naquela direção não surpreendeu Kalec. As suspeitas do dragão azul de que Tyr estava escondendo algo se concretizaram.

No canto do olho de Malygos, Kalec viu os outros quatro se espalharem. Qualquer plano que Tyr tivesse explicado aos protodracos permanecia ambíguo. Havia algo sobre ataques sucessivos ao verem um sinal e depois, a ação de Tyr. A imprecisão enfurecia Kalec.

A visão mudou novamente... ou não. Houve uma breve escuridão. Então, tudo estava como se nada tivesse ocorrido e nenhum tempo tivesse passado. Kalec, ainda tentando digerir o que tinha se passado, também notou que as coisas ficavam desfocadas. A definição retornou logo depois, mas a lembrança do que havia ocorrido continuava na cabeça do dragão azul.

Isso está errado... Kalec podia apenas deduzir que algo havia ocorrido com o artefato.

Achou que devia ser culpa dos esforços de Jaina para entrar no Nexus. Se não fosse isso, então a degeneração devia ter se espalhado pela relíquia por outros meios.

Qualquer que fosse o caso, se continuasse assim, ela ameaçava dominar a mente de Kalec.

A visão perdeu definição novamente e se corrigiu. O brilho mórbido aumentava conforme Malygos se aproximava.

Então, Kalec e seu hospedeiro viram Galakrond.

Maior... ele está ficando ainda maior. O dragão azul não conseguia acreditar no tamanho do protodraco malévolo. Galakrond havia dobrado de tamanho. Ele preenchia grande parte da área abaixo.

Os pensamentos de Malygos passaram a desconfiar de Tyr momentaneamente. Isso era certamente o que ele havia escondido deles. Fazia sentido. Tyr devia acreditar que seus heróis teriam fugido ao combate se soubessem que o adversário estava ainda mais perigoso que antes.

Mas apesar dos pensamentos de Malygos terem se focado no crescimento de Galakrond, o dragão azul estudou o brilho que ele emanava. Havia um risco maior do que o crescimento do beemote. Galakrond estava passando por outra transformação. Se ela se completasse, Kalec temia que a criatura traiçoeira se tornaria indestrutível.

Se tivesse sido ele a escolher, Kalec teria feito Malygos recuar até identificar melhor que tipo de mutação estava ocorrendo. Mas Malygos, sem dúvida agindo conforme o plano de Tyr, apesar da desconfiança, mergulhou na direção de Galakrond e se preparou para atacar a cabeça do protodraco gigante.

A respiração de Galakrond era baixa e ritmada. Ele estava dormindo profundamente, provavelmente por causa da transformação. Todos os olhos extras que Malygos conseguia ver estavam fechados. Vários membros extras no corpo estavam pendurados como se estivessem mortos. Kalec entendeu por que Tyr recomendara que atacassem enquanto Galakrond parecia tão indefeso, mas ele duvidou que fosse tão simples.

Simples ou não, Malygos decidiu atacar naquele instante.

O gelo atingiu a pálpebra do olho ferido. Malygos cuspiu com uma fúria que Kalec não havia visto até o momento. A pálpebra se dobrou e Kalec não podia imaginar como isso não teria ferido Galakrond.

O leviatã deformado rugiu ao acordar. As asas se abriram, destruindo montanhas dos dois lados. A cauda balançou para frente e para trás, deixando um rastro de devastação.

— Pequeeeeeenooooo inseeetooooo!!! — Galakrond falou como se o tempo tivesse

desacelerado para ele. Ainda assim, ele se moveu com uma agilidade incrível, levantando a cabeça na tentativa de morder Malygos... e quase conseguiu — Maaaaaldiiiiito inseeetoooo!

Decolando, Galakrond perseguiu o hospedeiro de Kalec. A boca enorme tentou pegar o macho azul-gelo novamente...

Neltharion pousou em seu focinho, atingindo-o com as patas traseiras com tanta força que, por maior que fosse, Galakrond não conseguiu impedir a própria boca de se fechar.

Alexstrasza e Nozdormu atacaram os dois olhos verdadeiros, forçando o gigante a fechá-los novamente.

Ysera... Onde está Ysera? pensou Malygos. Somente nesse momento Kalec entendeu que a fêmea amarelada deveria ser a próxima a atacar.

Uma sombra se impôs sobre Galakrond. Uma sombra que não poderia ser da pequena Ysera.

E uma sombra que, ao se virar, revelou que não poderia ser formada por uma criatura de quatro patas, muito menos um protodráco.

Uma força tremenda atingiu a mandíbula de Galakrond, fazendo com que a cabeça do monstro fosse jogada para o lado. A força veio de um martelo enorme, como viu Kalec, sem surpresa.

Tyr, o verdadeiro, se revelara diante dos protodracos e de Kalec, e foi diretamente para a batalha.

Kalec não conseguia julgar exatamente a altura de Tyr, mas o guerreiro parecia alcançar pelo menos a altura do ombro de Galakrond. Porém, essa foi a menor das revelações. Ao entrar na batalha, Tyr se libertara do manto que o ocultava e revelara seu verdadeiro eu. Uma túnica carmesim cruzava do lado direito da cintura até o ombro esquerdo, deixando exposto um torso musculoso que não combinava com o uso de magia anterior de Tyr. Ele podia ser um mago, mas o guardião não era o tipo que evitava embates corpo a corpo.

Tyr não usava armadura além de suas caneleiras e parecia despreocupado ao investir assim contra um inimigo com escamas. Um elo de diamantes estava enrolado em seu braço direito, acima do cotovelo, e em suas costas havia um manto da mesma cor da túnica, presa ao pescoço por um colar pontiagudo. O manto parecia se mover sozinho, como um membro extra, conforme Tyr se preparava para atacar novamente.

Mas quando Tyr golpeou com o martelo, Kalec esqueceu brevemente a luta ao ver o objeto ainda preso na cintura do guardião. A mera presença do artefato parecia zombar da presença do dragão azul invisível. Ele reluzia, apesar da falta de luz, e Kalec podia jurar que estava consciente de cada momento crítico.

Então, Tyr acertou Galakrond. Dessa vez, atingiu o outro lado da mandíbula enorme do protodracô. Galakrond caiu para trás, chocando-se com uma montanha e criando um terremoto na vizinhança.

— Agora! — gritou Tyr.

Neltharion pousou na montanha contra a qual Galakrond se chocara. O macho cinzento pisoteou o pico, gerando uma onda de choque muito mais forte até do que a colisão do leviatã. Um desmoronamento imenso cobriu o protodracô monstruoso.

Enquanto as pedras cobriam Galakrond, Tyr levantou o martelo. Porém, em vez de atingir o adversário, o guerreiro gigante acertou o chão à frente.

Atingido por outro tremor, o beemote deformado se debateu. Galakrond tentou usar as asas enormes para se levantar, mas o novo tremor o fez escorregar novamente.

Quando Neltharion havia acabado de se retirar, Alexstrasza reapareceu. Chamas foram lançadas perigosamente perto dos olhos verdadeiros de Galakrond, fazendo-o fechá-los instintivamente.

Kalec esperava que os outros olhos compensassem, mas viu que a chuva de pedras também os havia forçado a fechar. Tyr fez com que Malygos e seus companheiros trabalhassem em um ataque muito coordenado contra Galakrond. A fera não teve sequer um segundo para respirar.

Porém, mesmo que a vitória parecesse estar indo na direção dos defensores, uma coisa continuava preocupando o dragão azul. O brilho não sumiu nem um pouco. Na verdade, ele havia se intensificado desde o início do ataque.

Malygos se juntou ao ataque. Kalec mal teve tempo de compreender o que estava acontecendo antes de seu hospedeiro cuspir na boca aberta de Galakrond. O gelo deixou Galakrond boquiaberto. Mas quando Malygos recuou, Kalec percebeu algo que seu hospedeiro não havia percebido. O poder que irradiava ao redor do protodracô gigante estava se intensificando.

Galakrond se expandiu.

O crescimento repentino fez com que Malygos tivesse que fugir ainda mais rápido. Neltharion, que estava mergulhando novamente, desviou rapidamente.

Com um rugido imenso, Galakrond se equilibrou novamente.

O martelo de Tyr atingiu a mandíbula da fera... e ricocheteou sem causar efeito nenhum. Todos os olhos do protodracô deformado agora brilhavam furiosamente.

As vastas asas bateram uma vez. Afunilado pelo terreno sinuoso, o vento criado arremessou os protodracos menores e Tyr para todos os lados.

Com outra batida, as asas levantaram a criatura incrivelmente imensa sobre o chão. Quando isso aconteceu, ficou claro que Galakrond havia crescido e ficado ainda mais deformado. A cabeça dele estava mais alongada e estreita, e o focinho tinha o dobro do comprimento proporcional que teria o de um protodracos normal. Seus dentes afiados eram sinistramente curvados, ao ponto de ficarem para fora quando ele fechava a boca.

E além de mais apêndices terem crescido por todo o corpo de Galakrond, a pele dele parecia mais grossa, com aparência ressecada, quase como se ele tivesse se tornado um morto-vivo como tantas de suas vítimas. Porém, uma única olhada na fome que emanava de todos os olhos de Galakrond bastava para ver que ele estava vivo... e que vivia para um único propósito.

Ele não deu atenção a Tyr, buscando o mais próximo dos protodracos menores. E esse era Malygos. Ao mergulhar na direção da presa, Galakrond cuspiu.

Por mais que tentasse, Malygos não conseguiu escapar da nuvem tóxica. Ela o cobriu, sufocando instantaneamente as forças e a vontade dele. Kalec sentiu a mente de seu hospedeiro ficando desnorreada, apesar da tentativa de Malygos de combater o efeito. O dragão azul lutou para fazer algo, sabendo de antemão que seus esforços não valeriam de nada.

Galakrond sobrevoava Malygos. Para seu próprio crédito, o protodracos menor continuava forçando as asas a baterem, ganhando alguns segundos, mas sem escapatória.

Uma rajada cinzenta colidiu com a garganta de Galakrond. Neltharion chegara para ajudar o amigo. O protodracos ousado atingiu com as patas de trás o couro grosso da criatura.

Apesar de Neltharion ter claramente atingido com pelo menos a mesma força que antes, o efeito da colisão foi consideravelmente menor. Porém, foi o suficiente para virar a cabeça de Galakrond da direção de Malygos no momento em que o beemote tentou abocanhar o macho azul.

Assim que atingiu o alvo, Neltharion fugiu. Kalec ficou assustado ao ver que o outro protodracos não tentou alcançar Malygos. Então, dois pares de patas seguraram o hospedeiro do dragão azul e o puxaram da névoa sinistra.

Quando o ar fresco encheu os pulmões de Malygos, o protodracos olhou para cima. Alexstrasza e Nozdormu, suspirando com tanto alívio quanto o hospedeiro de Kalec, seguraram Malygos até ele se recuperar. Só então Kalec entendeu que eles e Neltharion haviam prendido a respiração pelo tempo que puderam enquanto tentavam resgatar o companheiro. Ao atacar Galakrond, Neltharion gastara a maior parte do ar que havia guardado e por isso não pudera ajudar Malygos.

— Ysera! — gritou Alexstrasza abruptamente, largando os dois machos. Nozdormu soltou um rugido furioso ao ver o destino da disparada de Alexstrasza, que ia para perto de Galakrond.

E lá, Ysera sobrevoava o leviatã, determinada. Ele a olhava como Kalec, como se fosse completamente louca. Porém, no caso de Galakrond, a curiosidade tomou conta e ele deu um pequeno sorriso ao se aproximar.

— Você é tão pequena — atroou ele. — Talvez eu deixe você crescer um pouco mais, até ficar mais forte...

— Eu sou forte! — rugiu Ysera. — Você não!

A resposta incrível dela fez o gigante gargalhar.

Ysera mergulhou em direção à boca aberta, mas Alexstrasza agarrou a cauda dela com as patas e puxou com toda a força. Ysera foi arrastada, quase sendo engolida quando Galakrond fechou a boca instintivamente.

Ele gargalhou novamente de Ysera e suas tentativas de se libertar das garras da irmã.

O martelo de Tyr silenciou a risada com uma pancada tão forte que até Galakrond em sua forma atual não conseguiu resistir. O protodracô enorme rodopiou com a pancada poderosa, com vários pedaços de escama se soltando do local da ferida. O guardião, que havia saltado a uma altura incrível para alcançar o alvo, agarrou os ombros de Galakrond e puxou o adversário deformado para o chão.

Mesmo nesse momento, Tyr não parou de atacar. Ao soltar o monstro, desferiu uma pancada do martelo com o punho, atingindo a parte inferior da mandíbula de Galakrond.

A cabeçorra do protodracô foi levantada com a força do golpe. Tyr se jogou contra o corpo exposto da criatura, descendo com o martelo na garganta desprotegida.

Galakrond bloqueou o golpe com uma pata. O movimento pegou Tyr desprevenido e por um bom motivo. Se fosse um protodracô normal, a pata frontal teria sido curta demais para defender o golpe. Mas a forma distorcida da criatura lhe dera uma vantagem. Kalec viu ali algumas semelhanças com dragões de verdade.

Porém, assim como Tyr e Malygos, Kalec não lembrava ter visto membros tão longos instantes antes. Através do hospedeiro, Kalec observou o monstro e viu a forma de Galakrond se alterar levemente. A cauda se esticou e as asas ficaram mais aerodinâmicas.

Mesmo em meio a uma batalha furiosa, as forças dentro de Galakrond continuavam transformando-o.

A cauda deu uma volta e circulou a perna esquerda de Tyr. Ele atacou com o martelo, mas a cauda se retraiu.

Galakrond tentou soprar no guardião.

Mas Tyr parecia estar pronto para o ataque no mesmo instante. Ele enfiou o punho na garganta de Galakrond.

Tossindo, o protodracó cambaleou para trás. Simultaneamente, Malygos e seus companheiros voaram para ajudar Tyr.

Galakrond decolou novamente. Tyr agarrou uma das asas, pendurando-se enquanto a fera subia mais rápido do que os protodracos menores. Ele usou o martelo novamente, acertando uma pancada na lateral da cabeça de Galakrond.

O martelo foi defletido com tanta força que Tyr não conseguiu continuar segurando a arma. Galakrond, completamente inabalável e brilhando ainda mais, girou no ar. As asas enormes fizeram com que Nozdormu e Neltharion recuassem para não serem atingidos. Tyr, tentando recuperar a arma antes que saísse do alcance, quase largou Galakrond.

Vendo que Tyr não conseguiria alcançar o martelo a tempo, Malygos correu para pegá-lo. Ao fazer isso, outro objeto voador chamou a atenção de Kalec.

O artefato, que de alguma forma se soltara de Tyr, estava voando pelo ar.

Tyr, agarrado à asa, obviamente também reparou na perda. Com o martelo fora de alcance, o guardião tentou não perder a relíquia também. As mãos dele se fecharam no objeto, no momento exato em que tanto o objeto quanto o membro do guardião ficaram ao alcance dos dentes de Galakrond.

O grito de Tyr ecoou pela região. A outra mão largou a asa e ele caiu.

Esquecendo o martelo, Malygos mergulhou para pegar Tyr. Ele agarrou o guardião pelos ombros, gemendo ao perceber o quão pesado Tyr era. A descida do guardião desacelerou, mas não parou.

Foi Ysera que impediu que Tyr escorregasse. Gemendo com esforço, a pequena fêmea se mostrou forte o suficiente para permitir que Malygos guiasse os três até uma cordilheira. Alexstrasza seguiu de perto.

Tanto Kalec quanto seu hospedeiro esperavam que Galakrond fosse estar logo atrás deles, mas em vez disso, o monstro estava circulando no ar, brilhando sinistramente. Ele parecia ainda estar crescendo.

Não havia nenhum sinal de Nozdormu e Neltharion. Malygos observou Tyr, que fora o guia dos protodracos na tentativa de destruir Galakrond. A mão de Tyr fora completamente arrancada e muito sangue escorria não só do ferimento como do restante do corpo dele.

Galakrond rugiu novamente, com um tom trovejante cheio de desdém pelas criaturas minúsculas que tentavam dar fim a sua ascensão gloriosa. Malygos olhava de Tyr,

severamente ferido, para a fera colossal. Seus pensamentos desesperançosos sobre o destino iminente dele e de seu mundo tocaram a mente de Kalec.

Kalec sabia que Azeroth sobreviveria, mas observar Galakrond encher o céu com sua presença terrível fez o dragão azul duvidar do futuro do qual ele não se sentia mais parte. Mais do que isso, com a vida de Tyr se esvaindo e o artefato perdido para o apetite insaciável do beemote, Kalec não via futuro para si. Ele e Malygos morreriam com o resto dos protodracos.

E como se fosse para confirmar a certeza sobre o destino terrível, Galakrond continuava a crescer e mudar...

PARTE V

1

RUMO AO NEXUS



O suor corria pelo rosto de Jaina enquanto ela se concentrava no feitiço. O Nexus pulsava, as proteções exteriores agora eram vistas até pelos não magos — não que houvesse algum por perto. A arquimaga sentiu uma resistência tentando repelir seus feitiços, mas manteve-se firme o melhor que pôde.

E então... toda a oposição ao ímpeto de Jaina desapareceu. As proteções voltaram ao seu estado original. O Nexus não brilhava mais.

Sem hesitar, Jaina se teletransportou para dentro.

Para sua surpresa, a câmara para a qual se teleportou parecia intocada pelos feitiços que lançara do lado de fora. Assimilando o fato, a arquimaga usou seus poderes para buscar qualquer ameaça que pudesse estar no recinto. Depois de não encontrar nada, Jaina foi ao local onde lembrava de Kalec ter estado por último.

Ele não estava ali. Jaina sentiu pânico, mas ao olhar por sobre o ombro, vislumbrou o corpo imóvel de Kalec caído do outro lado da câmara. Ela pensou que ele parecia ter rastejado até lá.

Antes mesmo de Jaina terminar o pensamento, o braço esquerdo de Kalec se moveu. Os dedos arranharam o chão, e para o desespero ainda maior da arquimaga, viu que os dedos terminavam nas garras de um dragão. De fato, ao se aproximar de Kalec, a maga percebeu outras feições distorcidas.

Ao chegar perto de Kalec, Jaina quase escorregou. O chão ao redor dele estava úmido

com seu suor. E além de seu estado alterado, ele também parecia mais magro.

Com fúria crescente ela voltou sua atenção para a relíquia. Pulsava lentamente, mal irradiando qualquer emanção mágica, e para os olhos treinados de Jaina, parecia inofensiva.

Seus feitiços de proteção pessoal se fortaleceram e Jaina verificou o objeto. Por um lado, a arquimaga conseguia apreciar os elementos de sua criação, mas por outro lado, o desprezava pelo que estava fazendo a Kalec. Com esse último sentimento firmemente enraizado em seu coração e mente, Jaina formou o símbolo invertido e o enviou pelo ar até o artefato.

Porém, ao ser tocada pelo feitiço, a relíquia brilhou. Sua energia passou pelo vínculo que Jaina precisava manter com o símbolo e atingiu a arquimaga antes que ela pudesse dissipar o feitiço.

O mundo de Jaina ficou de cabeça para baixo. O que se seguiu foi a escuridão total, e, então, um murmúrio de vozes com um leve tom reptiliano. Isso deu lugar a uma variedade de imagens, incluindo criaturas que Jaina reconhecia como protodracos. No meio disso tudo, Jaina percebeu que *ela própria* era um protodraco — e um que ela conhecia, embora com uma forma bastante alterada.

Alexstrasza? Sou parte de Alexstrasza?

Era uma Alexstrasza bem jovem, uma Alexstrasza que Jaina nunca soube que existira. Através dos olhos de Alexstrasza, viu os protodracos que mal reconhecia, mas que não teria reconhecido especificamente se não fosse por seu anfitrião. Viu também Ysera (uma Ysera surpreendentemente pequena), Nozdormu, Neltharion — *Neltharion!* — e Malygos.

Cada uma das cenas durou um mero segundo, e parecia que muitas estavam fora de ordem. A maioria não fazia sentido algum, e algumas causaram pavor. A arquimaga viu protodracos horríveis apodrecendo, que eram obviamente mortos-vivos. Viu os corpos destruídos de outros. O mais assustador para Jaina era a realidade monstruosa de Galakrond e ela sentiu o desalento de Alexstrasza como se fosse o seu próprio.

Era demais. Jaina quase desmaiou devido à tensão. No último momento imaginou o símbolo invertido e tentou contrapô-lo a cada imagem que a confrontava.

Com um suspiro, a arquimaga se viu cambaleando para longe do artefato. Se não fossem seus feitiços de proteção, Jaina teria caído e provavelmente fraturado a cabeça no chão. Do jeito que estava, precisou se escorar em uma parede rapidamente e se recuperar por alguns minutos, enquanto lidava com a vertigem remanescente.

Com as vozes ainda ecoando em sua cabeça, Jaina olhou da relíquia para Kalec. Podia ter alguma noção do que ele estava passando, mas suspeitava que sua experiência fora

apenas uma fração da situação em que o dragão azul se encontrava.

Quando Jaina se recuperou foi até Kalec. Gentilmente, virou o rosto de Kalec para o dela. De perto, a condição dele era pior do que imaginara. Isso a fez pensar no que havia sido dito sobre a aparência das vítimas mais graves do Pesadelo Esmeralda, quando milhares tombaram ante o Senhor do Pesadelo e o mestre dele. Eles jaziam impotentes, incapazes de acordar de seu sono atormentado até que suas mentes começaram a definhar.

Jaina deu de ombros. Fora uma daquelas vítimas — uma das primeiras, na verdade — mas até agora não conhecia a extensão total de sua condição. Aquilo, por sua vez, apenas aumentava seu temor por Kalec.

Ele balbuciou alguma coisa. Jaina se inclinou para perto dele.

Os olhos dele se arregalaram — olhos de dragão, não os que tinha quando estava naquela forma. A arquimaga recuou, surpresa.

Um sopro gélido a cobriu.

Se não tivesse se protegido, era bem provável que morresse naquela hora. Mesmo com todos os seus feitiços, a arquimaga chegou a sentir o frio intenso. Mas aquela não era a arma de sopro que Kalec usava. Em vez disso, pela visão fragmentada que tivera, Jaina percebeu que o dragão azul agira como se fosse o jovem Malygos.

Kalec se acalmou de novo. Jaina tocou em seu rosto com cuidado, e então em sua garganta. Não sabia quais visões ele tinha no momento, mas seu coração estava disparado.

Lançando um feitiço, a arquimaga procurou o elo entre o artefato e Kalec, mas não encontrou nada. Ela estava certa de que conseguiria encontrar uma conexão e tomar medidas para cortá-la.

Ela se concentrou novamente no artefato. Movendo-se com cautela, Jaina inspecionou todos os lados visíveis. Mas não viu nem detectou nada de novo. Entretanto, quando começou a prestar atenção à aura que o cercava, a arquimaga notou algo sobre as pulsações.

Jaina voltou-se rapidamente para Kalec e sentiu seu pulso. Dessa vez, no entanto, a lançadora de feitiços olhou ao mesmo tempo para a relíquia.

As pulsações da aura equivaliam aos batimentos do coração de Kalec. O artefato se sintonizara com a vida dele... ou talvez tivesse sintonizado o dragão com seu feitiço.

Qualquer que fosse o caso, Jaina Proudmore tinha um plano. Ela acreditava que poderia finalmente libertar Kalec da influência do artefato.

Havia apenas uma falha em seu plano, uma falha que fez Jaina hesitar em colocá-lo em ação mesmo quando Kalec recomeçou a balbuciar. Sim, talvez conseguisse libertá-lo, mas também era bem provável que a tentativa terminasse com a morte do dragão.

Kalec começou a arranhar o chão. As garras cavaram sulcos na superfície áspera.

Com os dentes cerrados, a arquimaga viu que não tinha escolha. Ela começou a lançar o feitiço.

E a rezar...

Malygos tirou os olhos do inchado Galakrond e se concentrou em Tyr. Enquanto Tyr estivera ali, o aliado dos protodracos encolhera para quase o mesmo tamanho que tinha quando Malygos o vira pela primeira vez. Uma ideia desesperada passou pela cabeça do dragão e até Kalec achou a ideia extrema demais. Mas o dragão concordava com o hospedeiro que não havia outro jeito.

Como fizera com a própria perna ferida, Malygos soprou no membro arruinado de Tyr.

O toco congelou e o sangramento parou. Tyr gemeu, mas pareceu se acalmar.

— Precisamos levá-lo para longe daqui — declarou Ysera ao se aproximar.

— Para onde? — A região encoberta em que os sobreviventes se esconderam parecia ser a conclusão mais lógica, mas se Galakrond seguisse o cheiro do sangue de Tyr, Malygos acabaria traindo os refugiados. Ele não poderia fazer isso, e pelo que percebia de Tyr, duvidava de que o bípede gostaria de que tal sacrifício fosse feito por ele.

— Devemos levá-lo para longe daqui — repetiu a fêmea amarelada. Dando de ombros, ela acrescentou: — Vamos encontrar algum lugar! Longe de Galakrond.

O hospedeiro de Kalec olhou o oponente monstruoso. Naquele instante, Galakrond parecia perdido em sua transformação, mas era impossível saber se aquele estupor duraria mais alguns segundos ou se continuaria por mais tempo. O fato de o leviatã continuar pairando no ar enquanto aquilo acontecia fazia Malygos acreditar que não tinham muito tempo.

Sem esperar Ysera ajudá-lo, Malygos pegou Tyr pelos ombros e subiu aos céus. Puro instinto o levou para a região mais desolada em que pôde pensar além daquela em que já estavam. Ele só esperava que fosse desolada o suficiente e que a condição de Galakrond fornecesse o tempo de que precisavam.

Olhando sobre os ombros, Malygos avistou uma protodracos voar atrás dele. Não era Ysera, mas sim Alexstrasza. Com as patas traseiras, ela segurava as pernas de Tyr. Com o peso melhor distribuído, o macho azul-gelo e ela conseguiram manter um bom ritmo. Eles batiam as asas ao mesmo tempo, e a coordenação aumentava a velocidade.

Quando ousou olhar para trás novamente, Malygos ficou aliviado e apreensivo ao mesmo tempo. Aliviado por ver que Ysera os seguia, e também Neltharion e Nozdormu mais

ao longe. Apreensivo porque Galakrond tinha aumentado de tamanho de novo e mudado de forma. O corpo dele estava mais volumoso e espinhos serrilhados saíam da parte superior de seu torso. E, apesar de continuar pairando, ele parecia se agitar.

Alexstrasza também olhou para Galakrond e sugeriu para Malygos:

— Voe mais rápido. Mais baixo. Galakrond não nos verá tão cedo.

O macho azul concordou...

E a visão mudou.

A paisagem árida e fria surpreendeu Kalec, que por um momento pensou estar de volta em sua época. Os montes altos, as planícies desoladas mais ao longe... ele conhecia esse lugar.

Eles estavam na região que seria conhecida como o Ermo das Serpes.

Malygos e Alexstrasza ainda seguravam Tyr, mas estavam descendo agora. Eles tomaram uma decisão, mas não estava claro na mente de Malygos o porquê de escolherem esse lugar em particular. Kalec presumiu que haviam simplesmente escolhido um lugar que Galakrond não descobriria tão facilmente.

Com muito cuidado, a dupla depositou Tyr no chão gelado e então pousou ao lado dele. Malygos olhou em volta como se esperasse alguma coisa, mas nem ele parecia saber o que procurava. Alexstrasza olhou para ele, assim como os outros três fizeram ao pousarem.

— Aqui? — grunhiu Neltharion afinal. — Não é bom para caçar. Os ruminantes estão longe daqui. Há bons esconderijos nas montanhas, mas aqui é muito aberto.

— Aqui — replicou o macho azul-gelo com uma certeza que Kalec não conseguia perceber na mente do hospedeiro. Malygos simplesmente sabia que deveria vir até esse lugar.

Nozdormu pareceu satisfeito com a resposta vaga, mas então perguntou:

— E agora?

Malygos olhou para o sul, para as planícies áridas que cobriam a maior parte do Ermo das Serpes.

— Para lá.

Ele se moveu, mas Ysera bloqueou o caminho. Com uma expressão surpresa, ela apontou com o focinho e perguntou:

— E Tyr?

O hospedeiro de Kalec olhou para trás. Tanto ele quanto o dragão azul esqueceram da presença do guardião. Malygos não deu muita atenção a isso e Kalec se preocupou com o lapso de memória do protodracô. Fora muito repentino.

Flutuando acima do chão, Malygos apanhou Tyr gentilmente. Pelo que Kalec podia ver,

Tyr não parecia estar pior do que antes, mas era impossível saber se isso era uma coisa boa ou ruim. Ele apenas sabia que os protodracos teriam que cuidar melhor do guardião em breve.

Mas como? O dragão azul se perguntava. Se ele pudesse decidir, teria pensado em algum feitiço para preservar o corpo de Tyr até que encontrassem algum método de cura, mas os protodracos não tinham nenhuma habilidade para fazer isso.

Magia... Agora, Kalec sentiu como se *ele* tivesse esquecido de algo vital e que tinha a ver com sua própria existência.

Algo a ver com... o *Nexus*?

Malygos escolheu aquele instante para descer de novo. Concentrando-se na paisagem abaixo, Kalec não viu nada além de mais chão congelado. Então, um ponto mais escuro chamou-lhe a atenção. Quando Malygos se aproximou, Kalec percebeu que se tratava de um lago congelado. O dragão azul não conseguia se lembrar do lago na sua época, mas sabia que a memória dele estava mais falha do que pensara a princípio.

Pousando à beira do lago, Malygos colocou Tyr no chão de novo, dessa vez deitado de costas. Kalec estudou o corpo imóvel. A respiração dele estava devagar, mas regular e o toco ainda estava protegido pelo gelo que Malygos soprara anteriormente. O protodraco soprou cuidadosamente na ferida de novo, fortalecendo a proteção. Ainda assim, o hospedeiro de Kalec começou a duvidar mais uma vez da sobrevivência de Tyr, e o dragão azul partilhava dessa dúvida.

Apesar disso, Malygos abandonou Tyr no lago gelado. Neltharion e os outros se juntaram a ele, parecendo estranhamente sem fôlego ao pousarem.

— Muito rápido! — Neltharion finalmente conseguir dizer depois de respirar fundo. — Malygos voou rápido demais!

— Você deveria ter esperado por nós — repreendeu-o Alexstrasza. — Eu vi um não vivente voando ali. — Ela indicou o oeste. — Talvez haja outros por perto... Se eles nos virem, Galakrond também nos verá...

Malygos não viu nada naquela direção e não parecia inclinado a se preocupar com as palavras de Alexstrasza. De qualquer forma, ele ainda não era o Malygos que Kalec viera a conhecer.

Malygos continuou na direção do lago. Ao olhar as profundezas, ele e Kalec viram um leve movimento na água. Kalec entendia que o hospedeiro estava com fome, mas Malygos parecia obcecado em se alimentar.

Na verdade, o dragão insistia para que os outros se juntassem a ele.

— Venham! Devemos comer! Precisamos ficar fortes!

Neltharion obedeceu sem hesitação: seu apetite sempre fora o maior dos cinco. Nozdormu hesitou, mas acabou concordando. Ysera seguiu os três em silêncio.

Somente Alexstrasza não se moveu.

— E Tyr?

— Ele está dormindo — respondeu. — Deixe-o quieto.

A resposta não foi dita com frieza, mas com pragmatismo. Alexstrasza considerou a sugestão, e então finalmente se juntou aos quatro. Kalec preferiria que alguém ficasse para tomar conta de Tyr, mas os cinco protodracos estavam ansiosos para se alimentar.

O gelo aguentou o peso de Malygos e do resto do grupo. Nozdormu arranhou o gelo, mas, apesar das garras afiadas, não conseguiu muita coisa. Neltharion pareceu pronto para pular em cima da superfície congelada — o que estilhaçaria o gelo em dois tempos, incluindo o lugar onde os cinco estavam — mas Alexstrasza rapidamente silvou e balançou a cabeça para ele.

Enquanto os outros a observavam, ela escolheu um lugar um pouco mais no centro do lago e então soprou com cuidado. A flama concentrada derreteu um buraco no gelo duro até que a água borbulhou até o topo. Ela aumentou o buraco até que a largura ficou satisfatória.

Apesar de ter feito a abertura, ela deixou Neltharion se alimentar primeiro. Ele se inclinou sobre a fenda e enfiou a cabeça na água.

O macho cinzento recuou com um peixe grande na boca. Grunhindo de satisfação, deu um passo atrás.

Alexstrasza foi a próxima, demorando um pouco mais até avistar sua presa.

Finalmente, era a vez de Malygos. Mal se inclinara quando outro peixe gordo nadou por perto. Ele o físgou rapidamente.

Quando o dragão azul-gelo se afastou, Ysera se aproximou do buraco. Malygos voltou para a beira do lago, com o peixe ainda balançando nas mandíbulas. Ao sair do gelo, o protodraco inspecionou a paisagem gélida. Não havia sinal de Galakrond ou de algum não vivente. Malygos concentrou a atenção no peixe, abocanhando-o com tanto gosto que Kalec desejou ter fechado os olhos para não testemunhar aquilo.

Tentando se concentrar em outra coisa, Kalec voltou os pensamentos para Tyr. Não era nenhuma surpresa para ele que os outros protodracos tivessem abandonado o guardião para se alimentar, mas eles precisavam encontrar ajuda para Tyr o quanto antes. O dragão azul se perguntava onde estavam os outros guardiões. Não pressentiram a situação urgente de Tyr? Kalec achava que eles deveriam ter algum tipo de elo com os outros, algo que...

Um silvo entrecortado soou à direita de Malygos. Kalec e o hospedeiro reconheceram o som odioso.

Os dois protodracos emaciados pegaram o grupo de surpresa. E eles nem tiveram tempo para pensar como conseguiram — um dos mortos-vivos avançou para Malygos, com os dentes amarelados gotejando um fluido verde fétido que certamente causaria dano se encostasse no protodraco vivo.

Girando, Malygos moveu a cauda como um chicote e pegou a perna do não vivente. O dragão azul recuou enquanto seja lá o que passasse pelo cérebro do monstro ainda registrava o ataque.

O protodraco cadavérico caiu de lado. No entanto, a cauda de Malygos ficou enganchada no demônio, deixando o hospedeiro de Kalec vulnerável ao segundo não vivente.

Mais uma coluna de areia dura golpeou a criatura, que voou para longe. Ao pousar, uma pluma de chamas a cobria. A carne seca incendiou.

Apesar disso, o não vivente em chamas se levantou. Assim como o primeiro.

Libertando a cauda, Malygos girou-a na direção oposta. Dessa vez, golpeou o primeiro cadáver na direção do lago.

Embora não tivesse feito isso com qualquer outra intenção além de jogar o inimigo para longe, o não vivente aterrisou esparramado na frente de Ysera. Agindo rapidamente, a fêmea menor usou a cauda para ajudar o monstro a continuar deslizando pelo gelo — mas numa direção em particular.

O cadáver caiu dentro do buraco no meio do gelo. Ele agarrou as beiradas, tentando se segurar.

Com um tapinha da pata traseira, Neltharion fez o gelo balançar. Foi o suficiente para desestabilizar o não vivente.

O protodraco enrugado desapareceu no lago. Através de Malygos, Kalec vislumbrou a coisa flutuando para longe antes de afundar nas profundezas gélidas.

O outro não vivente, inteiramente alheio ao fogo que devastava seu corpo, avançou para cima de Alexstrasza. Antes de ela ter tempo de soprar, Nozdormu lançou outra coluna de areia.

A coluna atingiu-o em cheio. Combinada com o dano já causado pelas chamas, a areia despedaçou a criatura, espalhando fragmentos crepitantes por toda a área. Alguns continuaram a se mover por vários minutos depois de caírem, e então pararam aos poucos.

Saindo do gelo, Malygos encarou o lago congelado. Após alguns segundos, avistou o

primeiro não vivente. A criatura movia-se para a superfície mais uma vez, procurando uma saída.

Indo até o buraco, o hospedeiro de Kalec soprou dentro da abertura. Com um mínimo de esforço, congelou a água já em processo de congelamento. O protodracó se voltou. Mesmo que o não vivente alcançasse o buraco, não encontraria mais nenhuma saída.

Malygos se juntou aos outros. Neltharion estava esfaqueando mais ainda os vários pedaços do cadáver queimado para garantir que nada se movesse novamente ali. Nozdormu recomeçou a comer o peixe e Alexstrasza olhava as montanhas distantes, com uma expressão pensativa. Apenas Ysera prestou atenção em Malygos.

O macho azul observou os restos da criatura. Alguma coisa o incomodava, mas o protodracó não sabia exatamente o quê. Kalec lembrou-se de que sentira a mesma preocupação de estar se esquecendo de algo importante poucos momentos antes.

Malygos olhou para cima. Ele voou para o lugar onde deixara Tyr.

O corpo sumira. Somente algumas manchas de sangue delineavam a forma do corpo de Tyr.

Saltando sobre os outros, Malygos procurou por ele em todas as direções. Mas não havia sinal, nenhum rastro.

— Sumiu — murmurou Ysera para ele. — Sumiu.

— Para onde? Como?

Ela deu de ombros.

Os outros finalmente notaram a situação. Eles se reuniram numa busca rápida, com Neltharion sobrevoando o lago congelado. Mas foi inútil.

— Perdido. Tyr está perdido — rosnou Malygos, com mais raiva dele mesmo que de qualquer outro. Ele se considerava o protetor de Tyr.

Mas enquanto os protodracos continuaram o que obviamente consideravam uma busca infrutífera pelo guardião perdido, Kalec, que só podia refletir, finalmente percebeu o que o incomodava. Quando Malygos voltou para a beira do lago, com o peixe na boca, seu olhar passara pelo local onde Tyr fora colocado.

O problema, Kalec percebia agora, era que Tyr *já* havia desaparecido naquele momento.

Alguma coisa levara o guardião... e Kalec achava que com outro propósito além de comê-lo...

2

SOB O OLHAR DE GALAKROND



— E agora? — perguntou Neltharion. — E agora?

Malygos ponderou longamente, considerando uma série de opções com uma clareza que impressionou Kalec.

Contudo, foi Alexstrasza quem respondeu primeiro, expondo com firmeza o que Malygos também havia concluído:

— Nós devemos lutar.

Não houve protestos ou recusas. Malygos e Kalec ficaram satisfeitos com a rapidez com que os outros concordaram com a sugestão dela, e Kalec começou a lembrar da função de liderança que Alexstrasza assumira como uma dos cinco Grandes Aspectos. Seu hospedeiro também parecia aliviado por parte da responsabilidade dos riscos que correriam ter sido assumida por outrem. Até mesmo Ysera não argumentou a decisão, mas a julgar por sua expressão, ela parecia ter dúvidas sobre alguma coisa. Kalec imaginou que tivesse a ver com sua própria força. Apesar de estar resoluto, parecia não ter se recuperado tanto quanto seus companheiros, mesmo depois da refeição.

O hospedeiro de Kalec notou aquilo por alto, mas não disse nada. Entretanto, os outros aguardavam a decisão de Malygos sobre seu destino. Seus pensamentos ainda eram importantes para eles, pois ele fora o primeiro contato escolhido por Tyr. Malygos ficara muito contente em recorrer a Tyr quando o ser estranho aparecera. Tyr parecia tão inteligente, tão confiante, e apesar de parecer menor, irradiava um poder muito superior ao

de qualquer protodracô.

Mas Tyr não estava em lugar algum e não havia sinal do que o teria levado ou em que direção poderiam ter ido. A conclusão mais lógica para uma criatura como um protodracô era que a fera que levava o corpo estaria se alimentando de Tyr nesse momento.

E isso deixava a luta contra Galakrond reservada aos cinco. Com Malygos obviamente sendo visto pelos outros como um dos planejadores mais inteligentes do grupo.

Kalec entendeu tudo o que se passava na mente do macho azul-gelo, mas fez considerações adicionais. Mais do que nunca, tinha certeza de que algo com um propósito mais inteligente tinha levado Tyr. No entanto, isso não servia de nada para ele e os outros protodracôs...

Neltharion silvou uma advertência. Os cinco se agacharam imediatamente.

Perto das montanhas, três figuras voavam lentamente para noroeste. Havia algo em seus movimentos que não mostrava a fluidez com que os protodracôs planavam pelos céus. Apesar de serem velozes, voavam com movimentos um tanto hesitantes, vacilantes.

— Não vivos — sussurrou Nozdormu.

As três formas sumiram por entre os picos. Malygos soltou um silvo. Ele notara algo que nem mesmo Kalec percebera.

— Voo inteligente. Não são como os outros. Rastreamento bom demais. Não vivos não pensam. Eles comem. Só comem.

Neltharion parecia intrigado, mas os outros três entenderam o que Malygos queria dizer. Kalec também. Os cadáveres animados agiram com inteligência, algo que não deveriam possuir.

— Galakrond é o mestre deles — Alexstrasza deixou escapar. — Eles caçam o que ele caça.

— E nós somos a caça — Malygos terminou o pensamento. — É como você disse antes. Os não vivos... se eles nos virem, Galakrond também verá.

Provavelmente não era tão simples assim, mas Kalec também tinha certeza de que, se os mortos-vivos os encontrassem, Galakrond saberia. Era evidente que o gigante *tinha* controle sobre suas vítimas emaciadas. De fato, era surpreendente que Galakrond ainda não tivesse aparecido, mesmo depois de duas das criaturas terem acabado de lutar contra os defensores.

Estudando o terreno novamente, Malygos se concentrou nas montanhas.

— Nós vamos para lá.

Os olhares dos outros seguiram a direção que seu focinho indicara. Os mortos-vivos haviam ultrapassado aquela região há apenas um minuto.

— Eles estão procurando lá. — Alexstrasza lembrou Malygos.

Ele balançou a cabeça.

— Não... eles *já* procuraram lá.

Havia lógica no pensamento de Malygos, mas não o suficiente para que Kalec tivesse concordado de imediato com tal plano. No entanto, os companheiros de Malygos eram um pouco mais dóceis, concordando e seguindo o dragão azul-gelo quando ele levantou voo. Kalec ficou contente em ver que Malygos ao menos se mantinha próximo ao solo, uma escolha feita para impedir que os protodracos fossem vistos facilmente.

Eles chegaram às montanhas rapidamente, mas não rápido o suficiente para Malygos e Kalec. O hospedeiro de Kalec deslizou entre os picos afiados, buscando abrigo onde possível e buscando mortos-vivos que pudessem ter feito o mesmo na direção de Galakrond.

Vire aqui.

Malygos se virou instintivamente antes mesmo que ele e Kalec se perguntassem quem ou o que havia dado a ordem. Não fora uma voz direcionada aos ouvidos, mas à mente deles.

Confuso, o protodraco foi para cima. Neltharion quase colidiu com ele. Os cinco pairavam enquanto Malygos girava em busca da origem da voz.

Mas em vez disso, ele encontrou Galakrond.

Sua sombra cobria a passagem estreita na qual eles voavam. Os protodracos menores imediatamente se separaram, indo na direção de qualquer beiral ou outra cobertura que pudessem encontrar. Nenhum deles pretendia abandonar os outros, mas sabiam que sua única chance era se espalharem. Não havia proteção suficiente em direção alguma para todos os cinco.

A sombra se espalhava por todos os cantos. Ainda assim, não era nada comparada ao vislumbre da imensa forma de Galakrond pairando sobre a área. O enorme protodraco continuava passando no alto, de tão grande que havia se tornado.

Malygos esperou que Galakrond passasse completamente e viu quando o leviatã disforme parou. Uma de suas patas traseiras, grande o suficiente para agarrar pelo menos três deles de uma vez, veio derrubando um dos picos e causou um deslizamento de terra. Toneladas de pedras rolaram na direção em que Malygos sabia que Alexstrasza e Nozdormu haviam se escondido.

A chuva de pedras letal avançava. Não havia sido a intenção do leviatã: Galakrond estava simplesmente pesado demais. Outro deslizamento de terra começou um pouco mais distante onde, sem dúvida, sua outra pata havia batido.

Com movimentos um tanto pesados, Galakrond mudou de posição. Isso resultou em colapsos adicionais, mas nada que os ameaçasse tanto quanto o anterior. Uma pequena pata frontal — pequena em comparação às patas traseiras — pôde ser vista. Galakrond estava voltando, provavelmente para vasculhar a região em que eles se escondiam.

Para piorar, mesmo sem voltar a cabeça para trás, Galakrond já havia inspecionado as redondezas com os olhos extras indo de um ponto a outro. Malygos se apertou mais forte contra as rochas, certo de que havia sido visto. Mas Galakrond não voltou e enfiou a cabeça entre as rochas para devorá-lo. Em vez disso, o gigante selvagem mudou de posição até que sua pata dianteira ficou visível, e então seguiu em frente.

Os novos deslizamentos causados por essa ação eram uma pequena ameaça comparados não somente à primeira ação, mas ao que teria acontecido se Galakrond tivesse visto algum deles. Quando a enorme cauda do protodracó finalmente desapareceu atrás de um dos picos, Malygos suspirou com o alívio que ele e Kalec sentiram.

As montanhas ao redor deles tremeram.

Um instante depois, a cabeça de Galakrond passou sobre a área. Ele não olhou na direção de Malygos, mas estava olhando para baixo próximo de onde ele lembrava de Ysera ter ido. O macho azul não podia vê-la, mas tinha certeza de que as sombras que Galakrond encarava mais atentamente eram as que escondiam a irmã de Alexstrasza.

O gigante disforme silvou. Um indício da névoa suja que ele soprara mais cedo saiu de suas enormes mandíbulas. Felizmente, era apenas um resíduo de seu sopro e não um ataque concentrado. Ainda assim, Galakrond continuou tentando enxergar o que havia nas sombras abaixo. Ele não brilhava mais, o que foi um ponto a favor dos protodracos menores, já que o brilho teria sido suficiente para iluminar a maior parte, se não a totalidade, da região sombreada.

De repente, Galakrond começou a tossir. Em segundos, a tosse se tornou tão intensa que Malygos pensou que eles estariam salvos se Galakrond simplesmente sucumbisse com o que o afligia. Mas não foi o que aconteceu, pois após alguns momentos violentos, a tosse parou.

Durante o ocorrido, Malygos notou mudanças repentinas em Galakrond. Alguns dos membros e olhos extras se encolheram e alguns murcharam até se tornarem pouco mais que carne manchada. Mesmo depois de o acesso terminar, eles não voltaram à forma anterior.

Kalec teve medo que seu hospedeiro não tivesse percebido o que ele notara, mas logo descobriria que havia subestimado Malygos. Suprimindo um silvo, Malygos guardou a informação enquanto esperava que Galakrond partisse.

Após varrer a área abaixo mais uma vez, Galakrond finalmente seguiu em frente. Contudo, Malygos não se mexeu por vários minutos depois disso e também não viu nenhum dos outros mudar de posição. Após um inesperado retorno, nenhum dos cinco queria correr o risco de Galakrond voltar.

Finalmente se arriscando, Malygos desceu de seu esconderijo na direção de onde vira Alexstrasza desaparecer. Os vestígios do deslizamento naquele lugar o preocuparam bastante a princípio. No entanto, quando Malygos se aproximou, ela colocou o focinho para fora das sombras e cheirou o ar antes de sair completamente.

— E os outros? — preocupou-se Alexstrasza, com certeza temendo mais por sua irmã.

Malygos apenas deu de ombros. Eles foram para onde Nozdormu fora visto e onde ainda mais pedras soterravam a área. Ao contrário de Alexstrasza, Nozdormu encontrava-se empoleirado nos escombros aguardando seus camaradas.

— Machucados? — perguntou aos dois. Quando eles balançaram as cabeças, Nozdormu esticou as asas. A esquerda se movia bem mais devagar que a direita. — Dor... Mas somente dor.

Apesar de Nozdormu parecer calmo, Kalec percebeu que Malygos e Alexstrasza estavam preocupados. Um ferimento leve ainda poderia atrasar Nozdormu em um momento crítico.

Mesmo com toda sua preocupação com Nozdormu, Alexstrasza quis saber de alguém mais querido para ela.

— Ysera?

— Aqui. — A fêmea amarelada apareceu bem atrás da irmã. — Estou bem. — Para Kalec, Ysera pareceu um pouco contrariada, como se não quisesse que sua irmã ficasse tão preocupada com ela, apesar da situação perigosa em que se encontravam.

Eles aguardaram um momento antes que Malygos perguntasse o que provavelmente passava pela mente de cada um deles.

— Neltharion?

Nenhum dos outros tinha notícias. Malygos silvou. Levantando voo, foi até o lugar onde o dragão cinza esteve por último... apenas para recuar bruscamente com o que encontrara.

O local que Neltharion escolhera fora atingido por muito mais destroços do que os outros lugares. Só de olhar, Malygos não conseguia ter nenhuma esperança de sobrevivência. Kalec compartilhava de sua dúvida, apesar de conseguir lembrar que Neltharion *deveria* sobreviver — para se tornar Asa da Morte, no final.

Então um som tênue atraiu Malygos. Ao mesmo tempo, Alexstrasza e os outros pousaram perto do hospedeiro de Kalec. Eles também ouviram o som.

Subindo nas pedras, Malygos descobriu que o beiral que o macho cinza escolhera para se esconder se estendia mais além do que ele pensava. Apesar de isso lhe dar esperanças, o fato da outra parte do beiral ter desmoronado sob o peso da avalanche o trouxe à realidade. Neltharion poderia ainda estar vivo, mas em que condições?

O som ficou mais alto, dessa vez perto de uma das patas de Malygos. Ele deu um passo atrás, preocupado que seu peso pudesse estar esmagando seu companheiro.

Malygos colocou a cabeça entre os escombros. Ele ouviu algo se movendo e logo depois algo tomando fôlego.

— Aqui! — ele começou a escavar a pilha com as patas. Os outros assumiram posições próximas, com Alexstrasza ajudando a afastar as rochas que Malygos puxava para trás. Nozdormu foi ajudar Malygos com a tarefa, mas Ysera tomou a frente. Ela começou a cavar cuidadosamente. Nozdormu finalmente juntou-se a Alexstrasza na limpeza das pedras revolvidas para que Malygos e Ysera pudessem cavar mais de onde Neltharion estava enterrado.

O espaço abaixo deles estava em completo silêncio. Isso fez com que Malygos cavasse com mais afinco, mas para sua surpresa, Ysera cavava com ainda mais convicção. Ela se movia num ritmo apavorado, e apesar do hospedeiro de Kalec não ter pensado nisso, Kalec entendeu que Ysera deveria estar pensando naqueles que Talonixa enterrara vivos. Ysera não queria que Neltharion sofresse o mesmo destino, mesmo que uma parte de Kalec desejasse que os protodracos simplesmente deixassem ele lá para morrer. Um futuro sem Asa da Morte era algo ao qual as futuras gerações de Azeroth seriam extremamente gratas.

Mas Malygos e os outros trabalharam diligentemente para resgatar aquele que era seu amigo. Ysera silvou e usou suas patas dianteiras mais fracas para tirar uma pedra do lugar. Parte de uma asa foi revelada. Era evidente que as asas de Neltharion haviam se fechado sobre ele, o que deixava claro por que não podia ajudar no próprio resgate. Mas o que o salvou mesmo foi que parte do beiral onde sua cabeça estivera permanecera intacta. Se tivesse desmoronado, o crânio de Neltharion teria sido esmagado como um ovo.

O futuro Asa da Morte tossiu ao tentar respirar o ar puro. A maneira de sua quase morte não passou despercebida por Kalec, que sabia que Neltharion se tornaria, de alguma forma, o Aspecto da Terra. Ainda preso, ele tinha que esperar enquanto Malygos e Ysera liberavam sua asa completamente para que pudesse se mover. Assim que a asa se livrou, Neltharion começou a estendê-la, o que também permitiu que ele usasse uma de suas patas

dianteiras. Apesar de ser mais fraca comparada às patas traseiras, ele foi capaz de afastar mais das pedras que o mantinham preso.

Conforme liberavam Neltharion, suas feridas ficavam mais aparentes. Assim como Nozdormu, ele sobrevivera intacto, mas machucados graves cobriam seu corpo e havia sangue salpicado em vários lugares. Havia alguns rasgos em suas asas, mas um olhar de Malygos revelou que nenhum tão grave que pudesse impedir o macho cinza de voar.

Neltharion tropeçou nas patas. Ele virou o pescoço e olhou para o alto.

— Galakrond?

— Foi embora — respondeu Malygos. — Por enquanto.

— Tão poderoso — Ysera sussurrava ao se aproximar. — Tão poderoso! O que podemos fazer?

A irmã de Ysera não hesitou.

— Lutar... ou morrer.

— Hmmp! Provavelmente morrer — bufou Neltharion, com seu fôlego recuperado. — Mas melhor morrer lutando — imediatamente completou.

— Melhor morrer lutando, é verdade — concordou Malygos, encarando principalmente Alexstrasza. — Mas melhor *viver* depois.

— É melhor, sim — ela repetiu.

Mas como eles fariam isso? Era uma questão assustadora. Primeiro e mais importante, precisavam encontrar um novo lugar para se esconder enquanto decidiam como combater o que parecia invencível.

Siga pelo cume.

Apesar de o pensamento ter entrado na mente de Malygos com tanta sutileza que ele nem percebeu que não era dele mesmo, Kalec sabia que o pensamento viera de outro lugar. Não sabia identificar a fonte. Não parecia ser Tyr, que teria se identificado certamente. E se era algum outro guardião, por que ele não diria? Curiosamente, isso lembrou Kalec de algo, que acabou lhe escapando.

Na verdade, tinha que admitir que não importava. Kalec não assumira nenhuma função nesta visão interminável e era somente um observador aprisionado. Estar ali era a única existência que conhecia... ou pelo menos que se lembrava no momento.

Mas eu tenho outra vida! Insistiu Kalec para si mesmo. *O... Nexus... e... e...*

Havia um nome que o dragão azul queria — não, *precisava* — lembrar. Não era o dele. Ele já o havia lembrado há um tempo. Um nome feminino. Um que Kalec deveria conhecer bem — e um que fora parte de seus pensamentos frequentemente antes dessas visões

assumirem o controle.

Essa compreensão agitou algumas das memórias esquecidas. *Ja... Jalya? Jay... Jaina? Jaina!*

Suas últimas lembranças voltaram como um golpe. Jaina possivelmente estava tentando entrar no Nexus, e se estava, corria grande perigo.

Tenho que salvá-la! Tenho que...

A visão desapareceu abruptamente. A escuridão contra a qual Kalec tantas vezes lutara agora o envolvia, e ele a recebia de bom grado. Se ao menos ela o levasse de volta ao Nexus...

Algo rígido encontrava-se sobre ele, ou então estava sobre uma superfície rígida. Apesar de não poder ver, Kalec presumiu que era o chão da câmara e isso encorajou-o. Tentou reunir forças o suficiente para mover alguma parte do corpo.

Ka...

Ele conhecia essa voz, mas perguntava-se novamente a quem ela pertencia. *Jaina. Era Jaina. Ele já tinha esquecido. Como pode ser? Como posso continuar esquecendo?*

O artefato. Kalec agora percebia que também esquecera da relíquia amaldiçoada!

Kalec?

A voz de Jaina tornou-se clara, porém mais fraca. Ela repetiu seu nome, mas dessa vez mal podia ouvi-la.

Desesperado, Kalec tentou alcançá-la. Para sua surpresa, sentiu suas unhas — garras? — arranharem o chão. Isso causou arrepios em seu sistema nervoso, mas ele aceitou o desconforto pela ligeira sensação de realidade que sentiu. Kalec concentrou-se nisso e em Jaina, tentando criar uma ligação mais forte ao combinar ambos.

Kalec! Escute!

Sua voz ficou mais forte. Ao mesmo tempo, o dragão azul tentou arrancar o chão uma segunda vez. As sensações começaram a voltar ao seu corpo. Sentiu o sangue fluir por seus membros e torso. Algo que soava como respiração — dele mesmo ou de Jaina, não sabia dizer — enchia seus ouvidos.

Jaina! Jaina! Kalec amaldiçoou sua boca, que não funcionava. Ele precisava avisá-la que podia ouvi-la.

Um rugido distante abafou a voz de Jaina enquanto ela ainda chamava seu nome.

O rugido estremeceu Kalec, não somente por ter sido repentino, mas porque sabia que não era o rugido de um dragão, mas sim de um protodracô.

Jaina! Jai... Kalec hesitou. Acertara o nome? E de quem era esse nome, afinal? O de uma fêmea, com certeza, mas as únicas fêmeas que ele conhecia eram Alexstrasza e a irmã

dela, Ysera. Kalec tentara chamar uma das duas?

A escuridão se dissipou... Então ele e Malygos, como sempre havia sido, voaram juntos.

Mas, dessa vez, Kalec sabia que as coisas haviam mudado. Só não sabia dizer como. Ele ainda existia em alguma parte escondida de Malygos, sempre a observar. Kalec não sabia como isso tudo isso começara, apenas sabia que estava e sempre estaria vinculado ao seu hospedeiro protodracos.

E completamente esquecido, pelo menos por ora e talvez para sempre, havia um futuro onde uma voz feminina assustada continuava a chamar seu nome em vão.

Jaina desabou. Seu plano falhara. Tentara ambiciosamente vincular-se à ligação entre o artefato e Kalec harmonizando-se às pulsações, para assim alcançar o dragão inconsciente. Dessa forma, a arquimaga tencionava trazê-lo até ela e, então, de volta à realidade.

Mas o artefato tinha maior controle sobre Kalec. Por alguns instantes, Jaina quase teve sucesso. No entanto, o vínculo que ela forjara fora cortado de súbito. A relíquia havia se adaptado à intrusão de Jaina, assim como fizera com suas tentativas de invadir o Nexus em primeiro lugar.

Ainda assim...

Jaina se levantou enquanto observava Kalec. A respiração dele coincidia perfeitamente com as pulsações do artefato. Seu corpo se contorcera um pouco mais, tornando-o um pouco menos humanoide, mas não tanto um dragão. Havia marcas brilhando nele, especialmente em seu torso, que Jaina não recordava de ter visto em nenhuma das Revoadas, mas ainda eram ligeiramente familiares. Ela *já* as vira antes.

Alguma outra criatura — o que era mesmo?

Jaina Proudmore havia estudado praticamente todas as principais feras durante seu treinamento. Os membros do Kirin Tor tinham que conhecer a flora e fauna de Azeroth por várias razões, muitas relacionadas com sobrevivência. Ela definitivamente já vira aquela...

Um protodracos?

Não parecia ser possível. Jaina sabia que Kalec podia assumir mais de uma forma, mas não fazia ideia de por que ele assumiria a forma de algo semelhante a um dragão, mas nem de longe tão poderoso. Mesmo assim, quando olhou mais de perto, mais características de protodracos ficaram aparentes. Inclusive um dos braços de Kalec estava claramente menor do que deveria ser, o que era mais um indício da similaridade com os protodracos.

Subitamente, Kalec soltou um rugido estrondoso, não muito parecido com o de um dragão. Ao fazê-lo se transformou ainda mais. Seus pés ficaram mais pesados, como as patas

traseiras dos protodracos eram, comparadas às dianteiras.

E, ao mesmo tempo, a pulsação do artefato tornou-se mais forte. A aura da relíquia se intensificou e também envolveu Kalec.

Jaina tentou alcançá-lo, mas só conseguiu chameuscar as pontas dos dedos. Não havia traços de calor na aura anteriormente, mas agora ela queimava como fogo. A transformação de Kalec continuava. Seu corpo escurecia.

A arquimaga se protegeu e tentou chegar a Kalec uma vez mais, mas precisou recuar por causa do calor ainda mais intenso. Ofegando, Jaina percebeu que a respiração de Kalec acelerava ainda mais, sempre em sintonia com as pulsações do artefato.

Isso não pode continuar! Não pode! Jaina entendeu rapidamente que chegaria um ponto em que o corpo de Kalec não aguentaria as transformações insanas. Ele era uma criatura mágica, mas ainda tinha limitações mortais.

Kalec, apesar de ser um dragão, queimaria completamente, e Jaina não fazia ideia de como salvá-lo.

3

CINCO CONTRA O IMPOSSÍVEL



Malygos e Kalec seguiram pelo cume como a voz na cabeça do protodracos sugerira, mas se esperavam algo impressionante ou surpreendente no final, ambos se decepcionaram. Em vez disso, as montanhas se abriram em um vale em forma de taça que, por algum motivo, incomodava Kalec. Malygos via o lugar simplesmente como um destino. Um onde Galakrond talvez não fosse procurá-los ou onde já tivesse procurado e abandonara.

Um rio corria pela área. Os cinco protodracos pousaram para beber. E pensar. Nunca precisaram pensar tanto antes em suas vidas. Olhando os outros, Malygos imaginava se eles se sentiam tão exaustos quanto ele.

Ele piscou. Muito além de onde os cinco estavam, uma rocha se mexeu onde o rio se alargava. Até mesmo protodracos sabem que rochas não se movem, e assim Malygos levantou voo e foi até o objeto.

O hospedeiro de Kalec hesitou no momento em que reconheceu o objeto semissubmerso. Como Malygos suspeitara, era outro cadáver de protodracos. Porém, ao criar coragem para finalmente se aproximar do rio, ele notou algo peculiar.

O marulhar da água atrás de Malygos anunciou a chegada mais entusiasmada de Neltharion. Caminhando até Malygos, o macho cinza examinou o achado.

— Morto. Galakrond. Devemos destruí-lo antes que se levante.

Malygos balançou a cabeça.

— Ele já o fez. Este é um não vivente que morreu de novo.

Os outros protodracos soltaram um bufo de descrença. Ele cutucou o cadáver que, já tendo apodrecido antes da segunda “morte”, agora se desfazia facilmente nas águas.

— Como pode um não vivente ser não vivente de novo se não o destruimos?

Kalec, sempre prestando atenção, também estava intrigado. Seu primeiro pensamento foi que outro protodraco se encarregara do que Neltharion sugerira ou que o morto-vivo tivesse simplesmente desabado por algum motivo. Mas Kalec não via nenhuma evidência da segunda opção e seu hospedeiro também rejeitara essa resposta.

O que os deixava com a questão de *quem* teria destruído aquele inimigo. Outro guardião?

Malygos se aproximou. Seu faro apurado detectou outro cheiro: um que ele presumiu que estivesse lá por um motivo lógico. Então, ao observar os restos mortais apodrecidos, percebeu algo mais sobre o estado deles. Antes, os restos pareciam secos. Agora, mal pareciam se aguentar em um só pedaço. Quando Malygos se aventurou a cutucar o cadáver, a parte que não fora tocada pela água corrente simplesmente desmoronou em cinzas.

Depois disso, o cheiro — ou fedor — que o hospedeiro de Kalec sentira ficou dez vezes mais forte.

A origem do cheiro escapou das presas de Neltharion antes mesmo que os outros protodracos percebessem porque ele dissera o nome.

— Galakrond!

— Não é Galakrond! — exclamou Malygos. Em um tom mais moderado, ele completou: — Não mais.

— Como assim?

Nem mesmo Kalec sabia quais eram os pensamentos de Malygos naquele momento, pois o pouco que conseguira entender deles não fazia sentido. Contudo, Malygos confirmou aqueles pensamentos questionáveis.

— Galakrond esteve aqui. Galakrond... devorou este não vivente.

Neltharion olhou como se Malygos tivesse ficado louco. Os outros três, reunindo-se a eles para ver o que os fascinava tanto, ouviram a declaração de Malygos.

— Galakrond comeu esse... esse não vivente? — perguntou Nozdormu extremamente confuso. — Já comeu ele vivo! Por que comer morto?

— O que restou para comer? — rebateu Alexstrasza, farejando o corpo e franzindo o focinho. — Galakrond, sim. Há pouco tempo. — Os olhos da fêmea se estreitaram. — Malygos tem razão.

— Mas este estava morto! — insistiu Neltharion. — Há tempos! Sem carne! Sem vida!

Realmente, só havia o fedor crescente de podridão. No entanto, Malygos sentiu que havia algo de errado com aquela podridão, como se alguma coisa ligada a ela também tivesse escapado.

— Este viveu. Este morreu — ele começou, buscando organizar as palavras de maneira que todos, inclusive ele mesmo, entendessem inteiramente. — Tornou-se não vivente. Move-se, mas está morto. Está morto, mas se move.

Kalec foi obviamente o primeiro a entender onde Malygos queria chegar. Mesmo tendo sido um Aspecto da Magia, Kalec duvidava que tivesse conseguido chegar àquela que parecia a única conclusão possível antes de seu jovem hospedeiro.

Dos outros quatro protodracos, foi Ysera que compreendeu mais rapidamente.

— Não viventes se movem. Algo os move. Sem sangue. Sem vida. Mas algo.

— Não vida? — Neltharion resmungou. — Eles têm não vida?

Os protodracos não viviam em um mundo repleto de mortos-vivos, como Kalec lembrara que vivia, mas estavam chegando a uma conclusão importante. Os corpos revividos das vítimas de Galakrond não eram exatamente como a maioria dos seres que o dragão azul lembrava de ter enfrentado. O que os animava parecia apenas ser o que Malygos insinuara: uma força que poderia ser um subproduto da absorção da essência vital das criaturas vivas. Era quase uma paródia dessa essência, o que fazia chamá-la de “não vida” ter muito sentido.

Mas ir dali até o fato de Galakrond estar absorvendo *essa* essência era perturbador. *Por quê?* perguntou-se Kalec, certo de que também refletia os pensamentos de Malygos. *Por quê?*

Mais uma vez, foi o hospedeiro de Kalec que descobriu a possível resposta. Malygos levantou a cabeça e olhou para longe. Somente Kalec sabia que ele buscava ouvir algo em especial.

— Sem gritos — disse Malygos. — Sem chamados.

— Todos temem Galakrond — ressaltou Alexstrasza. — Todos fogem ou se escondem... ou morrem.

— Galakrond ainda cresce, ainda muda. Protodracos crescem quando comem bastante. — O dragão azul usou suas asas para indicar as montanhas. — Não há mais nada para Galakrond. Nada grande o bastante. Nada... exceto não viventes.

Mesmo que todos entendessem agora, Kalec viu através de Malygos que ainda assim eles não queriam acreditar nesse fato. Galakrond devorando o que animava os mortos-vivos era para eles como se o gigante tivesse ido muito mais além do canibalismo.

Contudo, o que mais incomodava Kalec era que essa nova e terrível dieta de Galakrond significava que ele continuaria sua metamorfose. Se absorver a essência de suas vítimas

transformara Galakrond naquele monstro disforme, a conclusão era que isso apenas o subverteria ainda mais.

Os cinco protodracos não se entusiasmaram com a possibilidade de que muitos mortos-vivos pudessem ser erradicados pela fome de Galakrond. Eles sabiam que a principal preocupação da existência de Galakrond ainda era encontrar presas vivas. E principalmente eles mesmos.

Isso não deixava nenhuma escolha para Malygos. Mais uma vez tentou impedir que os outros se aventurassem no que parecia uma missão condenada. Malygos olhou os outros quatro.

— Preciso enfrentar Galakrond agora. Sozinho.

— Não — Alexstrasza foi até o centro do grupo. — Nós somos família. Nós lutamos juntos. Sempre.

Ela não quis dizer *família* no sentido de que fossem apenas amigos leais, mas sim como se os cinco compartilhassem a mesma cor e aparência, nascidos do mesmo tipo de ovos. Não existia conexão mais profunda.

— Sim — concordou Neltharion, um pouco indignado com a sugestão de Malygos. — Nós lutamos como família! Nós lutamos juntos!

— Mas não somos uma família — rebateu Ysera. — Nós lutamos diferente. Não igual. — Ela não disse as palavras como se discordasse da irmã, mas em um tom que dizia que tais diferenças ainda eram importantes.

Malygos assentiu, havendo considerado e compreendido o fato como o ponto forte deles. Talvez sua única esperança.

— Nós lutamos diferente — disse ele. — Nós lutamos juntos. Mais. Nós usamos as diferenças. Tyr mostrou algumas, mas Tyr não é protodraco. Não planeja como protodracos. Temos que planejar como protodracos.

Fazia todo sentido para Malygos, apesar de Kalec não estar tão certo disso. Tyr, com todo seu poder, com toda sua óbvia sabedoria, havia liderado os cinco como se eles lutassem como o guardião. Ele usara suas habilidades individuais, é verdade, mas apenas para complementar as suas próprias. Ele lutou contra um protodraco — um enorme protodraco — como se estivesse lutando com um semelhante.

Mas Tyr estava correto em afirmar que suas habilidades individuais trabalhavam em conjunto melhor do que se eles fossem de uma só família realmente. Cinco Malygos não teriam uma chance melhor. Nem mesmo cinco Neltharions.

E Malygos também tinha que admitir que nem todas as combinações de cinco

protodracos diferentes teriam funcionado tão bem quanto quando Tyr os liderou. Ele só poderia imaginar o que um grupo que tivesse alguém como Coros poderia ter feito contra Galakrond.

Ainda não vencemos, lembrou-se Malygos. Muito provavelmente perderemos tudo.

Mas Malygos permaneceu preocupado pelos outros quatro ainda mais do que por si mesmo. Teria que certificar-se que os guiaria da melhor maneira possível, e isso significava usar suas habilidades ao máximo.

Sou apenas um protodragão! O pensamento surgiu na mente de Malygos com tanta intensidade, que Kalec também sentiu o lampejo do medo. No entanto, tudo que Malygos precisou fazer foi olhar Neltharion e os outros — que esperavam por sua palavra — para saber que não havia como recuar de seu papel dominante.

Mas *havia* uma que estava disposta a assumir parte da responsabilidade de Malygos. Ele encarou Alexstrasza.

Ela já parecia entender sua preocupação. Com um breve e solene olhar de relance para Malygos, Alexstrasza se concentrou imediatamente em Neltharion.

— Como os seus lutam? Conte-nos... mostre-nos.

Neltharion mostrou os dentes em um sorriso reptiliano. Ele abriu as asas e começou a mostrar as habilidades de luta de sua família...

A visão mudou, mas enquanto Kalec gostaria de saber mais sobre as habilidades dos outros quatro, não ficou surpreso com a mudança. Na verdade, pela primeira vez, o dragão azul sentiu-se confortável com a mudança. Kalec não viu que isso poderia não ser um bom sinal para ele.

A cena que se abriu não poderia estar acontecendo muito após a anterior. Os cinco continuavam nas montanhas, mas agora estavam empoleirados em um pico tortuoso, observando e aguardando.

Mas os céus mostravam-se vazios; nem sinal de uma criatura tão enorme que dificilmente poderia estar se escondendo. Também não havia sinal dos mortos-vivos, o que preocupava o líder do grupo.

— Onde está Galakrond? — rosnou Malygos. — Onde? — ele esticou as asas de forma inquietante antes de finalmente entender o que deveriam fazer. — Temos que atraí-lo para nós! Temos que nos mostrar para ele!

Ele soltou um rugido que, como esperado, ecoou pelas montanhas. Porém, para seus ouvidos, não pareceu nem um pouco alto o suficiente.

Antes que Malygos pudesse sugerir, Alexstrasza levantou a cabeça e repetiu o chamado.

Os outros três a seguiram no gesto e logo os cinco bradavam como um.

Os ecos de seus rugidos combinados ressoavam crescentes mesmo ao afastarem-se da origem. O som era alto, mais ainda seria impossível de ouvir para a maioria dos protodracos, a não ser que estivessem a menos de duas ou três horas de voo.

Contudo, não havia nada normal a respeito de Galakrond.

Eles ouviram trovões a leste. Trovões com um padrão estranhamente constante.

Não é uma trovoada, deduziu Malygos. Apenas o bater de asas muito, muito grandes.

E quando os cinco foram naquela direção, os céus escureceram.

Um Galakrond ainda mais enorme do que da última vez movia-se pesadamente na direção dos cinco. Ele pigarreava e tossia de vez em quando, e cada vez que o fazia, sua aura dissipava-se um pouco.

Malygos observou aquilo ao subir de onde estava. Ele não pensara em nenhum momento que Galakrond seria uma presa tão fácil, caso sua derrota fosse possível. Ainda assim, qualquer fraqueza deveria ser explorada ao máximo se os protodracos quisessem ter alguma esperança de vencer.

Confiante de que os outros conheciam suas funções, Malygos voou sem hesitação na direção de Galakrond.

O gigante parara de tossir. A aura retornara. Galakrond encarou as figuras insignificantes que se aproximavam e riu. As montanhas tremeram com o som, que poderia facilmente abafar os brados que Malygos e os outros haviam proferido anteriormente.

— Comida — rugiu ele, quase de maneira agradável. — Aí estão vocês.

Os cinco defensores não disseram nada, separando-se ao se aproximar.

— Comida ficando seca, seca... — continuou Galakrond alegremente. — Gosto ruim, mas tanta fome... — os olhos brutais se concentraram em Malygos. — Ssempre tanta fomeeee...

Ele soprou.

Os cinco estavam esperando. Imediatamente subiram mais alto no céu e separaram-se ainda mais. A névoa nociva que Galakrond emanava se espalhava por toda parte, mas ao tentar atingir todos os cinco, o gigante disforme não acertou ninguém. Ysera foi a que mais chegou perto de ser pega na extremidade da névoa, mas um forte impulso da fêmea amarelada a salvou no último instante.

Saboreando o alívio de escapar por um triz, Malygos avançou contra Galakrond por cima. O protodrato azul-gelo abriu as asas e atacou. A coluna de gelo foi na direção de Galakrond, que recebeu o ataque com uma risada zombeteira.

Nesse ponto, Alexstrasza entrou na luta e atingiu uma grande parte do torso de Galakrond com suas chamas. O fogo não fez muita coisa contra o couro grosso.

Mas contra os olhos extras, fez muito mais.

Eles derreteram como manteiga. Evaporaram-se como água. Escureceram como madeira. Com uma mira infalível, Alexstrasza destruiu cada olho em grande parte do lado esquerdo de Galakrond antes de rapidamente planar para longe do alcance.

O monstruoso protodracô rugiu, mas dessa vez de uma forma que trouxe satisfação a Malygos e Kalec. Galakrond sentira dor que não experimentara nem mesmo contra Tyr.

— Devorarei você primeiro! — bradou ele para Alexstrasza, que desaparecia. — Vou saborear sua vida! Farei você uma das minhas e então devorarei novamente!

Malygos não conseguia parar de tremer enquanto continuava com sua parte do ataque. Todos os cinco enfrentavam o mesmo destino em potencial: ser transformado em um dos não viventes e saber que essa existência só duraria o tempo de mais uma amarga, porém desejada, refeição.

Um momento depois de Galakrond voltar-se para Alexstrasza, uma coluna de areia atingiu seu torso. Espalhando-se como as chamas de Alexstrasza, o ataque de Nozdormu também tinha como alvo os olhos extras que haviam ali. Àquela velocidade, a areia cortava como minúsculas garras que cegavam por irritação e ainda mais, arranhando e rasgando os olhos até que nenhuma capacidade de visão restasse.

E assim como a fêmea avermelhada fizera, Nozdormu disparou em outra direção.

Tyr utilizara alguns dos métodos com os quais os protodracos lutavam, mas esses usos foram atenuados por sua mente não protodracônica. Os protodracos, como Malygos e todas as famílias, preferiam caçar sozinhos, mas quando havia necessidade de caçar uma presa maior, os protodracos caçavam em bandos. Os bandos mantinham sua presa desequilibrada e lutavam como parceiros. Tyr falhara no final porque resolvera fazer de si mesmo a ameaça primária contra Galakrond. A falta de coordenação entre Tyr e os cinco fora a razão pela qual eles falharam.

Juntos, Malygos e Alexstrasza tentaram corrigir aquele erro. Eles tinham esperanças de não terem simplesmente encontrado uma nova forma de fracassar. Não haveria uma terceira chance. Lutariam e venceriam ali ou lutariam e morreriam ali. E se Tyr estivesse correto em algo, depois da destruição deles não haveria salvação para o mundo.

Malygos nunca imaginara a possibilidade de ter que se preocupar com muito mais do que a próxima refeição. Sabia que os outros pensavam como ele. Temiam não somente por si mesmos, mas por todo o resto. Estavam dispostos a sacrificar suas vidas se isso garantisse a

salvação de seu mundo.

Malygos tornara-se o único dos três a manter-se perigosamente perto de Galakrond. O macho azul tornou-se uma vez mais o foco da atenção do gigante enfurecido.

Mas Galakrond não soprou como Malygos esperava. Em vez disso, o leviatã esticou as duas patas traseiras e rasgou parte das montanhas mais próximas. Fez isso com tanta rapidez que Malygos ainda estava se afastando quando pedaços de terra sólida começaram a voar na sua direção.

Um projétil passou por Malygos um segundo depois. O macho azul-gelo cerrou os dentes enquanto esperava mais um projétil passar voando.

Infelizmente, a asa direita de Malygos foi atingida em cheio.

O impacto fez Malygos girar no ar. A agonia despertou a dor quase esquecida dos ferimentos anteriores, mas não queria dizer muito em comparação aos vislumbres de Galakrond que o protodracô menor teve enquanto rodopiava no céu. Galakrond ficava cada vez maior a cada instante e Malygos não conseguia se endireitar rapidamente.

Pior, não somente as quatro patas principais de Galakrond estavam cheias de mais terra e rochas, mas os membros extras que Malygos podia ver estavam fazendo o mesmo. O gigante assustador desencadeara uma imensa avalanche com o único propósito de que o hospedeiro de Kalec fosse destruído.

Apesar do perigo que corria, Malygos perguntou-se onde estaria Ysera. Ela deveria atacar da próxima vez que Malygos distraísse o inimigo, e independente do próprio destino, esperava que todos continuassem com o plano.

Mas no lugar de Ysera, foi Neltharion que entrou na batalha, ignorando a função que deveria tomar no plano. Guinchou bem alto ao se aproximar do ouvido de Galakrond, mais alto do que Malygos conseguia lembrar-se de ele já ter feito um dia.

O ataque sônico abalou Galakrond literalmente, de tão perto que Neltharion ousara chegar. Uma tempestade de pedras e terra caiu sobre as montanhas quando o gigante disforme involuntariamente liberou seu fardo.

Tornando-se confiante demais, Neltharion parou para observar seu ataque um pouco mais do que a razão permitia. E recebeu um forte golpe quando Galakrond jogou a asa para frente.

Malygos viu seu plano desmoronar ainda mais rápido que o de Tyr. Malygos acreditara que ele e Alexstrasza sabiam mais sobre sua própria espécie do que o bípede. Mas claro, apesar de suas transformações, Galakrond ainda era um protodracô. Tendo esquecido daquilo, de certa forma, Malygos se perguntou se ele e seus companheiros estavam

simplesmente voando para a morte certa.

Ele avançou para ajudar seu salvador, mas Alexstrasza tomara a dianteira. Assim como Ysera, ela abandonara sua parte do plano de atacar e fugir, mas diferente de sua irmã, a fêmea alaranjada não abandonara seus companheiros, tampouco Neltharion.

Aproximando-se pelo lado onde havia cegado Galakrond, Alexstrasza disparou na direção da enorme garganta. Ao chegar perto, fez o que Malygos e Kalec consideraram suicídio. Alexstrasza rugiu brevemente. Foi o suficiente para chamar a atenção de Galakrond. Antecipando a refeição, suas mandíbulas começaram a se abrir.

Alexstrasza soprou, claramente usando todo seu fôlego. Uma enorme coluna de fogo seguiu na direção da parte interna da boca do gigantesco protodracô, uma área tão desprotegida quanto seus olhos.

A pele macia próxima da garganta escureceu. Galakrond recuou, esquecendo a ideia de devorar a protodracô fêmea. Malygos observava de olhos arregalados, surpreso que seu temível adversário ainda tivesse uma área tão frágil. Ele pensara que a região dentro da bocarra pudesse ser vulnerável, mas comandar um ataque ali era pedir muito de seus companheiros. Que protodracô voaria conscientemente direto para a boca de Galakrond?

Alexstrasza, ao que parecia.

Galakrond começou a engasgar e tossir e balançou sua cabeça violentamente. Seu rugido de dor ressoou tão alto nas montanhas que quase ensurdeceu os outros. Batendo as asas, ele subiu mais alto no céu. A tosse continuava enquanto Galakrond balançava a cabeça de um lado a outro para tentar aliviar a dor da queimadura.

Alexstrasza seguiu na direção de Neltharion, que continuava no ar, mas estava visivelmente desorientado. Ela esticou as patas traseiras para pegá-lo pelos ombros e guiá-lo para um lugar seguro.

Sobre as montanhas, o grito de Galakrond foi interrompido subitamente. As tosses e pigarros cessaram logo depois. Os olhos malévolos do enorme protodracô vasculharam as redondezas.

Apesar de claramente agravar seus ferimentos, Galakrond soprou longa e profundamente. Ao mesmo tempo, seu olhar foi além de Malygos.

Um mau pressentimento tomou conta de Malygos, enquanto olhava por cima do ombro.

Mais de uma dúzia de não viventes convergiam atrás dele, cortando caminho. Malygos entendeu que Galakrond também fizera planos, e com mais êxito. O ângulo em que os não viventes voavam indicava que eles tinham vindo de cima das nuvens. Tendo apenas

encontrado o cadáver destruído, Malygos presumira que o resto deles tinha encontrado o mesmo destino. No entanto, Galakrond tinha pelo menos Malygos, Neltharion e Alexstrasza presos entre os mortos-vivos e a névoa debilitante.

Nozdormu apareceu do outro lado cego de Galakrond. Ele atacou o monstro exalando uma explosão de areia após a outra, provavelmente se exaurindo, mas tão consciente quanto Malygos das terríveis circunstâncias.

Sem olhar na direção do protodraço castanho, Galakrond levantou a cauda e, mirando perfeitamente, acertou Nozdormu em cheio.

Atordoados, Nozdormu colidiu com uma montanha. Pedços de pedras voaram por todos os lados. Eles caíram em meio às montanhas acompanhados do corpo inerte do macho castanho.

Enquanto o gigante recolhia a cauda, um Malygos cada vez mais frenético viu que, assim como o restante da forma macabra de Galakrond, ela tinha olhos. Olhos que compensavam em muito a perda daqueles perdidos nos ataques menores.

Galakrond continuava seu sopro incrivelmente longo. Malygos recuou ao ver que a névoa sufocante se aproximava dele. Alexstrasza, ainda ajudando Neltharion, foi atingida facilmente pela névoa. Ela tentou lançar Neltharion à frente, mas apesar do macho cinza tentar voar mais intensamente, não foi suficiente.

Um silvo grosseiro vindo detrás de Malygos foi o único aviso de que ele havia quase voado na direção dos mortos-vivos que se aproximavam. O hospedeiro de Kalec girou no ar para encarar a nova ameaça, consciente que dessa forma a névoa poderia chegar mais rápido à sua vítima.

Um bando de mortos-vivos famintos ou o nevoeiro que o transformaria em uma presa fácil para seu mestre ainda mais faminto. Malygos olhou ansiosamente para trás e para frente, tentando achar uma forma de escapar. A névoa escurecia tudo acima e abaixo dele, e os cadáveres bloqueavam todos os caminhos à frente. Não havia para onde voar.

E enquanto a morte se aproximava por todas as direções, Malygos e Kalec se perguntavam o que teria acontecido com a participante desaparecida do plano fracassado.

Onde estava Ysera?

4

OS CINCO



Jaina ajoelhou-se entre Kalec e o artefato, sentindo o conflito entre o conhecimento de que precisava trabalhar rápido para salvar o dragão azul e o desejo forte de abraçá-lo e confortá-lo se aqueles fossem os últimos momentos que ele tinha independentemente do que ela tentasse. Kalec continuava sua metamorfose. As características de protodracô estavam agora bem mais pronunciadas e o ritmo de sua respiração era tão rápido que a arquimaga não podia acreditar que seus pulmões já não tivessem explodido.

Esse dispositivo não pode ter sido concebido para isso! Jaina insistia consigo mesma. *Não faz o menor sentido!*

Ela se concentrou na pulsação do artefato. Seus olhos se arregalaram quando percebeu que o que pensava ser um único objeto sólido na verdade consistia em dois componentes.

— Ele encontrou algo — dissera Buniq. Buniq, que podia desaparecer sem deixar vestígios quando estava muito próxima da arquimaga.

Logo que começara a fazer uma conexão entre a misteriosa taunka e a descoberta da segunda peça, Jaina sentiu como se a estivessem observando. A arquimaga olhou rapidamente além do artefato.

Não havia ninguém ali. Ou pelo menos não havia ninguém *agora*. Mas algo passou pela mente de Jaina, o pensamento de que ela *vira* alguém. Não era dragão e nem humano, mas era algo mais parecido com o segundo em forma. Ao concentrar-se, a arquimaga imaginou que havia sido um indivíduo coberto e encapuzado, um pouco mais alto do que Kalec na sua

forma humanoide.

Jaina conhecia um pouco sobre os guardiões, e apesar de serem bem mais altos — como gigantes, na verdade —, tinha certeza que eles possuíam o poder de fazer com que fossem vistos de outras formas. Porém mesmo se fosse o caso, se tivesse visto a imagem de algum guardião, Jaina ainda se perguntava por que a imagem teria sumido tão rápido.

Não foi imaginação... Ele estava bem aqui. E não havia aparecido até Jaina começar a investigar o fato de que havia duas peças no artefato, e não uma.

Isso a trouxe de volta a Buniq, que ela acreditava cada vez mais não ser uma taunka. E também não seria difícil para um guardião criar tal ilusão.

Segura de que estava no caminho certo, Jaina investigou o local onde as duas peças pareciam ter sido fundidas. Se não fosse por seu olhar treinado, a arquimaga duvidava que tivesse conseguido notá-lo. Além disso, as peças também foram combinadas com feitiços.

Feitiços... Jaina pensou novamente sobre como confrontara o artefato. Talvez seu ataque tivesse sido amplo demais para aquele momento.

Recriando o símbolo, ela estudou os vínculos entre as duas partes, então lançou um feitiço.

A imagem se estendeu sobre a peça menor e, conseqüentemente, sobre onde ela estava selada à peça maior. Ao fazer isso, Jaina reforçou ainda mais seus feitiços de proteção. Não fazia ideia do que poderia acontecer, mas a experiência ensinara-lhe a sempre esperar pelo pior.

Ambas as peças brilharam, cegando-a. A arquimaga recuou, certa de que a relíquia estava prestes a explodir ou acertá-la em cheio.

No entanto, o clarão diminuiu e a peça menor virou em um semicírculo.

Piscando, Jaina estendeu a mão para pegá-la.

Um raio de energia atingiu sua testa. Jaina sobressaltou-se, mas para sua surpresa, não havia dor.

E de repente, Jaina viu...

O mundo ondulou.

Aconteceu de uma forma que Kalec não experimentara antes. Ele sentia como se cada momento passasse por ele como ondas no mar. Era desconcertante porque tudo o que via através dos olhos de Malygos também fluía como ondas. A névoa se aproximava cada vez mais, com Galakrond logo atrás.

E quando Malygos olhou novamente os mortos-vivos, a mesma coisa aconteceu. Como

se fossem feitos de água, eles se derramavam em sua direção. Era uma imagem que só servia para deixá-los ainda mais medonhos.

Nós vamos morrer, pensou Kalec com tanto medo quanto espanto. Não acreditara que Malygos pudesse morrer, mas as lembranças de seu próprio tempo haviam se tornado tão vagas que Kalec se perguntava se eram realmente memória ou apenas fantasia.

Mas aquilo não importava. Tudo que importava era que ele e seu hospedeiro estavam prestes a morrer de uma maneira pavorosa.

Um rugido lúgubre interrompeu os pensamentos de Kalec e atraiu a atenção de Malygos. O macho azul virou-se na direção do som.

Outra coisa chamara a atenção de Galakrond. Alexstrasza, já exausta, lançava uma coluna de fogo fraca. Atrás dela, Neltharion — o outrora poderoso Neltharion — lutava para se manter no ar. Estava claro que Alexstrasza queria que Neltharion seguisse em frente, mas ele lutava para manter-se próximo, como se pudesse ajudar.

Galakrond sorriu com escárnio. Esquecendo Malygos por ora, o gigante soprou levemente em Alexstrasza, enviando mais uma rajada de névoa pútrida na direção dela. A força que a fêmea alaranjada havia conseguido reunir foi dissipada. E ainda pior, em sua luta para manter as asas batendo, Alexstrasza começou a vagar na direção do inimigo gigantesco.

Galakrond abriu a boca. Esperava entretido enquanto Alexstrasza continuava inconscientemente voando em direção às enormes mandíbulas.

Malygos atirou-se para frente, escolhendo a névoa em detrimento dos mortos-vivos. Kalec ficou satisfeito com a escolha, mesmo quando a névoa começou a drenar a força deles, pois ao menos a ondulação parou assim que entraram nela. Seja qual fosse seu destino, os cinco mostraram ser tão leais uns aos outros quanto qualquer dragão de verdade. Cada um tentara salvar os outros, nunca hesitando, nunca temendo a morte.

Não... cinco não. *Quatro...*

Esse pensamento se esvaiu junto com todos os outros, pois a névoa se mostrava forte demais para Malygos. Sua investida se tornara tão fútil quanto a de Talonixa. Suas asas diminuíram o ritmo. A única coisa que ele conseguia fazer era batê-las rápido o suficiente para impedi-lo de cair para a morte.

O que queria dizer que não havia nada que pudesse fazer por Neltharion ou, mais urgentemente, Alexstrasza.

Enquanto a luta individual de Malygos e Kalec piorava, viram que a fêmea alaranjada percebera sua perdição. Ela conseguia bater as asas algumas vezes para ir mais devagar, mas as mandíbulas se aproximavam cada vez mais.

Alguma coisa desceu sobre Galakrond, no lado que fora cegado pelo ataque anterior de Alexstrasza. Aterrissou com força e então soltou uma grande rajada de areia, varrendo a cabeça do enorme protodracô e cobrindo-a.

Kalec e seu hospedeiro mal conseguiram reconhecer um Nozdormu completamente ferido, tentando se manter firme enquanto exalava vez após outra. Galakrond se sacudiu para tentar livrar-se de Nozdormu. O protodracô castanho balançou para frente e para trás, mas conseguiu manter as garras presas. Nozdormu parecia muito fraco, e o fato de ter conseguido retornar para atacar Galakrond surpreendia Malygos e Kalec.

Mas o que parecia ser a esperança de Alexstrasza empalideceu quando Galakrond, que claramente via Nozdormu somente como um incômodo, concentrou-se novamente nela. A breve trégua não fora suficiente para dar-lhe uma chance verdadeira de escapar. Nem mesmo ajudou o fato de que o monstruoso leviatã afastara a maior parte da névoa quando tentara livrar-se de Nozdormu. Alexstrasza, Malygos e Neltharion já haviam inalado tanto dela que não conseguiriam recuperar-se a tempo.

Nozdormu soprou uma última baforada de areia. Ela acertou a testa de Galakrond, mas mesmo tendo atingido com força, já era evidente que o golpe sequer distrairia o terrível inimigo por mais que um instante. Mas essa não era a intenção de Nozdormu, já que, logo depois de chamar a atenção de Galakrond para si, soltou uma rajada direto nas narinas do protodracô e as entupiu.

Galakrond instintivamente abriu mais a boca em busca de ar.

E nesse exato momento, uma ligeira protodracô fêmea amarelada colocou-se diante de Galakrond e soprou em sua boca.

Ele jogou a cabeça para trás com uma expressão singular. Na medida em que a névoa se dissipava de Malygos e Kalec, eles se lembraram do efeito da arma de sopro de Ysera, em alguns aspectos semelhantes à de Galakrond, talvez tão debilitante quanto ela.

Ysera não buscou Alexstrasza como Malygos presumira. No lugar disso, ela fez o impensável — novamente — e continuou seu ataque contra Galakrond, sempre mantendo-se entre ele e a irmã. Kalec e seu hospedeiro perceberam que haviam subestimado Ysera. Talvez ela estivesse hesitante com seu papel no plano, mas não abandonaria Alexstrasza e os outros.

Na verdade, ficou claro ter sido Ysera quem ajudara o debilitado Nozdormu a chegar até Galakrond, e que os ataques de Nozdormu eram apenas distrações para Ysera.

Ysera... e, talvez não intencionalmente, Malygos.

Com sua mente limpa, o dragão azul sabia que não teriam uma nova chance.

Galakrond pairava desorientado, mas isso não duraria muito mais tempo. Se Malygos ao menos...

Um silvo o avisou de uma ameaça que ele esquecera. Mas quando Malygos se virou para encarar os mortos-vivos, ele os encontrou voando a esmo e, em um dos casos, lutando entre si. Perplexo, Malygos percebeu que a desorientação de Galakrond afetara os escravos decadentes.

Malygos soprou nos dois que estavam brigando, fazendo com que caíssem, congelados. Ele queria acabar com os outros, mas o rugido de advertência de Ysera o trouxe de volta a Galakrond. A irmã de Alexstrasza voou ao longo da cabeça de Galakrond, soprando na boca do monstro e golpeando em todo lugar com as garras. Seu oponente continuava a sacudir a cabeça no que parecia ser irritação, mas também um esforço para clarear a mente do efeito do sopro. Malygos admirava os esforços de Ysera até agora, mas não podia deixar de notar que os olhos de Galakrond tornavam-se mais concentrados. Pior ainda, com um grande suspiro, finalmente conseguiu liberar suas narinas da areia e começou a inalar grandes quantidades de ar para acelerar sua recuperação.

Ao observar tudo isso, Malygos forjou um plano. Era semelhante ao ataque anterior que tentaram contra Galakrond, mas daquela vez eles tinham lutado mais como indivíduos e não em unidade. Além disso, Galakrond ainda não estava tão enorme quanto agora. Se os cinco pudessem fazer como Malygos havia sonhado...

Ele se precipitou até Neltharion, que finalmente saía de seu estupor.

— Venha! Rápido!

Para seu mérito, o macho cinzento o seguiu sem questionar. Malygos planou na direção de um dos picos destruídos pela batalha. Enormes pedaços irregulares de pedra pendiam precariamente da encosta da montanha de que já haviam feito parte. Malygos procurou a maior e mais afiada que dois protodracos pudessem carregar com as patas traseiras.

— Ajude-me!

Neltharion e ele conseguiram soltar o fragmento. Malygos os guiou de volta na direção de Galakrond. Quando o gigante entrou no campo de visão, Malygos viu que Alexstrasza fizera como ele previra: no instante em que sua mente clareou, tinha se juntado a Ysera. As duas agora voavam em lados opostos, movendo-se como se estivessem adivinhando o pensamento da outra. Elas golpeavam ao mesmo tempo, impedindo que Galakrond pudesse escolher uma só vítima. No processo também conseguiram impedir que ele notasse a aproximação dos dois.

Mas enquanto as irmãs e Galakrond viam apenas a si mesmos, Nozdormu avistou

Malygos e Neltharion. Ele também viu a pedra que traziam com eles. Tendo entendido ou não o que eles planejavam fazer, evidentemente compreendeu que precisariam chegar muito mais perto.

Saindo de sua posição de relativa segurança, o protodraco castanho conseguiu dar mais um sopro. A coluna de areia atingiu a crista de Galakrond fazendo com que olhasse para baixo instintivamente, como havia feito antes.

Nesse momento, Alexstrasza e Ysera intensificaram seu ataque, agora alternando para que ele continuasse concentrado nelas quando levantasse a cabeça.

Mas quando as coisas pareciam estar se acertando, Neltharion rugiu:

— Não viventes!

Virando a cabeça, Malygos descobriu que alguns dos mortos-vivos estavam em seu encalço. As criaturas não voavam com a coordenação prévia, o que significava para Kalec e seu hospedeiro que Galakrond os havia liberado completamente. Não sabiam dizer se fora intencional ou se ele apenas ficara distraído demais para manter o vínculo. O que importava era que os cadáveres animados estavam seguindo o que poderia ser chamado de instinto e que estavam perseguindo a refeição em potencial mais próxima.

E como Malygos e Neltharion estavam carregando um fardo pesado, os dois machos pareciam refeições muito *fáceis*.

— Neltharion... é... forte! — rugiu Malygos, fazendo uma correção desesperada ao plano. — Neltharion pode carregar a pedra sozinho!

Os olhos do protodraco cinzento se estreitaram.

— Neltharion é forte. Mas Malygos também é. E mais esperto que Neltharion.

Neltharion abriu uma das patas. A pedra se moveu. Sem pensar, Malygos apertou seu próprio punho. Ele sabia qual era a intenção de Neltharion — Malygos estivera próximo de fazer o mesmo —, mas era tarde demais para impedir o outro protodraco.

Neltharion soltou a pedra completamente. Malygos grunhiu enquanto se esforçava para mantê-la no lugar. Kalec sabia que Malygos queria que Neltharion carregasse a pedra enquanto o azul recuava para enfrentar os mortos-vivos. Malygos não pensou que lutar contra os fantoches de Galakrond seria mais fácil, de certa forma, isso somente oferecia uma morte mais imediata, mas tão terrível quanto a outra.

Mas Neltharion sabia o que Kalec também conhecia sobre Malygos. Para que o plano contra Galakrond fosse bem-sucedido, Malygos deveria coordená-lo. Neltharion era um guerreiro destemido, o mais forte dos cinco, mas não era um estrategista como Malygos.

Ainda não, pelo menos. Kalec lembrou-se de súbito. Como Asa da Morte, Neltharion

provou ser muito astuto. *Mas isso era no futuro... eu acho.*

Enquanto Kalec discutia consigo mesmo se haveria ou não um futuro, Malygos focou Neltharion uma última vez, que naquele momento estava rodopiando na direção de três mortos-vivos que se aproximavam. Então, preparando-se, Malygos encarou Galakrond. Respirando fundo, o hospedeiro de Kalec continuou, esforçando-se mais. Ele não podia impedir a provável morte de Neltharion, mas podia fazer com que seu sacrifício valesse a pena... Mesmo se no fim todos os outros tivessem que se sacrificar.

E quando Malygos se aproximou do leviatã disforme, teve certeza de que precisariam.

Galakrond escolheu aquele momento para virar de lado. Atacou Ysera, com suas garras enormes chegando a apenas alguns metros dela. Ela recuou o mais rápido que pôde, mas Galakrond continuou a persegui-la abrindo as mandíbulas novamente.

Fogo surgiu perto de seu olho. Alexstrasza soprou duas vezes tentando atrair a atenção dele para ela. No entanto, Galakrond ignorou a dor ínfima que ela causou.

Para espanto de Malygos — e provavelmente de todos os outros, inclusive Galakrond —, Ysera mudou de direção. Voou direto para a boca aberta e imediatamente levantou voo. Suas patas traseiras a impulsionaram e ela tinha a própria boca aberta.

Suas ações insanas fizeram com que Alexstrasza pudesse continuar a soprar, mesmo lutando para respirar em cada uma das vezes. As chamas atingiram um lado inteiro do rosto escamado de Galakrond. Seus membros extras se torceram, chiaram e murcharam tão intensamente sob o ataque que Galakrond rugiu de dor.

Quando suas mandíbulas se afastaram ainda mais, Ysera raspou suas garras na carne enegrecida da parte de cima. Sangue e pus começaram a jorrar da área gravemente ferida. Ignorando os fluidos que caíam nela, a fêmea amarelada deu uma mordida violenta na mesma carne antes de se afastar.

O rugido de Galakrond se intensificou. Ele fechou a boca, mas nessa hora, Ysera já havia escapado.

Ao ver Galakrond fechar a boca, Malygos temeu por seu próprio plano, mas então seu inimigo gigantesco abriu as mandíbulas novamente. Galakrond pigarreou e tossiu, e por um momento pareceu um pouco menor.

Ele está enfraquecido, pensou Malygos. *Não por muito tempo, mas está enfraquecido.*

Kalec já sabia a maior parte do plano de Malygos a essa altura, mas o conhecimento não o encorajou. Também não o encorajou o fato de seu hospedeiro voar o mais rápido que podia com um fardo tão enorme diretamente para a mesma boca da qual Ysera mal conseguira escapar.

Galakrond farejou o ar. Ele se virou para Malygos.

Nozdormu acertou o olho mais próximo com areia.

Nem Malygos nem o monstro viram Nozdormu se aproximar. O protodraco castanho atacara no momento certo, como sempre. Galakrond virou a cabeça para evitar a areia irritante, o que deu a Malygos a chance de que precisava.

O dragão azul voou por baixo das garras superiores até um lugar que fedia não somente a carne devastada, mas também ao hálito do carnívoro mais sinistro que já vagara pelo mundo. Malygos e Kalec tentaram não pensar em quantos protodracos haviam passado por aquela garganta tão próxima.

O aperto de Malygos cedeu. Seus esforços finalmente cobraram seu preço. Ele sentiu a rocha quase escapando. Tentando manter o controle, Malygos seguiu para a abertura assustadora. Tudo que Galakrond precisava fazer era fechar a boca e engolir, e isso seria o fim do protodraco menor.

Agora! gritou Kalec silenciosamente para seu hospedeiro. *Agora!*

Mas Malygos prolongou-se um segundo a mais. Ele buscava o ângulo certo.

A escuridão envolveu Kalec, mas dessa vez era a escuridão da boca de Galakrond se fechando.

Soltando a pedra, Malygos partiu.

Nenhum dos dois podia ver a queda da pedra, mas eles souberam dos resultados na próxima respiração. A mandíbula de Galakrond se abriu novamente e a tosse que se seguiu quase ensurdeceu Kalec e seu hospedeiro.

Assumindo o risco de ser partido em dois como Talonixa, Malygos disparou para o lado. No entanto, pareceu que ele não precisava ter medo de ser mordido, porque Galakrond continuava a tossir, dessa vez por outro motivo. Assim como Malygos havia planejado, a pedra que ele escolhera, um grande projétil pontiagudo, escorregou pela garganta do gigante cortando a maior parte da sua respiração.

O enorme protodraco se debateu no ar. Sua cauda destruiu parte de uma montanha. Uma das patas traseiras chutou toneladas de pedra de outra.

Ainda sem conseguir desalojar a pedra, Galakrond colidiu com uma montanha. Em vez de levantar voo novamente, rastejou depressa sobre ela. Suas garras e cauda deixavam um rastro de devastação por onde passavam.

Debruçando-se sobre um vale, Galakrond baixou a cabeça. Ele a sacudiu para frente e para trás com força.

Ele vai se libertar! Malygos tinha esperanças de que a pedra ficasse alojada tempo o

suficiente para que seu adversário desmoronasse ou até mesmo morresse. Agora temia que Galakrond ainda tivesse uma boa chance de liberar a passagem de ar. Se isso acontecesse, Malygos duvidava que tivessem chance de tentar novamente.

Malygos procurou Nozdormu e as irmãs, rosnando para atrair sua atenção. Ele indicou Galakrond com a cabeça. Mesmo exaustos como estavam, precisavam chegar perto para fazer o que pudessem para manter a pedra alojada.

Apesar da urgência, Malygos olhou na direção de Neltharion. Não havia sinal do protodraco cinzento ou de seus terríveis oponentes. Malygos rugiu ao imaginar os mortos-vivos se alimentando do corpo partido de Neltharion com tanta clareza que até Kalec conseguiu ver.

Seu rugido ficou mais zangado, mais determinado. Tomando ciência de Galakrond, Malygos pensou não somente na morte de Neltharion, mas também em todas as vítimas anteriores do monstro. Ele mergulhou.

As laterais do grotesco leviatã ergueram-se rapidamente. Parecia impossível para o hospedeiro de Kalec que Galakrond pudesse respirar, mas um pouco de ar devia estar passando. Não era o suficiente para satisfazer a necessidade de Galakrond, mas o bastante para que continuasse sendo uma ameaça.

Os quatro cercaram a cabeça, cada um vindo de uma direção. Galakrond manteve a cabeça abaixada. Seu corpo tremia.

Malygos ouviu uma mudança na respiração. Não era mais tão rápida. Se a pedra ainda estava presa, ela mudara de lugar, dando a Galakrond mais ar.

Tarde demais, o hospedeiro de Kalec percebeu que o poderoso inimigo deveria estar mais consciente do que estava acontecendo ao seu redor do que antes.

Como se tivesse ouvido o pensamento, Galakrond olhou o céu. Ele avistou as quatro pequenas figuras.

— Com... comida! — conseguiu falar Galakrond de alguma forma. — Já... já... vou... comer! — Ele tossiu violentamente, mas ao mesmo tempo, bateu as asas. Não para voar, mas para manter seus inimigos afastados.

As asas atrasaram Alexstrasza e Ysera, mas não Malygos e Nozdormu. Nozdormu agarrou a asa e, talvez cansado demais para soprar, usou as garras para cortar a membrana da asa. Suas garras rasgaram fundo, mostrando que algumas partes da pele de Galakrond não eram impenetráveis.

A tosse de Galakrond cessou. Ele voltou-se furiosamente contra Nozdormu, dando a Malygos a abertura que ele desejava. Sua esperança ainda era manter as vias aéreas de

Galakrond bloqueadas. Malygos sabia que poderia ter garantido isso anteriormente se seu instinto de sobrevivência não tivesse assumido o controle. Escapara da boca do gigante sem terminar o que deveria ter feito. A pedra não poderia ser deslocada se algum outro grande objeto a mantivesse no lugar.

Malygos pretendia ser esse objeto, apesar de que isso certamente significaria sua morte assim como a de Galakrond, considerando a altitude em que se encontravam.

Kalec também entendia a necessidade de sacrifício e a recebia de bom grado. Ainda tinha lembranças vagas — ou fantasias — de uma vida alheia àquela dentro de Malygos, mas essas lembranças apenas lhe doíam, pois remetiam a alguém que o dragão azul havia perdido, alguém desaparecendo bem longe dali.

Que morramos salvando este mundo, disse a Malygos, mesmo que suas palavras continuassem ignoradas. *Que morramos...*

Colocando-se sobre as patas traseiras, Galakrond apoiou uma das patas dianteiras no pico mais próximo. Mesmo a pata dianteira tinha força suficiente para esmagar a rocha e terra batida como se fossem areia. Suas asas continuavam a bater, mas não somente Nozdormu rasgou uma profundamente, Alexstrasza e Ysera fizeram o mesmo com a outra. O ataque dos três provavelmente teria sido insignificante se Galakrond fosse capaz de respirar normalmente, mas na situação atual, eles conseguiram desorientar a fera sufocada um pouco mais.

Mas então um gorgolejar inquietante escapou de Galakrond. Foi seguido de uma respiração rouca que se estendeu por vários segundos a mais do que Malygos gostaria.

Se Galakrond podia respirar tão bem, só podia significar que a pedra fora quase totalmente deslocada. Mais do que nunca, Malygos viu a necessidade de tomar uma decisão. Os outros agiam como combinado anteriormente, mantendo o inimigo gigantesco distraído até o golpe final. Eles só não sabiam como seu líder decidira terminar o ataque.

A boca estava aberta apenas o bastante. Malygos mediu a abertura brevemente e teve a impressão de que Galakrond diminuía novamente. O crescimento e transformação do gigante tornaram-se mais caóticos, provavelmente por causa da dieta que pervertera sua forma.

Malygos se aproximava ainda mais. Mantendo o impulso o máximo que podia, fechou as asas sobre o corpo e disparou para dentro. O hálito fétido de Galakrond o envolveu, e resíduos da névoa pútrida ameaçavam entorpecer a mente de Malygos antes que pudesse se entregar.

Ele viu a pedra, que agora estava metade para fora e inclinada para o lado. Galakrond

tentou movê-la com a parte de trás da língua, criando mais dificuldades para o protodracô menor.

O dragão azul colidiu com a pedra, empurrando-a mais para o fundo. Isso causou uma reação instantânea de Galakrond, que sacudiu a cabeça com mais violência e tentou respirar. Implacável, Malygos foi ainda mais além, para trás da língua do gigante, e empurrou a pedra o mais para frente que pôde.

Um tremor repentino desestabilizou Malygos, mas não fora obra de Galakrond. Algo acertara o crânio do gigante com uma força tão grande que sua cabeça ecoou o impacto por algum tempo. Malygos viu que isso o favorecia. Com seu oponente ocupado com outra coisa, o hospedeiro de Kalec soprou a área ao redor da pedra.

O sopro gélido selou a pedra no lugar, pelo menos por um instante. Malygos e Kalec sabiam que o calor emanado por Galakrond logo derreteria o gelo. Malygos quis apenas ganhar algum tempo para ajustar sua posição.

Buscando ar novamente, Galakrond abriu a boca. Malygos viu a abertura. A tentação de voar para fora da fera era bem sensata. Mas ele sabia que tinha que ficar.

Uma forma rodopiante entrou pela boca de Galakrond.

Logo a forma se revelou ser, na verdade, *duas*. Uma delas era um morto-vivo pútrido e maltratado, que primeiro fez Kalec e seu hospedeiro pensarem que Galakrond elaborara um plano para enviar seus fantoches para dentro para fazer o que ele não podia. Apesar de haver potencial para isso, não era o caso, pois o segundo vulto estava bastante vivo.

Machucado e esgotado, arranhado, mas sem sinal de ter sido mordido, Neltharion mostrou os dentes esboçando um sorriso ao ver Malygos.

— Voe! Saia daqui! — insistiu o macho cinzento.

Malygos encarou sua própria obra. O gelo já estava derretendo. Uma queda brusca quase os fez cair na direção dos dentes afiados e também empurrou a pedra.

— Preciso ficar! — gritou Malygos de volta. — Você vai!

— Lutamos juntos! Uma família! — Neltharion encarou a pedra e golpeou o cadáver que ainda lutava. — Eu a mantenho aqui! Você vai!

Porém Malygos saltou sobre Neltharion na direção do morto-vivo decadente. Ele prendeu pela garganta o corpo que se debatia, torcendo o pescoço para se proteger das garras e dos dentes.

Galakrond se sacudia. Malygos e Neltharion tinham espaço apenas para manter-se no ar sem serem muito afetados. Malygos lançou-se na direção da rocha novamente, carregando o cadáver animado consigo.

A pedra começou a deslizar. A parte superior da boca subitamente elevou-se no caminho de Malygos quando Galakrond jogou a cabeça para baixo para ajudar na respiração. O hospedeiro de Kalec corrigiu o curso.

O morto-vivo lutou para libertar-se. Malygos sacudiu sua presa medonha com força e a arremessou para frente.

A criatura macabra colidiu contra a pedra, empurrando-a ainda mais para baixo. Mas essa não era toda a intenção de Malygos. Ele dobrou as patas para frente, pronto para empurrar o máximo que pudesse.

— Saia da frente!

Malygos desviou bem a tempo. Neltharion, com as patas traseiras viradas para frente, assim como seu amigo, lançou-se contra a pedra e o morto-vivo.

Com uma força que Malygos não poderia ter reunido, Neltharion enfiou a criatura ossuda e a pedra fundo na garganta de Galakrond.

Dentes bateram contra Malygos quando Galakrond reagiu. Um rugido abafado quase o deixou surdo. Neltharion, tentando desviar da língua ondulante, colidiu contra o hospedeiro de Kalec. Malygos foi arremessado para fora pelo canto da boca.

Neltharion! Ele ainda está lá dentro!

Era impossível dizer se o pensamento se originara de Malygos ou Kalec, mas o dragão azul se viu surpreso por pensar que ele, que ainda recordava de partes de seu suposto futuro, ainda quisesse resgatar uma criatura que, por sua vez, ameaçaria Azeroth. E quando Malygos imediatamente fez a curva para retornar, Kalec o incentivou.

Neltharion estava deitado sobre as costas, tentando endireitar-se apesar do balanço insano da cabeça de Galakrond e da língua que se retorcia. Se a passagem não estivesse bloqueada, Neltharion teria sido engolido duas vezes.

A boca de Galakrond se fechou. Malygos temia por seu companheiro, mas a boca abriu novamente. Neltharion fora capaz de se virar, mas ainda não tinha recuperado o equilíbrio.

Desviando de dentes maiores que ele mesmo, Malygos planou de volta para dentro. Com as patas traseiras preparadas, ele agarrou Neltharion pelos ombros e continuou sem hesitar. Neltharion permaneceu inerte durante o voo, mas somente para não distrair Malygos.

A mandíbula começou a se fechar novamente. Com mais um bater de asas, Malygos se recompôs.

Os dois dragões chegaram ao lado de fora assim que a mandíbula se fechou. Neltharion agitou-se e Malygos, mal conseguindo segurar, o soltou.

Os dois machos exaustos não foram longe. Deram a volta juntos e foram ajudar seus companheiros.

Mas ambos pararam por causa da visão diante deles. Alexstrasza, Ysera e Nozdormu não tentavam mais manter Galakrond ocupado. Não tinha a ver somente com o fato de Malygos e Neltharion não estarem mais em perigo, mas simplesmente porque ficar perto de Galakrond significava a morte.

O enorme protodracó debatia-se descontroladamente, destruindo as montanhas próximas e causando uma avalanche após a outra nas áreas abaixo. Suas asas e cauda agitaram-se no ar atingindo outras encostas e criando um vento que lançava os protodracos menores ainda mais longe do que já estavam.

A tosse de Galakrond atingiu proporções épicas. Para espanto de Kalec e seu hospedeiro, Galakrond investiu sua cabeça contra um pico, o que era evidentemente uma tentativa desesperada de desalojar a pedra. Malygos temia que ele conseguisse, mas tudo que aconteceu foi que Galakrond balançou a cabeça mais uma vez, como se para limpar a mente.

Ao fazer isso, seu olhar encontrou Malygos.

Galakrond levantou voo com o macho azul-gelo como alvo. Malygos não teve escolha a não ser virar e fugir. E ter esperança.

No entanto, mal fizera isso quando um enorme estrondo o fez olhar para trás. Em vez de perseguir Malygos, Galakrond voara abruptamente para o sul. Ele colidira contra uma montanha e caíra sobre ela.

Malygos pensou em continuar seu voo, mas a ação seguinte de Galakrond pôs fim a tais pensamentos. Galakrond conseguira levantar voo, mas seu caminho tornara-se cada vez mais errático. Por duas vezes caíra sobre as montanhas, destruindo seus cumes, antes de conseguir manter-se no ar. Parecia que Galakrond nem mesmo percebia Malygos e os outros. Ia na direção sul, passando pelas montanhas até chegar na desolação mais além, como se a solução para sua luta para respirar pudesse ser encontrada lá.

Com medo que esse pudesse ser o caso, Malygos finalmente atreveu-se a perseguir o gigante. Neltharion e os outros juntaram-se a ele. Todos sabiam que se Galakrond conseguisse respirar, suas próprias mortes estariam próximas.

Galakrond pairava sobre o deserto, serpenteando pelo caminho. Seu corpo brilhava novamente, mas agora como se estivesse em chamas. Vários dos apêndices extras murcharam. De longe, Galakrond quase parecia um protodracó novamente, ainda que enorme.

Então ele simplesmente caiu.

A terra abaixo tremeu com a colisão. A onda de choque se expandiu por quilômetros. Fissuras se espalhavam no entorno de onde Galakrond atingira, rachaduras que pareciam raios percorrendo o solo.

Logo depois de cair, Galakrond precipitou-se para os céus novamente. Ele conseguiu subir tão alto quanto algumas das montanhas distantes, e então caiu de novo. Embora sua queda não tenha reverberado tanto quanto a última, essa não fora menos dramática, pois foi imediatamente seguida pelas convulsões do leviatã no chão.

Todo o tempo, Galakrond pigarreava e tossia. Seus olhos estavam abertos, mas ele não parecia enxergar. Ele se forçou para cima, batendo as asas com mais força. De alguma maneira, Galakrond foi capaz de continuar subindo, até pairar mais alto do que nunca...

Suas asas pararam de bater. A tosse também parou, mas somente porque Galakrond não estava mais tentando respirar.

Para Kalec e seu hospedeiro, era como se Galakrond estivesse congelado no ar. O gigantesco protodracó pairava diante deles com as asas abertas ao máximo.

A ilusão se dissipou quando Galakrond começou a cair como uma pedra. Seu enorme corpo rodopiou com a cauda para baixo.

Quando ele atingiu o chão dessa vez, seu corpo levantou uma nuvem de neve e poeira que escureceu tudo momentaneamente. Malygos conseguiu distinguir a silhueta quando a cabeça de Galakrond desceu depois que o resto do corpo atingiu o chão. A enorme cabeça acertou a área desolada com tanta força que o pescoço foi quebrado e o crânio pendeu em um ângulo estranho, de forma que a mandíbula também acabou quebrando.

E somente então, quando a poeira baixou o suficiente para que os cinco pudessem ver e quando não importava mais para Galakrond, a pedra e os restos macabros rolaram pela mandíbula arruinada. Eles finalmente pararam a vários metros, insignificantes em tamanho comparados àquele que ajudaram a derrotar.

Galakrond estava morto.

5

PASSADO, PRESENTE, FUTURO



Jaina compreendeu. Sabia por que o artefato fora criado e sabia por que estava agindo daquela forma.

Ela também sabia que ele ameaçava tomar Kalec dela. Contudo, a arquimaga agora tinha a chave para chegar a ele.

Jaina rezava apenas para que ainda tivesse tempo.

Eles planaram até o local, a princípio não acreditando no que viam. Foi Neltharion que finalmente fez o unimaginável, verificando que Galakrond estava morto ao pousar em seu torso. Neltharion o atingiu com tanta força que o corpo tremeu... mas Galakrond não se mexeu.

Malygos pousou diante da enorme cabeça, maravilhado com o que haviam feito. Em retrospecto, ele sabia que não tinha esperança de viver, muito menos de triunfar. A imensidão daquela vitória só estava sendo registrada naquele momento, e o protodracão se abalou.

Alexstrasza e sua irmã juntaram-se a ele. Nozdormu circulou o enorme cadáver uma vez e então desceu. Neltharion abandonou sua posição em cima do torso para voar próximo do protodracão castanho enquanto iam na direção dos outros três.

Neltharion pousou perto de Malygos.

— Vencemos! Poderosos!

— Sortudos — murmurou Malygos em resposta.

O macho cinzento inclinou a cabeça e em seguida concordou.

— Sortudos também, verdade.

Mas fora mais do que sorte, assim como Neltharion afirmara, decidiu um Kalec deslocado. Vencemos porque lutamos como um.

Ele não pensava mais em si mesmo como uma entidade à parte, nascido em uma era muito depois daquela. Kalec sabia que sempre fora uma parte escondida de Malygos. Presumia que os outros protodracos tinham personalidades secundárias similares, mas isso não era importante para ele. O que importava era que ele e Malygos — junto com os outros — conseguiram derrotar Galakrond. O mundo fora salvo.

— Ele tinha razão... ele insistiu que tinha razão — declarou uma voz feminina vindo de trás dele.

— Devíamos ter ouvido — concordou uma voz masculina que lembrava a Malygos e Kalec a voz de ninguém menos do que Tyr.

Ao mesmo tempo, os protodracos viraram. Dentes e garras preparados para a possibilidade de um ataque.

No entanto, ficaram frente a frente com duas figuras cobertas e encapuzadas com rostos nas sombras. Uma delas era tão alta e larga quanto Tyr quando o hospedeiro de Kalec o conheceu. A outra era um pouco menor e mais magra. Malygos presumiu que a menor fosse a fêmea, o que provou-se correto quando a figura falou novamente.

— Salve, vencedores. Nós e o mundo estamos em dívida com vocês.

— Onde está Tyr? — perguntou Malygos impacientemente. — Vocês o levaram?

— Nós o levamos — respondeu o macho. — Do contrário, seus ferimentos teriam sido fatais. Ele está bem, mas ainda não se recuperou.

Quanto mais o macho falava, mais Malygos percebia algo familiar.

— Eu ouvi você na minha cabeça! Você nos indicou o caminho pelas montanhas!

— Havia coisas que vocês precisavam saber, como Galakrond estar devorando tanto os mortos-vivos quanto os vivos. Também queríamos lhes dar alguns momentos. Descanso necessário.

Contudo, Malygos ainda não estava satisfeito. Ciente de que os companheiros de Tyr estavam observando e agindo sorrateiramente, ele precisava saber de uma coisa.

— Tyr lutou! Tyr lutou e quase morreu! Vocês podiam ter lutado! Poderiam ter vencido!

— Poder não significa vitória — respondeu solenemente a fêmea. — Nós poderíamos

ter vencido ou, mais provavelmente, teríamos piorado as coisas. Mas Tyr tinha razão ali também quando tentou nos impelir a uma linha de ação. Porém estávamos longe de nos importar, indiferentes a tudo depois que as sugestões que demos a ele se provaram sem valor.

— Deixamos nosso dever neste mundo perder o significado — seu companheiro continuou sem rodeios. — Fomos incapazes de protegê-lo... diferente de vocês. — Pela primeira vez ele se moveu, erguendo uma mão idêntica à de Tyr para Malygos e os outros quatro. — Tyr tinha razão sobre muitas coisas, mas principalmente sobre isso. Tinha razão sobre o que encontrou dentro de vocês cinco. Ele nos pediu — na verdade exigiu — que endireitássemos as coisas para que nenhum Galakrond, nenhuma outra ameaça, possa algum dia levar Azeroth à destruição.

Os cinco protodracos olharam uns aos outros sem entender o que as duas figuras queriam dizer. Kalec tinha um vislumbre da verdade, mas a névoa que gradualmente o envolvia fez esses pensamentos desaparecerem novamente.

— Precisamos de Guardiões. Guardiões que representem os cinco Aspectos essenciais que moldaram este mundo e continuarão a fazê-lo — começou a fêmea. Agora ela também erguia uma das mãos para Malygos e os outros. — Vocês literalmente *serão* estes Aspectos, usando-os conforme for necessário.

— Mais fortes — compreendeu Malygos. — Você quer nos tornar mais fortes.

— Mais do que isso. Vocês se tornarão algo diferente, algo maior. — Pela primeira vez, a fêmea hesitou. — Mas somente se *escolherem* assumir a função de protetores. Tyr também foi categórico em relação a isso. Vocês escolheram lutar por seu mundo uma vez. Vocês farão disso o propósito de sua existência?

As palavras eram impactantes, mas Malygos descobriu que compreendia melhor do que esperava. Havia tanto que ele entendia agora, que na estação anterior ele imaginaria impossível decifrar.

E ao compreender isso, sua decisão foi fácil.

— Eu vou fazer isso. — Olhou os companheiros. Alexstrasza já estava concordando. Ysera logo se seguiu. Nozdormu pareceu pensar sobre o assunto por um instante e, com um grunhido, confirmou com a cabeça.

Somente Neltharion ainda não havia respondido. De fato, Malygos viu que seu amigo estava olhando ao longe, para as montanhas, como se ouvisse alguma coisa.

Malygos emitiu um rosnado curto que trouxe a atenção de Neltharion de volta para a reunião. Com uma expressão que lembrava impaciência, o protodraco cinza concordou.

— Sim... ssssssim.

— Então vamos começar imediatamente — enunciou o macho aos protodracos e ao ar.

E de repente, Kalec saiu da névoa que cobria sua mente. Ele percebeu o que estava prestes a acontecer. A figura feminina, que assim como seu parceiro e Tyr irradiava uma presença muito maior do que o que podia ser visto, já havia usado a palavra chave. *Ela disse “Aspectos”, lembrou-se Kalec. Foi assim que Malygos e os outros se tornaram os Aspectos!*

O evento em si estivera coberto de mistérios até mesmo para os outros dragões. Kalec lembrou-se repentinamente que quando era muito mais jovem, ele se perguntava como os cinco haviam se tornado os defensores do mundo.

E com essas lembranças, retornaram outras, muitas outras. Kalec sabia novamente quem era e o que acontecera para atraí-lo para as visões...

— Kalec.

Ele sentiu um choque. Não... Malygos sentiu um choque. Kalec balançou a cabeça... a cabeça de *Malygos*. Pela primeira vez, Kalec estava no controle.

— Kalec, olhe para mim.

— Jaina? — ele suspirou, se virando. — Jaina...

Mas não era Jaina que ele via. Alexstrasza olhava para ele intensamente.

— Kalec — murmurou a fêmea alaranjada. — Olhe para mim.

Perto deles, mais duas figuras encapuzadas se materializaram. Kalec se viu entre querer ver o que aconteceria e querer finalmente escapar para a própria existência. Ele queria a própria vida com mais vontade do que quisera em muitos meses, mesmo que não fosse mais um Aspecto.

— Concentre-se, Kalec. O artefato está tentando fazer o que Tyr o incumbiu de fazer, mas a impureza de Galakrond o maculou durante milênios, distorcendo a função dele, mesmo que ainda esteja tentando servir a Tyr e aos Aspectos.

Kalec tentou se apegar às palavras, mas ao mesmo tempo os recém-chegados ergueram as mãos. Ele também sentiu que havia outra presença, *ainda maior*, agindo através dos guardiões. A presença que seria a verdadeira responsável pela transformação dos protodracos.

Os titãs.

Está acontecendo! pensou o dragão azul. *Os titãs estão supervisionando a transformação, a criação dos Aspectos!*

Ao levantarem as mãos, as figuras também mudaram. Elas começaram a crescer. Os mantos e capas caíram, revelando quatro gigantes parecidos com Tyr no momento da luta

contra Galakrond. Os guardiões continuaram a aumentar e seus corpos ficaram extremamente poderosos.

— Kalec! — Chamou Alexstrasza mais intensamente. — Olhe para mim!

Só ela poderia ter atraído a atenção dele naquele momento. Kalec finalmente se concentrou totalmente em Alexstrasza, vendo que ela estava com olhos *humanos*.

O mundo começou a girar. Tudo ao redor parecia estar atrás de uma cortina de água, exceto os olhos.

Kalec sentiu o vínculo com Malygos se esvaindo e, com ele, o domínio que as visões tinham de seu ser.

A escuridão envolveu o dragão azul. Somente os olhos de Jaina traziam alguma luz. Kalec prendeu-se ao olhar dela, pois sabia que, se o deixasse escapar, seria seu fim... e também porque eram os olhos *dela*.

Com um suspiro, Kalec finalmente acordou.

Ele sentiu o chão sob o corpo. Percebeu o cheiro do Nexus, os traços de gerações de dragões azuis e o perfume inerente associado ao uso intenso de magia.

Mais importante, viu não só os olhos de Jaina Proudmore, mas o rosto dela também. O perfume humano dela, tão único em meio à espécie e tão atraente para ele, permeou seu olfato.

Kalec tentou falar, dizer o nome dela, mas saiu apenas um grunhido.

— Calma — murmurou Jaina, acariciando gentilmente a face dele. — Não se apresse. Mas ele estava ansioso demais.

— Jaina... você me trouxe... você me trouxe de volta.

— Nada vai levar você de mim. Nunca.

O tom dela era sério. Kalec sabia que ela falava com convicção e ele sentia o mesmo. Levantando uma das mãos (sem escamas ou garras), Kalec acariciou o rosto dela também.

Então, se lembrou da ruína de sua existência. Olhou para o lado e viu que, diferente de sua dedução, Jaina não havia destruído o artefato. Ele estava próximo, brilhando sutilmente.

Com um rosnado furioso, Kalec começou a lançar um feitiço...

— Não, Kalec. — Com as mãos, a arquimaga voltou o rosto dele para si novamente. — O artefato não lhe fará mal. Você se lembra do que eu lhe disse na visão?

— Você disse... — Ele parou e em vez de completar a frase, perguntou: — Como você sabe?

— Eu recebi a chave. Acho que foi dada por um guardião. Ou talvez por uma parte da relíquia com um propósito próprio. Não tenho certeza. Tudo o que sei é que não era uma

taunka.

— Buniq? — Nenhuma das possibilidades sobre a taunka o surpreenderam.

Ela evocou uma taça de vinho no ar e a colocou gentilmente nos lábios dele. Enquanto ele bebia, Jaina continuava a explicar.

— Tyr, como o artefato deixou claro, sempre planejava para o futuro. O único erro dele foi não prever o que Galakrond se tornaria, como se isso fosse possível! Ele tentou compensar o erro encontrando heróis que não só poderiam derrotar Galakrond como também estariam dispostos a sacrificar as próprias vidas pelo bem de Azeroth.

— Ele os encontrou. Os cinco. — sussurrou Kalec. — Malygos, Alexstrasza, Ysera, Nozdormu, Nelth... Neltharion. Eles foram heróis antes mesmo de se tornarem Aspectos. Azeroth não teria chegado ao tempo dos dragões se eles não se propusessem a fazer o que fizeram.

— Eles salvaram o mundo sem terem o poder que receberam como Aspectos. — disse ela, pausando, com os olhos arregalados. — Kalec! Você viu tudo acontecer?

— Não... e não acho que conseguiria. Eu acho que a visão estava quase terminada. Eu provavelmente teria voltado ao início, revivendo tudo incessantemente. — Kalec refletiu sobre os últimos momentos. — O artefato. Tyr vinculou aos cinco. Foi isso que ele fez ao apontá-lo para nós... para eles. Eu acredito que ele se ligou a cada um, mas especialmente a Malygos, o primeiro. Tyr não podia saber que ele terminaria dentro de Galakrond.

— A chave me permitiu acessar o núcleo dele — explicou a arquimaga. — Eu vi parte do que ele queria dizer sobre a função do artefato. Tyr suspeitava, ou sabia, que um dia chegaria um momento em que os cinco teriam dúvidas sobre si, quando acreditariam não serem mais merecedores de seus papéis como protetores.

Isso parecia muito familiar para Kalec.

— No Repouso das Serpes, a situação chegou a um ponto crítico. Foi exatamente nesse momento que isso aconteceu, porque eles não tinham mais os poderes dos Aspectos. Se acostumaram demais a depender dos poderes. E foi aí que o artefato acordou. Ele sentiu o que Tyr temia que acontecesse ou calculou que aconteceria, e tentou agir conforme a vontade dele. O único problema foi a quantidade de tempo que se passou e a mácula de Galakrond que se infiltrou na matriz mágica.

Kalec tentou se levantar. Com a ajuda de Jaina, conseguiu. Com as pernas bambas, caminhou até a relíquia. Ela não o perturbava mais, agora que conhecia seu verdadeiro propósito.

Tyr queria que eles se lembrassem do que foram um dia e dos feitos que realizaram

mesmo assim.

Para surpresa de Jaina, Kalec pegou o artefato.

— O que você pretende fazer com isso?

Ele pensou em tudo o que vivera através das visões e o que havia visto sobre o jovem Malygos e os outros quatro. Só havia um caminho a seguir depois disso.

— Convocarei uma assembleia.

Ele aguardou em silêncio na câmara, torcendo para que a espera não fosse em vão. Havia chegado ao Repouso das Serpes com mais de quatro horas de antecedência, desejando chegar antes dos outros.

Kalec ainda não pressentia nada além das paredes do templo. Os outros já deveriam estar lá àquela altura. Já havia passado da hora combinada.

Com desesperança, Kalec lembrou-se que na verdade, os três só disseram que iriam ao encontro depois de serem pressionados repetidamente por ele. Não o surpreenderia se tivessem mudado de ideia.

No momento, ele permanecia na forma humanoide, preferindo-a por vários motivos. Um era por poder manipular melhor o artefato.

A relíquia estava no centro da câmara, alguns passos à frente da plataforma de Kalec. Ela pulsava calmamente, como se o funcionamento tivesse sido corrigido por Kalec e Jaina. A mácula de Galakrond havia sido expurgada, até onde eles conseguiam ver.

Se eles não vierem, eu levarei a relíquia a cada um. Mesmo isso talvez não fosse o bastante. Os outros poderiam muito bem se recusar a vê-lo.

— Então, Kalec. Pode nos dizer por que insistiu em nosso retorno aqui?

Ele não pôde evitar de se assustar. Alexstrasza, em forma *humanoide*, entrou caminhando na câmara, tão radiante quanto estivera na floresta. Não havia sinais da presença de Ysera e Nozdormu, mas Kalec sentia a presença deles por perto.

— Vocês estão aqui há algum tempo — murmurou ele.

— Nós precisávamos... discutir algumas coisas antes. Agora estamos prontos para ouvi-lo, se ainda quiser manter esta assembleia.

Em resposta, Kalec deu alguns passos atrás, para sua posição, e assumiu a forma de dragão. Olhou Alexstrasza e respondeu:

— Sim, eu quero.

— Pois bem — disse ela, caminhando para seu lugar de costume e mudando de forma. Ao chegar ao local, Alexstrasza já não era mais humanoide.

Assim que terminou de mudar, Nozdormu e Ysera também entraram na câmara. Diferente de Alexstrasza, eles o fizeram já na forma de dragão. Não disseram nada enquanto assumiam suas posições.

— Obrigado por fazerem isso — agradeceu o dragão azul.

— O que *exatamente* nós estamos fazendo? — cortou Ysera. — É melhor explicar rapidamente. Você disse que tinha a ver com essa coisa, que eu lembro de já ter visto em algum lugar antes...

Kalec se concentrou imediatamente na relíquia.

Nozdormu rosnou.

— O que você *esss*tá...

A criação de Tyr brilhou com mais intensidade.

O olhar dos três outros dragões ficou preso na relíquia. Kalec respirou fundo. O que fizera com ele, o artefato estava fazendo com os outros, só que de um modo menos brutal. Todos reviveram o passado, desde o primeiro encontro até a batalha épica.

Mas enquanto Kalec ficara preso na visão por dias, os outros três ficaram em transe por um minuto ou dois. Mas no curto espaço de tempo, os semblantes reptilianos deles mostraram uma série de emoções. Infelizmente, nenhuma delas indicou a Kalec como eles estavam encarando a jornada repentina.

O brilho do artefato se dissipou. Como Kalec esperava, Alexstrasza e os outros se mexeram.

— Eu estava... — hesitou Ysera.

Nozdormu observou a relíquia.

— Essa coisa...

Alexstrasza parecia deslocada.

— Kalecgos, você não deveria ter feito isso sem a nossa permissão!

— Vocês teriam dado?

— É claro que não! — gritou Ysera. Depois, incrivelmente mais carinhosa, a irmã de Alexstrasza acrescentou — Mas nós teríamos errado.

Nozdormu levou o olhar atordoado da criação de Tyr para Kalec.

— Explique essa coisa... e o que você fez.

Kalec o fez, contando a eles o que havia acontecido e o que ele vira durante a experiência. Contou tudo, exceto a parte de Jaina, como ela havia pedido.

E quando terminou, até Nozdormu parecia chocado.

— Algum tempo depois, eu me perguntei por que ele havia usado essa coisa —

murmurou o ex-Aspecto do Tempo. — Que ideia tola pensar que poderia mudar o que aconteceu lembrando-nos desse incidente.

— Eu não chamaria de incidente — apontou a dragonesa vermelha. — E seu tom de voz o trai, Nozdormu. Você reviveu tudo novamente, assim como eu e minha irmã. Você se lembrou de como se sentia naquele tempo. Como todos nós nos sentíamos.

— De que isso importa? — perguntou Ysera.

Kalec tomou a palavra novamente.

— O que importa é o que Tyr queria que vocês vissem. O que vocês viram. Quando nós desistimos de nossos poderes para salvar Azeroth, vocês três, que tiveram o poder por tanto tempo, tomaram uma atitude nobre e grandiosa. Por milhares de anos, como Aspectos, vocês se mostraram dispostos a se sacrificarem para salvar o mundo — declarou ele, e olhou cada um, desafiando-os a negarem o que estava afirmando. — Mas Tyr sabia, e eu compreendo, que vocês receberam poderes fantásticos não simplesmente porque vocês estavam no lugar certo na hora certa, mas porque se mostraram merecedores, várias vezes. Se mostraram merecedores sem ser nada além de protodracos.

Nozdormu resmungou.

— Nós quase *morremos* várias vezes.

— Mas não morreram.

— Não... nós morremos sim. — suspirou Alexstrasza. — Não literalmente, mas nós morremos. Nós esquecemos o que fomos no passado. Como éramos originalmente. Nós *existimos* antes de nos tornarmos Aspectos. — discursou ela, sentando-se de frente para Ysera e Nozdormu. — Nós *existimos* e nós lutamos, não pensando em nós mesmos, mas em tudo!

Kalec se retraiu novamente. Alexstrasza entendera, mas e os outros?

— Você lutou muito bem para uma pirralha — observou Nozdormu para Ysera. — Eu penssei que estivesse louca algumas vezes... mas foi admirável.

— Eu tinha minha irmã para me acompanhar — respondeu a irmã de Alexstrasza, com um aceno na direção da dragonesa vermelha. — E você sempre estava lá para dar força no momento certo, Nozdormu. Você sabe disso.

— Todos nós lutamos muito bem naquele dia — concordou Alexstrasza. — Mesmo... mesmo Malygos e Neltharion.

Os três ficaram em silêncio por alguns segundos. Então, ao mesmo tempo, eles se viraram para olhar o mais jovem do grupo. Kalec permanecia completamente parado, sabendo que qualquer passo em falso poderia alterar o momento.

Alexstrasza balançou a cabeça.

— Você não deveria ter feito isso, Kalec.

— Foi insensato — adicionou Nozdormu.

— Arriscado — concluiu Ysera.

— Mas serviu para nos lembrar de muitas coisas — prosseguiu a irmã dela. — Principalmente do que nós éramos e ainda somos. — Alexstrasza olhou novamente os outros dois. — Nós temos muito sobre o que pensar. Concordam?

— Muito. — respondeu o dragão bronze.

Ysera concordou.

Algo que estava incomodando Kalec finalmente exigiu atenção.

— Eu preciso fazer uma pergunta. Todos nós conhecemos Galakrond como o Pai dos Dragões, mas...

— Não começou daquele jeito — murmurou Alexstrasza. — Os primeiros dragões que vieram depois de nós sabiam apenas do esqueleto enorme caído no Ermo das Serpes. Nós garantimos que a verdade sobre Galakrond permaneceria escondida, por medo de que algum outro decidisse seguir o caminho traiçoeiro dele. Por seu tamanho imenso, os outros não poderiam concebê-lo como nada que não fosse um verdadeiro dragão.

— Nós decidimos encorajar o mal-entendido — acrescentou Nozdormu. — E de uma forma perversa, Galakrond realmente causou a ascensão dos dragões. Um “pai” de certa forma, não exatamente como os outros vieram a entender.

— E nós devemos continuar a propagar essa versão — declarou a dragonesa vermelha. Então, antes que Kalec pudesse reagir, Alexstrasza se virou e pegou o artefato. — Eu vou cuidar disso. O trabalho dele, e de Tyr, está feito. Nós podemos não ser mais Aspectos, mas ainda somos nós mesmos. Eu, por minha vez, acredito que posso oferecer mais ao mundo, no fim das contas. Só podemos esperar e ver.

— Eu entendo — Kalec finalmente ousou responder.

— É melhor que a próxima convocação seja por um asssssunto mais urgente — comentou Nozdormu, ao abrir as asas e decolar da plataforma. — Prometa!

— Eu... prometo.

— Você é persistente — murmurou Ysera ao seguir Nozdormu. — Eu admiro isso.

Kalec permaneceu com Alexstrasza. Ela segurou a relíquia com força.

— Se eu descobrir que Tyr ainda vive, precisarei agradecê-lo por nos lembrar disso. Como não sei se terei a chance de fazer isso, agradeço a você, Kalec, no lugar dele.

— Não há necessidade...

— Há sim. Você ainda se lembrava da vida antes de assumir o manto. Você ainda se lembrava o bastante para ter certeza de que as esperanças de Tyr reacenderiam nosso propósito. Por isso, eu agradeço... e por muito mais. — Ela partiu da cúpula, mas antes de chegar à saída, virou-se brevemente. — Ah... e agradeça também a *ela*.

Alexstrasza partiu antes que Kalec pudesse recuperar a compostura. Ele se virou imediatamente para uma coluna oculta pelas sombras.

— Você ouviu o que ela disse?

Uma parte da coluna se separou do resto. Ao fazê-lo, Jaina Proudmore apareceu.

— Eu não devia ter vindo com você! Me desculpe! O que ela vai fazer?

Ele deu de ombros.

— Nada. Talvez encontrar um jeito de agradecer de novo. Eu devia saber que dentre os três, ela era a única que poderia perceber você.

Kalec voltou à forma humanoide. Sem se preocupar com tudo o que acabara de presenciar, Jaina caiu novamente nos braços dele. Por vários segundos, eles não falaram.

Então, Jaina perguntou:

— Você acha que deu certo, Kalec? Eles voltarão ao mundo? Azeroth precisa deles!

Azeroth precisa deles. Três palavras simples, mas Kalec pensou no tanto que as palavras significavam. Os três dragões anciãos carregavam consigo tanto conhecimento, tanta experiência, coragem e sabedoria que perder essas dádivas deixaria um vazio irreparável no mundo. E Kalec sabia que isso não poderia acontecer.

— Acho que sim — respondeu ele por fim. — Eles sempre foram fiéis. Agora, mais do que nunca, verão a verdade. Só haviam... esquecido temporariamente.

Sem avisar, ela o beijou carinhosamente. E ele retribuiu o beijo.

Ao se separarem, Jaina sussurrou:

— Estou tão orgulhosa de você, Kalec.

— Não sei por que você...

— Há várias razões. Acima de tudo, por não esquecer quem você é. Você ainda tem um papel importante neste mundo. Vários até, eu diria.

Eles haviam debatido sobre isso enquanto ele se preparava para a assembleia. Depois de sobreviver às visões, Kalec estava repensando a decisão de deixar que os outros dragões azuis escolhessem seus próprios caminhos. Ainda precisava deliberar muito e podia ainda decidir deixar as coisas como estavam, mas havia outros fatores que favoreciam a restauração da revoada azul. Não só pelo bem de Azeroth, mas pelo bem de sua própria espécie. Ele havia abandonado seus deveres assim como os outros, mas botaria tudo em ordem agora.

E havia outros papéis. Papéis que ainda precisava descobrir exatamente quais eram. Só sabia que Jaina insistia que estaria sempre lá para ajudá-lo. O poder dos dois combinados seria muito forte, mas ambos acreditavam que os *corações* deles combinados ainda ajudariam a guiar Azeroth para um destino melhor.

Kalec imaginava que seria interessante descobrir.

— Nós devemos ir — avisou a Jaina.

Ela concordou e deu um passo para trás. Ao fazê-lo, Kalec se transformou novamente. Ele baixou uma das asas para que ela pudesse montar.

— Está pronta? — perguntou ele.

— Sim.

O dragão azul seguiu para fora do templo. A noite estava começando a cair, permitindo que os detalhes a distância ainda pudessem ser percebidos.

Kalec abriu as asas e alçou voo. Olhou para trás para garantir que Jaina estava segura e subiu ainda mais.

Rapidamente, Kalec circulou o Repouso das Serpes uma vez. Ao fazê-lo, de canto de olho, o dragão azul viu os ossos de Galakrond.

Um breve brilho chamou a atenção dele.

— O que foi? — perguntou Jaina.

— Nada... nada.

Kalec mudou de curso, para o bem de Jaina, indo em direção a Dalaran antes de retornar ao Nexus para ter certeza de que não havia nenhum efeito colateral restante da presença do artefato. Não havia motivo nenhum para não contar a Jaina o que vira na ossada, exceto por achar que era fruto de sua imaginação. Ela teria entendido, mas esse era um segredo que ele preferia manter consigo.

Nas sobras das enormes costelas, Kalec imaginou ter visto uma figura, pequena e encapuzada, mas ao mesmo tempo enorme e tão poderosa quanto um dragão.

E fosse a imagem de Tyr, real por aquele breve momento ou, como era provável, fruto de sua imaginação, Kalec decidiu agradecer ao guardião em nome de Alexstrasza, Ysera, Nozdormu... e de si mesmo.

ANOTAÇÕES

A história que você acabou de ler é baseada parcialmente em personagens, situações e locais que aparecem em *World of Warcraft*, da Blizzard Entertainment, um jogo de computador online de interpretação de papéis que se passa no universo de Warcraft. Em *World of Warcraft*, os jogadores criam seus próprios heróis e exploram, se aventuram e cumprem missões em um mundo vasto, compartilhado com milhares de outros jogadores. É um jogo rico e amplo que também permite que o jogador interaja e lute contra (ou ao lado de) muitos dos personagens intrigantes e poderosos que aparecem neste livro.

Desde seu lançamento em novembro de 2004, *World of Warcraft* tornou-se o mais popular jogo online de interpretação de papéis multiplayer. A última expansão, *Mists of Pandaria*, leva os jogadores a um canto inédito e emocionante de Azeroth: o misterioso continente de Pandária. Mais informações sobre *Mists of Pandaria* e as expansões prévias podem ser obtidas em WorldofWarcraft.com.

LEITURAS COMPLEMENTARES

Se você quiser ler mais sobre os personagens, situações e locais que aparecem neste livro, as fontes listadas abaixo fornecem informações adicionais.

- Kalecgos — também conhecido como Kalec — esteve envolvido em muitos eventos importantes da história recente de Azeroth. Suas histórias são relatadas em *World of Warcraft: Jaina Proudmore: Marés da Guerra* e *World of Warcraft: Thrall: Twilight of the Aspects*, de Christie Golden; *World of Warcraft: Night of the Dragon*, de Richard A. Knaak; *Warcraft: The Sunwell Trilogy* e *World of Warcraft: Shadow Wing*, volume 2, *Nexus Point*, de Richard A. Knaak e Jae-Hwan Kim; e o conto “Charge of the Aspects”, de Matt Burns (em www.WorldofWarcraft.com).
- Detalhes sobre a vida de Jaina Proudmore, incluindo seu relacionamento com Kalecgos, aparecem em *World of Warcraft: Jaina Proudmoore: Marés da Guerra*, *World of Warcraft: A Ruptura: Prelúdio ao Cataclismo*, e *World of Warcraft: Arthas: Rise of the Lich King*, de Christie Golden; a história em quadrinhos mensal *World of Warcraft*, de Walter e Louise Simonson, Ludo Lullabi, Jon Buran, Mike Bowden, Sandra Hope e Tony Washington; *World of Warcraft: Cycle of Hatred*, de Keith R. A. DeCandido; e *Warcraft: Legends*, volume 5, “Nightmares”, de Richard A. Knaak e Rob Ten Pas.
- Você pode saber mais sobre Alexstrasza, Ysera, Nozdormu, Malygos e suas respectivas revoadas em *World of Warcraft: Thrall: Twilight of the Aspects*, de Christie Golden; *Warcraft: War of the Ancients Trilogy*, *Warcraft: Day of the Dragon*, *World of Warcraft: Night of the Dragon* e *World of Warcraft: Stormrage*, de Richard A. Knaak; e no conto “Charge of the Aspects”, de Matt Burns (em

www.WorldofWarcraft.com).

- Asa da Morte quase destruiu Azeroth durante o grande Cataclismo. Sua longa história de traição e brutalidade aparece em *Thrall: Twilight of the Aspects*, de Christie Golden; na série *Shadow Wing*, de Richard A. Knaak e Jae-Hwan Kim; na trilogia *War of the Ancients Trilogy*, *Night of the Dragon* e *Day of the Dragon*, de Richard A. Knaak; em *World of Warcraft: Beyond the Dark Portal*, de Aaron Rosenberg e Christie Golden; e no conto “Charge of the Aspects”, de Matt Burns (em www.WorldofWarcraft.com).

A BATALHA CONTINUA

O Cataclismo mudou Azeroth e seus habitantes de muitas maneiras. *Alvorada dos Aspectos* mostra a insegurança que agora atormenta os antigos dragões. Mas o que o destino guarda para as outras raças desse mundo?

Em *Mists of Pandaria*, a quarta expansão de *World of Warcraft*, você pode ajudar a criar o próximo capítulo da história de Azeroth. Torne-se um dos primeiros membros da Horda ou da Aliança a explorar o misterioso e exótico continente de Pandária. Ou assuma o papel de um nobre pandaren (a mais recente raça jogável de *WoW*) e junte-se à Horda ou à Aliança, dependendo de qual facção se alinha com seus ideais. Qualquer que seja o lado que você escolher, suas aventuras influenciarão Azeroth por muitos anos além.

Com os dragões ocupados em forjar novos destinos para si mesmos, a tarefa de proteger o mundo do mal caiu em mãos mortais — *suas* mãos. Você está à altura do desafio?

Para descobrir o reino cada vez maior que diverte milhões de pessoas em todo o mundo, vá até WorldofWarcraft.com e baixe a versão de teste grátis. Viva a história.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

WORLD OF WARCRAFT: ALVORADA DOS ASPECTOS

Skoob do livro:

<http://www.skoob.com.br/livro/369730-alvorada-dos-aspectos>

Wikipedia do autor:

http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_A._Knaak

Goodread do autor:

<http://www.goodreads.com/series/53041-dragonrealm>

SUMÁRIO

CAPA
OUTRAS OBRAS DA BLIZZARD
ROSTO
CRÉDITOS
MAPA
PRÓLOGO | O FARDO DOS ASPECTOS

PARTE I

1 | REPOUSO DAS SERPES
2 | ENTRE OS MORTOS
3 | PAI DOS DRAGÕES
4 | ALIADOS IMPROVÁVEIS
5 | GALAKROND

PARTE II

1 | O NEXUS ATINGIDO
2 | O ENCONTRO
3 | CAÇADOS PELOS MORTOS-VIVOS
4 | REALIDADES CAMBIANTES
5 | TRÁGICAS DECISÕES

PARTE III

1 | TRILHA DE HOROR
2 | OS TRAIDORES
3 | OS CORROMPIDOS
4 | O OBSERVADOR
5 | OS MORTOS E OS MORTOS-VIVOS

PARTE IV

1 | MORTE-VIVA NO CÉU
2 | RUÍNA
3 | SOB A SOMBRA DE GALAKROND
4 | DENTRO DO NEXUS
5 | CAÇANDO O CAÇADOR

PARTE V

1 | RUMO AO NEXUS
2 | SOB O OLHAR DE GALAKROND
3 | CINCO CONTRA O IMPOSSÍVEL
4 | OS CINCO
5 | PASSADO, PRESENTE, FUTURO

ANOTAÇÕES
LEITURAS COMPLEMENTARES
A BATALHA CONTINUA

COLOFON
SAIBA MAIS